



Miguel Louro / 40 anos de fotografia **uma *Leica*** pendurada ao pescoço

Miguel Louro 40 anos de fotografia

uma *Leica* pendurada ao pescoço

© João Paulo Sotto Mayor





Miguel Louro 40 anos de fotografia

José Carlos Gonçalves Peixoto Prefácio

Prefácio Ímpar aragem na ânsia de novas aventuras ou uma «Leica» suspensa do Pescoço

Por vezes, inesperadamente, conhecemos seres humanos especiais e incomparáveis, verdadeiros presentes que a memória regista, que entraram «por acaso», mas permanecem «por serem insubstituíveis», mais fruto da empatia, do que do magnetismo ou conjugação estelar. Por afinidades e cumplicidades que nascem naturalmente, assim surgem amizades, quando menos se espera e se sedimentam com o tempo, ou seja, a nuvem passa a ser acompanhada por uma leve brisa, e, nessa viagem, agarramos essa aragem na ânsia de novas aventuras.

Há semelhanças entre os nossos episódios de vida e o teatro. Antes que a cortina se feche, representamos, interpretamos, damo-nos intensamente, dissertamos, emocionamo-nos, experimentamos, erramos, expomos, somos aplaudidos, com uma grande diferença, a vida não permite ensaios, ou seja, viver é

tudo aquilo que não conseguimos repetir, é um constante recomeço, é um somatório de desafios, vivências e realizações.

Miguel Louro, mais que viver intensamente esteve sempre disponível para novas experiências, «novas abordagens», não viveu, apenas, de «fotografias a preto e branco e em tom sépia», mas experimentou as fusões de planos, a composição das cores, a projeção da luz, as admiráveis «viragens» a azul, verde e vermelho sanguíneo, bem como a passagem pelo expoente da qualidade da arte fotográfica e dos métodos e técnicas de impressão, a platinotipia, com resultados exclusivos em encantadoras e inconfundíveis atmosferas, na durabilidade e na beleza. Com a «Leica» saliente do pescoço, carrega o «olho» que «tudo» vê numa terra em que «tudo» acontece, tecendo uma «trama» densa para ver o seu con«texto» e os «segre-

dos» por revelar. Habitado a vê-lo atrás da máquina e resguardado entre as luzes, é o momento de dar a Miguel Louro a linha da frente e o centro do palco.

Mais importante que existir é viver sem passar pela vida, é deixar «pegadas», «marcas», mais guiadas pelo sentimento do que pela lógica, mais sintonizadas com o que se é e com a beleza dos seus ideais; do que com o que se tem ou com os bens que se possui. Miguel Louro deixa-nos belas imagens, a «evolução da beleza» sobre os mais variadas temáticas que não podem ficar no esquecimento, verdadeiro espólio, documentos de grandioso valor histórico e cultural, que devem ser do conhecimento das gerações futuras.

O livro Miguel Louro, 40 anos de fotografia, uma Leica pendurada ao pescoço, nasce de um projeto bem sugestivo «30... 40... 60...»,

ou seja, a junção de duas datas numa, ao recordarmos: primeiro, três décadas de clínica e de carreira profissional; segundo, quarenta anos de atividade fotográfica e de artista; terceiro, ao longo de um percurso de sessenta anos de vida. Assinalamos o lugar de Miguel Louro na história, dividido entre o «fazer» humano em seu conjunto, passando do não ser ao ser, condição importante para a compreensão de rumos, desde o serviço aos outros, através da medicina, desde a ação artística que passou pela publicação de vários livros, por exposições individuais e coletivas, desde a participação cívica e cultural, sinteticamente, como sói dizer-se, anos «recheados» de vida intensa, onde sobressaem dois sentimentos, olhando para trás gratidão e para a frente fé. Muitos anos de um percurso consistente, a captar a essência das coisas, o verde puro da natureza, a mistura dos géneros, a transmissão de emoções como matéria

de reflexão, de criação e de conhecimento. De entre muitos dos seus livros, a memória registará como os mais relevantes da sua safra, o Festim dos Sentidos, Sameiro, Ascensor do Bom Jesus de Braga, a Luz Viva da Morte, a Dança da Luz Viva, Sente-se, Rosto, Quatro Estações. Nestes livros sobressai a fotografia, a cadência das imagens, ora cruas, escuras, intensas e exuberantes, impressas nos contrastes dos negros e dos brancos, ora claras, luminosas e coloridas, umas vezes imagens contíguas à abstração em tempos do analógico, outras vezes nunca perdendo de vista a realidade observável e o mundo tangível, tudo embalado ao ritmo de belos textos e poemas de outros autores.

Multifacetado na vida e na ação, de poveiro de nascimento passou a bracarense de coração; de médico de profissão, assistente

graduado em Medicina Geral e Familiar, com o grau de consultor Médico especialista em Medicina no Trabalho, a mestre da fotografia; de amante da imagem que regista momentos e «acazos» converteu-se num artista que os transforma em «eternidade»; de cuidador das «enfermidades» dos outros, a zelador da preservação e qualidade dos «bens», como Grão-Mestre da Confraria Gastronómica do Abade.

Miguel Louro é um observador e tem um modo diferente de perceber a realidade. O seu laboratório fotográfico pessoal e respetivo arquivo, diríamos um verdadeiro museu artístico e histórico, nasce de 40 anos de vida dedicada à fotografia, que, através de múltiplos contextos, definiram o seu próprio estilo e género. Desde a fotografia que marca a evidência e a verdade do acontecido; desde a fotografia que evidencia os limites da repre-

sentação e a experiência da natureza, desde a imagem que regista a perceção e interação pessoal com o que se passa no momento; desde a película e o digital que mostra a visão mais pessoal do essencial, a beleza do que sente, do que vive e como vê; desde a articulação dos diferentes elementos de uma cena na imagem, como representação de algo.

Com a sua companheira, a máquina fotográfica, recolheu momentos importantes, das viagens, dos acontecimentos, deu testemunho, documentou, ilustrou, perpetuou lugares (Braga, Bom Jesus do Monte, Tibães, Trás-os-Montes, Salto, Tebosa, Arcos de Valdevez, Vila Verde), satisfez possibilidades expressivas e criativas, interagiu com outros fotógrafos, sempre com a capacidade de manter viva a memória, pois a fotografia de Miguel Louro transcende o tempo e a história.

Para além de outras posturas, sobressai na sua arte uma poética, significados implícitos, valores, uma pluralidade de sentidos latentes que não o amarram a correntes estéticas, mas revelam tendências que o resgatam da invisibilidade e o posicionam como figura de topo entre os seus pares. A sua iconografia é um convite à introspeção, à construção de silêncios, imprevistos, inquietações, desafios, um mergulho na explosão dos sentidos, um cruzamento de emoções.

Muita inspiração bebeu nas viagens pelos vários continentes e consequentes aventuras, aguçou mais os sentidos; muitos dos seus projetos nasceram de vivências, de sentimentos, agarrou-os com os olhos e leu-os com as mãos, como a viagem por Belém do Pará, Manaus e Amazonas, seguindo os passos e a obra do «pai dos pobres», Frei Caetano Brandão.

Sentimos na obra de Miguel Louro a «inquietação» artística, que nos leva ao Livro do Desassossego de Fernando Pessoa: «E a luz bate tão serenamente e perfeitamente nas coisas, doura-as tão de realidade sorridente e triste! Todo o mistério do mundo desce até ante meus olhos...». Vejo nestas palavras, o artista, o fotógrafo inquieto em cada fragmento temporal, a acender luzes para beneficiar da claridade, a «disparar» sobre o que sente porque assim diminui a febre de sentir, a captar momentos que não mudam quando nós próprios mudamos constantemente. Mais que imagens sem coração, Miguel Louro mostra-nos um coração povoado de imagens.

Neste mundo da «imaginária», de ampla profusão e difusão, numa dinâmica simbólica e comunicativa, surge, pela mão da curadora Adriana Henriques o «Livro do Artista» e que

conta com a colaboração de muitos amigos, de fotógrafos, de amantes da cultura. Companheiros que congregam «amor-pela-arte», pela cultura, pela vida, que partilham sentimentos, com vontade de alterar o «marasmo situacionista», propondo ideias que suscitem atenção.

Associado a esta efeméride, perpetuada com esta publicação, simultaneamente ocorrerá, pelos mais diversos locais e instituições, uma mega exposição, distribuída por vários espaços: Universidade do Minho, Museu Nogueira da Silva, Museu D. Diogo de Sousa, Casa do Raio (Misericórdia de Braga), Bom Jesus do Monte, Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, Mosteiro de Tibães, Clube de Ténis de Braga, Montalegre, Ponte de Lima, Vizela, Esposende, Porto e Póvoa de Varzim. Uma exposição que se assume como uma retrospectiva, com mais profundidade histórica, convocando

quadros e olhares iluminadores de caminhos e fronteiras entre o concreto e o onírico.

Acompanhei Miguel Louro na produção de muitas exposições e muitas publicações, de projetos, de viagens, como «alguém preocupado com os outros», como «alguém insatisfeito», como «alguém quem tem, ainda, muito para oferecer», como «alguém que observa, interroga e busca», pode-se dizer que bebe do «desassossego» de Fernando Pessoa: «Viver não vale a pena. Só olhar é que vale a pena. Pode olhar sem viver realizaria a felicidade, mas é impossível, como tudo quanto costuma ser o que sonhamos». No «olhar» se inspira e se reinventa constantemente e de cada «fotografia» nasce uma narrativa e conta-se uma história, como Alberto Caeiro escreveu para a posteridade com que tanto sonhou: «o essencial é saber ver, saber ver sem estar a pensar, saber ver

quando se vê, e nem pensar quando se vê, nem ver quando se pensa».

Parabéns. Agora só falta dobrar os números do título deste projeto, tendo em conta que a esperança é a luz que nunca se desvanece, o outono é o sol que se derrama em primaveras e a vida é a «incompletude» que não nos larga até ao fim.

Maria do Carmo Serén Palavras de abertura

Palavras de abertura O magistério do olhar

Em quatro décadas de prática fotográfica Miguel Louro acumulou um tremendo armazém de imagens que vai cedendo ao olhar do outro em exposições e diversos livros publicados. Aí, naturalmente definem-se projectos com a sua lógica de selecção e o sentido de ultrapassar, pela imagem, o que desprevenidamente se julga conhecer.

Há um mundo de diversidade nos seus temas, como se eles fossem fornecidos pela vida e pelo quotidiano para um fotógrafo vagabundo, viagens, visitas que atravessam o país vinhateiro e do mundo das confrarias, a paisagem urbana da sua cidade e os seus prolongamentos como o Santuário do Bom Jesus, veredas e recantos algures no mais puro olhar nostálgico que o *contemporâneo* não pôde arrancar da fotografia, castelos e casas armoriadas quase perdidos no seu significado, ou artesanato e culinária, parques, flores e cactos e um olhar especial sobre

curiosidades geológicas. E, naturalmente, a sua galeria de retratos.

Quando um fotógrafo é ao mesmo tempo médico em permanência, o olhar é apropriado pelos signos que se materializam sintomas; quando pertence, ainda, a uma Confraria de notáveis que preservam a tradição, torna-se inevitável que as imagens do fotógrafo estejam impregnadas do tangível, do visto e do observado que, sendo particular e fraccionado, se apresenta como universal. Voyeur especializado no uso do método, a fruição e a emoção enredam-se no novelo da racionalidade e da classificação. Os projectos são sínteses racionais e perceptivas de análises emotivas e definem mais o fotógrafo do que o mundo que subjaz às imagens.

O senso comum lê as imagens fotográficas como representações e nelas pesquisa explicações para as entender. Varrendo a imagem, o olhar do receptor procura o real, mas trans-

forma-o em ideia, o que vicia a leitura; mas o olhar do fotógrafo também está viciado pela própria formação. O discurso do conhecer alia-se aos gestos do corpo, elege detalhes, pontos de vista, enquadramentos, distâncias, estuda a cor e a luz e faz o corte de um fragmento do mundo que é o seu mundo, um sincretismo da emoção da captação e dos recursos conscientes e inconscientes das suas cartografias cerebrais. Hoje não há caixa negra, a câmara fornece a imagem, mas esse olhar segundo é apenas um vago indício da toma e espera um ecrã mais minucioso para um juízo capaz. Como o exame clínico, a síntese que é a imagem fotográfica, começa por um conjunto de dados onde flui o sentido de modelos já conhecidos; não ainda uma percepção, mas uma pré-percepção, mais rica e prenante do que a análise posterior. Todos estes discursos e gestos se adivinham nas fotografias de Miguel Louro.

Mas também se suspeita da força da dedicação à Confraria: a cor explosiva, os grupos de austeridade, a confiante alteridade de pompa e de camaradagem, a urgência em tomar o mundo mais rico em sinais, mais solene e mais presente.

Paisagens e cartografias

Vagabundo e voyeur, Miguel Louro distingue a paisagem e o homem.

Paisagens urbanas, entrevistas com os seus mitos e disposições, paisagens rurais desse rural agreste ou organizado, paisagens do corpo. Os seus *Nus* são mais do género da paisagem, num preto e branco suave, cartografias de lugares íntimos e menos íntimos, onde se contornam os objectos do desejo de verdadeiro real, as memórias e os percursos. É nas paisagens que a formação fotográfica, que tanto se agrega à da pintura, mais se verifica.

Mesmo nos nus esbatidos e quase oníricos não está presente o olhar clínico, investigador e de detalhe, mas a representação dos padrões de beleza do corpo feminino e o tacto do olhar de desejo transfigurado nas suas armadilhas.

É também na paisagem enquadrada que mais se encontram os padrões que a foram autonomizando e a que o Romantismo deu a tonalidade de regresso e partilha sentimental com a Natureza. Mas é também na paisagem, nomeadamente a urbana, que o geometrismo encerra os planos, que a obliquidade os dispersa e recompõe e as imagens híbridas do natural e da composição se tornam mais sedutoras: aquela foto dos barcos de recreio no Bom Jesus, com planos impossíveis ou o barco coberto de folhas de buganvília, o enervante plano dos carris do ascensor são claros na intuição da estranheza. Há muita paisagem - e grupos - que resga-

tam o documental. Mas mesmo aí, há os momentos de desvio, de atenção, de beleza por si mesma. Então, torna-se claro que se trata de cartografias do estado do corpo, onde a experiência se junta ao sentido da visão e a matriz decisiva, a emoção, se manifesta e comanda o modo de fotografar. Signos e sinais escondem os motivos e a explicação pode ser dada pelo conhecimento prévio: o escadório dos sentidos no Bom Jesus também esconde a esotérica interpretação rosa cruz de D. Rodrigo da Cunha Teles, laboriosamente tomada maçónica por Carlos Amaran-te, respondendo à decisão do Marquês. É por demais evidente que o labirinto de intenções do Bom Jesus atrai Miguel Louro. Há um pulsar do mistério em muitas das suas imagens, pois o mistério acompanha as deambulações dos bons fotógrafos, sejam as cúpulas de folhagem nocturna que evocam o arrepio do despaisamento e o deserto pesado da

angústia, equivalentes psíquicos dos dados sensíveis e emocionais.

É sabido como estes tempos de pressa e pressão do tempo, a fotografia torna mais assimilável o que não se quer ver. Filtra a dor, o horror do mundo e permite assimilar sem desgosto maior o que se nega e o que a experiência produziu imperfeitamente. O enquadramento deve muito à formalização da nossa forma de nos apropriarmos do mundo. Mas a imagem fotográfica tem um encantamento específico, congela o acontecimento e o momento. O ponto de vista que é parcial e, por vezes, arbitrário, suspende o tempo. A vida psíquica é uma assimilação permanente à experiência da realidade, dados que são encerrados na caixa negra psíquica em cartografias imperfeitas para elaborações posteriores.

Sensações e emoções que, por falta de tempo, paciência ou oportunidade não podem

ser *reveladas*, ou seja, reconhecidas e nomeadas. Muitos outros factores e situações impedem a assimilação perfeita, conflitos pessoais, culpabilidades, vergonha. São pessoas com estes problemas que é comum tornarem-se criadores de imagens, num processo sempre por concluir de perguntas que não se fizeram ou não obtiveram resposta. E o modo de assegurar uma presença que não estaria assegurada, o fotógrafo inclui-se directamente na imagem, projectando a sua sombra ou parte dela. É o modo mais assegurado de inscrição na foto. E a inscrição é apenas colocar em cena o *fantasma depressivo*, de um velho e clássico momento de separação.

Da inscrição directa, o artista concebe o seu estilo, com que marca definitivamente a sua presença, - a sua exaltação - na foto. Também o podemos observar nas fotos de Miguel Louro.

Estética, estilos e testemunhos

A bem ou a mal a fotografia é um lugar de transfiguração. A luz, que pode ser manipulada pelo fotógrafo, criando ou acentuando ilusões de claro-escuro, torna-se possível com a organização dos planos. Filha da luz, na imagem fotográfica há um contorno nítido dos objectos no espaço. É esta nitidez de planos e de espaços circundantes que dá a primeira sedução superfície de comunicação, um emissor de signos, mas na foto é um pretérito, um reencontro consigo mesmo; e, quando nos fixa nos olhos é um agora onde parece saber de nós; e esse agora está numa linha de *agoras* até muitos futuros. E esse rosto carrega consigo a inscrição do fotógrafo, é uma invocação de um momento e não de um sujeito. Tornar uma imagem fotográfica sedutora é torná-la habitável. Em cada uma das suas partes. Para o espectador a descoberta da foto implica a

exploração do espaço que a constitui: do momento psíquico de confusão inicial à desfusão sequente. Só então se aplicam as operações psíquicas que elaboram o sentido que a foto representa, seja a reprodução analógica do real ou a construção simbólica de figurações, sempre desenvolvidas e apreendidas através dos espaços. É a constituição deste envoltório que ganha ressonância psíquica e torna a imagem habitável pelo observador. A foto passa a fazer parte de nós e nós a fazermos parte dela. Mesmo nas imagens documentais Miguel Louro tem o cuidado de definir essa relação objecto e espaço: o envoltório está sempre presente e devidamente acentuado em imagens que regularmente se semeiam ao longo das séries narrativas. Aí as imagens agregam a inscrição do autor e privilegiam o sentimento de pertença e a assimilação psíquica, conseguido por um corte perfeito e evocativo do real do mundo.

Como Larry Fink ou Winogrand,- com concepções que hoje seguem muitos fotógrafos - a fotografia de Miguel Louro parece ser destinada pelo seu autor a função de *ver o aspecto que têm as coisas em fotografia*. Nem a geometria elegante de Cartier-Bresson, nem o *momento qualquer* de Robert Frank nem ainda o simples acto de observação dos discípulos de Weston, (no campo do pequeno) ou de Ansel Adams, (no campo do grande). Não há preocupações com os gradientes das distâncias, embora aqui e ali surja uma folha de parra num plano único ou um espaço aberto de visão que inclui observador e produtor no mesmo espaço lógico da figuração observada. Mas há imagens que recusam a aparência e a descrição e procuram um modelo interior. Trata-se de uma modernidade, do conhecimento científico e não do movimento do *contemporâneo*, essa variante pós-moderna do gnosticismo que sustenta que o corpo do

mundo é corrupto, multiplicando as abordagens de um feroz cepticismo e ironia.

A fotografia de Miguel Louro mostra um reflexo do mundo, subvertido pela crença do que ele é como o vemos. O que nos é devolvido é a realidade dos sentidos e da mente.

O aspecto das coisas em fotografia passam o crivo da estética, mesmo em muito do documental. A procura estética, tão comum neste nosso tempo, percorrendo a maioria dos padrões de uso e comportamento, é uma componente habitual nestas imagens. Uma estética tradicional em algumas delas, (imagens sedutoramente nostálgicas ou de pesquisa geométrica), mas também há imagens de estranheza, habitáveis e desejáveis, talvez porque encerram constelações de significações discordantes ou o famoso *punctum* de Roland Barthes.

E aí o que conta não é a estética mas o procurado pólo poético.

António M. Cunha Celebrando a arte da luz

Celebrando a arte da luz

Tudo aquilo é apenas luz,
que Ele cuida como matéria-prima ou colheita,
indiferente à sua natureza de onda ou partícula.
Luz que consegue passar nos instantes da abertura para ser capturada, antes num rolo fotosensível, hoje num dispositivo eletrónico.

Pode ser movimento ou quietude, pode ser vida ou morte, ... pode ser paisagem, monumento, edifício, mar, céu, rosto, corpo ... cena familiar ou metabolismo de cidade, ... dia ou noite, mas é apenas ... luz.

Uma luz que é selecionada e moldada pela percepção, olhar, mãos e saberes de quem a conhece, recolhe e trata.
Luz que é devolvida,... recombina numa imagem, digital ou impressa numa fotografia tradicional.

Ele escolhe o momento, o ângulo, a intensidade, a exposição e os outros parâmetros das câmaras que usa nas fotos que tira.
São máquinas que Ele conhece e opera com um

carinho cúmplice, numa linguagem de toques e comandos, ajustando lentes, obturadores, diafragmas, sensores e memórias.

Depois, ... Ele processa e retoca essa luz, na cor, no brilho e no contraste, procurando a temperatura, a saturação e a suavidade adequadas ao que quer reproduzir e transmitir.

Trabalho arriscado e desafiante. Uma arte, por vezes ingrata, construindo uma mensagem estética que outros vão ver com outro olhar.

Como noutras artes, o risco de comunicar é pensado pelo fascínio da descoberta das sensações nos que vão ser provocados ao observar e interagir com a sua luz.

Sim, ... Ele trabalha mais para os sentires do que para os sentidos. E a obra só é conseguida quando aquela luz é convertida em emoções.

Quando sai para a apanhar,... colher amostras, ... colher imagens, Ele sente que há algo que vale a pena, que haverá uma circunstância de luz diferente.

Já foram tantas as recolhas... uma vida na busca das suas diferentes formas e feitios: da infravermelha à ultravioleta, da especular à polarizada. Ele conhece-as todas e gosta de (quase) todas.

A luz, é como o vinho ou como a música, há uma adequada para cada momento.

A luz é onda eletromagnética que a física sabe explicar, mas Ele percebe-a como química de reações com as formas, os espaços e as aparências que decide registar.

É uma arte feita no cruzar das dimensões do artista.

Caçador que espera, na esperança que aquela luz vai sair naquela manhã ou naquele fim de

tarde, e em silêncio dispara, ... qual tiro certo, no tempo certo.

Do criador que inventa as suas formas e efeitos, ... em cores, cinzentos, sombras e intensidades. Do especialista que explora, até aos limites, as tecnologias e os equipamentos para fotografar, processar, imprimir e/ou exhibir. Do sonhador que transforma realidades em imaginários.

Feliz coincidência, 2015 celebrar o ano o internacional da luz e a carreira d'Ele.

Ele, ... é um escultor da luz, um alquimista de fótons, um guardador de momentos e um semeador de sensações.

Ele é o Miguel Louro, ... fotógrafo, médico e amigo.

Nós, ... os beneficiados que, nesta ocasião, agradecemos as emoções da luz que Ele capta, combina e oferece nas suas fotografias.

Miguel Louro 40 anos de fotografia

Vida e Obra

I parte A duração dos instantes

José Machado Estudo e recolha biográfica
1975 - 2000

No princípio havia uma "máquina" em casa...

Leopoldo Miguel de Sousa Louro Cruz, Sousa Louro por parte da mãe e Cruz por parte do pai, nasceu em 30 de Novembro de 1955, na Póvoa de Varzim, É o mais velho de quatro irmãos, dois rapazes e duas raparigas; o pai era funcionário das finanças e a mãe era professora primária na escola de Amorim, residindo em Averomar. Fez a sua instrução primária em Braga, na escola de S. Lázaro e os estudos secundários no Liceu Sá de Miranda.

Em 1952, o I Salão de Arte Fotográfica foi organizado pela Confraria do Bom Jesus do Monte, de 24 de Agosto a 7 de Setembro, com atribuição de prémio em Categoria Artística e Prova Documental

Em 1953, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Braga, de 7 a 24 de Fevereiro, organizou-se o I Salão de Arte Fotográfica, em que participaram fotógrafos como: António Augusto de Barros, Arcelino Augusto de Azevedo, Fernando Alves, Fernando Oliveira Gomes, Francisco Correia de Carvalho, Hélder Vidal Teixeira, João Gonçalves Salgado, João Guimarães, José

Maria Ferreira Ramos, José Cristóvão Dias, José Maria M. S. Domingues, Manuel Augusto Coelho, Nunes da Silva, Rogério Peixoto, Sílvio Teles. Em 1955, o I Salão Nacional de Arte Fotográfica, em Braga, foi organizado pelo Clube de Cinema de Braga, integrado nas festas da cidade.

Actualmente, Miguel Louro é médico, assistente graduado em Medicina Geral e Familiar - MGF, com o grau de consultor. Médico especialista em Medicina no Trabalho.

Reside em Tebosa, Braga. Possui um laboratório fotográfico pessoal.

A 1.ª máquina fotográfica foi seu pai quem lhe deu, era um «caixote», palavra que diz tudo para quem está familiarizado com o vocabulário da arte.

Aos 10 anos tirei a minha primeira fotografia. Usei a câmara "Instamatic" de meu pai e fixei a família na Quinta, em Real, com a casa na retaguarda, como fundo: o pai, a mãe, as irmãs, o irmão pequeno e

os caseiros. No Liceu, a máquina foi emprestada por um amigo de infância. Retratei os colegas e a escola.

A 2.^a já foi um tio vindo de Angola que lha ofereceu, era uma «Penguin» e está no seu museu particular, já agora acrescenta-se, muito bem fornecido de exemplares para uma história da fotografia, alguns raros e quase todos muito valiosos, que se expõe em lugar específico da casa num mobiliário característico e cuidadosamente recuperado de uma farmácia pública muito conhecida. A ideia de concretizar uma colecção de máquinas e de outros documentos sobre a história da fotografia, começou no Porto, mas foi decisivamente influenciada por Taveira Veloso, advogado, fotógrafo e amigo. Aos quinze anos, começou a acompanhar o vizinho, o advogado e fotógrafo amador, Mário Taveira Veloso, já falecido, que o levava nos seus passeios turísticos e viagens de trabalho ao Gerês. O convívio estreito com este homem acabaria por envolver Miguel Louro na gestão e organização do projecto denominado AFCA

(associação de fotografia e cinema amador de Braga), projecto no qual acabou por assumir funções directivas, sempre com um devotado perfil de animador cultural, mas do qual acabou por se afastar em situação de divergência teórica ou de perspectivação de funções da associação, salvaguardando contudo a permanência de relações amistosas com todos.

Fica devedor a seu tio, o historiador Vítor de Sá, pelo enraizamento de um imaginário de valores democráticos e solidários, um fundo de alma que se mantém vivo e norteador de acções no quotidiano Vítor de Sá é seu tio, por se ter casado com uma irmã da sua mãe, tia já falecida, que foi a mãe de Victor Louro e Osvaldo Louro de Sá, seu primo direito, o herdeiro da famosa «Livreria Victor», hoje «Livreria Osvaldo Sá», ali na antiga Rua Eng.^o Arantes de Oliveira, agora Rua 25 de Abril, que tinha uma galeria de exposições na parte superior (Galeria LV) e onde, aliás, Miguel Louro realizou a sua primeira exposição de fotografias, em tema livre.

Em 1972, o pintor Mário Silva expôs na Galeria

da Livreria Victor, que também se identificava como «Centro Cultural do Minho», Miguel Louro, então com 17 anos, herdou alguns catálogos dessa exposição com desenhos do pintor. O caso refere-se porque faz parte das circunstâncias em que um homem mais tarde se recorda e se situa: «O rei está a morrer» - assim se iniciava um texto de António Rebordão Navarro expressamente redigido para a exposição do pintor. A citação retomada de Ionesco constituía bem uma parábola sobre o tempo anterior a Abril, ainda que o crítico a perspectivasse para sintetizar todos os tempos em que o homem se descobre autor da sua própria morte e redentor de si mesmo e do seu tempo. Mas o mote ficou: descobrir lugares, situações, pessoas, atmosferas, casos, pormenores, que fossem reveladores da morte e da ressurreição do Homem. Na fotografia, o preto e o branco, a escuridão e a luz, constituíam-se como geradores de uma linguagem sempre em expansão. A fotografia depressa ficou atravessada por linhas críticas que se estruturavam em redor desta pulsão ou tensão entre a morte e a vida.

Acabados os estudos secundários, a média para entrada na Universidade precisou de revisão, daí o ano de 74 ter sido para repetir a disciplina de filosofia e outros exames para melhoria de nota; o tempo livre sobranete foi gasto num curso de fotografia na Escola Calouste Gulbenkian, então escola de artes, com o pintor Nuno Barreto, que já fora seu professor no Liceu Sá de Miranda. Inevitáveis foram as fotografias de rua e na rua, a seguir ao 25 de Abril, como inevitável foi também o cumprimento do serviço cívico no ano de 1975, ano em que o professor de fotografia foi Providência e Costa (regente agrícola, já reformado).

Em 1976, entrou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Em 76, apareceu o grupo IF (Ideia e Forma), formado por um conjunto de fotógrafos, os seus ídolos da altura, que teve uma influência decisiva em Miguel Louro, sobretudo através de João Paulo Sotto Mayor, não só pelos seus trabalhos, mas também por muitas horas passadas

em conjunto no laboratório deste, a aprender os passos da revelação. «Gentes da Apúlia», uma das suas primeiras exposições individuais temáticas, por exemplo, foi impressa no laboratório de João Paulo, um mestre decisivo. O grupo IF era constituído por João Paulo Sotto Mayor, José Carlos Príncipe, José C. Maratona, Luís de Sousa Abrunhosa Vasconcelos, Manuel Magalhães e Manuel Sousa.

Aprendiz de uma arte por impulso, cedo a quis assumir pela eficiência e pela acreditação estética, procurando os caminhos da autofornação e os da interforração. Foi com estes objectivos que em Lisboa, na companhia de Tavela Velloso, frequentou a Firma F. Costa da Filnarte, à Rua Garrett, onde aperfeiçoou as técnicas da impressão e da esmaltagem das fotografias a cores e a preto e branco. As suas primeiras boas fotografias, na sua revisão das etapas de uma aprendizagem ainda hoje progressiva, foram impressas nestes estúdios do “Costinha”, que era como os fotógrafos tratavam o proprietário daquela firma.

«Quando nos apaixonamos por uma arte, temos que dar tudo...É necessário continuar a trabalhar evoluir, fazer novas pesquisas, não parar...» - disse e recomendou-lhe Providência e Costa, em 1978. Estabeleceu e cultivou as relações de amizade com o grupo EFEPONTOSETE, entre 1979-82, com José A. Alves, Manuel de Sousa e Andrade Ferreira. E também com o GRUPO 4, com Gaspar de Jesus e Pereira de Sousa, em 1980.

Em tempo de balanço, a memória de Phillippe Saalum, das suas relações de amizade, que conheceu em Coimbra nos segundos Encontros da Imagem e que se atreve a considerar o melhor impressor a preto e branco, deixa-o suspenso numa observação crítica dos seus próprios trabalhos.

Formei-me como médico em tempo inteiro de ofícios, os mesmos que agora continuo: antes, estudare fotografar, agora exercer, estudar e fotografar. Acrescentei-lhe um outro, o golfe, desporto em que os pontos

de vista e as perspectivas da distância são sempre reguláveis. Curo e procuro, num esforço de abertura e de dedicação aos outros, mas também aos objectos fotografados, às realidades transferidas pela máquina, aos climas de entendimento do mundo e de nós, de mim, por isso mesmo.

Sócio fundador da AFCA

É o sócio n.º 710 da Associação Fotográfica do Porto, desde 1/01/1978.

É o sócio n.º 19004 da Sociedade Portuguesa de Autores.

E é sócio da Sociedade dos escritores e artistas médicos.

Dividido entre a medicina e a fotografia?

«Não faço distinções. Realizo-me totalmente como clínico e como fotógrafo. Como médico, e seguindo, talvez, o exemplo do meu avô, que foi um médico distinto da cidade de Braga, dedico-me de alma e coração aos meus pacientes; como fotó-

grafo, dou largas, por um lado, à minha espiritualidade, por outro, descontraindo-me das realidades às vezes bem duras e dramáticas da vida de um médico, relaxando, não com medicamentos, mas empunhando a câmara fotográfica...» (Entrevista à revista *Universo Bayer*, n.º 3, Maio 1998)

Resumamos o percurso fotobiográfico: a curiosidade pela fotografia concretiza os desejos ocultos da manipulação do corpo, favorecendo a ampliação dos sentidos, sobretudo o da visão, já que as mãos são aproveitadas pela vista para fazerem disparar os seus movimentos instintivos de ver mais, de ver melhor, de ver diferente, com os seus contrapontos negativos de ver menos e de esconder mais. Porque se fotografar é revelar, inevitavelmente também é esconder, ocultar, retirar do campo de visão. A companhia e a influência dos amigos alimentou «o bichinho» interior, favoreceu-lhe a frequência de «nichos» produtivos, deu-lhe visibilidade social. Que não se vejam os fotógrafos, nem este, fora do bulício da vida, fora dos

jogos amorosos, fora dos sarilhos do humano demasiado humano.

Foi meu pai, o seu engenho e a sua arte de pintor a óleo e a aguarela, quem me formou a sensibilidade. Tentei a mesma profundidade dos gestos com a máquina fotográfica.

A fotografia inicial, a da família, contém a chave de um percurso: o fotógrafo define um objecto e este objecto, a família, olha-o de frente, no convencimento interior de que ele saiba fixá-la na plenitude dos seus olhares, com o merecimento de lhe terem confiado a máquina.

Não deixa de ser sintomático, cento e setenta anos depois das primeiras invenções fotográficas, que encontremos nas histórias individuais um fio condutor dos desígnios da Fotografia, como que a garantir que a narrativa do sujeito individual confirme os passos da narrativa da espécie que garantiu a sua sobrevivência em

tal ambiente de captação de imagens: a fotografia surge como o recurso imprevisto a que se deitou mão, para influência imediata e profunda sobre o nosso mundo, tirando o maior e o melhor partido da sua rapidez e da sua precisão, para nos mantermos ligados àqueles que amamos. (O parágrafo decorreu da leitura da *História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839 -1997-* de António Sena, Porto, 1998, pp. 38-40, páginas que dedica à primeira publicação portuguesa sobre fotografia, citando um texto de *P. K. Coentim, Resumo Histórico da Fotografia*, Lisboa, 1852. O tempo passou e parece ter confirmado as mesmas histórias dentro da história da fotografia).

Um itinerário de provas e lugares de exposição 1970 - 1979

Foi no início dos anos setenta que Miguel Louro iniciou a sua participação nos ambientes então muito promovidos e concorridos dos «Salões de Fotografia». O **1.º Salão Nacional de Fotografia de Braga**, promovido pela AFCA, em Junho, traz-lhe ainda hoje gratas recordações e vale na sua memória como “prova de revelação” A gestação e fundação da AFCA (Associação de Fotografia e Cinema Amador de Braga), de cujo número de fundadores e membros aderentes se considera parte, tornou-se para Miguel Louro um campo riquíssimo de experiências e de relações humanas, um ambiente propício e propiciador de aprendizagens, mas também de algumas frustrações, ou não revelasse esta associação os problemas crónicos de qualquer outra do género: definição de estratégias, mobilização de associados e pagamento das quotas.

Foi no 2º andar do edifício do Turismo, em 1970, que, liderada por Taveira Veloso, se juntou uma equipa de voluntários para ir ao Registo Civil lavrar a escritura da fundação da associação. Também foram fundadores Firmino Ribeiro, a trabalhar na Seguradora Bonança, Calheiros, bancário, do BNU, já falecido, Romeu Maia, quadro da Segurança Social, já falecido, Maurício, que trabalhou na secretaria da Casa de Saúde de S. Lázaro, já falecido, Rogério Peixoto, bancário.

Nos primeiros tempos da AFCA assisti às reuniões e tomei parte em aspectos da organização das actividades. Mas só em Março de 1982 fui eleito como Vice-presidente da lista proposta pela direcção cessante, que tinha Carlos A.M. Machado como presidente. Em Abril deste ano, a Direcção da AFCA fazia um apelo bairrista a todos os associados, lembrando-lhes os deveres e as condições de perda de qualidade de sócios, pois o problema principal da associação girava em torno das quo-

tas, que continuavam na altura a ser de 20\$00/mês, o que ainda «viabilizava» os compromissos assumidos, valor que vinha desde a fundação; para motivar os associados a regularizarem as suas quotas, a minha direcção propunha-se colocar uma «pedra» nas quotas muito atrasadas, bastando aos retardatários liquidar o ano civil anterior e os dois primeiros meses do ano em curso. «Fomentar e incentivar a criação de novos praticantes, ou núcleos de cineastas, prestando-lhes colaboração e assistência possíveis, programar, produzir e estimular a realização de filmes, são objectivos preconizados pela AFCA a que se deve dar cumprimento», declarava a Direcção na circular n.º 3.

De certa forma, pelo convívio com alguns dos organizadores, assistiu à preparação e ao cumprimento do **2.º Salão Nacional de Fotografia de Braga**, de 22 de Junho a 4 de Julho, no âmbito da AGRO 71, IV Exposição-Feira Agro-Pecuária do Norte.

Quem percorrer os parques e nem sempre dados documentos então elaborados pelos organizadores dos eventos, encontra indícios e provas suficientes para se aperceber dos desígnios da fotografia ao longo do regime do chamado Estado Novo, podendo já vislumbrar, no início desta década, o afloramento de novas perspectivas e de um maior comprometimento da arte fotográfica com o país real. Sirva de exemplo este **2.º Salão**, sobre cuja exposição de fotografias, subordinada ao tema «Paisagem Rural - O Homem e o Campo», o responsável pelo Gabinete Coordenador das Actividades Culturais, em nome da Comissão Executiva, sugeria, no prospecto de informação, os sentidos que a “leitura” das fotografias expostas poderia desencadear, acautelando que não se tornassem como «*evocação histórica com justos ressaibos de enternecedor saudosismo, nem tampouco simples e despreziosas imagens vencidas pela mecanização...*», mas que se vissem antes como o «*...princípio elementar e dinamizador o ponto de partida para toda uma política de reconversão agrícola que se impõe seja cumprido no mais curto prazo.*»

1975

1.ª exposição individual: Tema livre

Começou o ano com a frequência de um curso sobre iniciação à fotografia, na Associação Académica de Coimbra, durante uma semana. Também em Janeiro, no 1.º andar do edifício do Turismo, em Braga, participou com 10 trabalhos no **1.º Salão de Fotografia Inter-Sócios da AFCA**, era então presidente da direcção da Associação o advogado Mário Tavela Veloso. Esta exposição esteve também em Guimarães e depois, de 15 a 28 de Fevereiro, mostrou-se na Galeria Blow-Up Foto Cine, no Porto.

Data deste ano a sua primeira exposição individual. Foi inaugurada na Galeria da Livraria Vítor, no 1.º andar, a famosa galeria LV, em Braga, em Outubro, mês em que os alunos das escolas aproveitaram para verem na livraria outras imagens misturadas com os livros escolares. Em tempo de Revolução acelerada, esta exposição teve um episódio curioso a marcá-la: uma das fotografias expostas (que num certame estran-

geiro fez circular com o título de “Gipsy Witch Woman”) revelava uma importante e conhecida rainha cigana, “revelação” tabu para esta etnia, o que desencadeou algumas discussões. Ainda hoje vale como experiência de interrogação sobre os limites à espontaneidade impulsiva de um fotógrafo!

1976

De 21 de Fevereiro a 6 de Março, a AFCA divulgou, no ciclo dos grandes fotógrafos mundiais, o 4.º fotógrafo, o búlgaro Dimiter Sibirsky. «*A Associação Cultural de Fotografia e Cinema Amadores de Braga presta homenagem ao artista que foi **Arcelino Azevedo**, em 8.05.1976*», com descerramento de placa no Café A Brasileira.

Miguel Louro, na qualidade de secretário da AFCA, colaborou na organização desta exposição sobre Arcelino, com trabalhos do notável fotógrafo bracarense, já falecido, a qual se apresentou na Biblioteca Pública de Braga.

Quanto a concursos, salões, certames e prémios, Miguel Louro, durante este ano:

- Participou no Salão Nacional de Fotografia sob o tema «A Água», cuja exposição decorreu entre Julho e Dezembro, obtendo o Troféu de Bronze.
- Participou também no III Salão de Fotografia, I Internacional, da Caixa Geral de Depósitos.
- Foi-lhe atribuído o prémio «Costa Verde» no V Salão Internacional de Fotografia do Mar, do Clube Naval Povoense, ao trabalho “Sargaceiros I”.

1977

- Concorreu ao 3.º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon, em Silves, efectuado pelo Racial Clube;
- Esteve presente na 3.ª Biental Internacional de Fotografia, no Porto;
- Participou com vários trabalhos na exposição do Núcleo de Cineastas Amadores da Philips (50 anos em Portugal);
- Participou no II Salão Nacional de Fotografia Costa Verde, de Espinho;

- Participou no II Festival da Primavera, com tema “A criança”, em Oliveira de Azeméis, de 25 de Maio a 12 de Junho, uma organização da Associação Recreativa e Cultural de Oliveira de Azeméis;
- Participou no I Salão Nacional Fotográfico de *O Lar do Comércio*, como trabalho “Homem ao Mar”;
- Participou no certame do Centro Cultural e Desporto CERVISUL, de Faro;
- Participou na exposição do Centro Revolucionário Mineiro “Pelo Poder Popular”, em 22 de Maio, em Setúbal;
- Participou no Salão Internacional Grupo Desportivo da CUF, no Barreiro.

Quanto a prémios:

- Recebeu um na 1.ª Exposição de S. Pedro da Cova;
- Foi-lhe oferecido outro pela cidade belga de Huy, devido à sua participação no concurso fotográfico organizado por ocasião das festas daquela cidade;
- Recebeu duas menções honrosas pela classifi-

cação em 2.º lugar, no I Concurso Fotográfico do Ginásio Clube de Chaves, com as fotos “Galinheira da barba rija” e “Pum III”;

- Obteve dois primeiros prémios no 1.º Concurso Fotográfico do Ginásio Clube de Chaves, um no tema «Desporto Amador» e outro em «Fotografia Livre».

2.ª exposição individual: Gentes da Apúlia

Em 28 de Agosto deste ano e para durar até 6 de Setembro planeou uma exposição temática sobre «Gentes da Apúlia» para o salão paroquial da freguesia. Esta exposição acabou concretizada em taipais da construção civil, com denúncia pública, em cartaz, das razões que lhe negaram o espaço prometido: o pároco e os seus familiares mais chegados tomaram o fotógrafo como «comunista» perigoso, familiar de outros ainda mais conhecidos, como era seu tio, Vítor de Sá. A exposição na rua foi por sua vez documentada nos jornais e lamentada, mas acabou, por razões de segurança diária, na Estalagem do Rio em Ofir, onde as pessoas

pueram de facto apreciar as imagens do quotidiano marítimo de *«sargaceiros valentes, duros e de pescadores destemidos»*, como escreveu o autor da exposição no verbete divulgador da mesma, acrescentando do coração que esta exposição não era senão uma *«humilde e pequena homenagem à Gente da Apúlia, em troca de tudo aquilo que nestes anos de franco, sincero e são convívio... »* recebeu da população marinha.

- Em 30 de Outubro esta mesma exposição «Gentes da Apúlia» rnostrou-se na Torre de Menagem, em Braga;
- Em 1978, de 2 a 12 de Maio foi montada na Associação Fotográfica do Porto.

«A sua fotografia denota sentir, humanidade e realismo. Não é mórbida, tão-pouco preocupadamente sociopolítica. É, por isso, aberta. Percebe-a uma criança. É, numa palavra, sensibilizante. E tem a sua - que só é sua - sensibilidade, e a sua arte aplicada, e os seus ângulos e, tanto mais, a sua intenção»- escre-

veu Tavela Veloso, em 4.6.78, a propósito do trabalho sobre as Gentes da Apúlia.

- De 18 a 25 de Julho esteve exposta no edifício Chiado, em Coimbra, integrada na semana cultural do FAOJ;
- De 15 a 31 de Agosto foi inaugurada no edifício do Turismo da Póvoa de Varzim, como título «Gente do Mar»;
- Em 1979, de 17 a 23 de Fevereiro, foi apresentada no Real Club Náutico de Vigo, tendo passado depois para o Centro Português de Vigo;
- De 6 a 30 de Abril foi inaugurada na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, em Lisboa.

«Já lá vai um ror de anos que me desloquei a Braga, no intuito de observar “in loco” a arte fotográfica de Miguel Louro. Nessa altura eu tinha também a paixão da fotografia; por isso, o meu interesse em ver tal exposição era enorme, sabendo, de antemão, que o artista utilizava técnicas que me iriam deslumbrar. Acabei por dar por bem empregue essa minha deslocação à cidade dos Arcebispos. O

tema da exposição era «Os sargaceiros da Apúlia» e, logo, logo, fiquei preso pelo preto e branco das belíssimas imagens que, tão transcendentemente, foram captadas pelo fotógrafo, num registo documental que, no futuro, os vindouros hão-de agradecer-lhe. Eram criações artísticas de elevado mérito, num conjunto que deveras me impressionou. De chofre, perguntei: como foi possível obter estas maravilhosas fotografias, sendo certo que a beleza do efémero estava ali tão admiravelmente retratada? A resposta não se fez esperar, causando em mim uma maior admiração pelo artista: “Tudo resultou das idas à Apúlia durante vários fins de semana, onde chegava por volta das seis da manhã, na esperança de encontrar o amanhecer ideal que me tocasse a alma.”

Nunca irei esquecer estas palavras que provam, à saciedade, que este artista da fotografia quis recolher, o mais fidedignamente possível, o arrojado e hercúleo mister daquela laboriosa gente, com a luz que melhor espelhasse o esforço de uns e de outros. E

foi assim, deste modo, tão sublime quanto talentoso, que os sargaceiros da Apúlia ficaram eternizados, pela objectiva e pela rara sensibilidade de um artista de eleição.» - escreveu Eduardo da Costa Soares, em Setembro de 2000.

Estas palavras da memória pessoal e amiga de Eduardo da Costa Soares transportam em si um “fôlego de ingenuidade” muito gratificante, sobretudo por espelharem uma coexistência de sentimentos ligados à arte da fotografia, concebida enquanto “estado de alma”, enquanto paixão que se espera seja favorecida por golpes mágicos da luz, num dia, numa manhã, num minuto, num segundo, enfim, num momento de génio (como quem aguarda a confluência de todas as forças cósmicas na pureza do gesto infantil de fotografar a família).

1978

Já quase viciado em “salonismo”, movimento que depressa ganhou um ar de família, Miguel Louro:

- Esteve presente no 2.º Concurso de Fotografia da ARCA, em Julho, em Oliveira de Azeméis;
- Concorreu ao 3.º Salão de Arte Fotográfica de Coruche;
- Participou no II Salão Fotográfico e I Ibérico de O Lar do Comércio;
- Concorreu mais uma vez ao 4.º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon do Racial Clube de Silves;
- Participou no concurso da Secção Cultural do Grupo Desportivo de Azambuja;
- Participou no VI Salão Nacional, 3.º Ibérico de Arte Fotográfica, na secção fotográfica do Clube dos Galitos de Aveiro, em Outubro, tendo apresentado 3 trabalhos;
- Participou no Prémio Internacional da Fotografia Ciudad de Soria, organizado pela Sociedad Fotografica Alto Duero.

António Sena (1998), na sua obra História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839-1997, Porto Editora, Porto, ousa considerar que o peso institucional do movimento salonista se faz ainda sentir na política de apoios ou de incentivos

à fotografia: «Desde 1932 que se apoiam toda a espécie de festivais, concursos e salões, sem qualquer critério selectivo. A “promiscuidade” do meio fotográfico, já de si pequeno - fotógrafos, júris, comissários, galeristas, comerciantes, directores, secretários, ministros, presidentes e jornalistas -, na “boa” tradição salonista, mantêm-se;» - p. 12

Em matéria de prémios, neste ano:

- Obteve o Diploma de participação no certame do Grupo Desportivo dos Empregados do Crédito Predial Português.

Passa a constar no seu currículo qualquer coisa como «Assistente do Departamento de Diaporamas», da empresa de publicidade **publitrofa, Ida.**, um gancho ou contrato de rendimentos episódicos, mas indutor de experiências noutros campos, como a de vir a fotografar os 10 anos da **Mako Jeans** da Trofa. Se uns trabalhos puxam outros, o “quem conhece quem” acaba por ser determinante na arte de fazer disparar um “clic”. No Verão de 78, Miguel Louro trabalhou

como repórter fotográfico para a *Portuguese Export*, empresa com sede no Shopping Brasília, tendo fotografado o Algarve para promoção turística nas revistas anuais do Turismo e tendo elaborado e montado um diaporama para a mesma finalidade.

Neste ano, na sua terra natal, a Póvoa, Miguel Louro montou e depois desmontou a exposição temática “*O Mar e Suas Gentes*”, juntando outras provas às provas fotográficas, num desempenho do tipo “faz-tudo”.

“Venho à presença de V.ª Exc.ª agradecer, muito penhorado, a valiosa colaboração que nos prestou na realização da mostra fotográfica “O Mar e suas Gentes”, possível exclusivamente pela sua acção pessoal, quer na obtenção de trabalhos de fotógrafos conceituados, quer na montagem e desmontagem da exposição e ainda na elaboração do catálogo.

A exposição constituiu assinalável êxito, tendo ficado ligada à inauguração das novas instalações do Posto de Turismo e às festas

de S. Pedro 1978.» - assim lhe agradeceu o Presidente da Comissão Municipal de Turismo da Póvoa de Varzim, o professor Filomena Afonso Terroso, em carta de 21 de Julho deste ano.

1979

Miguel Louro, enquanto estudante de medicina, envolveu-se nas actividades associativas de alma e coração, dedicando-se à sua dama, a fotografia. Assim, no âmbito do departamento fotográfico da Faculdade de Medicina do Porto, organizou, de 24 a 30 de Abril deste ano, participando também com 6 trabalhos, uma exposição colectiva, com a finalidade de incentivar outros estudantes. Entre outros, ainda recorda que nesta exposição esteve com o Manuel Cirne de Carvalho e o José Manuel Calado. No prospecto publicitário da mesma, Miguel Louro desafiou os seus colegas: «...*olha, vê, não és menos que os outros, pega na máquina e dispara, vê o que fizeste, autocrítica-te fazendo o melhor possível e vem-nos mostrar*».

79 foi o ano em que o **Anuário Português de Fotografia** publicou a 1.ª fotografia de Miguel Louro, acontecimento que a memória regista com aquela pontinha de orgulho dos iniciados Sabe sempre bem!

Também neste ano, integrou uma exposição colectiva, na Galeria Bar do Porto, com João Paulo Sotto Mayor.

Em termos de concursos e de participações em certames,

- esteve presente em «Man and Sea», The 10th International Triennial Exhibition of Photography, que aconteceu em Zadar, na Croácia e em cujo catálogo foi publicada uma fotografia de sua autoria, “Beautiful Sea”;
- concorreu ao Ano Internacional da Criança, em Pampilhosa;
- voltou ao III Salão Nacional Fotográfico e II Ibérico O Lar do Comércio;
- e foi também ao III Salão Nacional de Fotografia de Braga, em Abril;
- concorreu ao 6.º Salão Nacional, 3.º Ibérico de Arte Fotográfica de Aveiro;

- e regressou ao 5.º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon;
- participou na IV Bienal Fotográfica da Associação Fotográfica do Porto;
- tornou a concorrer ao Prémio Internacional da Fotografia Ciudad de Soria, organizado pela Sociedad Fotografica Alto Duero, em Outubro;
- e foi ao V Salão Internacional de Arte Fotográfica.

Recebeu prémio no I Concurso de Fotografia do Inatel da Guarda, sob o tema “A Criança”, com o trabalho «lado a lado».

3.ª exposição individual: Crianças

De 20 a 24 de Outubro, a pedido do FAOJ de Braga e por 79 ser o «Ano Internacional da Criança», foi apresentada na Juveminho, no Parque de Exposições da cidade, uma exposição individual de Miguel Louro, sob o tema «Crianças».

- Nas festas de Natal, esta mesma exposição esteve patente ao público no Clube Português de Vigo;

- A 11 de Abril de 1980 foi inaugurada na Associação Fotográfica do Porto.

A crítica ressentiu-se, pelo menos entre especialistas:

«Se bem que a exposição no seu conjunto apresente um saldo positivo, teve no entanto alguns pontos baixos que já não seriam de esperar do autor O Miguel Louro já não deve beneficiar da benevolência da crítica feita a principiantes» - Ricardo Fonseca.

«Mais uma expo do Louro com o seu cunho pessoal, mais uma vez ele pegou num tema, desenvolveu-o, deu-lhe forma e depois expôs, só por isto tenho de lhe dar os parabéns» - Gaspar de Jesus.

«Exposição documentalista de uma exploração sentimentalista feita constantemente nos nossos tempos. Tecnicamente de uma uniformidade que esquece o aspecto criativo da fotografia. Abordagem sensacionalista do problema.» - tal foi a apreciação de Artur

Moura sobre a exposição “Crianças”. Mas o fotógrafo e amigo João Paulo Sotto Mayor, no livro de honra, um receptivo conjunto de folhas em papel velho e com robusto encapamento de pele, tudo protegido por igual presilha de couro, fez-lhe saber:

«Nota-se, desde a Apúlia até aqui, a diferença de quem já tem as suas noites ocupadas com o gosto de manejar um ampliador que vale a pena».

o compromisso institucional ... 1980- 1988

1980

4.ª Exposição individual: Tema livre

Começou o ano com a exposição na associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, de 11 de Janeiro a 13 de Fevereiro.

No âmbito das festas da Queima das Fitas, decorrente das suas funções culturais na associação de estudantes de medicina, organizou uma Exposição dos Fotógrafos Profissionais do Porto, que teve lugar no edifício de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Este trabalho ou capacidade de iniciativa valeu-lhe ser eleito, no ano seguinte, Presidente da Queima das Fitas da Universidade do Porto, cargo de elevada honra e de grande exposição mediática, no contexto estudantil, claro está, sujeito portanto à errância das relações e à experimentação dos afectos, movimentos que são sempre predadores de imagens, nem todas fotografadas, é bom de ver.

Promoveu a exposição de Mário Peixoto, sobre o **muro de Berlim**, em 1980, na Associação Fotográfica do Porto.

Mário Peixoto é um amigo que Miguel Louro interessou pela fotografia, cujos trabalhos incentivou e a quem incutiu uma vontade forte de revelação. Sobre esta exposição, concretamente sobre a contínua questão de saber quem sofria mais os efeitos do muro de Berlim, a carta do Mário sugeria a compreensão de uma leitura “invertida” do problema:

*«Para aqueles que esta situação não conhecem e talvez também para esclarecimento, gostaria de dizer que este estado de frustração, de desespero e de **prisão não** se faz sentir sobre **os habitantes da RDA**, mas sim sobre os habitantes de Berlim Ocidental e sobre mim que também vivo nesta cidade. Somos nós que, todos os dias, temos de ver um muro à nossa frente ou que precisamos de autorização para sair da cidade. Somos nós que temos os movimentos restringidos e que estamos dependentes de toda a ajuda do ex-*

terior. Não é sem razão que Berlim tem uma das maiores cotas de suicídio da Europa»- Mário Peixoto, da carta de 16.04.80, de Berlim.

Aconteceram os 1.ºs Encontros de Fotografia de Coimbra e Miguel Louro esteve lá, expôs, integrado numa colectiva.

Mas este ano de 80 trouxe-lhe novos trabalhos e desafios, uns de natureza comercial, os outros de carácter institucional. Miguel Louro sentia-se desafiado e queria desafiar, tinha-se como fotógrafo numa situação de errância, de procura, com uma necessidade imperiosa de desenvolver trabalhos mais elaborados e consistentes com os seus percursos de aprendizagem e de frequência de salões. Tinha alguma visibilidade e sobretudo sentia-se com um currículo receptivo à concepção e implementação de projectos. De todos, destaquem-se os trabalhos no âmbito do Museu Nogueira da Silva da Universidade do Minho, de que foi responsável pela fototeca, onde desenvolveu várias iniciativas, começando nomeadamente por promover

a exposição do espólio fotográfico de Manuel Carneiro, a organização dos materiais em arquivo e a positivação dos negativos daquele fotógrafo.

Na sequência da sua função como assistente de um departamento de publicidade, os trabalhos de natureza comercial começaram a ser mais frequentes. Assim, neste ano:

- Fotografou relógios portugueses para a Livraria Civilização, para ilustração de um livro de Roldano Van Zeller;
- Fez as fotografias e o diaporama para a revista MAKO JEANS Magazine e fez a colecção de moda Outono / Inverno 80/81, para apresentação nas feiras SEHM em Paris e na Portex no Porto; esta revista assinalou o 10.º aniversário daquela empresa de confecções e nela se mostra a reportagem que Miguel Louro executou para cobrir o “social-vip” do acontecimento.

No âmbito da sua colaboração com o Museu Nogueira da Silva, contactou Júlio Alexandre

Matos para organização da exposição «Sem Título EUA, 1980».

- O salonismo continuou com motivação favorável:
- apareceu no IV Salão Nacional de Fotografia de Braga, em Fevereiro;
 - concorreu ao I Salão Internacional Nortegal;
 - voltou a participar no Algarve Photo Salon do Racial Clube de Silves;
 - foi ao I Salão de Fotografia dos Amadores, de Pena de Abrantes;
 - e mostrou-se bem no certame «Vénus 80» - Salão Mundial de Fotografia, em Varsóvia, na Polónia.

Quanto a troféus de caça, recebeu, sensibilizado, o prémio de presença (uma medalha da autoria do escultor Ulisses) no certame que celebrou 10 anos da AFCA: 1970-1980.

5.ª Exposição individual: Procura

Abriu com a pompa e circunstância típica destes eventos na galeria do Hotel Turismo de Braga, de 20 a 31 de Dezembro.

«A luz sabe desenvolver formas ora amorfas, ora definidas em rasgos de fluidez; ela envolve os volumes com o seu manto diáfano e misterioso, sugerindo a imagem e provocando encantos. A procura de um redescobrir novos meios na expressão da realidade, que se desenvolvem a quem os contempla como que temos os movimentos restringidos e que estamos materializações artísticas dum momento inventado. A tentação vos oferecer instantes, fragmentos privilegiados, pelo domínio da imagem, que vivem-na sensibilidade do artistas, eis a razão desta amostra fotográfica» - lia-se no texto que acompanhava o convite para a exposição e as palavras eram suas.

1981

Abre o ano com a exposição de «Procura» na Associação Fotográfica do Porto, de 12 a 23 de Janeiro, à Rua de Santa Catarina.

Depois será a vez de mostrar este conjunto de trabalhos nos Açores. «Procura» passa no Museu

Carlos Machado, em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, no dia Internacional dos Museus, de 19 a 31 de Maio.

“*Felicidades para o poveiro que quase reconcilia a pintura com a fotografia*» assim escreveu um visitante, e outro fez questão de declarar que «*a preocupação por quem dedicou a sua vida inteira ao trabalho está bem patente nesta exposição*», ambos com assinatura irreconhecível no livro do artista.

Na qualidade de director da Secção de Fotografia da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina, Miguel Louro organizou ao longo deste ano exposições no átrio da faculdade, uma individual, a **6.ª exposição: tema livre e** outra colectiva.

Nessa qualidade, colaborou ainda na organização de uma outra exposição com a Associação de Estudantes da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a revista «Arteopinião».

Colaborou também com a Associação Académica da Universidade do Minho para a organiza-

ção da exposição «Imagens do Canadá», realizada em Braga, em Novembro.

E como quem sabe deve ensinar aos outros, neste ano de 1981 Miguel Louro estreou-se como formador, monitor e orientador de um curso de iniciação à fotografia, na Casa de Cultura da Juventude de Braga, o *I Curso de Valoração Fotográfica*.

Quanto à presença nos salões e nos concursos, regista-se a sua passagem;

- pelo V Salão Nacional Fotográfico e IV Ibérico d’ O Lar do Comércio;
- pelo I Salão Nacional de Fotografia do Lions Clube de Vila Nova de Famalicão;
- pelo Salão de Fotografia da Faculdade de Ciências, organização da Direcção da Associação.
- e Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto;
- pelo VI Salão Nacional de Fotografia, na Casa Museu Nogueira da Silva;
- pelo V Concurso de Fotografia «Semana de La Mar», em Luanco, Espanha;

• e pela V Bienal Internacional de Fotografia, no Porto.

O Foto-jornal, *Anuário Português de Fotografia*, edição Fotojornal, aparece nos escaparates com dois trabalhos de Miguel Louro, num portfolio colectivo que pretende ser uma «*relação extensa de obras assinadas por autores nacionais*» representativos da fotografia portuguesa. Um dos trabalhos é a “cena de rua”, na Apúlia, tirada em Julho de 80; o outro é o “nordeste transmontano e uma criança curvada no trabalho”; ambas as fotos foram obtidas com a Minolta SRT e objectiva de 28mm, dados que o Anuário trazia em notas finais.

Esta aparição gratificante no Anuário não escamoteia as “candeias às avessas” nas relações de Miguel Louro com o director daquela publicação, a crer num rascunho pessoal de carta para o Anuário Português de Fotografia, reclamando contra a «*falta de atenção à fotografia no Norte do País, Porto e Braga,*

no qual existem associações fotográficas», e lembrando sem qualquer receio de presunção que «*O resto do país para além de Lisboa não é só paisagem, parece-me que neste momento produz mais e melhor*».

Miguel Louro participou na Exposição Fotográfica Comemorativa dos 75 anos do Futebol Clube do Porto, na temática «Desporto».

1982

Neste ano, a delegação distrital de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa encarregou-o de fotografar a visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II à cidade de Braga. As suas fotografias foram depois expostas na sede da Cruz Vermelha, na cidade bracarense.

Para ilustrar uma conferência da escritora Luisa Dacosta, Miguel Louro organizou uma exposição de fotografias na Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, de 23 de Abril a 2 de Maio.

7.ª Exposição individual: tema livre

Abriu no salão de Turismo da Póvoa de Varzim, de 21 a 31 de Agosto.

«*Do ponto de vista artístico .. achei todas as fotografias de alto valor e gostei em especial das fotografias de gente e daquelas em que o céu aparece com as nuvens bem vincadas, dando assim um outro valor à paisagem. (...) Como conclusão, penso que temos aqui um artista com enorme peso na arte fotográfica nacional.*»- escreveu um observador atento, António Alberto Silveira, que fez saber-se ligado à secção de fotografia de OCTOPUS, em 29 de Agosto.

• Participou, para além de assumir responsabilidades na sua organização, no VII Salão Nacional de Fotografia de Braga, de 19 de Junho a 4 de Julho, promovido pela Associação de Fotografia e Cinema de Amadores de Braga (AFCA). Note-se o que o prospecto divulgador do regulamento deste certame exibiu em editorial, assinado por Miguel Louro: «*Com a elei-*

ção dos novos corpos directivos desta Associação, vamos a partir de agora incentivar a fotografia». O catálogo da exposição insere duas fotos suas. Neste certame, Miguel Louro obteve duas melhores fotografias (em tema A e tema B) e ainda duas menções honrosas, uma em diapositivo “reportagem” e outra em “tema livre - preto e branco”.

- Participou mais uma vez no VI Salão Nacional Fotográfico e V Ibérico d’O *Lar do Comércio* (Tema A, secção 1);
- Voltou a concorrer ao 6º Concurso Fotográfico «Semana de La Mar», em Luanco, Espanha, em Julho;
- Concorreu ao XI International Triennial Exhibition of Photography, em Zadar, na Jugoslávia;
- Participou no XXVII Salon Fotográfico Internacional «San Fermin 82», em Pamplona, Espanha;
- Marcou presença no 2º Salão ATC, como sócio da Associação Fotográfica do Porto;
- Quanto a prémios, ainda recebeu uma Menção Honrosa no I Salão Nacional de Fotografia do Leo Clube de Guimarães, em Abril, na classe A (preto e branco) com o tema “Terceira idade”.

O Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia, edição Fotojornal, voltou a incluir uma fotografia de Miguel Louro: “cenas da vida rural portuguesa, aldeia transmontana”, imagem captada com a Minolta XK e objectiva Rokkor de 28 mm.

Participou numa exposição colectiva dos 3.ºs Encontros de Fotografia de Coimbra, de 7 a 16 de Maio, no último andar do Edifício Chiado.

Foi incluído na exposição »10 Anos de Fotografia Portuguesa 1970/1980”, organizada por José Reis, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura, englobando 70 fotógrafos portugueses. Participou na organização da exposição «Braga 82 - Reestruturação do Território Municipal” onde se incluíam fotografias suas. Esta iniciativa cultural e urbanística da Câmara Municipal consistiu na elaboração e apresentação pública dos planos directores do futuro desenvolvimento da cidade.

Neste enquadramento de relações de trabalho, Miguel Louro celebrou com a Câmara Municipal de Braga um protocolo contratual

para organização de uma exposição de 50 a 70 fotografias sobre aspectos históricos, monumentais, culturais e paisagísticos da cidade, convidando cinco a oito fotógrafos amadores do norte do país de reconhecido mérito nacional e internacional. Esta exposição, acompanhada do respectivo catálogo, teria um percurso itinerante por outras localidades, mas o seu fim seria o arquivo em museu próprio como documento para a posteridade. Em Abril de 1982, Miguel Louro redigiu *«Uma breve história do centro de Documentação Fotográfica da Unidade de Museologia da Universidade do Minho»*, documento que é revelador de um caderno de encargos decisivo para quem teve responsabilidades na área da conservação museológica. Leia-se:

“Porque Braga é uma cidade muito marcada pelo século XIX e o início do séc. XX; porque os documentos desse período estão geralmente muito sujeitos ao abandono e destruição - a sua “curta” idade torna-os aparentemente menos importantes e, por

isso, mais vulneráveis - o Museu da Casa Nogueira da Silva (Unidade de Museologia da Universidade do Minho) e a ASPA (Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património) têm orientado muito do seu esforço no sentido de uma intervenção que vise a salvaguarda da Herança Cultural daquela época.

Desta preocupação ao interesse muito especial pela documentação fotográfica antiga - chamada em apoio de estudos de arqueologia urbana e rural - foi um pequeno e inevitável passo: organizaram-se 3 exposições de fotografias e edições de postais.

1. "Antiga Braga - fotografias; recolha de Leite de Sousa", Braga, Museu dos Biscainhos, Jun-Jul/78;
2. "Para o estudo da imagem de Braga- o postal ilustrado", Braga, Escola do Magistério Primário, Nov-Dez/79;
3. "O chapéu feminino em Braga - 1910/1915", Braga, Museu dos Biscainhos, Mai-Jun/80)

- iniciou-se a recolha de velhos arquivos de imagens fotográficas, criaram-se, enfim, os fundamentos para a constituição de uma Fototeca Regional, sem dúvida o espaço cultural necessário para a salvaguarda do importante património fotográfico ainda existente, onde se espelha a memória dos últimos cento e cinquenta anos da vida desta cidade e região. Num trabalho de colaboração estreita entre as duas entidades - uma que assegurou instalações, orientação técnica e equipamentos; outra que possibilitou meios humanos - conseguiu-se, em curto período, constituir um núcleo inicial das colecções do centro de Documentação Fotográfica e, a partir de uma primeira prospecção do material disponível para recolha, dimensionar e estruturar uma segunda fase do projecto: a instalação definitiva do Centro e a sua Institucionalização dentro da Universidade do Minho.

Procurou-se, então, designadamente com uma exposição itinerante

"Centro de documentação fotográfica - um

projecto aberto à comunidade", Braga, Museu da Casa Nogueira da Silva, Jun-Out/81

- sensibilizar de forma alargada a comunidade de Braga para a necessidade de uma acção de salvaguarda do seu património fotográfico; apresentou-se à Comissão Instaladora da Universidade do Minho uma proposta de adaptação do edifício existente nos jardins do Museu da Casa Nogueira da Silva para instalação do Centro de Documentação Fotográfica; solicitou-se a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian para a aquisição dos equipamentos de laboratório necessários; contactaram-se firmas da indústria fotográfica (Agfa-Gevaert Portuguesa, Kodak Portuguesa) para o fornecimento de materiais e produtos fotográficos em condições especiais. Aprovada a verba necessária e feito o projecto da obra de adaptação do edifício que albergará o Centro de Documentação Fotográfica; apresentada à Fundação Calouste Gulbenkian uma lista do equipamento necessário ao Centro; com a promessa de um apoio em 'géne-

ros', em contrapartida de acções de publicidade a promover com materiais antigos, por parte da AgfaGevaert e da Kodak; sobretudo com o interesse e a vontade que a comunidade de Braga tem mostrado pelo crescimento do 'seu' arquivo de imagens fotográficas; o Centro de Documentação Fotográfica da Unidade de Museologia da Universidade do Minho começa a ter reunidas as condições para se desenvolver e, assim, vir a constituir um espaço cultural fundamental para a cidade e para a região de Braga; uma iniciativa piloto a nível nacional, já que, pela sua dimensão de Arquivo Regional da Imagem Fotográfica, propõe uma actuação descentralizada de salvaguarda do património fotográfico, única forma de obter o maior rendimento cultural daquele material».

E Miguel Louro fez-se médico. A prenda de fim de curso foi uma viagem ao Brasil, ao Nordeste, paga por seu pai, agora impulsionador de olhares por outros horizontes. E o rapaz lá foi de máquina em punho, ansioso por imagens, que nunca aos olhos doem...

1983

Em trabalho de direcção na AFCA, Miguel Louro continuou a animar as noites bracarenses com programas de "projectão de diapositivos com música». Em Fevereiro, dia 17, projectou os seus slides, na Casa Museu Nogueira da Silva, às 22 horas. Depois, nos meses seguintes, entre outros, projectou os diapositivos musicados de José Manuel Calado, Gaspar de Jesus, João Meneres e Abel Macedo.

8.ª exposição individual: semana santa

Exposição no Seminário de S. Tiago, de 26 de Março a 2 de Abril, organizada pela Comissão das Solenidades da Semana Santa de Braga. Miguel Louro apresentou 54 trabalhos, tendo como tema as procissões da Semana Santa e a Visita Pascal.

«O mundo da fotografia é um mundo cheio de plenitude, onde o olho do fotógrafo é rei».. «Busca perspicaz de vários anos de fotografia» - referia o guião.

«Reter as mais belas imagens da vida no pensamento e conservar os momentos mais altos da existência no coração, é um Dom que devemos agradecer a Deus .. Com efeito, esta capacidade é própria do homem.

(...) Imagens belas de expressão de Fé, quadros sugestivos de manifestações litúrgicas e momentos encantadores de vivência cristã, é o que nos oferece, na sugestiva arte fotográfica, o Dr. Miguel Louro.

A Comissão das Solenidades da Semana Santa agradece ao jovem médico o empenho, a dedicação e o carinho, postos nesta exposição.» - assim escreveu o Cônego Eduardo de Melo.

Da crítica, escolheram-se as palavras de Rui Esteves:

«Miguel, os meus parabéns. Acho que esta exposição é um fiel retrato da Semana Santa em Braga, e digo-te, técnica e esteticamente está muito bem conseguida. Acho que a última fotografia, a do "retrato de família" é um espanto!»

De 2 a 27 de Maio deste ano, a sua exposição **Tema livre** foi mostrada na sede da Associação Fotográfica do Porto. Teve lugar o I Salão de Fotografia de Braga Clube D. Pedro, de 14 a 22 de Maio, no salão do 8.º piso do Hotel Turismo, que reuniu trabalhos de 9 fotógrafos nortenhos, entre os quais Miguel Louro.

Organizou, dando-lhe também colaboração técnica e artística, uma exposição colectiva de 7 fotógrafos, ele incluído, sob a temática «*Braga-Maneiras de Ver*». Esta exposição, «promovida pela CMB sob a coordenação do pelouro de Cultura responsável pelo projecto, Miguel Louro», acabou por concretizar o protocolo celebrado com a Câmara Municipal de Braga e reuniu os trabalhos dos seguintes fotógrafos: João Paulo Sotto Mayor, Ricardo da Fonseca, Gaspar de Jesus, José Carlos Príncipe, Fernando Martins, Ferreira Alves, Gabriela Alves, Manuel E. A. Sousa e Miguel Louro.

Em Maio, promoveu a exposição do fotógrafo profissional Américo Gomes, conhecido pelas suas fotografias na PHOTO.

Prestou colaboração técnica para o trabalho de Henrique Botelho «A Luz Negra e o Palco», exposição realizada na Casa dos Crivos, de 16 a 25 de Junho.

9.ª Exposição Individual: erotismo

Foi posta fora de portas da cidade, na galeria do Morango Pub, ali numa das curvas das voltas de Macada, em horário nocturno. Foi em Outubro, já tinham sido as vindimas, e o lugar era propício. Ainda hoje, em memórias que só se consentem aos amigos, esta exposição se recorda como uma mostra propiciadora...

Miguel Louro, enquanto médico, fundou e montou o serviço de Iconografia do Hospital de São Marcos, em 1983. Assim dá conta do mesmo a Ordem de Serviço n.º 11/83:

«Por deliberação do Conselho de Gerência, e a título provisório, passa a funcionar um Serviço de Iconografia. Dá-se, assim, satisfação

a um anseio dos Serviços deste Hospital. O Serviço ficará sob a responsabilidade do Dr. Miguel Louro».

...«a ilustração médica inclui a criação de desenhos de anatomia em esquema e fotogravura (autotipia), tanto a preto e branco como a cor, bem como gráficos de vários assuntos. Todos estes serviços são oferecidos em fotografia, filmes de produção em vídeo... a fotografia médica, que engloba o lado clínico, cirúrgico, oftálmico, o de peças macroscópicas, a fotomicrografia, a fotomicrografia e a produção de slides. Todos eles podem ser utilizados em exposições, apresentação de fotografias, de filmes e ainda em publicações...» - ...do texto assinado por Don Garbera. Existe um fotógrafo médico na Casa? «*Executivos hospitalares devem dar-se conta dos importantes serviços que podem oferecer os departamentos de informação biomédica*», distribuído no Hospital em 1983 por Miguel Louro.

E no que toca ao movimento de ir e estar em salões, certames, concursos e mostras, Miguel Louro:

- Concorreu ao III Salão de Fotografia da Associação Teatro Construção, de Joane, no tema «A Criança», e em tema livre;
- Voltou a concorrer ao VII Salão Nacional Fotográfico e VI Ibérico d'O Lar do Comércio;
- Idem aspas ao VIII Salão de Fotografia de Braga, com diapositivos e preto e branco, aberto ao público de 18 de Junho a 1 de Julho;
- Idem aspas à VII Edición do Concurso Intencional de Fotografia de La Mar, Luanco, Astúrias, Espanha, em Julho;
- Foi ainda ao N II Salão Universitário de Arte Fotográfica, Núcleo de Arte Fotográfica da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico;
- Participou no concurso SQUIBB, cujos trabalhos foram expostos depois no VI Congresso Português de Cardiologia.

Obteve o 1.º prémio nas fotografias a preto e branco.

1984

As repetições de fundo empurram a novidade para a superfície da pele. Não há que lhes fugir, fazem parte do currículo Assim, neste ano da graça da Luz, Miguel Louro:

- Tomou parte activa na organização do IX Salão Nacional de Fotografia, em Junho, em Braga
- Apresentou-se ao Concurso Fotográfico da SQUIBB, com exposição de fotografias no 7.º Congresso Português de Cardiologia;
- Concorreu ao 35.º Concours Ibéric, Agnupació Fotografica D'Igualada, Troféu PELL, com 3 fotografias;
- Voltou, como não podia deixar de ser, ao VIII Salão Nacional Fotográfico e VII Ibérico, desta vez com participação Italiana, d'O, Lar do Comércio;
- Participou, com dois trabalhos ("Sin título" e "Portuguese boat") na XIII Semana Internacional de Cine Naval y del Mar, de 5 a 10 de Novembro, cuja exposição resultou do VII Concurso Internacional de Fotografia «El Mar y su Entorno». O Catálogo desta exposição embarcava

na fatalidade das comparações: «... la fotografia es como la quilla del barco donde habrian de montarse las cuadernas del cine».

No que respeita a prémios:

- Obteve uma menção honrosa com o seu trabalho "Rabi" no 1.º Salão Nacional Fotográfico da 1.ª Brigada Mista Independente, realizado em Abril, em Santa Margarida.

O Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia, edição Foto-jornal, voltou a incluir dois trabalhos de Miguel Louro, "A Casa Raul", no Sameiro, e um slide a cores com margem tirada na Fundação Onça.

1985

10.ª exposição individual: exercício em automóveis

Teve lugar no salão do Hotel Turismo, em Braga, em colaboração com o Clube Automóvel do Minho por via da Rampa da Falperra. Foi em Maio. Todas as fotos incidiam sobre o automóvel.

Concursos

- Participou com “Estudo Nu” no I Salão Nacional de Fotografia do Grupo Cultural e Desportivo dos Empregados do Banco Pinto e Sotto Mayor, no Porto;
- Voltou ao X Salão Nacional de Fotografia de Braga, CUJO catálogo inclui um trabalho seu;
- Participou no Certame da Feira de S. Pedro, em Macedo de Cavaleiros, com uma exposição de 4 trabalhos de “Nordeste Transmontano”; a organização do certame teve a amabilidade de lhe enviar o diploma de participação;
- Mais uma vez apresentou um trabalho (S/título, sob o tema “A 3.ª Idade”) ao IX Salão Nacional Fotográfico e VIII Ibérico d’O *Lar do Comércio*;
- Concorreu ao I Salão Nacional Fotográfico da Irmandade e Santa Casa de Misericórdia de-Santo Tirso, onde obteve o 3.º prémio (S/Título, no tema “A Criança”).

O **Foto-jornal**, *Anuário Português de Fotografia*, edição Foto-jornal, incluiu desta vez dois trabalhos a cor e dois siba cromos (das tais fotos tiradas no Brasil).

1986

11.ª exposição individual: Trás-os-Montes, o norte de Portugal

Foi montada e esteve aberta ao público de 18 a 24 de Agosto na Escola D Luís de Castro, em Braga, ali quem começa a subir para o Bom Jesus.

- Concorreu ao 37º Concours Ibérico, Troféu PELL, em Espanha.
- Participou na 15.ª Semana Internacional dei Cine Naval y del Mar, em Cartagena, Espanha, em Novembro.
- Foi-lhe atribuído um prémio do Concurso Fotográfico SOUIBB, sob o tema «Qualidade de Vida», concurso aberto a todos os médicos residentes em Portugal sob o tema “A liberdade de voltar a viver” Os trabalhos tiveram de ser apresentados até Fevereiro e foram depois expostos no VIII Congresso Português de Cardiologia.

1987

Promove a 1.ª EXPOAFCA - de 9 a 14 de Março, em Braga. Este evento teve características

multimédia, vídeo, cinema, fotografia, exposições e música. No Hotel Turismo, para se referir apenas a parte ligada à fotografia, inaugurou-se uma exposição dos «fotógrafos da AFCA»: Aníbal Sequeira, António Cunha, Carlos Fontes, Henrique Botelho, Miguel Louro, Renato Roque, Rui Prata, Silvestre Santos. Este evento, que fora concebido com raízes para uma reatualização anual, esteve seguramente na origem de um outro movimento a que se veio a chamar, por inspiração dos encontros de Coimbra, os Encontros da Imagem, em Braga. Sem qualquer espírito de recolher louros, Miguel Louro, por ter sido promotor de vários salões de fotografia, considera-se um dos impulsionadores do movimento que está na origem destes «Encontros da Imagem, de Braga, a partir de 1987. Estes encontros, que se têm sempre excedido em ambições, seja as de mostrar a obra de fotógrafos, seja as de fazer a crítica de portfólios, seja as de incentivar a formação de novos autores, fazem parte já da paisagem cultural da cidade de Braga. Um homem fica feliz por si e por quantos trabalharam neste sentido!

Neste ano,

- Miguel Louro concorreu ao II Salão Nacional de Fotografia do Hotel Mendien, no Porto, em Junho, ao tema 'Turismo - cor' e ao "Tema 1", a preto e branco.

E em Junho foi a *Les Rencontres D'Arles*, claro está, a França, com Rui Pratas, Carlos Fontes e Luís Fontes, como quem vai a um santuário de revelações, como quem precisa de um «Caminho de Santiago» para a fotografia. Em Arles atribuíam-se o *European Kodak Award, Grand Prix Européen de la Photographie* concebido e organizado por esta multinacional. Em Arles frequentavam-se ateliers, em Arles encontravam-se os autores de referência. Foi em Arles que Miguel Louro reencontrou Philippe Saalum, e este um ano depois marcava Arles como lugar de novo encontro. Foi em Arles que assistiu à promoção e ao lançamento da revista *La Recherche Photographique* cujo chefe de redacção era André Rouillé, revista que passou a adquirir e a estudar.

Neste ano, o Museu da Casa Nogueira da Silva informava que iria promover exposições de fotografia num novo espaço das suas instalações, o átrio anexo ao auditório. Essas exposições seriam constituídas por portfolios de autores, entre 10-12 fotografias, eventualmente complementadas com projecções de diapositivos.

A publicitação concluía:

«A Iniciativa agora anunciada é, pois, um complemento actual deste interesse pela fotografia e da sua valorização como veículo de expressão artística, como fonte de informação e como suporte e instrumento técnico de inestimável importância nos nossos dias».

De 5 a 15 de Novembro tiveram lugar os 8.ºs Encontros de Coimbra, onde Miguel Louro contactou com esse grande fotógrafo mexicano Manuel Alvarez Bravo (1902), de quem possui uma foto autografada. As conversas referem-se porque nelas residem, como foi 1.º caso, sementes de aprendizagem, procriadoras mais tarde, pormenores que ficam adormecidos na cabeça da gente até um dia.

De 20 de Novembro a 22 de Janeiro de 1988 anunciou-se em Braga um ciclo de conferências e exposições sobre Tibães, ocasião em que Miguel Louro apresentou a sua.

1988

12.ª exposição individual: o mosteiro de Tibães

Aberta desde Novembro até Janeiro deste ano, na Galeria do Museu Nogueira da Silva, em Braga. Miguel Louro fez também as fotografias para o prospecto de promoção desta exposição. Algumas das fotografias tinham sido já utilizadas para lustração do artigo de Aurélio de Oliveira (1988) - «Tibães e os Caminhos do Barroco», revista *FORUM*, n.º 3, Maio, Universidade do Minho, Braga.

Miguel Louro vendeu ao IPPC todo o material fotografado sobre o Mosteiro de Tibães, com positivação de todos os negativos e elaboração do respectivo ficheiro. Desta colecção salvou algumas provas a selénio e sépia para os amigos (D.ª Irene Borges de Araújo, Eng.ª Nuna, pintor

Nuno Barreto, Dr. César Valença, Dra. Aida Marta e exmo. capelão do Hospital de S. Marcos, Padre de Vila Chã).

Fez também a ilustração fotográfica documental do prospecto do Instituto Português do Património Cultural - Mosteiro de Tibães, Braga, 1988. No ano seguinte, realizou um diaporama sobre o quotidiano do século XVIII, também para o Mosteiro de Tibães.

Executou 12 postais a cores sobre o Museu dos Biscainhos.

Voltou a visitar os XIXes *Rencontres Internationales de La Photographie*, em Arles, que neste ano foram dedicados a três grandes temas: a China, a dança e a publicidade.

Visitou igualmente as *Journées de L'Image Professionnelle*, em Fontvieille, em França, de 5 de Julho a 15 de Agosto. Aqui teve a oportunidade, numa das oficinas do encontro em que os fotógrafos tinham a disponibilidade de um modelo, de fazer uma série de fotografias de nu integral, que conserva nos seus arquivos pessoais.

• Neste ano recebeu uma Menção Honrosa no certame promovido pela Câmara Municipal de Braga sobre o Bom Jesus.

Organizou a exposição de Manuel Magalhães «*Fotografias*», no âmbito das suas actividades na Galeria da Universidade do Minho - Fototeca do Museu Nogueira da Silva. No Hotel Turismo de Braga, organizou uma exposição colectiva com fotógrafos de Braga, Porto e Lisboa.

A concretização de projectos pessoais 1989- 2000

1989

Foi o ano de ruptura com a AFCA Miguel Louro, então desanimado com o rumo de algumas perspectivas de trabalho naquela associação, a que dedicara alguns dos seus anos mais generosos, apresentou novos projectos de exposições, para o Museu Nogueira da Silva, no âmbito das suas funções na Fototeca do mesmo. Neste ano, o Conselho Directivo do Museu Nogueira da Silva convidou-o a integrar o Conselho Permanente de Apoio ao Museu, destacando a sua colaboração à fototeca do mesmo e agradecendo os apoios que já vinha a prestar à Casa há alguns anos.

«O Bom Jesus de Manuel Carneiro» - Foi no Bom Jesus, no Hotel do Parque, que Miguel Louro organizou uma exposição, com alguns trabalhos de Manuel Carneiro (1871-1956)(comerciante e

fotógrafo da cidade, da Casa Carneiro, na Rua do Souto), positivando ele próprio os clichés existentes na Fototeca do Museu Nogueira da Silva.

«Considero a fotografia o espelho da história. A melhor homenagem que se pode oferecer a um fotógrafo é conservar, publicar, mostrar a sua obra» - Miguel Louro, em Maio de 1989.

1 . Homenagem a Taveira Veloso

Outro dos projectos consistiu na concepção e organização, de 14 de Julho a 20 de Agosto, de uma homenagem ao fotógrafo Mário Taveira Veloso (1943-1983), a qual assentou numa exposição de «50 obras escolhidas e devidamente estudadas e representativas das diferentes fases do artista», na edição de um livro «*Memórias e Imagens*» de homenagem e na entrega à Fototeca, através da celebração de um protocolo entre a família e o Museu, do espólio fotográfico deste malogrado fotógrafo, constituído por largas centenas de documentos.

«No próximo dia 14 de Julho, é depositado na Fototeca o espólio fotográfico de Mário Taveira Veloso que é homenageado a título póstumo. Da homenagem consta uma exposição de cinquenta fotografias do autor, na Galeria da Universidade do Minho, a edição de um catálogo, da responsabilidade do escultor João Machado e do jornalista Jorge Cordeiro e uma série de conferências, com a intervenção de Jorge Araújo, Adolfo Macedo e José Machado.» - testemunhou o Correio do Minho de 14 de Junho de 1989.

A edição de um livro com fotografias de Taveira Veloso e testemunhos de amigos - *Memória e Imagens: Taveira Veloso*, Museu Nogueira da Silva, Braga, 1989 - foi abrilhantada com uma conferência no salão do Museu. Para que o leitor fique com uma representação da obra de Taveira Veloso, reproduz-se uma síntese da comunicação de José Machado:

*«A leitura das palavras de José Reis na introdução ao catálogo sobre **Fotografia por-***

tuguesa 1970- 1980 podem ajudar-nos a formar uma ideia geral sobre as concepções dominantes nos vários estilos de fotografar desta década, o que acaba por se aplicar pertinentemente aos trabalhos de Taveira Veloso.

“Constatamos fotografias que explicitam claramente qual é o assunto principal, e interrogamo-nos perante outras que são evasivas, ambivalentes, relativas, centrifugas ou insólitas. Imagens que descrevem e conotam. Que fazem apelos, que pretendem agitar, chocar ou relatar, ou antes pelo contrário não pretendem dizer nada de definido. Visões do mundo próprias de ideologias baseadas em certezas ou fundadas em dúvidas.

Podemos apreciar fotografias fáceis, emocionantes, quentes, abertas, explícitas, juntamente com imagens difíceis, frias, reservadas e enigmáticas que se aproximam da incompreensão e do vazio. Ora as significamos intelectualmente, ora as interpretamos sensorialmente”.

De facto, o conjunto fotográfico de Taveira

Veloso, que nos mereceu análise, insere-se perfeitamente nesta síntese representacional da fotografia da década de setenta. Todavia também pensamos que o seu modo de expressão pessoal, talhado entre a fotografia descritiva e a fotografia sugestiva, para usarmos as palavras de José Reis, uma e outras obtidas a partir da manipulação maior ou menor de meios técnicos, mas ambas feitas com a paixão das grandes causas, pensamos, dizíamos, que o seu modo de expressão pessoal se fundava na concepção da fotografia como limite, isto é, a fotografia como princípio e fim, como chegada e partida da interpretação do mundo, ancorada numa identidade de traços históricos, mas indeterminada e aberta quanto à construção do futuro, seja para o autor, seja para o receptor. E se a perspectiva descritiva, na dupla dimensão de documentário e de fonte indutora de novos significados, acabou por prevalecer, pondo-se ao serviço da defesa dos valores patrimoniais e da preservação ecológica do ambiente, tal não significou que se quedasse por tão no-

bres causas tanta vontade de conhecimento e de experimentação por parte do fotógrafo que foi Taveira Veloso, o qual escreveu: «a fotografia é a moldura - sempre em estilo retalhado de passado e futuro -que abraça, em íntimo, tudo o que é vida» (Fevereiro de 1977 /Exposição Individual em Viana do Castelo)» - José Machado, Taveira Veloso: a fotografia como princípio de comunicação, Braga, Julho de 1989, conferência no Museu Nogueira da Silva.

2. Braga: dois registos

Outro dos projectos, mas este ainda não concretizado, mantém-se em “*stand-by*”, consistiu na concepção, juntamente com José Machado, de uma exposição sobre a cidade de Braga, usando uma metodologia comparativa: colocar em paralelo os “*clichés*” de Manuel Carneiro e fotografias tiradas na actualidade por Miguel Louro aos mesmos lugares, numa aproximação possível de ângulos de visão e de pontos de vista, Tal exposição, denominada «Braga: Dois

registos fotográficos (1899-1989)» não chegou, contudo a realizar-se, embora estivessem reunidos os materiais e elaborado o texto reflexivo.

Porque os 25 anos de actividade fotográfica de Miguel Louro não podem ser considerados fora das suas esferas familiares, a dos pais e a dos tios cumpriram sempre as suas funções germinadoras e motivadoras, a da esposa e filhas mantém-se como princípio de vitalidade, aproveita-se a incompletude deste projecto para dar ao público uma carta inédita de seu tio Vítor de Sá Ela constitui um documento pessoal de inegável interesse para as memórias da cidade de Braga. Foi-lhe solicitada pelo Dr. César Valença, a pedido do Miguel, para incluir no trabalho «Braga: Dois Registos», trabalho que o próprio Vítor de Sá teve a oportunidade de ler e de comentar. Da carta que acompanhava o texto:

Rio de Mouro, 18. V. 90

Dr. César Valença, Caro amigo e Colega O seu amável convite que ontem, chagado do Porto, me veio ás mãos, apanhou-me de maré.

Foi um desafio à memória. Peguei na caneta e deixei deslizar sobre o papel: sem plano, sem preocupação estilística, a correr ao vento de tempos idos. (.)

O texto

«A Braga da minha infância já pouco tem a ver com a cidade actual. Então era um pequeno núcleo urbano, sediado sobretudo no velho centro histórico, com algumas extensões mais alongadas, estas resultantes do prolongamento do eixo viário que radiava em múltiplas direcções: Porto, Barcelos, Ponte do Uma, Arcos de Valdevez, Chaves, Guimarães e Famalicão (pela Fábrica do Pelo, dizia-se então).

Essas extensões urbanizadas ao longo da saída das estradas davam à planta da cidade a forma de uma estrela. Via-se bem, por exemplo, do alto do Picoto. A impressão que me dava era a do campo a cercar a urbe, esta com as suas pontas radiais a exaurirem-se sob o impacto dos verdes florestais e campestres. As torres

sineiras das igrejas destacavam-se como pontos mais elevados da malha urbana, além de duas ou três chaminés fabris para os lados de S. Vítor. A rua d'Água (eixo nuclear da que é hoje a imponente Avenida da Liberdade), parecia um fiozinho que, do Teatro Circo para baixo, interrompia os verdes das grandes quintas que floresciam à esquerda e à direita.

Quando cheguei à cidade, pelos meus oito anos, o transporte urbano por excelência era o carro eléctrico, em cruzamento de linhas: uma de Maximinos aos Peões, com seguimento até ao elevador do Bom Jesus, também ligava da estação ferroviária ao centro da cidade; outra, no eixo norte-sul, descia do Monte d'Arcos à Ponte, seguindo pelas ruas de S. Vicente, Chãos, Praça da República (a Arcada como ponto de cruzamento de todas as linhas), e depois a estreita e comprida rua d'Água.

Passavam mais ou menos de quarto em quarto de hora, de meia em meia para o Bom Jesus.

Ruas com algum movimento, ainda assim so-

nâmbulo, eram as que integravam o eixo Maximinos - Arcada, rua dos Capelistas e de S. Marcos, Chãos, S. Vicente. A de Camilo Castelo Branco e a de Santo André tinham menos movimento. Populares eram as de S. Vítor e D. Pedro V, Maximinos, Cónega e a dos Pelames, como também nas proximidades da igreja de S. Vicente e na rua de S. Domingos. Áreas onde se instalava a pobreza dos que trabalhavam e dos desempregados da indústria de chapelaria.

Já o Campo da Vinha e a Avenida Central eram mais espaços abertos do que praças públicas movimentadas. E as grandes ruas que há um século apontavam para o crescimento da urbe, mas eram apenas traçados, nessas era o ver se lá vem um.

Refiro-me concretamente às ruas do Raio, Dom Bartolomeu dos Mártires (parte alta), D. Afonso Henriques, Santa Margarida, Gabriel Pereira de Castro. Comecei por morar numa dessas ruas, a de Santa Margarida, onde se instalava uma certa burguesia enriquecida no Brasil. O movimento era tão pouco que dava para acom-

panhar com o olhar o percurso demorado de cada passante. Assisti à construção do Seminário Conciliar, com pedra arrancada do sopé do Monte de Guadalupe, um belo logradouro. Havia uma zorra, cujos trilhos atravessavam a rua, e a extracção da pedreira deixou um grande buraco onde hoje estão edificadas os prédios que fazem esquina com a rua Luís de Camões. Os instantes de animação eram as horas de passagem para a escola (primária de S. Vitor) e para o Liceu (Sá de Miranda), ou então, em alternativa, os cortejos fúnebres, que se faziam a pé, às vezes mesmo sem acompanhamento, quando o enterramento era de pobres que iam numa carreta de rodas, fechada a panos e puxada a quatro homens (ou dois?). (Às vezes entrevistavam-se os pés descalços dos defuntos).

Como se vê, não são muito gostosas as lembranças da minha infância bracarense. Só quando das festas do Espírito Santo, S. João, Santa Marta e S. Bento da Porta Aberta é que a cidade era atravessada por grupos garridos de rurais que cantavam e dançavam.

Ou então uma por outra festa académica, e também corridas de touros, que as havia num campo dos Peões, que mais tarde serviu também de campo de futebol. Uma vez deu-se a fuga de um touro e foi o pânico na cidade. Veio a ser apanhado e abatido numa viela para os lados de Maximinos, isto é, no lado oposto da cidade. Creio mesmo que foi desde então que deixou de haver tauromaquia em Braga, cujas tradições remontavam pelo menos há um século (D. Miguel assistiu a uma corrida na praça do Município, da varanda do palácio de D. José de Bragança, hoje fachada da Biblioteca Pública)... Carros de bois, charretes, cavalos e carros de mão foram meios de transporte vulgares na cidade e no seu centro até meados do século. A rede de esgotos e saneamento foi instalada em fins dos anos trinta. Lembro-me que os despejos acumulados nas residências só podiam fazer-se depois da meia-noite, e para isso eram contratados lavradores dos arredores, que vinham buscar o estrume em carros de bois e pipas velhas. Eram operações incómodas e de maus cheiros, que os vizinhos tinham de suportar.

Também me lembro, mas de um modo muito vago, de algumas récitas de teatro popular no Teatro Circo, uma espécie de reizeiros, ou em carros deambulatórios pela cidade, como ainda hoje acontece com o carro do Rei David no S. João. Mas as tradições de vida e animação da cidade, de que ouvia falar, nomeadamente as grandes revistas de teatro e os saraus dançantes do Ateneu Comercial, tudo isso foi desaparecendo à medida que eu crescia. Os anos de 1930 foram para Braga anos de solidão e tristeza, começados em 1929 com a falência abrupta do Banco do Minho. Depois vieram os anos de 1940 em que a cidade era atravessada às quintas-feiras por imensos cordões humanos, que eram os seminaristas vestidos de preto no seu passeio semanal. Desde os mais novos do seminário da rua de S. Domingos, aos do Montariol e do Espírito Santo, de São Tiago, São Barnabé e os do Conciliar da rua de Santa Margarida. Estes últimos distinguiam-se pela faixa policromada que traziam à cinta. Milhares de jovens que não tinham naquele tempo outra alternativa para a vida rude dos campos, donde geralmente provinham.

Nota dominante na Braga da minha infância foi também a tropa. Era uma cidade de brasileiros, seminaristas e militares. Além, claro, de comerciantes, senhorios de terras, e funcionários públicos. Os grandes regimentos de cavalaria e infantaria, além de outras unidades, quartel general, hospital militar.

E banda regimental, que aos domingos e quintas-feiras, no Verão, davam concerto público no coreto da Avenida Central.

Então a cidade estratificava-se: próximo do coreto, as pessoas bem, instaladas em cadeiras de lona; os bancos públicos de madeira eram aproveitados pelos pelintras com sorte; no passeio interior do lado norte passeava ainda a gente fina; do lado sul, os funcionários, empregados, pequenos comerciantes; ao centro brincavam as criancinhas; e nos passeios exteriores da Avenida, os que davam com menos luz, para as faixas rodoviárias do Norte e do Sul, aí passeavam os mais modestos e envergonhados, os parentes pobres, uma ou outra criadilha transviada ou

galuchos mais atrevidos. Esse era o organigrama dos estratos sociais dominantes da Braga da minha juventude. O resto era povo, pó e moscas. Operários não eram sequer gente. Mas era uma cidade também de muitos e classificados contrastes.

À margem dessa estratificação, havia a juventude que namorava, as piedosas que acorriam aos templos, os toques dolentes (só às vezes festivos) dos sinos, as sirenes das fábricas e o fumo das chaminés, as saídas garridas das escolas, a soleníssima Quinta-Feira Santa, os escândalos conjugais (ou não), e o latim dos brácaros... enfim, uma linguagem ancestral da região.

Falei há pouco do palácio de D. José de Bragança, a velha residência arquiépiscopal, que sofreu um incêndio na segunda metade do século passado. Acabado de desocupar quando a República agasalhou o chefe da igreja bracarense na residência actual da rua de Santa Margarida, lembro-me desses espaços antes da restauração do grandioso edifício, ocorrida nos anos

30/40, para lá ser instalada a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital.

As edificações fronteiras ao Largo do Paço, que não tinham sido afectadas pelo incêndio oitocentista, eram então, nos anos 1920/1930, ocupadas pelo Quartel General, Distrito de Recrutamento Militar, Centro de Comunicações e, mais tarde, depósito de marcos miliários, tudo isto na ala poente. Na ala central era o Tribunal Civil. Recordo-me de ver réus a aguardar audiência, presos nas salinhas com grades de ferro laterais à escadaria que dá acesso ao salão nobre, onde o tribunal funcionava.

O quadrilátero fronteiro, que tem ao centro aquele riquíssimo chafariz, era ajardinado em formas geométricas que acolhiam também alguns marcos miliários e outras pedras posteriormente transferidas de lugar. Junto à rua havia um gradeamento alto, com dois portões também gradeados. Pelo do lado de baixo entravam e saíam diariamente as carroças que transportavam o lixo da cidade e o depositavam - sabem onde? Exactamente no interior do

palácio, pelo lado de trás, junto das ruínas, no terreiro que hoje dá para o Salão Medieval. No andar superior vivia um militar com a sua família, o velho e honrado sargento Acácio que tinha duas filhinhas com quem brinquei. Recordo-me de muito mais tarde o ter encontrado já octogenário, mas ainda trabalhador e sempre bem disposto. Gente de boa raiz.

Esse foi, assim esquarterado, o palácio da minha infância. À fonte pública do palácio acorriam durante o dia mulheres e cachopas a encher o cântaro de água. Era também o quarto de-hora para transmitir o jornal oral da vizinhança e traspicar namorados furtivos.

Palácio polivalente na tragédia do tempo, pode assim chamar-se esse que começou por ser sede arquiépiscopal, depois quartel general, tribunal criminal, aterro sanitário, depósito arqueológico, arquivo distrital, biblioteca pública, e agora a sede, aliás muito digna, da Universidade do Minho. O eixo à volta do qual, portanto, girou a lúgubre cidade dos anos de 1930 até à juvenil urbe actual que rompeu com as malhas

e o escolhos da sua ancestralidade, agora com raízes para o futuro.»

3. A «exposição» como encontro de saberes

O amadurecimento das actividades traz consigo a relação dos saberes, a vontade de andar com outros, a mistura de pontos de vista, a contaminação das poéticas. Miguel Louro entrou numa fase em que a exposição *tout court*, isolada numa sala, ganha outros sentidos se for associada à conferência, ao debate de ideias, à mistura com outras linguagens. O movimento já vinha de trás, mas ganhou mais autonomia.

Foi o caso da organização e direcção da Exposição de Fotografias «O Bom Jesus Contemporâneo», no Bom Jesus, em Julho e Agosto, organização conjunta do Museu Nogueira da Silva e da SOPETE, Hotéis do Bom Jesus, com a participação dos fotógrafos João Paulo Sotto Mayor, Manuel Miranda, Manuel Valente Alves e ele próprio. O próprio cartaz fazia-se sintoma

desta perspectiva: fora concebido pelo arquitecto Jean Pierre Porcher e consistira numa intervenção gráfica sobre uma fotografia de Miguel Louro; anunciava a série de eventos: fotografia, pintura, música, seguida da série de autores e intervenientes: Manuel Carneiro, João Paulo Sotto Mayor, Manuel Miranda, Miguel Louro, Valente Alves, Francisco José Simões, Vieira da Silva, Nova Filarmonia Portuguesa, Fototeca do Museu Nogueira da Silva, Universidade do Minho.

«O que era o Bom Jesus há cem anos e o que é hoje, é uma comparação possível graças a uma exposição de fotografias que vai ser promovida pela Fototeca do Museu Nogueira da Silva, no âmbito do 2.º aniversário da reabertura do Hotel do Parque, nesta estância. (...) A organização da exposição está a cargo de Miguel Louro, membro do Conselho Permanente do Museu Nogueira da Silva e do certame, que é inaugurado com conferências do cónego Manuel Azeredo e do Professor Doutor Aurélio Oliveira, e resultará na edição de doze postais com pitorescas imagens do Bom

Jesus antigo e outros tantos ilustrando-o na actualidade.» - Noticiou o Correio do Minho, de 13 de Junho de 1989.

Sobre as fotografias desta exposição «Braga - O Bom Jesus do Monte», que José Machado sintetizou em «Quatro modalidades» de ir, outras quatro de lembrar: Visitar/Recriar; Vaguear/Evocar, Demorar/Assistir, Seduzir/ Reviver, transcreve-se a prosa sobre a participação de Miguel Louro: Seduzir/Reviver:

«Do alto se vê um baixo, artificialmente ampliado, para melhor se saber de onde se trouxe um pretexto de a nada vir cá em cima ... a menos que do bosque surja uma sombra fugidia, ou detrás das rochas apareça a razão de as fontes serem sempre frescas, ou a menos que de entre as fiores se veja um sítio de sossegado amor. Se este for o espaço da aventura, es estátuas de pedra acabarão por sabê-lo, personagens que são de um calvário partilhado, sempre de tardia aceitação, antecedido que foi da festa e da orgia. Se este for o espaço do

apelo á loucura amorosa, seja ela fantasia-da transgressão ou voluntária repetição de gestos púdicos, as pombas hão-de aceitar poisá-/o e dele erguer um voo breve, instante imagem de momentos que a saudade contará serem tão poucos. Se este for o cenário apetecido de uma história tão comum, os passos das escadas revelá-lo-ão. Aqui se voltará para dizer de outra maneira como foi a vez primeira de todas as que depois se desejaram. Aqui se guardarão os lugares e as esquinas de maior sentido, insignificantes que sejam para outros. Aqui se v1rá dar conta dos anos que ao olhar ensinam a nunca ver igual o que mais vezes se procura. Entre o cimo e o baixo, em ritmo lento ou célere se figura a vida, que a uns subir parece mais liberto que descer, mas este a outros é mais calmo. Ao alto se vai e de lá, por se ter visto, se ganha a ideia de querer de tudo ser senhor, ilusão que há-de ficar presa de engenhosa maquina, marca permanente do lugar.» - José Machado, Maio, 1989.

No seguimento desta exposição, Miguel Louro preparou a edição de duas colecções de postais sobre o Bom Jesus, uma para o Museu Nogueira da Silva com fotografias de Manuel Carneiro, e outra para os Hotéis do Bom Jesus, com trabalhos dos 4 dos fotógrafos convidados.

Na qualidade de membro do Conselho Permanente do Museu Nogueira da Silva, promoveu a exposição John Anthony *Peoples of The Nkalaany*, num trabalho de animação que confirmava os objectivos que se propusera levar a cabo na AFCA.

1990

- Dado «*O excelente nível artístico demonstrado noutros certames*», foi convidado a participar na Bienal Internacional de Fotografia de Vila Nova de Gaia.
- Marcou também presença em Cartagena 90, na XIX Semana de *Cine Naval y del Mar*, cuja temática era precisamente “*El Mar y su entorno*”.

1991

Voltou a: visitar os XXII Rencontres Internationales de la Photographie, em Arles. Miguel Louro está representado na colecção de arte da Ordem dos Médicos do Porto, tendo colaborado numa exposição de promoção da candidatura a Bastonário do Professor Doutor Machado Macedo.

Mais uma vez, no contexto dos Encontros de Coimbra, contactou com o fotógrafo Andreas Muller-Pohle, um dos autores em exposição nos encontros, contacto este que se aprofundou numa “boleia” para o Porto e que resultou na subscrição, pelo Miguel, da revista que o Muller-Pohle dirigia, *European Photography*, mas, mais do que isso, no empurrão decisivo para a adopção de uma nova perspectiva estética sobre a fotografia, a do experimentalismo abstraccionista, numa procura mais radical de intervenções estéticas. Esta “boleia” esteve de alguma forma na génese da *série manipulata*.

1992

Em Abril, Miguel Louro participou na I Exposição «A Arte e o Médico», em Vila Nova de Gaia, organizada pela Direcção dos Centros de Saúde e a Autoridade Sanitária deste concelho.

Fez a colecção de fotografias, para capa e ilustração da obra, de *Casas Armoriadas do Concelho de Arcos de Valdevez*, vol. II, Ed. Da CMAV, 1992.

Neste ano, a sua correspondência de Boas-Festas foi à base das fotografias do Bom Jesus, recurso que fica bem a um fotógrafo, não só para divulgar a sua obra, mas acima de tudo para interessar os olhares pela fotografia.

1993

Fez as fotografias para o prospecto publicitário da colecção Primavera-Verão 1993, da MENSHP.

Participou como formador e conferencista no

programa de formação fotográfica da responsabilidade de Jorge Viana Basto, organizado no Centro de Fotografia dos Serviços do Porto do Instituto da Juventude, em 1993/94.

19.ª exposição individual: série manipulata

Esta *Série Manipulata* (intervenção do modelo sobre as fotografias), que Mário Dias Ramos considerou «*Um erotismo de contrapartidas*», pretendeu ser um trabalho diferente dos anteriores, ainda que alicerçado em experiências e aprendizagens já ensaiadas. Foi inaugurada na galeria 1.3.5. de 7 a 30 de Maio.

A notícia do encerramento da exposição nesta galeria fazia acompanhar algumas fotos com poemas de Mário Dias Ramos e lembrava aos leitores que este projecto de Miguel Louro já vinha de longe, mas só agora fora possível concretizá-lo.

Lembrei-me de usar uma técnica que, ao fim e ao cabo, vem do início da fotografia, já que a primeira fotografia a cores não foi outra coisa senão a coloração manual de

uma fotografia a preto e branco. Por que não voltar a esta ideia inicial? Por que não entregar ao modelo, neste caso alguém com sensibilidade e com preparação técnica, a criação da própria coloração da foto?

Este trabalho de Miguel Louro mexeu com os gostos do público, foi elogiado e vituperado, em extremos de críticas emocionadas e esteticamente comprometidas, críticas que ao fim e ao cabo revelaram a existência de inextrincáveis laços entre a fotografia e as ideologias, provando que não há olhares isentos, que onde um sujeito descobre talento, logo outro aponta a ‘manipulação’ inconsciente do material produzido. Mário Dias Ramos, num texto motivador a que deu o título: «Um erotismo de contrapartidas», pressentiu as reacções do público e desejou mesmo que este trabalho «agitasse os espíritos adormecidos e perplexos». Escreveu ele:

«Consta que um daguerreótipo anónimo de 1843 exhibe, em medalhão, um homem e uma

mulher coloridos posteriormente à mão. A informação é-nos dada por Roland Barthes no seu livro ‘La Chambre Claire’, Éditions Gallimard, Paris, 1980. Cento e cinquenta anos depois, Miguel Louro, na sua «Série Manipulata», convida a mulher que lhe serviu de modelo para, posteriormente, pintar sobre as fotos do Artista, as zonas do seu próprio corpo - manipulare, isto é, preparar com as mãos um produto aqui prefigurado pela fotografia de um corpo de mulher nua.

Cumplicidade entre fotógrafo e modelo? Mas uma cumplicidade repartida, sim, entre a máquina do Art1sta e a mão do objecto fotografado - a mulher nua. Por outras palavras, a anatomia no anfiteatro: os olhos que retêm o corpo, as mãos que o manipulam, um corpo revisitado, um erotismo de contrapartidas. Há aqui uma conjura. E há aqui um exorcismo. A conjura está nas mãos que manipulam a máquina; o exorcismo nas mãos dos dois, fotógrafo e modelo. Corpo duplamente acariciado (ou agredido?), não importa, pelo fotógrafo que, depois, oferece ao modelo o seu

próprio corpo para que este, por sua vez, o decore assinalando-lhe o ‘punctum’, isto é, o pormenor. E é aqui que reside a essência dessa «Série Manipulata». Este notabilíssimo trabalho de Miguel Louro é um poema de alquimista. Confirmando a maioridade de uma arte fotográfica dissecada, esteticamente controlada, um trabalho para agitar os espíritos adormecidos. E perplexos. É o que é preciso.»

Neste ano, Miguel Louro fez a colecção de fotografias, incluindo as reproduções, para o livro de Eduardo Pires de Oliveira, *O Edifício do Convento do Salvador - de Mosteiro de Freiras ao Lar Conde de Agrolongo*, Braga, 1994.

Em 1994, um grupo de pessoas interessadas na fotografia avançou com a ideia de organizar um clube, mas a coisa deu em nada.

1995

A *Série Manipulata* (intervenção do modelo sobre as fotografias) foi exposta, em 31 de Março,

na Galeria do Monumental Casino da Póvoa de Varzim e foi depois inaugurada no Clube Artes 50, em Lisboa, de 30 de Junho a 30 de Julho. A fotografia de Mário Dias Ramos no Jornal *Correio do Minho*, em Maio de 1995, foi obra do Miguel.

1996

Aqui se deixa um voto de louvor à iniciativa e à prossecução dos *Encontros da Imagem - 10 anos - 1986/1996*.

“A fotografia (em especial aquela que se considera como arte), manifesta de múltiplas formas a sua chegada ao mundo da ficção, as quais são tanto rupturas com a ordem prévia, como experimentação sobre limites. O mero registo de uma cena, de um objecto ou de uma paisagem, deixou de ser a regra»- André Rouillé, no livro-guia das exposições dos encontros.

Participou na exposição de fotografia e pintura de médicos artistas, na Casa dos Crivos, em Bra-

ga, de 22 de Junho a 4 de Julho, organizada pela secção distrital de Braga da Ordem dos Médicos. Fez a fotografia da capa da revista da Câmara Municipal de Braga, n. 0 6, Dez/Fev., 1995/96, que assinala os 20 anos de actividade do executivo presidido pelo senhor engenheiro Mesquita Machado.

Fez as fotografias para o livro de Maria Adelaide Valente, *O Sorriso do Anjo*, Ed. APPACDM, Braga, 1996.

1997

14.ª exposição individual: texturas

Teve lugar no salão da Associação Comercial de Braga, com entrada pela Rua do Souto e transparência total para a Praça do Município. Fez-se a exposição e lançou-se um livro singular, uma plaquette, como lhe chamou o autor, Miguel Louro, ou conjunto de *Seis poemas com destino* de Mário Dias Ramos inscritos sobre as texturas do fotógrafo, algumas delas coloridas pelo processo de «viragem», técnica que o au-

tor aprendeu por si e pelos livros e que consiste na re-oxidação dos sais de prata por outras substâncias químicas que dão a cor. Os poemas ficaram a ler-se sobre uma textura de escrita e o livro aparelhou-se com fio vermelho, no seguimento da própria linha do destino. Foi obra de Miguel Louro, exercício criativo que selou uma amizade com Mário Dias Ramos. Há encontros felizes!

A abertura da exposição foi *sui generis*, e não só pela presença de autoridades civis e eclesásticas, ou de um número elevado de amigos e de *compagnons de route*. O autor dos poemas foi apresentado por João Velhote. Os trabalhos do fotógrafo foram analisados por José Machado. A cerimónia inaugural contou ainda com a intervenção musical de Gustavo Brandão e a leitura dos poemas de Mário Dias Ramos por Braga Amaral.

Do texto de José Machado, para uma compreensão de alguns sentidos de Texturas:

«Mas como procurar então os sentidos e que

sentidos procurar? Contemos uma história, a mesma: no princípio era a escolha assumida do preto e do branco, ou seja, era a aceitação do poder da luz que, reflectindo nas coisas e entrando em uma curiosa máquina as recriava, agora em uma texturada película de papel preparado, segundo as ordens e disposições de um sujeito em viagem e devaneio por lugares de curiosidade múltipla, feito também revelador e impressor da sua própria obra. O resultado foi este, o de vermos agora em correria de olhar, na horizontalidade mais propositadamente monótona, uma série de evocações de coisas e de estados de espírito, em ritmo de diversidade, que se fulguraram aos olhos e às experiências fotográficas do sujeito viajante como possuidores de um grau elevado de beleza, aqui sempre entendida como bem estar perante o objecto fotografado.

E donde vem este bem estar ou olhar tranquilo? Onde sossegam meus olhos? Sossegam na voragem de ver De ver, guiado pela força

narrativa das linhas, das nervuras, das margens, das manchas, dos tamanhos, das transparências e das reflexões, das fracturas, dos sulcos, das espessuras, das parencas e das analogias, das assimetrias e dos contrastes, que as coisas fotografadas possuem Entrando em diálogo com o acaso - como se conversássemos também com o tecto do mundo, para me valer de Saramago em Todos os Nomes - poderíamos tomar a pergunta: que viu nesta tão natural quanto involuntária disposição das coisas, que viu nestas marcas e combinações do tempo, que viu aqui o fotógrafo que o tenha surpreendido tanto? Que vemos nós, afinal? Viu, antes de mais, um bom remédio para as horas de tédio e para os males ou enxaquecas do mundo, tomou para si mesmo o sentido da terapia que se inscreve na contemplação, viu para dentro e para fora de si a força indutora das palavras que faltam

Em tempo de conflitos e de derrapagens ecológicas, em tempo de emergência de primitivismos culturais e de empréstimos obrigacio-

nistas ou de trocas livres de toda a espécie de parafernalias, importam estes gestos de procura de momentos íntimos. Retirar do quotidiano das experiências aquelas que fixam os momentos ou instantes da relação da pessoa com as coisas, descobrindo nelas superfícies de contacto, de contacto táctil, visual, cinético, mas também simbólico, é tarefa de testemunho, congratulante q.b. para nossa própria estima.

Remontaremos, na história da fotografia, tão recheada de “poetas armados de um aparelho fotográfico”, a Alfred Stiglitz (1864-1946) no período de 1900 a 1920, cujas fotografias da natureza procurava que correspondessem a estados de alma, e por isso as nomeava de “equivalências”; mas também deveremos citar Edward Weston (1886-1958), no período de 1920 a 1940, que fotografou as texturas e as variações das formas; ou citaremos Ansel Adams, ou Minor White, de 1940 a 1960, pois para este último o trabalho do fotógrafo deveria ser o de “transcender o tangível

para atingir o intangível”, transformando-se assim o objecto fotografado em metáfora de outra coisa (as equivalências metafóricas ... na sequência de Stiglitz): “as formas e as texturas dos objectos sobre os quais incidiu a sua objectiva não são de facto senão metáforas de um clima particular, dum dada emoção” (219), assim escreveu um crítico sobre a sua obra. (Vidé: Les Grands Photographes, 1840-1960, (38 ed. Francesa) 1976, Time-Ufe International (Nederland) B. V.)

Não estamos perante um trabalho de conceptualização e de argumentação fotográficas de fundo, em torno de um sentido para a estetização do quotidiano, mas estamos perante um trabalho de enchimento discreto dos vazios da rotina do olhar, sobretudo na frequência deste tempo ser muito de passar, ver e nada sentir, enchimento esse que se faz com gestos mínimos da fixação das superfícies, no sentido de as tornar parceiras de outra superfície, a pele física com que nos apresentamos uns aos outros. Tal como Gabriela L/ansa/

descobriu cheios de narratividade os objectos, os lugares, as atmosferas e os sítios da casa, descobrindo-lhes a densidade cultural e patrimonial na criação e educação dos sentidos que cada personagem transporta consigo. (Vd. Um beijo dado mais tarde, Edições Rolim, 1990)» - José Machado, Braga, 1997.

1998

Série Manipulata - exposição no Salão Cuvarrubias do Teatro Nacional de Cuba, em Havana. Tratou-se da inauguração da sua primeira grande exposição temática internacional. A cerimónia inaugural teve a presença do Embaixador de Portugal em Cuba, de representantes das entidades locais, dos órgãos de comunicação social, de individualidades do mundo das artes e do teatro, do Corpo Diplomático. A mostra, que teve o apoio da Embaixada de Portugal em Havana, despertou grande interesse junto dos meios culturais e artísticos cubanos, que elogiaram a qualidade e ineditismo das obras apresentadas.

Participou com «Série Manipulata» na 1.ª Exposição de Artes Plásticas levada a cabo pela Direcção do Centro de Saúde de Esposende, de 10 a 30 de Outubro. Tal evento, segundo a organização, visava «*aproximar o centro de saúde à comunidade, proporcionar um encontro entre os profissionais de saúde e promover os seus próprios artistas*».

1999

Lançamento público da reedição do romance de Mário Dias Ramos, *O Logro*, editora Dafnis, Lisboa, 1999, com fotografias de Miguel Louro, seleccionadas de «Texturas», no Museu Nogueira da Silva, em Braga, no dia 6 de Novembro. Sobre a escolha destas fotografias, José Machado fez uma aproximação:

“Provenientes de um anterior trabalho, cuja exposição pública ocorreu em 1997, e depois de algumas terem sido reinvestidas na edição de uma plaquette com Seis Poemas com Destino, também do mesmo autor, as textu-

ras de Miguel Louro voltam a ser mobilizadas, agora para o romance de Mário Dias Ramos, O Logro. f caso para perguntar. - o que faz o fotógrafo na casa do escritor?

Se no primeiro trabalho o fotógrafo se dispôs a fornecer aos poemas delicadas folhas diferenciadamente texturadas, jogando forte numa relação de fixação da escrita a lugares já possuídos, neste trabalho o fotógrafo aceitou ocupar algumas margens de gozo intervalar (sempre na página à direita) numa narrativa de complexa densidade verbal. Ou seja, desta vez, o fotógrafo jogou forte numa relação de potenciação do prazer do texto.

A fotografia permite não só a captação de texturas, como a sua própria produção, já que estabelece na horizontalidade da superfície impressa a marcação simultânea das diversas camadas que se interpõem com a objectiva. Este poder de criação permite a captação de texturas para realidades que fisicamente a não possuem, como a velocidade, a calma, o

prazer, o nojo, a ansiedade, o conflito, a surpresa, o abismo. Digamos que as fotografias se disponibilizam como campos semânticos, a explorar pelo leitor depois de lhes passar rente com o texto, quer deixando-se seduzir pelo seu poder de ampliação dos conflitos narrados, quer deixando-se desviar pela sua força centrífuga, o que o pode conduzir à representação de lugares ou de momentos porventura excessivos, mas complementares, da ficção.

Estas texturas funcionam como «écrans» cinematográficos, como paisagens da memória, mas também como fio narrativo, possuindo até uma autonomia própria que a própria narrativa se encarrega de satisfazer sem esgotar (são constructos metafóricos e alegóricos, mas dotados de acção própria). Repare-se e viaje-se, desde a capa até à p.123: há uma porta misteriosa que se abre, um percurso que se faz com o corpo e pelo corpo; um ganho de sedução e de velocidade, uma atracção pelo abismo.

O ponto final, que requer a subjugação físi-

ca do livro, para se realizar plenamente, é o eclipse solar completo, mas é também o ponto mínimo de passagem para o outro lado de qualquer vida. Na celebração dos seus vinte e cinco anos de produção fotográfica, este trabalho de Miguel Louro fica a comprovar também a sua capacidade de contar histórias, como se ele próprio também pudesse ter sido o narrador: « ... aqui, frente ao mar de cor surrada pelos temporais que há dias assolaram a costa, medito em quanto tenho sido obrigado a ver, sentir e pensar. (p. 18)».

2000

As viagens são indutoras de projectos. Se já foram aquelas que se fazem em redor do próprio quarto, como é agora o caso desta retrospectiva de 25 anos, são-no mais aquelas que se fazem em redor de outros territórios, no interior de espaços outros que não os nossos. Miguel Louro já viajou bastantes vezes e com certeza voltará a fazê-lo no futuro com mais frequência. O tempo nos dirá o que viu tudo aquilo em que

reparou, com o auxílio da sua máquina pendurada no pescoço. O fotógrafo faz-se recolector de primeiras impressões, que depois trabalhará como segundas, terceiras, múltiplas percepções e expressões do seu modo de ver. Na colectânea que assinala os 25 anos de trabalho do fotógrafo como amador, são já visíveis alguns trabalhos próximos, agora sugeridos, e que logo mais hão-de ser estruturados.

Da viagem ao Canadá, por exemplo, resultou uma recolha intensa de situações, de momentos, de pormenores, de rostos, de casas, casos e coisas, enfim, de "estados de alma", que servirão o fundamento de uma exposição próxima - oxalá na própria Embaixada Portuguesa em Toronto, para onde já enviou provas - sobre os emigrantes portugueses naquelas paragens do continente americano.

De outras paragens e do nosso mesmo espaço matricial hão-de vir a lume, breve, as provas que concretizam a nossa ideia de "assento" num trabalho de visualização paradigmática

deste campo lexical, "coisa" tão diferentemente configurável por quem viaja e por quem permanece.

Será também para um tempo próximo o desenvolvimento desta peregrina ideia na história da fotografia, a de o fotógrafo fotografar o outro que fotografa, numa reposição da gestualidade do poder inerente à arte fotográfica - alguém nos vê a ver outros a ver -, no pressuposto de que atrás de uma máquina está outra máquina e outra ainda e outra, e essa última poderá ser aquela que tudo vê!

De um fotógrafo estamos sempre à espera que nos mostre, que nos faça ver ou rever, que nos alimente de imagens, que nos surpreenda, O fotógrafo é um sujeito criador, síntese que reassume o instinto e a construção como dimensões da obra, mas que a perspectiva num horizonte de sentido, numa abertura de significação, numa intervenção sobre o consenso social, sobre o Mundo.

José Machado

II parte A duração dos instantes

Fernando Capela Miguel Estudo e recolha biográfica
2000 - 2015

Quando a Verdade se afirma...

Quando viajamos à memória activa e verdadeira de um cidadão criador que com o tempo é denominado ARTISTA, fica sempre registado no livro das emoções vários sentimentos, das quais não nos conseguimos livrar, soltar, esquecer!!!

Eu posso falar porque fiz essa viagem, durante um dia e noite e outro, e outro, e outro!!!

Quando descobrimos que nós e os nossos amigos já percorreram o caminho do tempo e chegando ao Presente, peregrinaram já mais Passado do que o Futuro que lhes resta, então assumem uma clarividência existencial que os empurra para uma vontade insubstituível de registar, descobrir e guardar, como se de adeleiros se tratassem, o que os move?!!

Eu posso testemunhar este facto porque me foi encomendado em tempo mínimo, registar a memória máxima do autor, do Artista!!!

E quem é ele?

Miguel Louro nascido num dia de Sol mas ventoso, 30 de Novembro de 1955 por vontade de sua mãe e pai na freguesia da Matriz da Póvoa do Varzim. Há meio século assumiu-se como artista das Artes da Imagem - a fotografia - as suas técnicas e segredos. Fez as suas experiências, afastou os medos e logo, logo se abalançou na divulgação das suas criações e experiências, exposições, provocações, impertinências!...

Eu estava lá!!! Sei que não foi por acaso!!! Quando muito uma magna coincidência que me pôs a assistir e assim testemunhar os primórdios do Miguel Louro quando entrou naquele salão do **FA**, na rua de Stª Margarida em Braga a declarar a sua vontade impertinente de realizar uma tal mostra do seu trabalho com a criação de imagens fotográficas. Foi tal a aceitação, foi tal o êxito, que logo ali foi convidado para partilhar os seus êxitos criativos e seu domínio das técnicas com jovens também interessados em se iniciarem nas Artes da Imagem.

O tempo foi passando inexorável, manipulando as nossas vidas e nos seus interstícios profissionais, a arte e o artista iam construindo novos projectos, novos caminhos, novas aventuras, traduzidas em mega Exposições que desafiavam a criatividade trazendo sempre admirações e surpresas para quem se ia deleitando e fruindo as inaugurações e visitas anónimas que sempre se realizavam.

Caminhos percorridos por Vilas e Aldeias, Cidades velhas e novas, Cooperativas, Bases, Salões de Hotéis e Galerias de Arte oficiais ou até improvisadas, foram espaços inventados de propósito para acolher, para receber o produto de cada momento de criação do autor – Miguel Louro.

Foram dezenas, de repente mais dezenas e já com meio século e mais percorrido, não temos a certeza certa de quantas Exposições foram até hoje acontecidas na vida do artista. É verdade !!! Há pequenas presenças, pequenas mostras e participações, manifestações

de partilha, que se finaram nos escaninhos da memória!...

De repente, são já seis dezenas de anos que se cumprem!!!

Eis pois o artista - Miguel Louro – confrontado com esta vontade única e resistente de registar os momentos documentados da sua vida artística.

Eis pois então, o artista – Miguel Louro – empenhado em partilhar com todos aqueles que querem partilhar com ele, a sua alegria circunstância e vaidade pelo caminho já percorrido, esperando ele que todos nós sejamos capazes de reconhecer em Miguel Louro um Artista Verdadeiro, de facto, com mérito pelo seu desempenho, trabalho e caminho percorrido .

Eis que chega o momento próprio para que todos em uníssono possamos para que seja ouvido pelos mediócrs e distraídos ...

Parabéns Miguel Louro pela tua dávida cultural!!!
Parabéns por estes momentos de glória!!!

Magnanimamente – Miguel Louro – semeou pelos quatro cantos do nosso território e quantas vezes em espaços agrestes, sementes de cultura, alimentação não para o corpo, mas para o espírito que foi alimento substancial para a valorização cultural da cidadania de muitos gentios e vilões que se enriqueceram nas múltiplas visitas à arte de Miguel Louro.

E mesmo que os homens e mulheres continuem incrédulos e ainda não tenham consciência do peso cultural e da História de tal cidadão que é artista da imagem – Miguel Louro – eis, de seguida o percurso cronológico, a colecção de programas e catálogos e até as memórias recordadas, da vida e obra dele - Miguel Louro – que sente um secreto orgulho desta colecção artística de catálogos que dará também óptima Exposição.

Cronografia Artística

- 1975** – Tema Livre, Galeria LV - Braga
- 1977** – Gentes da Apúlia
- 1978** – Crianças
- 1980** – Procura, Porto
- 1982** – Tema Livre - Póvoa de Varzim
- 1983** – Semana Santa
- 1984** – Erotismo
- 1985** – Automóveis Hotel Turismo
- 1988** – Mosteiro de Tibães - Braga
- 1989** – Dois Registos
- 1994** – Série Manipulata - Braga
- 1995** – Série Manipulata - Lisboa
- 1996** – Série Manipulata, Casino da Póvoa de Varzim
- 1996** – Médicos de Braga – Casa dos Crivos – Colectiva de Fotografia e Pintura - Braga
- 1997** – Texturas, Galeria da Ordem dos Médicos, Porto
- 1998** – Série Manipulata, Teatro Nacional de Cuba, Havana
- 1999** – Texturas – Associação Comercial de Braga
- 2000** – 25 Anos “Uma caixinha pendurada ao pescoço” Antigo Tribunal de Braga – Mega Exposição
- 2001** – Estudos, Casa das Artes, V.N.Famalicão
- 2002** – Estudos Pré-projectos - Penafiel
- 2002** – A Arte e as Ciências da Saúde - Penafiel
- 2003** – Casos de Fotofilia, Museu Nogueira da Silva - Braga
- 2003** – Casos de Fotofilia, Museu Municipal da Póvoa de Varzim, Texturas - Biblioteca Praia Diana Bar

- 2003** – Casos de Fotofilia, Centro de Congresso da Ordem dos Médicos - Porto
- 2004** – Miscelândia, Jamor Galeria, Parque Industrial Ferreiros - Braga
- 2005** – Sameiro, Exposição Fotográfica na Casa João Paulo II
- 2005** – 30 Anos - “Sente-se”, (20.^a exposição individual)
- 2005** – Platinotipias na celebração dos 30 Anos de fotografias - Centro de Congressos da Ordem dos Médicos Porto
- 2006** – “Sente-se” - Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva - Braga
- 2007** – “Sente-se” - Biblioteca de Praia – Diana Bar - Póvoa de Varzim
- 2007** – Solar do Paço - Exposição permanente da recuperação do edifício
- 2008** – Salto, “Apelos do Torrão Natal”
- 2008** – A Dança da Luz Viva – Centro Congressos da Ordem dos Médicos - Porto
- 2009** – Sun/Nus com poemas de Jorge Velhote , Braga
- 2009** - Exposição de Arte Médica “ Uma Janela para a Arte”
- 2010** – Três Olhares da Arquitectura – Galeria da Brasileira – Braga
- 2010** – Rosto – Galeria Ordem dos Médicos - Porto
- 2011** – Rosto – Exposição fotografia em Boticas – Centro Cultural
- 2011** – “Bom Jesus do Monte” e “ O Festim dos Sentidos” da Real Confraria do Bom Jesus
- 2012** – Três Olhares da Arquitectura – Galeria da Ordem dos Médicos – Porto
- 2013** – Subir, descer e ver a Excelência do Barroco do Bom Jesus de Braga
- 2013** – Tibães
- 2014** – “O Insólito e o Ócio no Mosteiro de Tibães” - Galeria da Ordem dos Médicos - Porto
- 2014** – “Ascensor do Bom Jesus de Braga” nos 130 Anos da sua inauguração.
- 2015** – “Ecos de uma Geração” - Exposição colectiva de Sócios da Associação Fotográfica do Porto – Museu Soares dos Reis
- 2015** – O Insólito e o Ócio no Mosteiro de Tibães no CTB

Cronologia Exposições

- 1** Tema Livre, Galeria LV Braga, 1975;
- 2** Gentes da Apúlia, 1977;
- 3** Crianças, 1978;
- 4** Tema Livre, 1979;
- 5** Procura, Porto, 1980;
- 6** Tema Livre, Póvoa do Varzim. 1982;
- 7** Tema Livre, 1981;
- 8** Semana Santa, Braga, 1982;
- 9** Erotismo, 1984;
- 10** Exercício em Automóveis, Hotel Turismo, 1985;
- 11** Trás-os-Montes, 1986;
- 12** Mosteiro de Tibães, Braga, 1988;
- 13** Semana Santa;
- 14** Texturas, 1997;
- 15** Bom Jesus 2 Registos;
- 16** Casos de Fotofilia;
- 17** Miscelânea, Jamor Galeria, 2004;

- 18** Sameiro, Casa João Paulo II, 2005;
- 19** Série Manipulata, Braga, 1994;
- 20** Sente-se - Platinotipias, Centro de Congressos da O. Médicos, 2005;
- 21** Tibães, Fotos p/b e cor para catálogo;
- 22** Solar do Paço, 2007;
- 23** Texturas Têxteis;
- 24** Exposição "Seis poemas com destino", 2006;
- 25** Exposição "Histórias de Vida";
- 26** Tebosa, Nossa Terra, Minha Aldeia;
- 27** 4 Estações - Platinotipias da Plaquette, 2006;
- 28** Luz Viva da Morte, 2007;
- 29** Salto - Apelos do Torrão Natal, 2008;
- 30** SUN/NUS, 2009;
- 31** A Dança da Luz Viva, 2008;
- 32** 3 Olhares de Arquitectura, 2009;
- 33** Rosto, 2009;
- 34** Festim dos Sentidos, 2011;
- 35** Subir descer e ver a excelência do Barroco do Bom Jesus de Braga;
- 36** Ascensor do Bom Jesus do Monte, Braga, 2012;
- 37** Mosteiro com Arte - Pintura e Fotografia, 2013;
- 38** Insólito e o Ócio do Monges de Tibães, 2014;
- 39** Ecos de uma Geração - O Homem e a Cidade, Exposição colectiva, 2015;
- 40** Amores, Fonte e Lágrimas, 2015;
- 41** Fumo e Fogo da Luz...Na Dança da Luz Viva, 2015;
- 42** Ecos de uma Geração II, 2015;
- 43** Vivência de Dom Frei Caetano Brandão por terras do Brasil, 2015;
- 44** Pedras Sobre o Alto a Preto e Branco, 2015;
- 45** Azenha de Barcelos - Nos Caminhos de Santiago, 2015;
- 46** Favela Rosinha Rio de Janeiro, 2005;
- 47** Braga - Ecos de uma Geração, 2015;
- 48** Miscelânea - Memórias da minha infância
- 49** Barcos do Mundo, 2015;
- 50** Sentem-se, 2015;

Os Encontros nos Caminhos

Eis-nos então e de repente a percorrer os caminhos do “Homem da máquina que regista imagens e as transforma em exposições” e que terá sido a mãe – professora primária – a ensinar-lhe a registar no papel, as impressões, emoções e descrições das imagens que os olhos lêem, que os sentidos se apropriam. Partilhar em diferentes espaços e galerias ditas de Arte o resultado de todo este trabalho que exauriu a paciência do autor e o pôs a descansar a “máquina de registar” em manchas de cor ou tão somente a preto e branco, as aquisições sublimes dos sentidos que se enformam em imagens únicas, dignas e provocatórias para os que o descobrem e lhes apetece reiniciar a leitura. São imagens influentes e magnéticas que acordam a curiosidade de muitos dos transeuntes que as visitam sem motivação e, no fim depois de despertar e enfim compreender, saem potenciados como verdadeiros cidadãos. É assim que acontecem verdadeiros atos “power” imprevistos!!!

Que razões motivam o “homem das imagens”??
Porque escreve insistentemente com imagens?
A primeira questão saibam todos os que interessam por tais percursos que o autor – Miguel

Louro – é a substância das obras que constrói e os autores que a escrevem ou descrevem são o sangue das obras. “Carne e sangue “ de um só “ corpo vivo” que nos desperta permanentemente os sentidos que encontramos em momentos importantes das suas edições como o Convento do Salvador ou o fabuloso Bom Jesus do Monte. Escreve imagens de poesia quando encontram as palavras do poeta como o Mário Dias Ramos. Dá substância e corpo quando os substantivos e adjetivos do verbo e das palavras da Maria Conceição Azevedo desafia o autor – Miguel Louro – a acompanhá-la no texto ou a Maria João Vasconcelos escreve o património e memória com as palavras.

É quando o José Carlos Peixoto arrisca num escrito as palavras e as imagens dançam em perfeitas convivalidades que fazem encontros noutros textos de Fernando Capela Miguel, Jorge Velhote, José Machado, Vitor de Sá, Maria do Carmo Serén, Cónego Melo e José João Bianchi. É só seguir os trilhos das “imagens com as palavras” para descobrir a obra produzida pelos autores em volumes de livros pesados e edições comemorativas perenes e curiosas.

A ânsia de sobreviver ao caos do quotidiano e registar imagens de sossego e calma que são alternativas de existência e de sobrevivência, ao mesmo tempo que nos fazem tomar consciências absolutas de que existimos em cada presente com substanciados por memórias, momentos, histórias e passado que suportam cada momento dos instantes do nosso presente que é finito em si mesmo e logo transformado em passado.

As imagens estão aí em cada foto só, em cada série, em cada exposição que nos chega e toca o coração, ou não. Depende da nossa sensibilidade e compromisso emocional.

Vislumbramos neste todo de meio século de imagens de pessoas, gente, humanos, sempre, disfarçados de homens, mulheres e crianças apanhados pela “máquina de registar” em instantâneos dinâmicos ou estáticos que se transformam em imagens únicas. Descobrimos o autor – Miguel Louro – em jornais, catálogos, boletins municipais!..

Imaginamos ou tentamos imaginar o que teria sido o autor – Miguel Louro – sem “máquina de registar” !!!!.. Seria sempre artista!!!!

Convictos, afirmamos a genialidade sensível

do autor – Miguel Louro – que lhe permite com uma facilidade incontida, olhar para o quotidiano daquilo que somos ou daquilo que fazemos, inventar intemporalmente e sempre ser capaz de desenhar, ilustrar, descrever, pintar, registar os instantes imprevistos ou os momentos quase impossíveis.

Chegados a este momento de tripla existência chega também o tempo que controlar a quase inconsciente incontinência das palavras.

É tempo de preparar a festa e isso compete à curadora Adriana Henriques que em tempo único e certo, se cruzou com o autor – Miguel Louro – e lhe deu a acalmia que tanto se desejava em cada dia de inauguração de angustia e ânsia em cada espaço de exposição.

Diga-se desde já como que reconhecimento que as mulheres são mulheres com qualidades únicas e de enorme compromisso e responsabilidade, bem diferentes dos homens que são homens com outras qualidades e motivações. Estes encontros previstos no universo da criatividade, das artes das sensibilidades. Resulta complementaridades fabulosas que aqui se registam.

Para quem peregrinou pelo dia a dia das pessoas,

lhes descobriu momentos, sentimentos, emoções e profissões deve descansar os sentidos...

Para quem descobriu recantos das cidades, dos jardins e palácios e os ofertou aos olhos anónimos dos visitantes que fluíram ávidos tais imagens e descobertas...

Para quem acordou velhos monumentos, igrejas e objetos do património de cada região valorizou substancialmente a Nação que estará agradecida...

Para quem nunca planeou a sua vida e foi vivendo plenamente o dia a dia dos dias da sua vida e chegou a este momento de urbana plenitude e magistral confraternidade...

Então tem razões mais que justificadas para se sentir feliz!!!!

Será reconhecido como empenhado e valioso criador cultural que usa as imagens para cumprir a sua missão e assim ficar registado com sulcos intemporais os anais da cultura e património.

Miguel Louro é o nosso amigo, autor artista, mágico da fotografia que, um dia sonhou que poderia partilhar com os seus amigos a obra da sua vida na festa do 60º aniversário.

Parabéns Miguel Louro!!!

Miguel Louro 40 anos de fotografia

Testemunhos

Testemunhos

Agostinho Peixoto

Conheço o Miguel Louro desde o nascimento da Confraria Gastronómica do Abade, há pouco mais de 10 anos, mas que parecem uma eternidade pela cumplicidade e amizade que fomos criando ao longo desta década.

Este Médico Artista, reforçou em mim um sentimento de humanidade, de bondade, de querer ser melhor pessoa. O seu exemplo filantropo, disponível para o próximo sem nunca esperar nada em troca faz deste Ser um Homem extraordinário que vale a pena acompanhar ao longo da sua vida.

Quis o destino que ele se cruza-se no meu caminho por razões gastronómicas e vónicas. Agradeço todos os dias por ter na minha vida um amigo desta dimensão intelectual e artística. Das várias coisas que partilhamos e que comungamos, é a paixão pela boa comida e a pela boa bebida, alicerçada em momentos Tertulianos onde cada um dá o melhor que tem de si.

Para além da escrita, é na fotografia onde o Miguel Louro se deixa (com)penetrar, por jardins de pensamentos complexos que expressam bem a profundidade das imagens que ao longo desta vida de “artista” nos vai deixando como retalhos de um puzzle que merece ser reconstruído ano após ano. São autênticos fragmentos da sua própria existência que traduzem o seu amor por tudo o que o rodeia.

Pelas suas veias corre um sangue cultural compatível com todos os seres que calcorreiam este mundo.

Orgulhoso do seu trabalho, luta todos os dias para que democraticamente tenhamos acesso ao seu pensamento mais filosófico e real. Uma sincronia de sentimentos que nos remete para lugares culturalmente belos, com história, com tradição, expressas nas obras “Tibães - Marcos e Domínio” (2014), “Braga - O Outro Lado

do Horizonte” (2014), “Subir descer e ver a excelência do Barroco do Bom Jesus de Braga” (2013), “Ascensor do Bom Jesus de Braga” (2012), “Sameiro - Centenário da Coroação de Nossa Senhora do Sameiro”, entre outras obras.

Na arquitetura deixa-nos “3 Olhares da Arquitectura”, em viagens internacionais, uma das suas várias paixões: Europa, Ásia, Américas e Médio Oriente foram alguns dos continentes onde tem bebido inspiração para as sua Obras e crescido como fotógrafo.

Um Homem atento a tudo o que o rodeia, premeia a beleza feminina com a sua obra de “Sun/Nus”, numa sinfonia perfeita de curvas e sensualidade, cheia de erotismo artístico.

O Miguel Louro, é já um dos grandes vultos da fotografia e da arte de fotografar, sem tarimba profissional, que eu conheço, pelo que as suas obras se tornam ainda com mais valor cultural,

acrescentando valor aos lugares e pessoas para quem ele direciona a objetiva.

Eu tenho a sorte de o ter como meu Amigo, meu confidente, meu Médico, e meu parceiro em várias cruzadas culturais, nomeadamente, a Confraria Gastronómica do Abade.

Há pessoas que passam pela nossa vida e que se desaparecem com o vento e nada deixam...

... Tu vieste para ficar no meu coração porque fazes a diferença todos os dias.

Obrigado Amigo por existires

Aida Alves

As fotografias são imagens fixas, resultado da captura de um único instante no tempo. No entanto, apesar de não evidenciarem um desdobramento (começo, meio e fim), muitas delas portam uma potencialidade exponencial de contar histórias, em autênticas narrativas visuais.

Num espaço físico como o da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, onde o arquivar, o ler e o contar de histórias, individuais e coletivas, através de diferentes suportes e múltiplas linguagens, é uma prática perseverante, será com muita honra, que acolheremos a Exposição de Fotografia Projeto “30...40...60”: “ROSTO I” de Miguel Louro, um verdadeiro artista da representação matizada do espaço físico e imaginário que o rodeia, através da arte fotográfica.

Alberto Filipe Araújo

UM ALQUIMICO FRATERNAL: DR. MIGUEL LOURO

Caminhante, são teus rastos/o caminho, e nada mais;/caminhante, não há caminho,/faz-se caminho ao andar./Ao andar faz-se o caminho,/e ao olhar-se para trás/vê-se a senda que jamais se há-de voltar a pisar./Caminhante, não há caminho,/somente sulcos no mar.

António Machado

Sempre que a imagem do Dr. Miguel Louro ressalta na minha mente, associo-a ao “Mago” do Tarot de Marselha: a sua figura fraternal sabe acolher a arte de bem fotografar, de bem viajar, de bem saborear, de bem escrever e, especialmente, de bem praticar, na sua qualidade de médico, a sabedoria e arte de curar os corpos doentes e as almas cansadas.

O nosso ilustre confrade passeia-se pela arte

da fotografia de um modo sublime e discreto, assim como não esquece os prazeres da mesa sob o olhar atento do deus grego Dionísio (Baco para os Romanos). Neste contexto, nunca soube bem se o Dr. Miguel Louro se alimentava para bem fotografar ou se, pelo contrário, se era, antes, a sua sensibilidade fotográfica que lhe despertava a sua sabedoria pantagruélica. Seja como for, o ilustre *frater* prolonga todo o seu ímpeto artístico visionário nas muitas viagens que faz no e pelo mundo que servem de repouso no seu trabalho empenhado de médico ao serviço de todos e, muito particularmente, dos mais humildes. Neste contexto, o Centro de Saúde de Tebosa, quando ele lá se encontra, transfigura-se com a sua augusta presença devotadíssima clinicamente não deixando nunca de ter uma palavra amiga para quem dela tanto necessita. Aliás, foi lá que a nossa amizade cresceu e onde o Querido *frater* se revelou à semelhança de Cristo “No Caminho

de Emaús” (Lc 24, 13-20):

Nesse mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversava entre si sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer [...].

À luz desta passagem do evangelho sentimo-nos encorajados para prosseguirmos o caminho acompanhado pelo Dr. Miguel Louro e dizermos, com Daniel Hameline, que reconhecer a “condição itinerante” dos homens é: “Indicar o caminho a um desconhecido, e para isso desviar-se da sua própria direção e acompanhá-lo uma parte do seu trajeto, é um dos mais velhos gestos do mundo. Nós somos todos viajantes porque nós somos todos obrigados a caminhar sem que o saibamos porquê. Esta

condição itinerante expõe-nos a perdemos, mas também a prestar ajuda; ela implica também que nós possamos ser chamados, por sua vez, a tornarmo-nos guias” (Hameline, 1986: 130-131).

A simbólica da imagem usada, a “condição itinerante” do homem, e compará-la à “condição educativa” é realmente rica de implicações mítico-simbólicas, especialmente quando a esta condição se junta “o mais velho gesto do mundo” que é aquele gesto que nós vemos relatado na *Parábola de Lucas* (10, 29-37) conhecida por “Quem é o meu próximo?”. Também aqui a figura do Dr. Miguel Louro sobressai porque ele não fala somente do “próximo”, ele faz-se “próximo” todos os dias junto de quem dele precisamente mais necessita:

Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas,

o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão... Qual destes três parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele». Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo».

O gesto do samaritano (leia-se também do nosso querido confrade) que se torna próximo de alguém, que lhe é desconhecido, pela ação do seu gesto solidário e fraternal. Fazemo-nos, sim, próximo de alguém pela nossa ação do encontro e pela disponibilidade que sentimos para o encontro para lá de toda a mediação ou critério social estabelecido. Um samaritano que ia no mesmo caminho-percurso-itinerário,

e que, sem se desviar do caminho, nem de o ter continuado ou mesmo de ter mudado o seu olhar, parou e ajudou o homem anónimo caído e despojado: “o companheirismo em que o essencial da relação humana reside na troca recíproca e a precaridade dos papéis: quem se engana pode um dia socorrer; quem socorre pode, amanhã, perder-se” (Hameline, 1986: 132).

E se assim for, perguntamo-nos se o viandante, ao longo do caminho da sua vida e do seu percurso existencial, não necessitará ele de beber a ‘água da vida’ para cumprir a sua vocação ontológica de Ser Mais (lembrando aqui Paulo Freire)? Não terá ele necessidade de eleger uma pedagogia do caminho? Uma pedagogia que escolha uma bebida salvífica e regeneradora como é a “água da vida” (lembrando “A Fonte da Juventude”) para evocar aqui *o Evangelho segundo S. João 4,5-15*, e cuja passagem (“Diálogo com a Samaritana”), agora citamos:

Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: 'Dá-me de beber'. Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a samaritana: 'Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?' É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: 'Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!' Disse-lhe a mulher: 'Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus

rebanhos?' Replicou-lhe Jesus: 'Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der, há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna'. Disse-lhe a mulher: 'Senhor dá-me dessa água para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.' Respondeu-lhe Jesus: 'Vai, chama o teu marido e volta cá'. A mulher retorquiu-lhe: 'Eu não tenho marido'.

A passagem do evangelho de S. João, que acabamos de ouvir, faz-nos pensar na pessoa do Dr. Miguel Louro que nunca se cansa de operar maravilhas com a água salvífica dos medicamentos que tão cuidadosamente prescreve, mas também a passagem citada nos relembra que Jesus, cansado da caminhada, pediu água a uma mulher samaritana. E este gesto de pedir água a um outro, que era um "socius", que se tornou "próximo" mediante o gesto de Cristo (lembrando a reflexão de Paul

Ricoeur sobre o tema do "socius e do próximo"). Deste modo, o Seu gesto de pedir água (e muito haveria a discorrer sobre o valor ontológico deste gesto como metáfora) introduz-nos numa semântica de proximidade, de cumplicidade e de ligação. Por isso, é um gesto prototípico que, por sua vez, nos convida a que reflitamos sobre o símbolo da água. Não se trata de uma água qualquer, pois trata-se de uma água clara (simboliza a limpidez e transparência natural) e fresca de um poço (Bachelard, 1993: 29-56). A água clara, de acordo com Gaston Bachelard, representa "um símbolo natural para a pureza; ela dá sentidos preciso a uma psicologia prolixa da purificação. [...] é uma tentação constante para o simbolismo fácil da pureza. [...] Pela purificação, participa-se numa força fecunda, renovadora, polivalente" (1993: 153-154 e 163).

A "Água Viva" de que falava Cristo, na passagem do Evangelho acima transcrita, sublinha o caráter purificador, curativo e rejuvenescedor da

“Água Viva” (como água clara, límpida, fresca, pura, maternal e feminina que é - Bachelard, 1993: 132-152) que dá a vida eterna àquele ou àquela que dela beber: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna” – são as palavras do Cristo à Samaritana. A referência à “fonte de água que dá a vida eterna” reenvia imediatamente para a “Árvore da Vida”, atrás referida, e para a “Fonte da Juventude” (conhecida pela “fontaine de Jovence”) A água proveniente da « Fonte da Juventude » possui efeitos rejuvenescedores e purificadores e harmoniza o tema da imortalidade com o da eterna juventude. Acredita-se que a água, que dela brota, tenha o poder de curar os males dos enfermos e de rejuvenescê-los (veja-se o exemplo das águas minerais e termais). Neste sentido, o doente bebendo a água da “fonte” espera não só ficar curado, mas também

vitalizado, ou seja, mais energizado e, por conseguinte, mais jovem: “Ela [a água da fonte] desperta os centros nervosos. Ela tem uma composição moral, Ela desperta o homem para a vida enérgica” (Bachelard, 1993: 168). O doente espera que bebendo da água mágica e salvífica da fonte simultaneamente se salve, se rejuvenesça e que se torne imortal. E porquê? Porque trata-se de uma água que é um leite: “toda a água é um leite” diz Gaston Bachelard (1993: 135), daí a crença que a água, tal como o leite, alimento e dê saúde aos fracos e aos enfermos. Além disso, a água, à semelhança do leite, é doce revigorante e tonificante: “A água doce será sempre na imaginação dos homens uma água privilegiada” (1993: 179). Uma água doce e maternal “que faz viver na morte, além da morte” diz Carl Gustav Jung! E não foi isto mesmo que Cristo procurou transmitir à Samaritana? Dar-lhe a beber da “Água Viva” para lhe saciar a sua sede espiritual e permitir-lhe viver para além da morte? Sabemos bem

que a “vida eterna” anunciada por Cristo no seu diálogo com a Samaritana não é a imortalidade que os enfermos mortais ansiavam obter bebendo da água da “Fonte da Juventude”, mas se encararmos este tema não só como uma lenda, mas também como uma metáfora, à semelhança de Gaston Bachelard (1993: 166), entender-se-á mais pertinentemente a sua “pregnância simbólica” e mesmo o seu alcance espiritual.

Uma “Água Viva” eufemizadora capaz de combater o tempo e de transmutar o peso trágico da morte e aqui acabamos por nos cruzar com uma das funções capitais da Imaginação para Gilbert Durand que consiste em lutar “contra a podridão, exorcismo da morte e da decomposição temporal” (1992: 472). Por outras palavras, saibamos nós merecer também de beber da “Água Viva e da Vida” como uma água consoladora ou da consolação? Que seria de nós peregrinos, viandantes, simples “homos viatores”, sem esta água consoladora ao longo

dos caminhos da nossa existência? Que seria de nós sem uma samaritana (eis o nosso próximo!) que dê de beber da água do poço ao Mestre dos Mestres (lembrando aqui a figuras do Mestre cantadas por Georges Gusdorf (*Por quê os professores?*), Georges Steiner (*As Lições dos Mestres*) e Karl Jaspers (*Os Mestres da Humanidade*)? E que Este, por sua vez, lhe fale da “Água da Vida” como aquela água que dá a Vida eterna no lugar de apagar simplesmente uma sede fisiológica e momentânea, pois como Cristo o disse *“Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna”*. E não será portanto esta “Água Viva” uma consolação que nos ajudará a usar da Palavra ao longo dos caminhos da Vida entrecortados pelas paisagens da existência? Por fim, e para recordarmos aqui a grande figura da pedagogia brasileira Paulo Freire, não será a “Água Viva”

um forte estimulante e contributo para que a nossa vocação ontológica de “Ser Mais” se torne o nosso Graal da nossa condição de peregrinos, de viandantes, à semelhança do nosso *bonus Frater* Dr. Miguel Louro?

Alexandra, Ester e Artur Pereira de Castro

A dimensão de um homem tem de aguardar o alisar da velhice para reluzir e afastar o supérfluo.

A tua actividade, seja como médico, seja como cultor de fotografia, tem na sua génese o teu amor à arte.

Uma, a arte ou ciência de debelar ou atenuar as doenças, outra, a arte de possuir uma energia livre e criadora que faça do objecto, não a igualdade absoluta, porque a verdade não é um dever incondicionado mas, antes uma proposta, uma transmissão de anseio, de desejo, de tolerância, que relativiza a coisa mas amplia os sentidos e espanta o olhar.

Só te conhecemos como fotógrafo, e ficamos sempre siderados pela tua busca incessante da perfeição, pela qualidade técnica, pelo vício do observar.

Os homens, como dizia um autor célebre, raramente morrem de amor, adormecem antes. Não te antevemos a adormecer no teu amor à fotografia.

Ana Medeiros

Foi há muito tempo já...

Foi há muito tempo já
Que conheci alguém assim,
Que me amparou na dor,
Fosse física, fosse em mim,
Sem nunca em questão pôr...

Foi há muito tempo já
Que seus olhos azuis de calma,
Me olharam de amizade
Fotografando-me a alma,
Conhecendo a minha verdade.

Foi há muito tempo já
Muitos anos de admiração
Muito tempo de conhecimentos
Sempre de grande atenção
Completados de grandes momentos...

Todos eles registados
Em fotografia, ou não...

Coloridos, negros, brancos e afastados
Por mim sempre considerados,
Aconchegados no meu coração.

São trinta, quarenta, sessenta
Não importa quantos são...
São aqueles que Miguel sustenta...
Na palma da sua mão...
E quantos mais aumenta?
Foi há muito tempo já
Onde a minha gratidão
Permanece e fruirá,
Num tempo sem fim
Alcançando a direção
Daquilo que vai dentro de mim.

Obrigada Miguel,
Por esta oportunidade de escrita
Que se tornará infinita
Tão pequena mas que medita
Neste pouquinho de papel.

António Barroso

Uma vida preenchida é o que muitos ambicionamos.

Miguel Louro é um exemplo de alguém que vive a vida ao contrário de alguns que apenas existem.

Une-nos uma Amizade ligado a gostos comuns. Miguel Louro integrou-me nesse grande espaço de celebração e preservação da boa gastronomia que é a Confraria do Abade de Priscos. Na fotografia, para a qual não tenho grande jeito, mas que gosto de apreciar, foi sempre com muito empenho que ajudei a organizar exposições do Miguel na nossa terra natal, a Póvoa de Varzim.

Ver o Diana Bar com fotos de Braga e do Bom Jesus, com o mar ao pé, numa tarde chuvosa, é uma simbiose de inigualável beleza e interligação.

O carinho com que Miguel Louro trata os seus doentes tem a dimensão de alguém sempre disponível para ajudar ,para praticar o civismo, como prova a sua passagem por diversas instituições.

Esta obra que celebra 60 anos de vida, 40 de fotografia e 30 de medicina mais que um balanço é um forte estímulo para que continue por muitos, largos e preenchidos anos! Toda a panóplia de actividades que Miguel Louro desenvolve e desenvolveu, são a prova daquilo que Abel Salazar dizia: “Um médico que só sabe medicina, nem medicina sabe”, e ao saber e praticar outras artes, Miguel prova que sabe ser aquilo que importa, um grande profissional, um grande amigo, mas acima de tudo um grande apaixonado!

António Coimbra

É sempre um desafio aliciante escrever sobre alguém com um curriculum tão invejável como tem o doutor Miguel Louro, ainda que também seja bastante perigoso, uma vez que corremos o risco de não sermos justos e ficarmos muito aquém daquilo que ele merece que digamos sobre a sua personalidade.

Porém, neste momento, e sem receio de errar, posso regozijar-me do quão gratificante tem sido para mim o convívio que temos mantido desde que travámos conhecimento no Clube de Ténis de Braga, já lá vão uns bons anos, e que peca apenas por ser escasso, se tivermos em conta a forma afável e simpática que o doutor Miguel Louro coloca nas suas relações de amizade, uma característica que, aliás, considero mesmo o seu cartão-de-visita.

Depois, não posso deixar de enaltecer toda a sua disponibilidade para colaborar comigo, de forma desinteressada, na elaboração das capas dos meus livros. Primeiro com a cedência de uma magnífica foto do Bom Jesus para o livro “Braga – O Outro Lado do Horizonte” de que

resultou um belo trabalho, e depois, a maneira entusiástica como, ainda recentemente, acolheu a minha solicitação para ceder fotografias suas do Mosteiro de Tibães para a capa do meu novo livro, O Monge de Tibães, a publicar muito em breve. Foi espantosa a forma como recebeu o meu pedido, sugerindo mesmo a inclusão no miolo do livro de algumas das fantásticas fotografias que possui daquele Mosteiro e que certamente veremos numa das muitas exposições que integram este louvável projecto.

É assim o doutor Miguel Louro, sempre disposto a colaborar com as iniciativas dos amigos, pelo que relevar os méritos adquiridos ao longo de 30 anos de prática de medicina, enaltecer os 40 anos em que nos tem brindado com a sua vasta actividade fotográfica e saudá-lo, parabenizando-o pelos seus 60 anos de vida, nunca será demasiado.

Da satisfação que sinto por ver o doutor Louro completar 60 anos de vida, posso demonstrá-la com um forte abraço; da admiração que

tenho pela sua obra fotográfica, basta-me dizer presente em eventos como este; já quanto à sua competência médica, e felizmente para mim, pouco posso dizer, dado que os seus serviços não me têm sido necessários, todavia, como membro da direcção do Centro Social do Paróquia de Ferreiros, posso atestar a estima e a consideração que os utentes desta instituição tinham pelo doutor Miguel Louro, enquanto colaborou com este Centro Social, onde era muito estimado e querido.

Deste modo, fazer parte deste lindo projecto, ainda que apenas dimensionado a umas quantas singelas palavras, é uma honra muito grande para mim, porque o doutor Miguel Louro tudo merece e esta iniciativa é digna de ser apoiada e divulgada por toda a gente, dado que a dimensão da sua obra fotográfica, há muito que já extravasou o círculo dos seus amigos. Parabéns, doutor Miguel Louro pelo projecto “30...40...60” e continue a cumprir o seu destino, que é fazer as pessoas felizes.

António Dias Machado (ADiasMachado)

...a visão dispara o som e estremece o espírito ao fecundar no intimo da caixa um imaginário...

magico na mente o instante no distante glaciador um rasgo dentro do sargaço do oceano... da matéria soa um cântico e esfumace no céu sádica objectiva com o luar na palma da mão...

dentro do tempo uma seta no cosmos a espetar os versos no universo...

a lente que acaricia a íris no gelo o ausente do corpo o tempo sentado...

a alma na alma a preto e branco a luz que revela o sonho...

António Pereira

Quis o destino que nos juntássemos no Clube de Ténis de Braga para assistir ao desfilar de 40 anos de fotografia de Miguel Louro um lugar de encontro singular e profundamente ligado ao autor que desde sempre transformou a sua sensibilidade em arte.

Mais uma vez partilhamos o seu trabalho, traduzido em livro e é aqui, que o médico e amigo nos apresenta o percurso de uma vida ao qual nos sentimos ligados desde sempre. Miguel Louro não tem apenas o dom da fotografia. Através da disponibilidade e do seu saber conseguiu que este espaço adquirisse o estatuto singular de ligar o desporto à cultura.

A fotografia e a pintura são hoje uma presença quotidiana, tal como os livros-qual captação instantânea da sensibilidade que nos une em torno deste nome grande de Braga.

Quando vemos as paredes em branco falta-nos o Miguel Louro que sempre se disponibilizou para dizer presente e transformar este clube numa casa de cultura.

Hoje, Só o Miguel nos faz falta e ele está cá e por muitos anos. É o desejo da direcção do clube que comunga com todos os aqui presentes, o enorme prazer de abraçar o homem, o autor, o artista.
Bem haja Miguel Louro.
Parabéns

Aparício Braga

RONCOPATIA , MENTIRA, FOTOGRAFIA

Em ULURU não vimos canguru

- Hei, ei-lo ... o enorme rochedo ao longe, esbatido no deserto – dizia da guarita do bimotor, após longas horas dormitadas de voo, antecedido de mais uma madrugada mal-dormida pela ronronaria do MLouro.

- Temos de ir lá antes do pôr do sol, tem cores mutantes que quero apanhar - dizia MLouro, já com a M9 em ação.

- A sandoca do avião não foi grande coisa, tenho que lanchar, estou a ver tudo azul, maldita triabetes, quase desfaleço - digo com voz insegura.

- Vou procurar quem nos leve lá depois do check-in do hotel, a tarde já desce rápida e não quero perder aquelas cores – assertivo e foto-dependente MLouro.

- Temos transporte dentro de vinte minutos, última saída. É caro pois vamos poucos, mas não podemos perder os efeitos da luz do fim do dia.

Na carrinha e depois de 40 minutos de deserto avistávamos o monólito de maçapão de cenoura tostada.

Volta completa sempre a disparar e paragem no lado iluminado, naquele poente que começava a arrefecer. Centenas de fotos, com cores de cenoura, tijolo, castanho, cinza e com trocas sucessivas de cartões de memória.

Deslumbrados pela cena, chegava o crepúsculo e afastámo-nos, a fotografar até que aqueles 9km de pedra se transformavam em centímetros escuros.

Ansiava-se o jantar e dormir depressa para as novas imagens ao nascer do sol.

Acordar às 4 , saída às 4 e meia em jejum, com boca amarga do bife de canguru (?) ou pior.

Às 5 já se disparava com voltas ao grande penedo, aguardando o sol para nos aquecer e, alternando do lado escuro para o iluminado (a partir das 7).

Chegaram com chá-bolachas-café às 9 para nos aquecer, pois o sol, embora luminoso, pouco aquecia.

Às 10 subida ao grande rochedo ULURU pela crista perigosa com histórias, acidentes e sacrifícios, com gente cansada em peregrinação fotográfica.

Hotel, banho, almoço, transfer e voo cansado para a Ópera de Sidney.

Bilheteira esgotada, mentiras para conseguir bilhete e negas até que MLouro consegue 2 bilhetes lembrando (talvez) à senhora da bilheteira que éramos bombeiros de NY, heróis das torres gémeas, chegados propositadamente para a final da tournée da ópera.

Conseguida a entrada assistimos à obra Pescadores de Pérolas de Bizet, em camarotes diferentes mas muito próximos, cheios de jovens moças cuja beleza apagava o cansaço.

Foi a melhor abertura para uns dias de cidade... com mais madrugadas mas sempre os últimos a sair, teimosamente, dos locais fotovisitados.

Armando Cepêda

Miguel Louro é, para mim, um exemplo de dedicação e amor pela Arte da Fotografia. Com a sua "caixinha" pendurada no pescoço, a sua sensibilidade, cultura e paixão oferecem arte e poesia nas fotos que cria. Como amante de fotografia, sigo há já bastantes anos a sua carreira fotográfica e com ela tenho aprendido muito. Agradeço-lhe a sua amizade e os ensinamentos que frequentemente me tem transmitido.

Arnaldo Macedo

O homem inventou a máquina e o homem por detrás da lente da máquina é o grande pintor realista, um Gustave Courbet, um Henrique Medina. Como escreveu Peter Urmenyi, a fotografia é a poesia da imobilidade, pois é através dela que os instantes se deixam ver tal como são.

O fotógrafo corre como quem voa nas asas de uma maçã alada na companhia da luz, na demanda da beleza, das chagas podres, da aurora dourada...

E, num clique, congela o tempo que contém aquele instante, que perdura para memória futura, para recordar o passado, para reviver o instante.

E as horas, os minutos e os segundos do fotograma agradecem a dádiva...

Assunção Louro

Quando o Miguel me sugeriu que eu fizesse um texto para um livro cujo título era, à primeira vista, tão invulgar, eu retorqui, que estranho título para se dar a um livro; mas, depressa me apercebi que tinha sido precipitada na minha observação.

Os 30, correspondiam ao seu percurso na Medicina, desde que se licenciou, até agora, altura em que, felizmente, continuar a clinicar (ultrapassando uma complicadíssima fase da sua vida em que teve de interromper o exercício da sua profissão, devido a um terrível acidente de viação, cuja recuperação lhe retirou meses e meses de vida profissional).

Passando da primeira parte do título para a última (há saltos complicadíssimos de dar, ainda que necessários...). Vi que 60, correspondiam à sua idade, já que temos idades aproximadas, sendo eu um pouco mais velha.

Tendo o Miguel nascido em 1955 à beira-mar (sortudo !... para quem, como eu, nasceu no interior alentejano!) exactamente na freguesia de

“ A-Ver-O-Mar”, Póvoa de Varzim. Acaso haverá nome mais belo se dar a uma localidade da orla marítima minhota?

Às vezes ponho-me a pensar se os seus belíssimos (e tão fotografados) olhos profundamente azuis se devam a herança genética do seu avô materno, se de tantas e tantas vezes olhar (muito mais importante do que apenas ver) a beleza inconfundível do azul do mar!

Há quem diga que as pessoas se vão tornando parecidas quando vivem muitos anos juntas!... Eu atrevo-me a dizer que nos tornamos parecidos, com o que, vezes sem conta, durante uma vida, olhamos com admiração e apaixonadamente, a beleza de algo que nos maravilha contemplar! E que sim, tanto na obra como na vida do Miguel, isso foi e ainda é uma constante!

Não é tarefa fácil escrever, seja uma introdução ou não, palavras que apresentam um livro, ou o representam, quando o autor é nosso amigo, mas é demasiado próximo ou mesmo familiar, como é o caso, (uma vez que o Miguel é meu

primo direito) ou quando temos um profundo conhecimento da sua vida e obra, o que também é o caso!

Desta vez, essa difícil tarefa cabe-me um pouco a mim, (já que sabe tudo). É praticamente impossível dissociar a obra de um autor da sua vida (e sei-o por experiência própria...) já que na grande maioria dos casos, vida e obra estão interligados. Sei que há excepções, raríssimas, mas sei que já houve casos, embora pessoalmente não tenha conhecido nenhum! E por falar em pessoalmente, não deveria, nem quereria negar este convite que o Miguel me fez, já que no meu segundo livro intitulado “ No silêncio da Noite” a fantástica fotografia a preto e branco, que constitui toda a capa, foi tirada à noite, no mar, de dentro de um barco para terra, às duas grandes torres que nessa altura (anos 70) eram quase um Ex-Libris da Póvoa de Varzim e que agora se encontram quase perdidas no meio de muitos prédios altos, é o preço que pagamos pela chamada “civilização”... Nessa altura toda a gente me perguntava

de quem era a belíssima capa. Resposta minha, Dr. Miguel Louro! Na verdade simplesmente o Miguel, meu primo direito, que melhor conheço e com quem melhor me dou desde pequenos. Na verdade, já “chorei no seu ombro”, como ele sabe que terá sempre o meu, quando e sempre que precisar! Isto já diz muito da relação entre dois primos. Portanto, há muito que lhe devia, por escrito, estas palavras, o que aliás faço com alguma dificuldade (a minha “praia” é a poesia), mas com imenso gosto!

E agora, chega a parte mais difícil, a dos 40, que neste caso correspondem, mais ou menos, a toda a parte da sua obra, ligada à fotografia em geral, e em particular, a tudo o que a esta Arte diz respeito.

E, porque de uma Arte se trata, possa dela falar sem imprecisões, mas também sem repetições, me encontro, como diz o verso de um fado, enredado numa “complicadíssima teia”, devido ao facto de o Miguel ter começado desde muito novo nesta Arte, implicando ter de falar nas

inúmeras exposições (individuais ou colectivas), colóquios, palestras, “workshops” por ele dadas ou por ele organizadas como o caso de associações como a AFCA, juntamente com os grandes fotógrafos Arcelino Tavela Veloso, Jerónimo F. da Silva, Firmino Ribeiro, João Fernandes, dono da antiga Foto Aliança, associação que esteve na origem dos futuros Encontros da Imagem, a partir de 1987 e anos mais tarde, ao Museu da Imagem inaugurado em 25 de Abril de 1999, ao qual João Fernandes doou ou quase todo o espólio da referida Foto Aliança.

Viagens, centenas de viagens foram feitas pelo Miguel por todo o Mundo, algumas delas com alguns destes nomes já citados, inclusive com Rui Prata que foi até 2015, Diretor do Museu da Imagem; é evidente que me estou a recordar de uma celebre viagem a Arles, também na companhia de Rui Prata da qual se inteiraram da orgânica dos encontros europeus e contactaram com grandes nomes da fotografia mundial, nomeadamente com o fotógrafo alemão Andrés

Muller Paul, fotógrafo à época considerado no topo dessa Arte, talvez cem pouco avançado, um “avantgarde”, em relação ao que se fazia então em Portugal, tanto a nível de imaginação, como de tecnologia! Estava, de qualquer modo, no topo da fotografia mundial. E é com os grandes, e sobretudo com os muito grandes.

Também todos sabemos que muitas viagens por esse mundo fora, o contacto com gentes e culturas diferentes dão origem a milhares e milhares de fotografias desde as mais simples às mais exóticas, excêntricas, estranhas, porém, sempre belas ou fantásticas, as quais têm vindo a ser retratadas (que me tenham dadas a ser vistas) nas inúmeras obras que existem sobre a carreira fotográfica de Miguel Louro. Mas essa já foram sobejamente documentadas, expostas ou comentadas em livros.

Não quero deixar de citar uma curiosidade (à qual não achei muita graça, embora tenha compreendido o motivo) que num belíssimo livro que o Miguel publicou sobre o Bom Jesus de Bra-

ga, quando se estava a tratar da candidatura do mesmo a Património Mundial da Humanidade, pela Unesco, o Miguel se tenha “suspenso” na parte de fora de um helicóptero, segundo ele, para apanhar os melhores ângulos para conseguir as mais belas e invulgares fotografias, tanto do Santuário, como do antiquíssimo Elevador, assim como das belíssimas paisagens envolventes. E se “quem corre por gosto, não cansa” e “quem não arrisca, não petisca”, provérbios populares tão conhecidos, aqui, mais se aplica dizer, o que não fazemos nós por amor a uma causa, seja ela familiar, política ou religiosa, neste caso concreto a uma Arte – a Fotografia! E Miguel Louro, sem dúvida que, se assim o pensou, melhor o fez!

Mas, e continuando na senda de narrar aspectos tão fantásticos desta “complicadíssima teia”, em que aceitei enredar-me, não posso deixar de tocar num aspecto menos simpático, e com muita pena minha; e digo minha com toda a propriedade, porque foi por minha causa que o Miguel foi “ostracizado” e “levou por tabela”, como se cos-

tuma dizer em gíria mais aligeirada, sendo vítima de uma situação de notória e gritante injustiça. Passo a contar, tendo eu sido casada, nos anos setenta, com o Ex diretor do Museu da Imagem, o já citado Rui Prata, no pós 25 de Abril; passados uns anos, por circunstâncias pessoais (apenas respeitantes ao casal) resolvi divorciar-me, situação essa a que o Miguel era completamente alheio. Nestas situações delicadas e complicadas, sobretudo em famílias numerosas, como é a nossa, há sempre quem fique de um ou de outro lado da barricada. Penso que me estão a compreender!... Ora o Miguel, pagar bem o preço de ter ficado “do lado da prima”, apoiando-me sempre, sem nunca me criticar! Ninguém se lembrou de perguntar ainda, porque é que Miguel Louro nunca foi convidado a participar nos Encontros da Imagem, ou a expor no Museu da Imagem, vivendo em Braga e sendo Português? Infelizmente não foi o único que “apanhou por tabela”, por ter ficado do meu lado! Jerónimo Fernandes, pintor famoso e grande poeta e fotógrafo, muito conhecido e

reconhecido em Braga, tendo, inclusive ganho o primeiro prémio (por unanimidade do júri) da melhor fotografia, a nível nacional, organizado pela AFCA, também foi ignorado, menosprezado e intencionalmente marginalizado pelo mesmo museu (ou, melhor dizendo, pelo seu diretor) apenas perfaz, desde muito nova, sempre, e até à hora da sua morte, a minha vida andar sempre paralela à dele! E por isso pagar tão caro o preço dessa tão profunda e incondicional amizade, mesmo para além da sua morte!

Por acaso já alguém se perguntou, porque é que, quer nos Encontros da Imagem, quer no próprio Museu, cerca de 90% dos fotógrafos que são convidados a expor os seus trabalhos são estrangeiros, tendo nós tão bons fotógrafos portugueses, e, sobretudo Bracarenses? É caso para vos deixar a pensar!...

E, para que possam ler desde já, assim termino este texto dedicado à vida e obra do meu primo Miguel, que tanto trabalho, como prazer me deu fazer.

Aurélio de Oliveira

O Dr. Miguel Louro é um bom o exemplo de alguns outros de formação médica que além do seu mister deixaram nome do campo da cultura, das artes e da letras, que souberam e sabem conjugar a sua área cultural específica de formação profissional, com outras áreas da cultura normalmente apartadas do exercício da medicina.

Para além de um testemunho pessoal da amizade com que imerecidamente me tem distinguido fica, da minha parte, o testemunho do grande apreço pela grande qualidade da obra que tem produzido no campo da arte da fotografia. Aparentemente, uma arte de captação e registo inócuos de imagens mas que Miguel Louro tem sabido sempre carregar de alma e de sentimento que vão da extrema dedicação, perícia e profissionalismo na arte de “caçar” imagens, ao conteúdo anímico que, com elas, consegue transmitir. Neste sentido, a beleza do que “grava” está muito para além das imagens propriamente ditas, carregando-as de sentimen-

tos, de sonhos, de fantasias e mensagens onde vai também alguma revolta sobre o mundo que corre ou desaparece ou que desperdiçamos. Com todas elas nos provoca e desafia por outros tantos caminhos e sentimentos. Por isso o considero um verdadeiro artista que, por vezes, por sobre aquilo nos parece supérfluo, nos sabe provocar e transmito o essencial. Transmitir o essencial numa “forma” ou formas e modos de recordar, num “jeito” muito pessoal que se vai tornando raro e por vezes bem difícil sabendo ultrapassar a banalidade do supérfluo com que muitos se entretêm. Não está ao alcance de qualquer um. O “catálogo”, isto é, o conjunto das imagens que até hoje tem produzido (gostando ou apreciando naturalmente, mais umas que outras) têm, no conjunto, a riqueza de um belo texto literário de uma bela antologia literária que vai da boa poesia (diferente da que agora por vezes, se remete a acastelar letras e palavras), aos mais belos textos da prosa corrida propriamente dita. Poderia citar exemplos mas

deixo essa lição àqueles que puderem agora re-visitatar algumas das imagens que nos legou, nos lega e nos vai, certamente, continuar a legar a nobre e rara sensibilidade de Miguel Louro.

Não posso deixar de sublinhar aqui também, o testemunho humano da sempre e permanente disponibilidade de Miguel Louro quer no exercício da sua actividade profissional, quer neste caso de hoje em que se lhe presta tão justa homenagem, pelo trabalho na arte da fotografia quando para o efeito se lhe solicita colaboração. Na verdade, desde a reflexão pessoal que nos transmite em muitas dessas fotografias que nos conduzem também aos seus estados de alma mais ou menos íntimos, Miguel Louro está sempre disponível para os desafios “menores” satisfazendo pedidos para boas ilustrações fotográficas com as quais sabe, porém ultrapassar, em muito, o simples pedido ou “encomenda”... transcendendo a inocuidade das imagens que se lhe solicita.

Um Artista. Atento. Sensível. Sabedor. Disponível na simplicidade humana com que sabe enriquecer não só a Arte, mas também as amizades. As Artes, e Braga em particular, podem orgulhar-se, como também aproveitarem-se, cada vez mais, dos talentos humanos e dos talentos da sua Arte.

Na brevidade do testemunho, fica a largueza do maior apreço, da maior estima e amizade a que, nesta ocorrência, se juntam naturalmente, as maiores felicitações e os melhores parabéns.

Bernardo Reis

O médico Miguel Louro dedica-se à fotografia desde 1975, versando diversos temas referenciais dentro da arte de captar imagens da vida real, em várias áreas, procurando um entrosamento entre os motivos físicos e visuais. Com grande sensibilidade de análise visual transmite conceitos dentro do ser e da criação imaginativa, procurando ao mesmo tempo e em articulação com o cognitivo, transplantar aspectos da vida real para a arte fotográfica. O seu portefólio mostra uma enorme variedade de exposições que marcaram o seu perfil criativo e polifacetado, dentro da arte de colher imagens, com objetividade, oportunidade e perspicácia para selecionar e visionar reflexos momentâneos do seu ego para a vida real, o que constituiu uma faceta privilegiada na arte da fotografia.

As suas publicações completam e integram a sua maneira de ser na expressão de dar sentido às imagens fotográficas, fazendo a sua contextualização objetiva e criadora, com

textos adaptados aos motivos do seu idealismo observador, conjugando imagens reais artísticas, com o sentido introspetivo abrangente da vivência de problemas quotidianos humanos e materiais.

Merece as devidas felicitações pelos 40 anos na captação de imagens com arte e sensibilidade artística, deixando para a posteridade traços importantes para a memória futura de um profícuo percurso de vida, aliando a profissão à arte de fotografar com criatividade.

Carlos Valente

Amizade analógica

A fotografia tem algo de mágico! Ainda mais para quem começou antes dos computadores e dos pixéis, naqueles gloriosos tempos dos filmes e da câmara escura, onde uma simples folha branca, mergulhada em revelador, ia desvendando aos poucos os detalhes de um rosto, as minúcias de uma paisagem ou a abstracção dum pormenor.

Era uma mistura de arte e alquimia que nos permitia tornar o passado futuro e o efémero duradouro.

Mas a magia não se ficava por aí, porque cedo os fotógrafos se organizaram em clubes, locais de partilha de imagens e de técnicas, onde todos se sentiam companheiros e amadores no sentido estrito de que amavam a fotografia.

Neste contexto conheci Miguel Louro e ao longo dos anos revejo-o, sempre fiel a esse espírito de comunhão e perenidade que tão bem caracteriza o 'amador' fotográfico.

A fotografia, que entretanto se banalizou, trocou os grãos de prata pelos pixéis e, ao digitalizar-se, deixou de ter uma existência física para se tornar apenas virtual. Ainda há todavia quem resista e continue a desvendar a mágica arte fotográfica, como acontece com o Miguel que insiste em apresentar belíssimas imagens, algumas já não em prata mas em platina, numa afirmação acrescida de eternidade.

E, à semelhança da fotografia, também muitos dos nossos amigos são hoje digitais, com uma existência virtual ao sabor das redes sociais. Aí se mostram ideias e imagens fugazes que apenas existem no momento em que são apresentadas, sendo, por isso mesmo, insignificantes. Outros, e neles incluo Miguel Louro, têm uma existência física e compartilham connosco ideias e projectos. São portanto aquilo a que chamo amigos analógicos ou, melhor dizendo, amigos do coração.

Carlota Louro

“Devemos sempre ver outra vez, porque pior do que um mau filme é um mau espectador”
Ao longo do tempo (40 anos!!) vi mas raramente revi os teus trabalhos de fotografia. Marcaram-me as primeiras 30x40 reveladas no laboratório doméstico porque eu era o objeto da objetiva ou porque na tua ingenuidade o elemento da fotografia era o teu olhar sobre...
A proximidade fraternal tornava fácil a leitura, era simples e imediata. Assim aconteceu com a exposição da comunidade cigana e do Ballet (Russo) no Teatro do Circo. Os bailarinos, o candelabro gigante como cenário, o preto e branco, a sépia e uns *pés em pontas* que ainda que nunca tenha possuído a fotografia (era a minha prenda de 18 anos) mantenho na memória. Os sargaceiros. As procissões da semana Santa em Braga, o Farricoco. Fotografias de afetos.

A fase seguinte que lembro não tem pessoas. Tem viragens de cor, uso de pigmentos, edifícios, paisagem, texturas, é a tua fase

experimental. Que vai reaparecendo aqui e ali em *Dança da Luz Viva*, Desde então escapam-me as tuas analogias. Ando à procura do tempo e da magia. Mas, verei sempre outra vez ... Não serei um mau espectador.

Carmo Henriques

Fotografia de Miguel Louro

Fotografia...
Daqui, dali, de ontem, de hoje.
Fotografia...
De uma coisa qualquer,
Paisagem, momento, situação.
Fotografia...
Verdade, saudade, talvez tristeza,
Ponto de vista, Imaginação.

Fotografia...
A preto e branco, a cores,
Furtiva, oportuna, pontual.
Fotografia...
Fonte de inspiração, arte, beleza.
Fotografia...
Retalhos de vidas, de insólitos.
Fotografia...
Envolvente, sentimento profundo.

(Com muito carinho e admiração)

Cila e Eduardo Soares

Em um grande salão de corredores espaçosos, vimos a beleza da natureza de lugares paradisíacos, e os olhares bizarros de imagens petrificadas no passado, transmitidas através de uma lente sob o olhar do fotógrafo Miguel Louro.

Momento que foi perpetuado como um poema ou uma prosa, narrada na voz dos amigos e guardada no coração como recordação de dedicação e carinho.

Constantino V. R. Borlido

Foi na Associação Cultural de Fotografia e Cinema Amador de Braga, "A.F.C.A." que no ano de 1976, ao fazer-me associado, conheci o Dr. Miguel.

Ali cultivava-se entre os apaixonados pela fotografia, não só a amizade, mas também as técnicas de que se dispunha nessa época. Rapidamente surgiram os melhores mestres, entre eles o Dr. Miguel Louro. Ângulos da imagem a fotografar, produtos químicos de laboratório, técnicas de impressão, escolha do papel, contraste de luz, etc., todas as experiências eram discutidas e pormenorizadas pelos mais conhecedores. Muito cedo o Dr. Miguel nos habituou a ver nas suas fotografias um cunho artístico muito pessoal, daí suas fotos mostrarem-nos aquelas imagens que não passam despercebidos á perspicácia de um grande artista.

PARABÉS DR.MIGUEL PELOS SEUS
30 ,40, 60 ANOS

Eduardo Alberto da Silva Felgueiras Gayo

Foi com muita honra que recebi, do Dr. Miguel Louro, o convite para me pronunciar sobre si e a sua obra, mas é com prazer redobrado que o faço.

Embora eu não seja um seu velho amigo, nem tampouco um conhecido de longa data, algo me cabe dizer sobre o Homem e sobre a sua Obra.

Do Homem:

Conhecemo-no pessoalmente (anteriormente, através de amigos comuns, já conhecia algo da sua personalidade), desde o início de Junho do corrente ano.

Contudo, foi em Malta, quando lá nos tornamos Irmãos em São João de Jerusalém que, ao longo de quatro dias, pude conhecer a pessoa afável, direta e sem papas na língua que, como observador e fotógrafo, busca em monumentos, gentes e paisagens, uma razão histórica, um toque social ou um brinde da natureza. Foi um prazer, em conversas amenas,

divagarmos sobre lendas propaladas ou fatos historicamente comprovados que, sobre o local, ou por causa dele, o mundo, principalmente o Cristão, conhece e admira.

Esta convivência, curta em tempo mas profunda em substância, permite-me reconhecer que o Dr. Miguel Louro, para além da sua fama de Médico competente e interessado, afável companheiro e conversador culto, é um profundo humanista que, comprometido com a caridade cristã, defende a igualdade de direitos e o bem-estar social.

Da Obra:

Pronuncio-me sobre aquilo que tive a oportunidade de ver e admirar, realizado pelo Homem que, há 40 anos, ocupa o seu tempo livre, na captura de imagens de tudo o que espavita os seus sentimentos:

São as feições bonitas, os corpos bem delineados, os sorrisos abertos, as expressões de amor ou de desilusão, que caracterizam os

jovens; são o fulgor, a maturidade, a presença e o cariz marcante, que expressam os seniores; são as rugas, os dedos encarquilhados, os rostos marcados pela doença, pela desilusão e pelo tempo, que marcam os veteranos; são as árvores com as folhas a desabrochar, os jardins a florir, os pássaros a nidificar, os campos a esverdear, o raiar do sol e a Páscoa, os anúncios da Primavera; são as flores, as poses dos banhistas, o azul do mar, os grupos e os *picnics* de famílias em férias, as alegrias do Verão; são as colheitas, as vindimas, o início das aulas, as folhas amarelecidas, as nostalgias do Outono; são as árvores despidas, o sol rasante, os corpos encasacados, a neve e o Natal, o desconsolo do Inverno; são os monumentos, as obras de arte, as catástrofes, o quotidiano social, enfim ..., é o retratar daquilo que, na sua ótica, nestes últimos 40 anos mais marcou a sociedade e a cultura dos locais que visita.

Esta é a Obra e, este é Homem que, pensando nos vindouros, a construiu

Emerenciana Louro

Meu filho Miguel, além da profissão continua obcecado pela fotografia. Para qualquer lugar a onde vamos a máquina fotográfica vai no meu colo, que estou sentada ao lado dele. Sempre que vê qualquer coisa interessante, para e fotografa aquilo que interessa: nuvens, picos elevados, animais, pessoas, igrejas etc. Já fez várias exposições onde mostra tudo aquilo que em determinada altura viu e gostou. Sou a mãe dele: Maria Emerenciana Louro.

Ernst-Otto Schreinert

Tive o prazer de conhecer o Dr. Miguel Louro em 2005 aquando da minha admissão na Confraria do Abade, Braga, da qual actualmente é o Grão Mestre. Desde logo sentia-se o seu empenho nas actividades da Confraria em que participava e continua a participar com iniciativas valiosas e interessantes de vária ordem. E tive a honra e o prazer de colaborar na edição do último livro da Confraria por ele promovido.

Em Novembro de 2009 aceitei-me com a minha mulher como paciente no Posto do Centro de Saúde de Braga o que para nós representava uma mais valia enorme, uma vez que desde 2000 lutávamos pela atribuição dum médico de família. E como médico tem sido espectacular pela sua atitude flexível e receptiva de nos atender sempre que necessário.

É de admirar a paixão do Dr. Miguel Louro pela fotografia, perfeitamente documentada pelas diversas exposições fotográficas realizadas das quais tive ocasião de visitar várias. Inerente à essa paixão de fotografia é de mencionar tam-

bém a grande colecção de máquinas fotográficas e de filmar que possui e que constituem um autêntico museu.

Bem haja ! Desejo ao Dr. Miguel Louro que continue assim por muitos anos.

Fernanda Abrunhosa M. de Sousa Louro

No antigo tribunal de Braga, as paredes que não foram ouvidas mas que, apenas, ouviram, amordaçadas pelo Homem que se limitaram a servir, degradadas pela indiferença experienciavam a morte de um ciclo de vida e assistiam concomitantemente à exposição dos vinte cinco anos de fotografia de Miguel Louro, que nas suas antípodas constituía um hino à vida, configurada e transfigurada pelo artista, convidando ao jogo como defendeu Gadamer, à experiência estética, como lugar de sentido e de síntese. Nessa exposição novos rumos se vislumbravam, novos projetos se delineavam, entretanto já concretizados.

Urge que o artista continue, urge que a obra de arte deixe perpassar a verdade do ser...

Fernando Capela Miguel

Nesta tripla comemoração que acontece como facto marcante da vida do meu já velho amigo Miguel Louro, quero começar por partilhar a alegria e o prazer desta comemoração, fazendo umas investidas sobretudo aos confins do Tempo, não dos trinta anos de Medicina porque nesses nunca nos encontramos. Somos profissionais de qualidade, com áreas e funções bem diferentes!!!!...

Quando nos encontramos como pessoas nos tempos idos da década de 70, percebemos que tínhamos a mesma idade ou quase --diferença de meses-- que fazíamos parte da mesma geração, fazíamos “coisas”, muitas artes e artísticas, que agora se denominam “performances” e que aconteciam à nossa volta como sementes de “liberdade desejada” por gerações de várias épocas, quartadas da expressão e comunicação livres sem limites ou complexos!!!!... Quando aconteceu Abril, nós tínhamos 20 aninhos e assistimos à manifestação da geração anterior a não

querer pegar em armas e recusar a guerra para logo de seguida nos mandar para casa... Serão pois estes 40 anos de liberdade e de Foto Arte, estes tempos vivenciais dedicados à Vida e ao seu quotidiano, que quero comemorar, rememorar, celebrar, partilhando contigo os “Tempos de vida paralela” de dedicação absoluta à fotografia e suas técnicas; à estética da imagem; ao estudo e preparação de eventos; aos passeios anónimos por espaços de inspiração em busca de temas; às centenas de horas de solidão e trabalho nas noites de “câmara escura”; aos imprevistos irritantes nas montagens das exposições; às alegrias, orgulho e satisfação pelas manifestações justas de reconhecimento pelo trabalho por nós realizado; as emoções que confrontamos e conflituamos em cada momento de inauguração de cada novo evento sempre em novos espaços!!!!..... Serão estes 40 anos de viagem pelo universo desta nobre Arte que é a FOTOGRAFIA que de-sejo salientar, sobretudo pela tua persistência

e teimosia, pela tua paixão pessoal. pela tua dedicação absoluta, pela tua afirmação como Artista, hoje reconhecido como embaixador desta Nobre Arte!!!!...

Serão estes 40 anos de aventuras constantes, ano a ano promovidas e realizadas como se fosse a primeira vez e, de repente... passaram 40 anos!!!!...Lembras-te das tuas primeiras EXPO na rua de Santa Margarida??!!!!... Foi lá o nosso encontro, no FAOJ -- Fundo de Apoio Aos Organismos Juvenis -- contigo a exigir um espaço para a tua exposição, comigo a convencer o Delegado a apoiar a tua vontade e iniciativa!!!!... No fim acabas por realizar três exposições consecutivas e contribuir para a criação de um laboratório de fotografia à disposição da juventude da região!!!!... A partir daí, nunca mais paras!!!!...

Venho encontrar o meu amigo homónimo, Miguel, por intermédio de amiga comum, partilhando um projecto fantástico que foi TIBÃES

de que tanto nos orgulhamos!!!!.... Das tuas imagens fabulosas saíram emoções por mim traduzidas em palavras que possibilitaram a descoberta de terceiros, de um olhar inspirador e magnificante sobre o PATRIMÓNIO, a sua beleza e os seus segredos!!!!...

Neste tempo de celebração que te posso dar para além da minha sincera Amizade????! ...Que te posso oferecer, para além da minha disponibilidade????!....Posso, isso sim, parabenizar o Artista

da Arte Fotográfica por uma vida plena de êxitos, pela sua dedicação, fazendo votos para que nunca lhe falte a vontade de “espevitir” novas emoções nos públicos que o reconhecem como Artista!!!!....

Entretanto temos agora uma nova missão a cumprir: a de Sexagenários!!!!....

Miguel Louro grato pela tua Amizade!!!!.... Parabéns e Felicidades!!!!....

Firmino Marques

Uma honra inesperada

Falar de “30...40... e 60” anos, de várias facetas de uma Pessoa como o Miguel Louro, não é tarefa fácil, mas também não será difícil. E não é contradição esta minha observação. Conheço desde muito novo o Miguel, como vizinho na sua Juventude. Conheço o seu percurso e o seu valor desmultiplicado pelo envolvimento em três décadas de clínica enquanto profissional da Medicina, missão que abraça com “paixão”, à semelhança da sensibilidade que o leva a colocar na “objectiva” de qualquer máquina fotográfica em que pegue, procurando no geral, captar o pormenor, a essência.

Sublime gosto este que evolui de forma excepcional há já quarenta anos, cada vez mais refinado, promovendo os valores naturais e humanos, num sentido estético apaixonado e vibrante, em contraciclo com o tempo que o País vivia há 40 anos atrás. Portugal fervia num “Verão quente”, num clima político que então se vivia, com títulos incendiários nos jornais e

num clima à beira da guerra civil. Apesar de tudo, Portugal sobreviveu ao PREC (processo revolucionário em curso). Mas atravessar o Verão Quente sem esbarrar na política, isso era missão (quase) impossível. Que o diga a noiva da Bobadela que, com casamento marcado para Moscavide, esteve em risco de ficar solteira porque a boda calhou num dia de barricadas e piquetes. Valeu-lhe a compreensão dos militares, que se prontificaram a abrir caminho com um blindado. A história vem no Diário de Notícias de 21 de Julho: «A noiva foi escoltada por um Chaimite».

Neste clima, o Miguel Louro arranjou tempo para inspiração e trouxe-nos até os dias de hoje registos fantásticos em que de facto uma imagem vale mais que mil palavras, pelo que muitas imagens nos inspiram em cada momento, em cada observação de deleite e de agradecimento. Afinal o Mundo é muito mais do que aquilo que nos parece. Este contributo do Miguel para a história, sustenta-se em alguém

que do alto dos seus sessenta anos de idade, não se acomoda com o “art.º 4º do Decreto-Lei 8/2015, em que o trabalhador só pode pedir a reforma antecipada se tiver pelo menos 60 anos de idade e 40 anos de contribuições para a Segurança Social”. Antes pelo contrário exalta a experiência acumulada de vida intensa de uma idade que chamaria de gala, onde a música, a gastronomia, as viagens se entrelaçam com o gosto maior de REGISTAR com a sua objectiva, o prazer da vida, dos amigos, da família, num percurso que se deseja para novos e míticos números de sucesso:

- 40... 50... e 70...”, que daqui a 10 anos registaremos com redobrado prazer, na paixão do nosso Amigo Miguel Louro pela Medicina, pela Fotografia e pela VIDA.

Francisco Carvalho Guerra

Trinta anos de especialidade médica, quarenta anos de fotografia, sessenta anos de idade. Uma velha criada da aldeia dizia com graça que: “menino (sessenta anos) quando a gente se assenta fica-se com vontade de ficar sentado”. Não acontece isto nem agora nem nunca com o Dr. Miguel Louro. A sua dedicação à profissão médica, a sua devoção ao doente a busca do diagnóstico rigoroso e consequente medicação para tratamento, não o deixam “assentar-se!”.

O Dr. Miguel Louro tem ainda uma outra característica que desde logo cativa os seus doentes: o sorriso permanente, torna-o verdadeiramente no João Semana bem retratado em “As pupilas do Senhor Reitor”. E tal como ele, tem um carinho ainda maior com o doente desapoiado e sem posses. Vi de perto a forma como tratou duas irmãs minhas, numa total disponibilidade, de dia ou de noite, bem como a eficiência e rigor dos seus diagnósticos e respectivo tratamento. Mesmo quando uma vez em que com toda a humildade me disse: “preciso do auxílio de outros colegas porque não consigo fazer este diagnóstico”.

Esta maneira de ser e de estar na vida, como profissional da medicina, é também retratada da mesma forma na sua capacidade artística de produção e de amor à arte fotográfica.

Tive oportunidade e o privilégio de ver algumas das suas exposições, várias em Braga e algumas no Porto. Sem conhecimentos específicos que não possuo para esta arte, não posso no entanto deixar de mencionar o quanto me impressionaram algumas das suas fotos, a que algumas vezes denominei de “autênticas pinturas”. O enquadramento fotográfico, as diferentes luzes, as horas diferentes do dia e da noite, em que foram feitas, bem como as diferentes cores, tornam algumas fotografias, verdadeiras obras de arte.

Trata-se de um artista consagrado que já serve de referência a muitos profissionais e amadores dedicados.

Bracarense que sou, aconselho os livros sobre o Bom Jesus, e Tibães, e verão a beleza das suas fotografias, a alta tecnologia utilizada que ma-

ravilhou todos os que visitaram as diferentes exposições destes dois locais santos da nossa Bracara Augusta.

Falamos já da sua elevada dedicação e amor à profissão médica bem como a sua dedicação à fotografia artística feita por todo Portugal, nomeadamente na nossa cidade de Braga e na sua aldeia de Tebosa, mas também no estrangeiro próximo ou longínquo, mas não falamos ainda do cidadão.

Presidente de Assembleia de Freguesia de Tebosa, dedicado à confraria do Abade de Priscos, é ainda Presidente da Associação Tebosa Solidária – IPSS. Nesta Associação, a que também pertence, tenho seguido de perto a sua dedicação aos mais necessitados.

Solidário com os amigos e doentes, enternecedor com a sua mãe, o Dr. Miguel Louro é acima de tudo um devotado e dedicado médico, um excelente fotógrafo e um Homem Bom, que, com as suas fotografias, vai mostrando as maravilhas da nossa cidade de Braga.

Gaspar Jesus

Conheci o agora Doutor Miguel Louro na AFP, correria o ano de 1967. Lembro-me que era um jovem afável e entusiasta que procurava assimilar dos fotógrafos mais experientes tudo o que à arte fotográfica diz respeito.

Recordo-me também que foi a convite do Miguel que visitei, pela primeira vez, a histórica e submersa aldeia de Vilarinho das Furnas, em Terras de Bouro. Foram muitos e bons os anos em que tive o grato prazer de conviver com o Miguel, quer na entretanto extinta Associação Fotográfica do Porto, onde Miguel Louro se deslocava com assiduidade, quer na Colorlândia, laboratório fotográfico que fundei em parceria com Pereira de Sousa. “Vim aprender”, dizia-me o Miguel, em tom de brincadeira.

As vindas ao Porto tenderiam a escassear, por via dos seus muitos afazeres profissionais. Sem descurar outras temáticas, o olhar de Miguel Louro passou a focar-se mais em Braga e, assim, a já de si linda Cidade dos Arcebispos passou a ter razões acrescidas para se olhar ao espelho.

Guilherme Sanches

Não é preciso que a imaginação me bafeje ou as musas me inspirem, para me referir em termos com verdade e com isenção ao autor desta obra intitulada pela “tri-efeméride” 30-40-60. É tudo tão simples como passar ao papel, letra a letra, um texto a que faltará valor literário, mas ao qual sobra naturalidade, surgida espontaneamente nas palavras, alinhadas em forma de frases e de parágrafos, da mesma forma que a vida é vivida e saboreada.

60 - Se perguntarmos a uma criança quanto tempo é sessenta anos, certamente dirá que não sabe, mas que deve ser muito, muito tempo. Na realidade não é, e quando se lá chega, tem-se a sensação de se ter chegado muito depressa. Com esta idade, tem-se a (quase) plenitude de qualidades que nos caracterizam, e um saber acumulado invejável por quantos ainda não sabem, como não sabe ninguém, se lá chegarão. Resta-nos o léxico que a comunicação social insiste em utilizar, quando alguém com esta idade é notícia, e deixa de ser um indivíduo, para ser

sexagenário, idoso... mas vamos desejando não ser notícia que o justifique, e pensar, e sentir que no tempo atual, sessenta anos é praticamente a meia-idade do homem. Que assim seja esse o espírito e que assim continue a ser.

40 - Falemos de fotografia. Quarenta anos de máquinas, de películas, de sensibilidade, de DIN e de ASA, de diafragmas, de velocidade e de enquadramentos; de químicos, de negativos, de papel e de imagens, de amplificadores... era assim há 40 anos. Foi assim que o Dr Miguel Louro começou, e foi assim que evoluiu, no laboratório e no terreno, com fidelidade às suas Leica, até se tornar um mestre. Não é fácil o tipo de fotografia que o Dr. Miguel faz, podem crer. Nem fácil de fazer nem de entender, e assim por vezes se torna polémica. Fotografadas com “olho clínico”, equilibradas e impressas em tons de cinza, as imagens são invariavelmente plenas de imaginação e criatividade a preto e branco, deixando a cada um a colorização que mais lhe agrada. Os temas e as técnicas

com que fotografa, nem sempre são abertos a um simples olhar, carecendo de uma leitura e interpretação atentas. Isso é arte intencional, tão ausente das fotografias que hoje se tiram com tudo o que é smartphone, sem ser preciso saber mais do que carregar num botão. Do habilidoso ao artista vai uma imensa distância, e toda a arte é em princípio mal entendida. Como o sentiu Dali, como o sentiu Picasso.

30 anos é a efeméride do médico. São muito poucas as palavras que lhe dedico, apesar de acompanhar mais ou menos de perto a mais recente fase da sua carreira clínica. O que mais simples me ocorre, é a expressão da minha própria confiança, dizendo que, se alguma vez estiver em dificuldades e precisar mesmo de um médico, desejar que o Dr Miguel Louro esteja por perto. E que a amizade que se foi fazendo, pelos caminhos da vida, da solidariedade e da fotografia, se mantenha com o respeito e cordialidade com que se tem praticado.

Henrique Moura

Meu caro amigo Miguel Louro, escrever sobre ti, não é nada, nada fácil.

És médico por vocação, e fotógrafo por paixão! As duas artes complementam-se e completam-se. Não sei se é a tua sensibilidade, como médico, que te fez ser um fotógrafo desperto para a beleza, se o oposto.

É impressionante a relativa facilidade na descoberta de imagens, dando vida a cada detalhe, por mais pequeno que seja, projectando alegria, muita luz e essencialmente, executadas com muito amor. Tu consegues transformar um ser inerte e perdido, numa bela imagem que confirma o velho ditado, “mais vale uma imagem que mil palavras”!

Desejando que continues nesta dupla função, medicina e fotografia, desejo o melhor do mundo.

Isabel Azeredo Lobo

Quando conversa sobre fotografia, o Miguel fá-lo sempre com grande paixão. Não é da forma em si, é principalmente das razões e motivos que o impelem e das coisas e das pessoas que a objectiva fixa.

Conhecemo-nos nos primeiros anos da Faculdade e já nesse tempo, a bolsa da máquina fazia parte dos eu equipamento escolar.

Como profissional de medicina, creio que ninguém tem dúvidas da sua extraordinária competência, dedicação e humanidade, mas, cá para mim, tirando as suas filhas, a sua grande paixão é a fotografia e a mensagem que pretende transmitir através dela.

Jamais esquecerei a alegria e carinho que, sabendo ele que a minha filha praticava ballet, lhe ofereceu um quadro com a composição de pequenas bailarinas actuando. Ainda o guarda religiosamente.

Tenho tido o privilégio de estar presente em quase todas as suas exposições e, mesmo sabendo muito pouco de fotografia, acho a evolução notável e a mensagem muito mais objetiva e refinada.

Isabel Dias e Luís Sá

Dr. Miguel Louro – esboço de um retrato - a dimensão artística, profissional e humana.

Encontrar um discurso que consiga traduzir, em jeito de sinopse, o significado de uma personalidade multifacetada e de valor tão elevado constitui um enormíssimo desafio.

Reconhecido homem de cultura, apresenta um vastíssimo conjunto de obras, de exposições e de publicações, promove o gosto pelas diferentes expressões e manifestações artísticas, integra, frequentemente, eventos de cariz cultural, contrariando um meio algo adormecido, algo estagnado, de interesses tão limitados (já dizia o grande poeta «...a ventura/ Tão ásperos os fez e tão austeros, /Tão rudos e de ingenho tão remisso»).

Dois percursos se entrelaçam unidos pela mesma matriz da dedicação, da dádiva incondicional, da generosidade sem limites, da paixão.

Da pluralidade de narrativas contidas na sua extensa obra emerge uma evidente mestria

e uma experiência emocional absolutamente singular. Deixamo-nos seduzir pela delicadeza dos temas simultaneamente densos e marcantes, pela magnífica e surpreendente paleta de cores, pelas texturas tão nítidas, tão puras, exuberância sensorial... e somos transportados para uma outra dimensão (porque a Arte nos permite aceder a esses estados de realização suprema) tentando reproduzir o momento da criação artística – a objetiva entrega-se às mãos e à poderosa visão do Artista. O real transforma-se, transcende-se e o Infinito, num gesto exato, precioso, penetra na “caixinha mágica”. Alma e real fundem-se em simbiose perfeita. “Soberbos partos” acontecem. Brota a obra, expressão sublime, poesia pura, verdadeiro “Festim dos Sentidos”. Um valiosíssimo espólio construído ao longo de quatro décadas!

Merecidíssima homenagem assinala, igualmente, os trinta anos de intensa e exigente atividade clínica, missão sublime sempre bem sucedida pela união constante do elevado profis-

sionalismo à dimensão afetiva. Um profissional de saúde absolutamente distinto, constante e generoso, atento e rigoroso, mesmo em contextos hostis. É indescritível a sensação de testemunhar a dedicação ilimitada, a gratuidade, os contínuos exemplos de solidariedade e de altruísmo. Um notável humanista que se destaca num tempo pontuado por alguma debilidade moral, ética e social...

Fica a nossa profunda admiração e gratidão por esta referência incontornável da medicina e da fotografia enquanto Arte.

Isabel Silva

Jóias de luz e sombra

Uma vertente importante da missão deste museu, à semelhança de outros, na nossa cidade, consiste na divulgação de exposições temporárias, a maioria das quais de artistas ou criadores locais. Através dessas iniciativas, felizmente cada vez mais numerosas e criteriosas, sob o ponto de vista concetual e estético, somos interpelados a reinterpretar a realidade, e conduzidos a um renovado e incessante olhar, para mundos imaginados, ou para algo que nos cerca. A arte é pois, por excelência, um desafio interminável, que nos obriga a sairmos de dentro nós, ao encontro da natureza do outro, reformulando-nos, permanentemente, o ser e o olhar.

Apesar de todas as exposições constituírem um momento prazeroso de descoberta, há algumas que nos levam a pensar na intemporalidade da arte, e na origem remota de certos gestos inerentes à criação humana. Ao obser-

var e compreender a metodologia de trabalho subjacente à produção de platinotipias, usada por Miguel Louro, na presente obra fotográfica, agora exposta no museu, fui impelida a pensar na semelhança entre a mesma, e a arte do ourives da proto-história, que com recurso à designada técnica do polvilhado, e com recurso a metais preciosos, criava as suas jóias.

Em ambos os casos, e pese embora a respetiva especificidade e a distância no tempo que separa esses testemunhos artísticos que nos foram legados, - jóias proto-históricas e platinotipias - , constituem sempre objetos raros, que nos suscitam um olhar de êxtase.

Tal como um ourives de um tempo ancestral, Miguel Louro transforma as suas imagens em jóias etéreas, de luz e de sombra. Através da beleza que delas emana, o nosso património perpetua-se num tempo infinito.

João Azenha da Rocha

Tive o primeiro contacto com a obra do Dr. Miguel Louro aquando da apresentação da coletânea 'Apelos do torrão natal', antologia de estimulantes artigos que a Dra. Conceição Pacheco dedicou a Salto e que o fotógrafo documentou com impressionantes imagens desse burgo antigo e de outros lugares das terras de Barroso.

Do espólio herdado desse trabalho resultou a mostra 'As Pedras sobre o Alto', cuja cuidada selecção da Dra. Adriana Henriques, curadora da exposição, orienta os sentidos para o registo fértil de elementos patrimoniais, onde o emudecimento das cores melhor intensifica a evocação dos detalhes.

O olhar do autor pousou em testemunhos valiosos do assentamento humano nestas paisagens, na intersecção entre os materiais construtivos e a natureza de onde foram retirados, remetendo para técnicas, sociabilidades e

idiosincrasias que essas 'pedras sobre o alto' transmitem.

Traços do saber construtivo tradicional, obras de 'arquitectura sem arquitectos', assinalando épocas, conhecimentos, disponibilidades, entre os rebos irregulares dos primórdios a que sucedeu a pedra aparelhada, expressa na leve erudição do barroco popular que o autor regista nas cornucópias da pedra de arranque das escaleiras de acesso aos passadiços, nas casas da eira e nas habitações dos lavradores, destacando as falsas pilastras, os variegados registos das cornijas, as cápeas e guarda-ventos, memorial dos colmaços de palha-centeia e demais recursos ecológicos que tão longamente marcaram a vida material destas comunidades.

Passadas as portas carrais, com padieiras onde se inscreveram annos setecentistas, jazem alfaias agrícolas encostadas, no fim de uma vida

e no fim de um tempo, ladeando eiras lajeadas, também em definitivo desuso.

No cruzamento de caminhos, belíssimos cruzeiros erguendo aos céus imagens sagradas, expoentes superiores da escultura popular, irmanados com carvalhos imensuráveis, tão repercutidos na toponímia de Salto, os 'carvalhos da cruz', a 'cruz de carvalho', ancestral memória espiritual dedicada à natureza, intuitivamente sinalizada com deslumbre nos registos do Dr. Miguel Louro.

João Menéres

Miguel Louro, que conheço há muitos anos e tenho acompanhado a sua obra com muita atenção, é um dos nomes que a história da Fotografia em Portugal não poderá deixar de mencionar e referir.

Desde as imagens documentais e iconográficas, ao seu empenho pelo experimentalismo, o seu olhar não deixa de registar o que deveras tem mais significado.

Disso, são testemunhos vivos as inúmeras exposições, individuais e colectivas, e os livros de que é autor, que perdurarão como memória viva do seu muito interesse por esta Arte, que é a Fotografia.

João da Nobreza Marques

Obrigado Amigo

Por estas fantásticas efemérides (sessenta anos de vida, quarenta de fotografia e trinta do exercício de medicina), obrigado!

O meu reconhecimento e a minha admiração pelos retratos numerosos que as suas publicações e exposições reflectem e que eu tive o privilégio de sempre acompanhar e contemplar.

Obrigado pelos momentos de confraternização pura em locais que nos são queridos e em qualquer mesa onde partilhámos o pão comum de uma amizade sólida e constante.

Obrigado amigo, pelos cuidados que sempre tem demonstrado pela minha saúde, dádiva sem preço e sem papa possível.

Obrigado, enfim, por tudo o que vem fazendo, por tudo o que, vindo de si, me atinge também.

E agora, um voto: prossiga neste caminho que tudo ilumina sem nada pedir de volta. Aceite os meus desejos de alegrias futuras. Desejos muito sinceros e amigos neste Outono de 2015.

E que, após o Inverno que já se anuncia, surja para si e para os seus uma primavera de mãos cheias de êxitos e felicidades.

Com estes votos, fica o abraço

João Paulo Sotto Mayor

Talvez ...
Talvez porque o Miguel tem um enorme gosto em viver como eu
talvez porque a sua câmara é a amante de cada dia como a minha
talvez porque ele está sempre pronto para aquela pequena ou grande aventura com que se faz a imagem que fica ou que passa ... também como eu
talvez por isso, desde há trinta, ou quarenta ou sessenta anos eu e ele nos cruzamos e acompanhamos por estes vastos caminhos da imagem.
Talvez também porque ele é alguém que sabe e consegue ser aquele amigo que está sempre ... sem condição, sem pergunta e sem receio. Só porque o sabe ser.
As nossas imagens vão respirando e convivendo na galeria ou exposição, no livro ou na imaginação. Sem conflito ou confluência, plagio ou interrogarão.
Mas a sua génese e a mesma, o que tem o condão de encher os espaços onde

habitam com cumplicidades e sinergias que os tornam suficientemente grandes para poderem respirar à vontade.
O nosso trato fácil e frontal tem o condão de anular ou contornar quaisquer escolhos que tendam a surgir e que por isso acabam por ser removidos bem antes de acontecer. E o nosso percurso (que é grande), torna-se mais leve, porque deixa para trás um rasto de perfume de gosto pela vida com esses trinta, mais cinquenta, mais sessenta anos de que alegremente vimos suspeitando.
Com aquele abraço amigo, sem dúvida e sem talvez

Joaquim Araújo Soares

O que posso eu dizer sobre o Dr. Miguel Louro?

Conheci-o em meados de 2014, quando fui a um almoço, com vários amigos, para se começar a planejar aquela exposição, que iria ser a “ Ecos de uma geração ”- o homem e a cidade “.
Cordialmente, ele ofereceu a todos o seu maravilhoso livro “Ascensor do Bom Jesus de Braga”. Desde então, continuamos com uma relação de amizade que vai perdurar, porque já o considero um bom amigo.
Pelos seus grandes êxitos na sua profissão de médico e em fotografia, só o posso felicitar por estes “30 ... 40 ... 60 ... “

Feliz aniversário.

Joaquim Fernandes

Recordo-me de há alguns anos atrás estar no Bom Jesus a tomar café com um amigo e encontrar o Dr. Miguel Louro, a contemplar a paisagem com a sua máquina fotográfica. Foi nessa tarde, que fiquei a conhecer a sua paixão pela fotografia e de uma exposição da sua autoria, que então se realizava no Centro de Exposições Cónego Cândido Pedrosa, no Bom Jesus .

Joaquim Gomes

“Retalhos da vida de um médico”

Serras, veredas, atalhos,
Fragas, estradas de vento,
Onde se encontram retalhos,
De vidas em sofrimento

Retalhos fundos nos rostos,
Mãos duras e retalhadas,
Pelo suor do desgosto,
Que talha as caras fechadas

No caminho que seguiste,
Entre a gente pobre e rude,
Muitas vezes tu abriste,
Uma rosa de saúde

Cada história, um retalho,
Cortado no coração,
De um homem que no trabalho,
Reparte a vida e o pão

As vidas que defendeste,
E o pão que repartiste,
São água que tu bebeste,
Dos olhos de um povo triste

E depois de tanto mundo,
Retalhado de verdade,
Também tu chegaste ao fundo,
Da doença da cidade

Da que não vem na sebenta,
Daquela que não se ensina,
Da pobreza que afugenta,
Os barões da medicina

Tu sabes quanto fizeste,
A miséria não se cura,
Nem mesmo quando lhe deste,
A receita da ternura

(Poema de José Carlos Ary dos Santos)

Miguel Louro: o médico do povo e o fotógrafo das luzes

Ao pensar em Miguel Louro logo me ocorre a célebre frase de Abel Salazar: “O médico que sabe apenas medicina, nem medicina sabe”. E recordo também o poema de Ary dos Santos, que baseou a banda sonora da série televisiva “Retalhos da vida de um médico”.

Mas ainda o popular “João Semana”, que Júlio Dinis conheceu em Ovar, imortalizando esse médico do povo no seu romance “As pupilas do senhor reitor”. É um fotógrafo das luzes, dos contrastes, que capta como poucos a alma das gentes, o património rústico do espaço minhoto e ainda as sete partidas do mundo, isso mesmo, de todos os continentes.

As suas fotos das ruínas do Mosteiro de Tibães foram um grito de alerta que, a preto e branco, disseram: “É preciso avisar toda a gente”. Ajudaram a retirar da letargia aquela que foi a casa-mãe dos beneditinos em Portugal, a devolver-lhe a dignidade e esplendor.

O autarca Leopoldo Cruz é igualmente o nosso Miguel Louro, aquele que na sua terra de adopção, Tebosa, também deixou trabalho associativo na área da saúde e da geriatria.

Mas ainda o homem da Confraria Gastronómica do Abade, do Abade de Priscos, do seu famoso pudim. Miguel Louro adora os bons petiscos, o bom vinho, que também produz.

Como diria Charlie Chaplin: “Adoro os meus defeitos, só não suporto os meus erros”. E esta frase pode definir, de algum modo, Miguel Louro. Que é cidadão de corpo inteiro, a quem nada que é humano é indiferente, mas acima de tudo é um homem perfeccionista.

Estamos a comemorar 60 anos de vida, 40 anos de fotografia e 30 anos de medicina, de um homem completo. Miguel Louro foi um precursor, diria mais, um visionário, não foi em modas, sempre igual a si próprio. Como no poema Cântico Negro, de José Régio: “não, não vou por aí, só vou por onde levam os meus próprios passos”. Quis sempre trilhar o seu próprio caminho. Citando Sebastião Alba: “quero-me assim, quero-me só”.

† D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz

Quando se assume a paixão por uma actividade humana, acontece a arte e esta impressiona pelos pormenores que nos convidam a reconhecer a beleza no criado e no génio criador do património.

O Dr. Miguel Louro mostra a capacidade de conciliar a profissão com a paixão pela fotografia e isto ajuda-nos a saborear as maravilhas que a sua objectiva recolhe.

O seu trabalho pede ser reconhecido como verdadeira afirmação das capacidades escondidas na natureza de cada ser humano. Basta desenvolver-las com paixão e os resultados acontecerão.

Esta aventura criativa poderia tornar o mundo melhor se todos dessem corpo, como sacrifício e dedicação aos talentos quase sempre enterados por inércia ou incapacidade em se deixar conduzir pelos olhos que marcam a vida.

O trabalho é meritório. A obra que vai colocando ao serviço da comunidade deve ser entusiasmante e despertadora de talentos.

Jorge Viana Basto

Felicito Miguel Louro por este 3 em 1 aniversário (30-40-60).

Recordo a sua primeira exposição que acompanhei e a forma como se apresentou na folha de sala – *“Tenho 22 anos, sou estudante da Faculdade de Medicina do Porto, olhos azuis, cabelo louro e chamo-me Miguel Louro”*.

Muitos projectos e intervenções se seguiram referidos no seu Curriculum e recheados de momentos de relevo no âmbito artístico fotográfico.

Da obra de Miguel Louro evoco os trabalhos da sua envolvência analógica dedicada às “Viagens”. Notáveis imagens que em alguns momentos na formação utilizei como suporte didáctico e de sensibilização para a realização dessa técnica.

Ainda hoje Miguel Louro recorre a processos analógicos nomeadamente as PLATINOTÍPIAS associando-os ao digital para concretização das intervenções na Arte Fotográfica.

José Carlos Pereira

Viagens à Amazónia e Pará, no Brasil

Correspondendo ao desafio lançado aquando à análise da vida e obra de Dom Frei Caetano Brandão, nas habituais tertúlias entre amigos, ao café, de reviver o percurso que o prelado encetou, entre 1787 e 1789, na sua missão missionária, enquanto Bispo de Belém do Pará nas suas visitas pastorais na região amazónica, um grupo de três curiosos resolveu empreender uma deslocação a esses locais para analisar numa perspetiva histórica e documental o que foi descrito no seu Diário onde, pormenorizadamente, relatou os factos.

A equipa inicial, acordada para essa missão, era composta por um historiador, um fotógrafo e um relator.

Por vicissitudes de última hora o amigo que iria tentar investigar historicamente as vivências, os locais e os episódios descritos nesse Diário, não viajou.

Não sendo possível adiar o embarque dois aventureiros partiram e registaram o que pre-

senciaram, não numa descoberta histórica como seria desejável mas numa mera reportagem de viagem, documentada com texto e imagens.

Com esse objetivo assumi a função de um mero escrevedor e o meu companheiro de viagem, o médico Miguel Louro, a de um fotógrafo reconhecido pelas belas imagens de paisagens e pessoas retratadas.

Chegámos a Manaus, capital do Estado do Amazonas, no norte do Brasil, onde nos aguardavam dois luso-descendentes, o diretor do Hospital Beneficente Português do Amazonas, Alfredo Vieira, e o representante da Comunidade Portuguesa e Luso Brasileira do Amazonas, Rui Conde, que nos acolheram fraternalmente e nos elucidaram de alguns aspetos sobre a programação do plano de viagem que, ainda em Portugal, tínhamos delineado.

Manaus é uma cidade histórica e portuária, localizada no centro da maior floresta do mundo. Por via do ecoturismo e pelo seu potencial turístico é uma das cidades brasileiras mais visitada e conhecida internacionalmente.

Originalmente fundada em 1669 pelos portugueses como Forte de S. José do Rio Negro, foi elevada a vila em 1832 com o nome Manaos, em homenagem à nação indígena dos manaos. No começo do século XX, na época áurea da borracha, atingiu um desenvolvimento económico notável.

Nesse primeiro dia iniciámos uma viagem turística pelos rios Negro e Solimões.

Embarcámos na Ponta Negra, na margem do rio Negro. Descobre-se aqui uma área propícia para passeios a pé, de bicicleta, caminhadas e tudo o que convida a uma vida de lazer e de divertimento. Conforme o barco se deslocava, avistavam-se os imponentes hotéis, o património arquitetónico e cultural, onde se destacam os museus, os teatros, os templos, e os grandes empreendimentos habitacionais. É de assinalar a largura do rio e a quantidade e variedade de barcos atracados no porto de Manaus. Para trás ficou a recém-construída ponte, em 2011, é a única que atravessa o rio, com uma extensão de 3.595 metros e duas faixas de rodagem em

cada sentido, considerada a segunda maior ponte fluvial do mundo, e, assim, chegámos ao Encontro das Águas.

Este fenómeno natural “Encontro das Águas” é um ponto turístico de excelência que, a bordo de um barco, deve ser observado no local. Na confluência dos rios Negro (que nasce na Colômbia) e do Solimões (que nasce no Peru) – é aqui a origem do grande rio Amazonas - vêem-se duas tonalidades distintas: as águas escuras do primeiro contrastam com as águas barrentas do segundo, ambos com grande caudal, que correm paralelamente, sem se misturarem, num percurso de aproximadamente seis quilómetros. Isto acontece devido à diferença de temperatura e de densidade das águas e, também, à velocidade da corrente: o rio Negro corre cerca de 2 km/h e a uma temperatura de 28° C enquanto o Solimões corre entre 4 e 6 Km/h e a uma temperatura de 22° C.

As imagens que captámos são deslumbrantes: as gradações das cores da paisagem e da água; os golfinhos e botos que saltitam na corrente-

za do rio; os lindos cenários de um porto de ancoragem, flutuante, o maior do mundo, com toda a sua logística; os monumentos da zona histórica, onde se destaca o imponente Teatro Amazonas, encaixados no meio de torres habitacionais; e, para além de outras coisas, a imensidão de um horizonte só de água.

O passeio prosseguiu em direção à comunidade de casas flutuantes do Catalão (cerca de uma centena, construídas sobre toros de madeira imersos na água), que dispõe de eletricidade e de uma escola, situada no Parque Ecológico do January.

Aqui almoçámos em grupo de viagem, num restaurante flutuante com lojas anexas de artesanato, explorados por família descendente de índios. Da parte da tarde, numa canoa a motor, percorremos os Igarapés (pequenos riachos) e os igapós (floresta inundada) contemplando a paisagem e avistando grandes e pequenas árvores e outra vegetação típica deste ecossistema. Depois caminhamos a pé até ao Lago das Vitória-Régias, a poucos quilómetros da margem

do rio, através de uma longa passarela em madeira, onde tivemos a oportunidade de conhecer os diferentes tipos de árvores da floresta amazónica (destacando-se uma das maiores: a Sumaúma), ver crocodilos e contemplar os cromáticos lírios de água (denominados “victoria régia”), uma espécie de planta aquática ornamental, cujas folhas circulares atingem um metro de diâmetro.

O nosso fotógrafo de serviço deliciou-se com a paisagem e as cenas exóticas que íamos avistando, não perdendo a oportunidade de as captar.

No outro dia, fizemos uma volta pela cidade com explicações de um guia local; visitámos o Teatro Amazonas, o símbolo do poder económico do período da exploração da borracha (1890-1910), o Porto de Manaus, passando pelo Mercado Municipal e Palácio do Rio Negro.

Na manhã seguinte, orientados por um motorista, seguimos em direção a Novo Airão, a cerca de 180 Kms de Manaus, pelo interior da floresta amazónica. É a localidade mais distante, a nor-

te, por via terrestre, da viagem empreendida pelo Dom Frei Caetano Brandão.

Dirigimo-nos ao pároco da vila para recolhermos informação histórica da passagem do bispo missionário por aquela e outras localidades ribeirinhas ainda mais distantes (Moura, Carvoeiro, Poiães, Barcelos, Moreira, Tomar e Lamalonga; só acessíveis por via marítima e, em poucos casos, por via aérea).

Por delicadeza do sacristão fomos encaminhados para a casa paroquial, a dois quilómetros da igreja de Santo Ângelo, onde fomos recebidos pelo Padre José Maslanca.

A conversa tornou-se acolhedora e interessante. Foi curiosa a saudação de entrada, quando nos cumprimentámos: “Olha portugueses por aqui”, comentou. Era uma pessoa franzina, com 81 anos de idade, alta e de tez europeia, estava sentada numa cadeira a ler um livro, no varandim da casa, com vista próxima para o rio Negro e o estaleiro naval, na margem direita, e, mais distante, para o Arquipélago das Anavilhanas, com 400 ilhas, onde está integrado o Parque Nacional.

Fizemos a introdução do nosso objetivo: recolher dados históricos sobre Frei Caetano Brandão. Começou por descrever que está naquela paróquia há cerca de quarenta anos, é originário da Polónia mas, há poucos anos, naturalizou-se brasileiro e passará por lá os seus últimos dias. Quando lá chegou, em 1973, existia somente uma pequena igreja e 492 habitantes (hoje, a população é cerca de 17.000). Em 1983 foi reconstruída em madeira e aumentada, em formato sextavado. A primeira igreja em alvenaria só surgiu em 1993, estando neste momento a ser alargada nas partes laterais, que acolhe cerca de 15.000 católicos de prática religiosa. Recordou os tempos difíceis da sua missão evangelizadora, em consequência do mito enraizado da «praga de padre». Não eram bem acolhidos e até molestados fisicamente, dando um exemplo: o sequestro de um padre, num galinheiro. Foi uma conversa fluente e com muita sabedoria. O tempo que dispúnhamos era curto e foi pena não a ter prolongado. Daí partimos para

uma visita mais pormenorizada à vila e registarmos, com a emotividade do repórter fotográfico, cenas e contrastes vivos, para além da paisagem urbana. No regresso passámos pelo município de Manacapuru, na margem esquerda do rio Solimões, cujo nome deriva dos índios Mura que habitaram esta localidade nos seus primórdios. No dia seguinte, partimos em direção ao município Presidente Figueiredo, através da estrada que liga Manaus à fronteira com a Venezuela. O município é conhecido pelo turismo ecológico, devido a grande concentração de cachoeiras e recursos naturais na região. Nesse sentido, visitámos as cachoeiras “ASFRAMA”, integradas na floresta, com parque para campismo e piqueniques, a reserva ecológica “SANTUÁRIO” e o Parque Aquático, na cidade. No fim da jornada, regressámos a Manaus para recolhermos mais informação sobre Dom Frei Caetano Brandão. Fomos recebidos pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Sérgio Castriani, que nos acolheu com simpatia e nos facultou algu-

mas informações, oferecendo-nos a “História da Igreja na Amazônia Central”, Vol. I e Vol. II pelo Pe. Celestino Ceretta.

No dia seguinte, fomos de avião para a cidade de Santarém, no Estado do Pará.

Apercebemo-nos que decorriam os preparativos da Festa da Padroeira de Santarém e, numa primeira fase, incidimos a nossa atenção para esse facto. Visitámos a Catedral de Santarém e o Museu anexo (de História e Arte Sacra). Tentámos investigar algo sobre a festa, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e que, para além do lado profano desta devoção popular, descobrimos que o ato mais solene é a “procissão dos círios”. Remonta à época colonial portuguesa e realizou-se pela primeira vez em 8 de Dezembro de 1793.

Todos os anos, uma das belezas desta festividade são os mantos que a Nossa Senhora enverga no dia da procissão, que são confeccionados e ofertados por devotos. As promessas (ex-votos) representam o lado mais sagrado. O promesheiro (como se diz no Brasil) é a pessoa que

demonstra a sua religiosidade mais forte, exteriorizando a gratidão de forma visível junto da imagem no altar-mor. Foram momentos, intensos, de registo fotográfico captando expressões emotivas das pessoas.

No outro dia, queríamos deslocar-nos à localidade mais distante a nascente do rio Tapajós que Dom Frei Caetano Brandão missionou: BOIM. Fica na margem esquerda do rio, missão católica que os jesuítas de Santarém fundaram em 1738 e cuja igreja é dedicada a Santo Inácio de Loyola.

O único acesso a essa localidade, a partir de Santarém, é por via marítima. Em Alter-do-Chão, a 35 Km, alugámos um barco a motor de boa potência. Fomos um pouco enganados pois o piloto demonstrou ser inexperiente e, durante a viagem, passámos por alguns sustos, nomeadamente a falta de combustível que ocorreu por duas vezes. As fortes ondas que se faziam sentir provocaram uma navegação turbulenta e perigosa, tendo em conta a largura do rio de cerca de quinze quilómetros que tivemos de

atravessar na diagonal para a outra margem. Como registo fotográfico temos a igreja e pouco mais, não sendo possível fazê-lo relativamente às praias isoladas de areia fina e a paisagem distante, vistas durante a viagem.

Na manhã seguinte, depois de apreciarmos alguns locais interessantes de Santarém, nomeadamente igrejas e o porto fluvial, partimos para Belém do Pará, de avião. Nesta grande cidade, capital do Pará, visitámos diversos monumentos e museus: de Arte Sacra (MAS), do Forte do Presépio, de Gemas do Pará e o Espaço Cultural das Onze Janelas. O Teatro da Paz, símbolo da prosperidade dos tempos do ciclo da Borracha, e a Estação das Docas, foram locais também visitados nos dias seguintes. O nosso objetivo era localizar a imponente Praça de Frei Caetano Brandão, para fotografarmos e inquirir mais detalhes sobre a vida e obra deste insigne bispo de Belém (1783-1789), o sexto, que, mais tarde, foi arcebispo de Braga.

Sem marcação prévia, conseguimos ter uma audiência com o Arcebispo Metropolitano de

Belém-Pará, Dom Alberto Taveira Corrêa, que se dispôs a ajudar-nos na busca de elementos históricos sobre esse prelado.

Indicou-nos, numa primeira fase, o padre Ronaldo Menezes diretor do Museu de Arte Sacra. Contactado telefonicamente, agendamos um encontro que decorreu na paróquia de São Geraldo Magela, situada perto da zona do aeroporto. Desse encontro demonstrou ser uma pessoa afável, de trato simples e disponível para nos aconselhar nessa matéria. Recordou-nos que já esteve em Braga, em Outubro de 2011, no Congresso Luso Brasileiro do Barroco organizado pela Confraria do Bom Jesus do Monte. No dia seguinte, domingo, e a seu convite, participámos na missa comemorativa dos 25 anos de ordenação sacerdotal (o jornal *O Liberal* dedicou-lhe uma longa notícia: *Ronaldo Menezes-Padre: 25 anos de vida consagrada à Igreja e ao amor*”).

Por coincidência o meu companheiro de viagem, o médico Miguel Louro, festejaria o seu aniversário nesse dia, que o sacerdote, durante a homília,

referiu como uma comemoração conjunta. Foi com emoção que presenciei a alegria dos dois protagonistas, pelo simbolismo religioso do ato, pela participação de muitos paroquianos, que no fim os cumprimentaram e pela inquietude com que se fotografou estes momentos.

A religiosidade também está associada a templos que visitámos: Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, a Catedral da Sé – para onde é levada a imagem da padroeira na procissão do “Círio de Nazaré” – e o Museu do Círio que documenta a história desta que é a maior manifestação católica no Brasil.

Nos dias seguintes alcançámos de carro outras localidades, do percurso descrito no Diário do Bispo, nomeadamente S. Domingos de Capim, S. Miguel do Guamá, Ananindeua, e a mais distante, Bragança.

Aquando da nossa presença em Belém fomos ao Museu Paraense Emílio Goeldi, um espaço zoo botânico e de vegetação representativa da biodiversidade da Amazônia, e ao Mercado Ver-o-Peso na cidade velha.

Fomos acompanhados por uma guia que nos historiou este local, situado na baía do Guajará, na zona histórica onde se desenvolveu o início da cidade de Belém do Grão-Pará.

Para além de porto de chegada e saída de barcos, estas zonas integram construções da época colonial, onde se concentravam as principais atividades de comércio e serviços e os edifícios públicos dedicados ao Mercado do Ver-o-Peso; compostos por dois locais diferenciados: o Mercado de Peixe ou Mercado de Ferro e o Mercado de carne ou Mercado Bolonha, que neste século foram reconstruídos e revitalizados, são os pontos turísticos mais importantes da cidade de Belém.

Esta deslocação, foi interessante pelos conhecimentos adquiridos e pela diversidade de tipo de comércio que visualizámos e serviu também para obter imensas fotografias.

Nesta azáfama constante de fotógrafo, Miguel Louro distraiu-se um pouco e foi protagonista da insegurança que é, infelizmente, característica no Brasil: o roubo; neste caso a sua carteira

que continha dinheiro e documentação. Com a intervenção da guia conseguiu-se recuperá-la, esvaziada do dinheiro.

Nos últimos dias, alcançámos de carro outras localidades, do percurso descrito no Diário do Bispo, nomeadamente S. Domingos de Capim, S. Miguel do Guamá, Ananindeua, e a mais distante, Bragança.

Era nesse diário que, durante as viagens, o prelado ia anotando e descrevendo pormenorizadamente os acontecimentos e factos religiosos, mas não se esquecia, também, de fazer referência aos alimentos, às vivências dos indígenas, à vegetação, à fauna e a outros aspetos que ia presenciando.

Não foi nosso hábito fazer o diário da viagem; foram duas semanas de exaustão, contudo, muito enriquecedoras para concretizar os objetivos que nos movia. Haveria, por certo, muito mais para relatar ou pormenorizar. Porém, não queremos terminar sem lembrar a riqueza gastronómica que nestes dias tivemos o prazer de saborear.

Tudo o que foi atrás descrito, fica mais evidenciado com toda a reportagem fotográfica feita com toda a mestria de quem regista com prazer e sabedoria.

Resta-me agradecer o desafio que o Dr. Miguel Louro, com insistência, me lançou, quando me convidou para o acompanhar a esta zona tão distante e emblemática em termos ambientais e culturais: a grande AMAZÓNIA.

Foi uma experiência inesquecível e que, estou certo, perdurará para sempre na minha memória.

José Carlos Costa

Com um olhar apurado pelos anos de experiência Miguel Louro consegue prender histórias e simultaneamente transmitir as emoções que um momento de fotografia de rua ou de viagem transmite. Algo que apenas é possível a alguém que domina a luz como o próprio olhar e por alguém que sente e transmite paixão por e naquilo que faz. Então “fazer” fotografia torna-se tão simples como respirar.

A fotografia é feita de regras, linhas, sombras e luz. Um excelente fotógrafo deve dominar essas regras como ninguém mas para marcar a diferença e destacar-se nesta arte, ainda mais importante é saber quebrar as regras. O seu projeto “Rosto” – confesso que é o meu preferido – é um dos melhores exemplos de como é possível quebrar algumas das mais elementares regras da fotografia com criatividade e elevado sentido estético. Podemos mesmo considerar esta série como um precursor dos famosos “selfies”, ou o

elevar dos “selfies” a arte fotográfica... o que está ao alcance de muito poucos.

A sua capacidade de criar projetos onde transpõe o seu sentido criativo, a sua irrealidade real e a sua capacidade de interpretação dos momentos é única. Isto permite-lhe criar uma linguagem muito própria em que sugere mas não mostra, onde a luz cria a abstração, permitindo-nos imaginar as histórias por trás de cada uma das suas imagens, prendendo-nos... As suas imagens nunca têm apenas um sentido, possuindo uma segunda interpretação que vai muito além do óbvio... e isso é o que mais cativa nas fotografias de Miguel Louro.

Miguel Louro foi um dos impulsionadores da minha primeira exposição fotográfica, que se realizou no Clube de Ténis de Braga em 2014. Para alguém que começa foi/é um prazer ter o impulso de alguém como o seu curriculum. Portanto aproveito para lhe agradecer o incentivo em cada uma das exposições em que nos temos cruzado.

José Carlos Leite Pinto

Fui ao encontro das tuas fotografias e da minha memória;
Encontrei o preto e branco, as longas saias das nossas avós e as rugas vincadas dos velhos pescadores;
Encontrei também um poema da minha juventude, algo deprimente mas que julgo, expressa o que muita gente sente;
Tal poema venera o amor, ou a falta dele, como falta cor às tuas fotografias.

Reza assim:

***“Sinto-me triste, não sei o que fazer,
Continuo fingindo que estou a viver,
Dizem que o amor é a solução,
Mas eu não sei o que é uma paixão,
E não pensem, que não o procurei,
Simplesmente, nunca o encontrei,
E por mais que eu envelheça,
Esperando que algo aconteça,
Vejo-me forçado a admitir,
Que tal possa não existir,
Mas nem sequer quero morrer,***

Continuo fingindo que estou a viver.

***Tanta coisa eu já experimentei,
Sei lá os cigarros que já fumei,
Bebo cerveja para me alegrar,
Às vezes até consigo ajavardar,
Mas não posso deixar de pensar,
Que não faço mais que vegetar,
E até tenho uma namoradita,
Inteligente e até bonita,
Mas não consigo me satisfazer,
Continuo fingindo que estou a viver,***

***Será que o amor é uma utopia?
Ou eu o procuro onde não devia?
Será que isto, só acontece a mim?
Ou será que a vida é mesmo assim?
Mas então, se é isto viver,
Eu pergunto, para quê nascer?
Sinceramente, já não quero nem saber,
Continuo fingindo que estou a viver.”***

Zé Carlos, algures nos anos 80

José Dias

Prazer Estético ou Visão

Transpõe para um receituário como para uma tela.
A visão de mil sentidos estéticos e pragmáticos da vida
Risca / Traça um esboço numa página em branco
Seus projectos de quimera do templo de anseios e recordações.
Transcreve em seus quadros presenças e experiências vivas
de uma vida se saberes e apreciações de mil sentidos.
Num compósito de sfumatos em tons cinza
Ou na paleta de cores como o arco-iris e naturezas vivas
Bem como o correr de um lápis numa receita
Reproduz imagens de um olhar com visão impar.
Do urbano à natureza do monumental à luxúria
Transporta-nos em suas imagens para o mundo

Carregado de fantasias e ilusões de uma paixão sem fim
E desejo de estar e sentir a temática num olhar atento
Como que se uma fragância de aromas nos lidasse.
E gozamos o momento como se dele fosse sua intempérie.
... Uma Visão
...Um Tempo
... Uma Paixão
Dos prazeres da estética a estética de uma visão.

Entrar na fase dourada de vida com 60 ambições
Cumpre-se dar um ênfase maior às recordações.
Falar de alguém de espírito competitivo e guerreiro
Será uma árdua tarefa de prazeres no meio
De escrita poética corre uma receita de traduções

De um relatório com mil funções.
Trinta experiências de Vida e Vidas saber
Cuidar, lidar, motivar, dele comparecer e viver.
Ter uma Visão de múltiplas imagens e uma objetiva
Nesta quimera de tempos de conhecimento obtida.
Sfumato de Quarenta tons de cinza na tela
Ou uma paleta de cores como vida a bela.
Cria ansiedades profundas em seus quadros,
Traduz o reflexo de paixões em ambos os lados.
Um olho de clínico ou de objetiva viral
Suas lentes transportam-nos para o efémero gradual.
Da prosa em ambiente nostálgico em natureza morta
Ao olhar da cidade da cultura e da arte que conta
Do glamour da imagem translúcida de desejo
Á luxúria do nu de múltiplos sentidos ensejo.
De Prazeres vários se propaga a vida de prazer
De longevidade dos momentos efémeros de lazer.

Deseja-se fortunas mil, de mil venturas com partilhas
De cada momento dos muitos momentos nas ilhas
Do tempo que corre e experiências do ver
Em qualquer formato de papel branco a ler.

Gratos pelo teu saber

José Filipe Sepúlveda da Fonseca

O meu primeiro contacto com a vastíssima e multifacetada obra fotográfica de Miguel Louro é relativamente recente. Foi-me proporcionado pela artista plástica e amiga, Dra. Adriana Henriques, que, sabendo da minha antiga paixão pelo sedutor mundo da fotografia, e em especial da fotografia conceptual, me sugeriu que visitasse a Exposição de Fotografia colectiva “Ecos de uma geração. O homem e a cidade” que reuniu obras dos reputados fotógrafos Miguel Louro, António Drumond, Carlos Valente, Eduardo Martinho, João Meneres, João Paulo Sotto Maior, Joaquim Soares, J Viana Basto, J C Matias Serra, Manuel Magalhães, Óscar Saraiva e Ricardo Fonseca e que decorreu entre 14 de Abril e 31 de Maio de 2015 no Museu Soares dos Reis, no Porto.

Mais recentemente, tive oportunidade de assistir à inauguração da Exposição de Fotografia “AS PEDRAS SOBRE O ALTO” no Preto e Branco, de Miguel Louro, com a presença do autor

e curadoria de Adriana Henriques, exposição apresentada no dia 21 de Novembro de 2015 no Ecomuseu Casa do Capitão em Salto, integrada no projecto “30...40...60”.

As 12 obras seleccionadas por Miguel Louro para esta exposição que reúnem imagens de Salto Velho foram apresentadas em termos plásticos e artísticos pela curadora da exposição, e sob a perspectiva histórica e patrimonial pelo Dr. João Azenha da Rocha, Director do Ecomuseu de Salto, com oportunos comentários de ambos que em muito contribuíram para a descodificação do discurso visual que Miguel Louro pretende transmitir ao observador através de imagens magnificamente captadas pelo seu olhar atento e com a sua “companheira” de décadas, a inseparável LEICA.

José I. Franco

Sou um apaixonado pela fotografia. Cresci a ver meu pai, na altura fotógrafo, no seu laboratório, a revelar as películas dos seus clientes. Como eu ficava extasiado ao ver aparecerem as imagens no papel com o revelador, parecia magia. Depois vinha a passagem pelo fixador e por fim a esmaltagem. Era um mundo de sonho para um miúdo de 7 anos.

Lembro-me muito bem dos “caixotes”, “Box” em inglês, máquinas primitivas, que democratizaram a fotografia. Cresci admirando os fotógrafos e a fotografia. Já nessa altura a revista *Life* era um mundo para mim. Há uns anos atrás tive o privilégio de fazer uma visita guiada, pelo meu amigo Dr. Miguel Louro, a uma sua exposição no edifício do velho tribunal, no Campo da Vinha, em Braga. Fiquei maravilhado quer pela sua técnica quer pela sua sensibilidade. Aprendi muito da história da fotografia e sua técnica. Bem haja, Dr. Miguel Louro.

José Miguel Braga

30 40 60

(...)

Eu vim de longe
De muito longe
O que eu andei pra aqui chegar
Eu vou pra longe
Pra muito longe
Onde nos vamos encontrar
Com o que temos pra nos dar.

José Mário Branco

30

Em nome de Asclépio ou sob os seus mistérios e assombrações, tu viste a luz nas palavras de Hipócrates. E o tempo foi andando. Muito estudo e cansaço, o filamento de um fio oscilante sobre o conhecimento sensível, como se houvesse mais cinco sentidos entre a vida e a morte. A profissão tem de deixar ficar as suas

marcas. Assim tem acontecido, aliás, no mundo das artes. Não valerá a pena convocar o imenso saber da história e das monografias, os estudos de carácter e os compêndios impressionistas para invocar o caso de tantos artistas que viveram o exercício da medicina clínica. No entanto, cada caso é um caso, como sabemos; neste caso, vai chegar ou já chegou o mundo da fotografia. Trinta anos é muito tempo, mas quarenta ainda é mais, como se pode ver ao longo dos sessenta anos de vida do artista. Não me interrogo sobre as qualidades no sentido aristotélico nem procuro ser impressionado por algum acaso remanescente da biografia, um daqueles que se atreve a exhibir contornos românticos ou efabulações barrocas. Pouco sei e o que posso dizer, por agora, é isto.

40

Já está na altura de teres juízo! Isto teria sido o que podia ter acontecido, se nessa altura já

se tivesse industrializado o processo das *selfies*. Pois é! Começaste muito novo a interessarte pela “Câmara Clara”, diz uma voz entre o sonho e a imagem. Há sempre um ponto na escuridão e nós queremos ver como é ou o que é. O olho mecânico prolonga-se do olhar inteligente, da configuração deduzida da percepção. O *punctum*, meu caro, nunca te esqueças do *punctum*! E o fotógrafo lá vai, permanece no instante. Apanhei-te! Há qualquer coisa no fotógrafo, na fotografia, que nos leva directamente ao mundo dos caçadores-recolectores; talvez cheguemos a Lascaux, dirá o operador. Felizmente este tempo, que já leva 40 anos, ainda vai continuar. Qualquer dia, apanho-te, velhote! Já vais fazer 60! Olha, eu ainda estou fresco. Agora é que vou trabalhar mesmo a sério. Vais ver! Mas sobre isto há muito mais a dizer. É curioso. A fotografia continua a fazer-me pensar em artes e ofícios ancestrais. Na pesca, por exemplo. É claro que me refiro à arte de marear, à preparação dos materiais, ao

longo tempo passado sob os climas. E depois a espera, a expectativa, a tensão do corpo, as linhas, o movimento e a circulação geral.

60

O tempo vai passando e é natural que se venha acrescentar ao estado de coisas alguma sabedoria. Há um momento em que nos pomos a pensar e nos sentamos sobre a idade que temos. Aparece então o horizonte, o que acontece. Entretanto o tempo passou e é sempre bom falar nisso. Pois é, meu caro! Nós vimos muita coisa e só agora temos tempo para pensar. O século dezanove e a Idade Média nos nossos campos, aldeias e quintas. A revolução urbana iniciada no Liceu. O 25 de Abril e a mudança de regime. O vento Sul que vai deixando de trazer o apito do comboio. Os anos 80 e o desencadear da reacção pós-moderna... E agora? Estamos vivos e é isso que importa.

Luís da Gama Pimenta de Castro Damásio

É sempre honroso poder falar de uma pessoa, quando a ela nos ligam sentimentos de amizade e temos causas comuns, por esta razão também não é fácil, porque a emoção e a proximidade afectiva entorpecem a palavra.

Estamos na presença de um artista com a sua sensibilidade e criatividade no mundo da arte da fotografia, aqui quer na de preto e branco quer na das “festas das cores” ou “Festim dos sentidos”.

Miguel, como amante da fotografia, percorre longos caminhos....”como um cavaleiro velho”... à descoberta de novos cenários, novos ângulos e perspectivas.

Miguel é um homem que tem paixão pela vida, pelo belo, pelo trabalho.... é um homem que sabe o que quer! é um vencedor!

Miguel é autor de uma vasta e variada obra publicada, destaco aqui a sua “excelente” participação nos livros - Casas Armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez”, da minha co-autoria, em que muitas das fotografias são do Miguel.

Manuel Carvalho

Ao ter aceite o repto do Miguel para escrever um texto sobre a sua já longa e profícua actividade fotográfica, e atendendo à grande amizade que nos une e a um percurso de vida muitas vezes partilhado, coloco-me perante uma aparente parcialidade na sua apreciação, mas, por outro lado, habilito-me a uma melhor compreensão do que a fotografia é para ele e daquilo que ele, através desta arte, pretende expressar.

Na minha opinião, toda a actividade fotográfica do Miguel se resume a uma constante e incansável vontade de nos transmitir através deste veículo as percepções e emoções geradas pelo mundo que o rodeia.

Durante todo o seu percurso de vida, a actividade fotográfica sempre refletiu uma vontade constante de aprendizagem e experimentação. Estamos, assim, ao fim destes quarenta anos, perante uma obra rica em diversas técnicas fotográficas, sempre usadas com o objectivo de nos apresentar e traduzir a sua percepção da realidade.

As múltiplas exposições e livros em que como fotógrafo participou, são o sinal inequívoco do seu empenhamento e da compreensão e identificação do público.

Com certeza o seu percurso ainda está longe de estar concluído, e o caminho já feito aumentamos a expectativa daquilo que ainda virá.

Muitos parabéns por estes 40 anos, venham os próximos 40!

Manuel Gomes Teixeira

Após me ter dedicado há 17 anos atrás, quase em exclusivo, a este encantatório processo histórico, Miguel Louro foi um dos meus primeiros clientes, tornando-se num dos raríssimos fotógrafos portugueses contemporâneos a utilizar a Platinotipia como método de impressão fotográfica.

O seu olhar só aparentemente é distraído e as suas imagens são desafiantes de imprimir. É um facto, nunca teria escolhido a Platina e o Paládio como matéria prima se procurasse a facilidade. Talvez seja esta uma das razões porque a nossa relação de trabalho e também de amizade perdure há já tanto tempo.

Miguel Louro respira fotografia levando a sua Leica ao limite transformando-a numa extensão perfeita de si próprio até concretizar os seus perpétuos projectos.

Será sempre um prazer materializar em metais raros a sua visão, transmutando-a num extenso legado visual e material que decerto nos sobreviverá.

Manuel Magalhães

Sempre encontrei alguma dificuldade em escrever sobre um amigo e sobre a sua obra, quando esta é a Fotografia, em que as imagens se sobrepõem às emoções, em que a maior dificuldade é encontrar os termos adequados para as definir. Simultaneamente, quando me iniciei na Fotografia, conheci o Miguel Louro, na sempre saudosa Associação Fotográfica do Porto, que foi importante local aprendizagem e de encontro, já lá vão cerca de quarenta anos! Fui acompanhando o evoluir da sua obra fotográfica e no decurso dos anos, diversas vezes caminhamos juntos, em projectos fotográficos ou até nas serranias do Gerez.

Abordando assuntos diversos, em Miguel Louro, sempre admirei a sua forma de ver, fotografar, quer comunicando-nos a força telúrica, ambiental e religiosa de Tibães ou o erotismo e sensualidade de um corpo feminino.

Maria de Lurdes Branco

Quis o destino que em 1988, uma linda cidade chamada Braga, me acolhesse até à presente data de uma forma carinhosa, característica da gente do Minho, para exercer a minha profissão de Educadora.

Entre muitas famílias que tive o grato prazer de conviver, pelo carinho e respeito que sempre me dedicaram, destaco a do Doutor Miguel Louro, que no dia 30 de novembro ,completará 60 de idade. Homem dedicado à sua profissão, nunca deixou de estar presente nos momentos importantes da vida das suas três filhas, constatando que são o maior AMOR da sua vida.

Entre 1988 e 2000 convivi diariamente com este pai e tive a oportunidade de reconhecer o respeito que ele tem pela natureza , a paixão que tem pela fotografia e a dedicação aos seres mais desfavorecidos.

Termino este simples testemunho, desejando-lhe uma longa vida repleta de concretizações e dizer OBRIGADA por ter confiado nas minhas mãos a educação das suas filhas de quem me orgulho muito.

Mário Dias Ramos

É vasta a obra fotográfica de Miguel Louro (melhor dizendo) do Médico Miguel Louro se começarmos por identifica-lo no seu todo onde Médico e Artista se completam, desdobram .

Explico-me - Eu escrevi um romance “O Logro” e três livros de poemas que Miguel Louro fotografou com mestria e bom gosto – Miguel Louro tomou-lhe o paladar e fotografou-os como quem escreve com a máquina fotográfica. E não escreverá ele com a máquina fotográfica ?

Bem observado ambos, eu e ele, construímos uma estrada infinita onde a expressão das coisas e do Mundo se desdobram e completam!

As minhas prosas ou os meus versos entroncam nos Nus de Miguel Louro parece que a dizer ou a explicar que tudo é uno: por sua vez o livro “ Braga 25 Anos “ que o jornalista fotografou, escreveu e prefaciou com a ajuda do mesmo fotógrafo que com ele partilhou planos foto-

gráficos de uma universidade hodierna com a mesma desenvoltura com que Miguel Louro fotografou o Ascensor do Bom Jesus de Braga ou o “ Insólito ... dos Monges de Tibães “ ?

Que quero eu dizer com aquilo que, de todo, não quero dizer?

A obra fotográfica de Miguel Louro é a transmutação da realidade e da fantasia – Ele é um realista que também sonha com a imagem fotografada; A imagem fotografada é, por sua vez, a visão de um sonhador imponderado. Opto por regressar aos Nus de Miguel. Vamos lá: os Nus de Miguel Louro são eróticos, como eróticos são as suas fantasias e o seu encantamento pela mulher-corpo.

Essas fotografias de mulheres nuas ou semi-nuas revelam, através da objectiva da máquina que ele domina magnificamente, revelam dizia, uma indisfarçável atracção /admiração pela mulher deusa que ele vem eternizando

e entronizando através de uma obra onde o erótico marca indelével presença e a todos os momentos nos transmite uma adoração quase mística pela preposição de fotos, elas próprias, um instrumento simultâneo de prazer e beleza.

A mulher-corpo é a grande aventura de Miguel Louro, do Artista e do Homem que em si mesmo coabitam – o Artista, ou os nus do Artista fazem lembrar os contos de Anais Nin, onde o erotismo vai resguardar os caminhos da vida tal como Henry Miller espraia as suas belas páginas eróticas não devassando da mulher mais do que ela própria nos oferece com o seu corpo, os seus odores, o seu abandono.

Nestes retratos de Nus, Miguel Louro, generosamente, repete connosco o prazer da sua própria experiência sensualista através de fotografias denunciadoras de uma verdade eterna e insufismável - a beleza de mulher essa suprema mobilizadora do homem com quem

se completa na aventura e na fantasia erótica e sensual de momentos já mais imperdíveis na vida amorosa de ambos – mulher e homem. Que mais se poderá dizer desta mostra tão expressiva, atraente e bela que Miguel Louro, sem complexos e tão generosamente compartilha connosco?

Talvez citando essa frase de Anais Nin:

“ Penso que a boceta de Pandora guardava os mistérios da sua sexualidade ” ... e aberrante “ a linguagem do sexo ainda está, aliás, por inventar. A linguagem dos sentidos continua ainda inexplorada ”.

Estas fotografias de Miguel Louro vem revelar o contrário, isto é, se a escrita, (como Anais Nin) escreveu em 1940, estava ainda longe, não tanto, porém, dessa essência da sensualidade dos corpos; hoje, essa imagem, através da fotografia, vem verificar uma nova forma de ver e viver o erotismo, como esta exposição de Miguel Louro comprova até à saciedade.

Mário Oliveira

Há mais de 30 anos que conheci o Dr. Miguel Louro. Primeiro como médico da empresa e depois, no fim da lenta caminhada para a amizade que fomos percorrendo, o artista. Recordo como fiquei impressionado com a sua coleção de máquinas e tantos outros objetos ligados à fotografia quando me fez uma visita guiada na sua casa. E quando tive o privilégio de conhecer melhor o homem e a obra, percebi que o Miguel guardava com o mesmo amor e sensibilidade as imagens fugazes que muitas vezes só ele via, como as ferramentas que lhe permitiam captá-las. Percebi que o Dr. Miguel Louro era um apaixonado pela fotografia. Já escrevi há anos que o mundo seria muito triste se fosse a preto e branco, mas que nas fotografias do Dr. Miguel Louro o mundo é bem alegre, bem bonito quando ele o capta e mostra a preto e branco. Parabéns a triplicar.

Paula Cruz | Telmo Cruz

No registo fotográfico das memórias da minha infância aparece o Miguel, meu primo, sempre pronto a eternizar momentos. Sempre à procura de um novo lugar, de um novo rumo. São 40 (!) anos a escrever imagens com luz”

O meu pai também te envia a seguinte mensagem: “Miguel Louro, o médico que nasceu para observar as pessoas e fotografar o mundo. Abraça-te o tio e padrinho”

Pedro Filipe Matos de Oliveira

Foi numa viagem a Malta que tive o prazer de conviver com a Dr. Miguel Louro por ocasião da cerimónia da nossa investidura como Cavaleiros Hospitalários da Ordem de São João de Jerusalém. Foi durante aquela agradável viagem em Junho de 2015 que conheci o médico reputado da cidade de Braga, cujas conversas me revelaram uma pessoa extremamente simpática, sociável, respeitosa, divertida e com grande sentido de humor. É para mim honra ser seu amigo. Com imensos projetos de vida, apercebi-me nesses curtos dias de convívio para o enorme amor que dedica à fotografia, a sua maior paixão. O Dr. Miguel Louro é um excelente fotógrafo, com um saber feito de mais de 40 anos. Ninguém como ele consegue, com um simples clique, registar e imortalizar um momento único e fogaz como um mágico pôr-do-sol. Ele vê a beleza em qualquer lugar por onde passa, uma rua, um candeeiro, uma casa, uma porta, a expressão das pessoas, os olhares, o azul do mar, reproduzir o infinito. As suas fotografias são um

instantâneo do que acontece pelo mundo e tem a grandeza de conseguir transparecer numa fotografia o significado das coisas, a alma das pessoas. A contraluz de um lago, o preto e branco das muralhas, a reprodução de um pedaço do paraíso, a corrente fria de um rio, o orvalho de um lago, a textura da pele, a nudez de uma mulher. E tudo isto é uma arte que está ao alcance de muito poucos. A obra de Miguel Louro é contemporânea, bela, mágica, muito pessoal e numa incessante captura da eternidade. As suas fotografias contam-nos uma história, a sua história. Das suas mãos, da sua câmara, saem um testemunho da sua própria originalidade, “desenha” o seu quadro, utiliza a luz como pincel, a natureza como tinta e o filme como tela, nas suas múltiplas tonalidades, consegue imortalizar numa fotografia um momento único por si escolhido. Com a sua técnica apurada, foi para mim uma aula de mestria. Todos os seus ensinamentos sobre fotografia foram como uma dádiva e por isso estou lhe imensamente grato.

Pedro Morgado

“Nada do que é humano é estranho ao médico”. Da arte vivida à arte sentida, faremos desta casa das artes médicas uma casa de todas as artes. É no cumprimento dessa vontade que, em cada estação do ano escolar, promovemos uma exposição de artes plásticas, impregnando a universidade com aquilo que é improvável à ciência e invisível aos olhos. Manter vivo o que nos une é, precisamente, não se extinguir no que é tangível nem se reduzir ao que é mensurável. É (também) essa a missão da Alumni Medicina agora renovada ao receber a exposição do Dr. Miguel Louro, médico e fotógrafo, que celebra 30 anos de clínica, 40 anos de fotografia e 60 anos de idade.

Peixoto (Família)

Qualquer obra editada pelo Dr. Miguel Louro é digna dos maiores encômios pelos temas que a apresenta, seja pelos enquadramentos, pela policromia, pela luminosidade ou um cem número de ângulos, que sempre nos surpreende.

Renata Paula Sousa Louro Cruz

Pedi-me o meu irmão para escrever algumas palavras sobre o tema da próxima exposição, 30 40 60. Que posso então dizer?

Sobre os trinta de medicina, o mínimo a dizer é o jeito que faz, pois quando estou doente e preciso, ligo-lhe para que ele me venha socorrer e receitar-me os milagrosos fármacos.

Quarenta de fotografias significa quarenta anos de sensações registadas sobre um olhar de quem sabe com talento captar acontecimentos, lugares, rostos, tristezas e alegrias. Não me esqueço duma das fotografias em que captou um dia bem feliz da minha vida, o do meu casamento.

Tive a oportunidade de ver e admirar muitas das suas exposições, mas a que me recordo com mais prazer foi na Apúlia nos taipais dum prédio em construção, o do futuro apartamento de férias dos nossos pais, isto porque no lugar em que estava programada, o salão da Junta de Freguesia, surgiram dificuldades técnicas de última hora. Mas o mar falou mais alto e os

Apulienses acorreram em massa para poderem ver os seus rostos, os seus olhares e a faina dos sargaceiros da Apúlia.

Sessenta é a bela idade que está a completar. Ufa como o tempo passa depressa! Só espero continuar a beneficiar do seu convívio e a admirar o seu trabalho por muitos anos mais.

Ricardo Fonseca

Conheci o Miguel na Associação Fotográfica do Porto, quando ainda dava os primeiros passos na fotografia. Creio que, então, ele próprio não imaginaria que, volvidos quarenta anos, o percurso que trilhou na fotografia, mais que justificaria a celebração deste marco da sua vida.

Mas os factos falam por si. Não é fácil encontrar um fotógrafo associado a um conjunto de realizações tão vasto como o seu. Se limitássemos este universo aos fotógrafos amadores, muito mais difícil seria.

Falar do fotógrafo Miguel Louro leva-nos a um olhar sobre a heterogeneidade de temas e técnicas que ele abraçou; a paisagem, o retrato, o nu, a reportagem, exercícios abstractos de luz e cor e até o auto-retrato abordado de uma forma divertida. A sua fotografia serviu também de suporte ou complemento a várias peças literárias. O Miguel é, essencialmente, um grande amante da fotografia. O prazer que ela lhe proporciona não se confina à captação da imagem. Passa também pela sua impressão, pela magia de a

ver nascer seja no ambiente solitário do “quarto-escuro” ou nas condições que nova tecnologia ao serviço da fotografia o permite.

A paixão pela fotografia levou-o além da captação e impressão da imagem. Sendo certo que o olhar, o homem, é a essência de qualquer arte, os instrumentos que a permitem materializar têm, também, um papel importante. A evolução das câmaras é peça fundamental na história da fotografia. História que o Miguel também cultiva e está notavelmente documentada na sua enorme e magnífica colecção de câmaras. É esta abordagem global à fotografia que o torna um caso exemplar de fotógrafo, apaixonado pela fotografia.

Ricardo Rio

A cidade são as pessoas e as pessoas fazem a cidade.

Miguel Louro é um cidadão que pela sua vivência, participa e contribui para a comunidade em várias facetas. Esta obra é uma prova disso, pois demonstra a sua presença como homem, como profissional e como apaixonado pela fotografia.

Sendo um homem de paixões, é assim que se apresenta como filho, pai e amigo junto de quem mais gosta. Como médico é dedicado aos seus utentes, mas é a fotografia aquela estrela que mais brilha na sua essência.

A forma como gosta de captar vários momentos, procurando a originalidade, o gosto com que maneja as máquinas que vai trocando, acompanhando as novas tecnologias, mas sempre com o fito de captar aqueles momentos que mais ninguém capta. É através da fotografia que Miguel Louro nos apresenta a sua sensibilidade e sentido estético, tentando ser também original e diversificado.

A vontade em expor os seus trabalhos, em Braga e noutros locais do país, parte sobretudo do gosto em partilhar esta sua paixão, mas também para promover e divulgar a cidade que o acolheu, Braga, onde através da arte fotográfica se exibem cantos e recantos onde se sente e respira o encanto desta bimilenar cidade.

Através do seu dinamismo e nas suas diversas facetas, Miguel Louro através da fotografia, do seu trabalho, mas sobretudo pela sua participação cívica é também um actor nesse grande palco que é a nossa comunidade. O seu contributo cívico em diversas colectividades é também uma forma de demonstrar a sua vontade de transformar o mundo que o rodeia, a que não é alheio o registo que faz do presente, mas onde está o seu espírito, é no futuro. Parabéns.

Presidente da Câmara Municipal de Braga

Rosa Silva

Assisti a muitos dos anos a que Miguel louro se dedicou a fotografia ajudando sempre que necessário à realização de diversas exposições. Deixo aqui um desejo de boa sorte e muitas oportunidades pra continuar a praticar essa atividade, Parabéns

Rui Rua

MIGUEL LOURO
SESSENTA ANOS

A PERSPICÁCIA DE UM “OLHO CLÍNICO” DE 30 ANOS,
UMA VIDA “LEICA” DE 40 ANOS
E A AMIZADE DE SEMPRE.

Rui Sousa Louro

Desde os primórdios da humanidade que encontramos, em vários tempos e latitudes, atitudes semelhantes à do Miguel quando fotografa. Encontramos essa atitude, há 15 000 anos AC, em França, nas Grutas Lascaux, onde o homem representou magníficos exemplares de bovídeos, cavalos, cervos, cabras e felinos.

Voltamos a encontra-la em Altamira, há cerca de 12 000 anos AC, com a mesma temática e atitude.

Também em grutas no Norte de África foram registados extraordinários exemplares da fauna e flora da época da então região fértil, hoje desértica.

No nosso território, datando do Paleolítico Superior, conservam-se as magníficas gravuras de Foz Côa. Também aqui revelando idêntica temática e idêntica atitude.

No Egipto Antigo, há cerca de 4 000 anos, em todas as expressões artísticas, da arquitectura à escultura e pintura, foram perpetuadas cenas da vida quotidiana e da relação do homem com os

deuses, em obras extraordinárias que chegaram aos nossos dias.

Posteriormente, no Renascimento destacam-se as magníficas pinturas, desse outro, também Miguel, na abóbada da Capela Cistina!

Desde então, nas diferentes formas de arte, foram-se destacando aqueles cujo nome passou à História, por revelarem nas suas obras a essência das coisas.

É assim que o Homem, utilizando os mais diversos registos e suportes, capta aquilo que escapa ao simples olhar, e nos mostra o âmago, o essencial.

É esta atitude que caracteriza a obra do Miguel. O Miguel não tira retratos, revela-nos a alma das coisas!

Bem hajas por isso!

Continua com o teu estetoscópio a tratar-nos do corpo e com a tua máquina fotográfica a deliciar-nos a espírito.”

Sílvia Rodrigues Oliveira

Início este texto com um vago sentimento de inquietação, confesso, e mesmo com algum constrangimento, pois certa estou de muito pouco acrescentar à soma de memórias e pontos de referência que este livro contém. Acredito que enquadrando-se numa perspectiva de síntese, a feitura desta obra, singulariza marcos que foram semeados ao longo de 40 anos, de intenso movimento, nascendo assim, uma identidade e um acúmulo subjectivo onde a fotografia e a poesia se encontram na sua expressão máxima de interpretação e simplicidade.

Falar do autor, também se torna arriscado, pois não consigo fugir à sensação de que praticamente toda a gente conhece pessoalmente o Doutor Miguel Louro, pela sua magnificência humanitária e artística. Homem despretenso, tão verdadeiro e tão firme no essencial, que vive e comunica através das suas fotografias, a única realidade que interessa - que é a verdade do coração -. Miguel Louro é um criador na arte de fotografar que a todos surpreende,

pelo amor que é refletido e cativo em todos os seus trabalhos fotográficos, que vão da mais bela “vista” à mais subtil minúcia do sentimento humano. Afectivo como poucos, fala de coraçaõ e com humor, da verdade, da liberdade, da paciência, da imaginaçaõ e do tempo que a sua arte o intima a inspirar e cativar. A sua obra de 40 anos tem seguramente o fascínio de um tempo e um espaço importantes para a memória partilhada, sabendo-se enunciar com notável simplicidade, num desígnio feito de grandeza singular que inequivocamente será uma referência para um público provedor das sabedorias das sínteses e descortinador da unidade inteligível de um Grande Homem

Teresa Glória Teixeira

Um olhar na diferença.
Decorriam os anos 1986 e numa pressa atarefada, subia a rampa do Jardim Escola João de Deus em Braga.
Pela mão, levava o meu filho, para mais um dia ali realizar novas aprendizagens.
Este percurso era realizado diariamente e num vai vem de pais, reparei que um deles, homem bem interessante, transportava sempre ou quase sempre a sua máquina fotográfica.
O meu olhar nunca mais se desviou (não amasse eu as artes).
Pelos recreios, vim a saber, que se tratava do pai de uma das colegas do meu filho, Dr.º Miguel Louro.
Espanto meu, quando vi o Dr.º Miguel Louro a fotografar as crianças do Jardim Escola.
Entusiasmada fiquei queda na observação.
O rodar da câmara os pontos de luz os locais escolhidos remeteram-me para a magia daquele instante.
Numa perícia e em exercícios técnicos, que desconhecia, aquele mundo rodava em brilho e cor.

Deste momento, chegaram às minhas mãos, as fotos mais belas que até então tinha observado.
Olhei as fotos do meu filho, tiradas pelo Dr. Miguel Louro e o meu olhar ficou diferente, perante tanta beleza!
Logo que regresssei a casa coloquei-as em porta-retratos, onde permanecem até hoje.
Os anos passaram, os destinos alteraram os percursos de vida; mas no enlaçamento do reencontro o Dr. Miguel, através da conterrânea, amiga e artista plástica Adriana Henriques, cruzou de novo o meu caminho.
A fotografia já era o “homem” o “o homem” a fotografia.
Nesta simbiose perfeita encontro a arte que está representada num olhar diferente e permanece nos porta-retratos.
Obrigada Dr.º Miguel Louro, pela pessoa que representa e pelo artista que tive o gosto de conhecer e reencontrar.
“Um olhar diferente” ficará eternizado em todos que contemplarem esta obra magnífica, agora em exposição.

Vítor Magalhães

E Monsaraz ali tão perto....

O convite surgiu muito em cima da hora, mas foi aceite por mim sem qualquer hesitação.

Tratava-se de acompanhar o meu amigo Miguel Louro até Reguengos de Monsaraz para participar, em nome da Confraria Gastronómica do Abade, no “Simpósio de Vinhos e Gastronomia da Europa –CEUCO (Conselho Europeu de Confrarias Enogastronómicas)”.

Este evento englobado na programação de “Reguengos de Monsaraz -Cidade Europeia do vinho 2015”, foi organizado pela Confraria Enogastronómica do Algarve e decorreu entre os dias 5 e 7 de junho de 2015, com a presença de muitas confrarias gastronómicas oriundas de Portugal, Espanha, França e Itália.

O Simpósio realizou-se no excelente espaço do Parque de Feiras e Exposições de Reguengos de Monsaraz e destinou-se a debater a preservação e promoção das gastronomias e dos vinhos. Os trabalhos apresentados pelos representantes das diversas regiões gastronómicas e vinícolas europeias, foram muito enriquecedores e de-

ram uma ideia do que de melhor se está a fazer na Europa em termos de preservação e promoção dos produtos regionais.

Em termos práticos, realizou-se no Sábado um almoço de partilha, em que todos os presentes puderam comprovar a qualidade dos produtos oriundos das regiões ali representadas. Pela nossa parte, apresentamos o pudim abade de priscos que, pelo que podemos observar, deixou uma ótima impressão naqueles que ainda o não conheciam.

No Sábado à noite, realizou-se o jantar de gala no muito bonito e aprazível hotel rural “Horta da Moura”, onde nos foi servida a gastronomia alentejana regada com o bom vinho alentejano, tudo acompanhado com música ao vivo.

No Domingo tivemos um desfile pelas ruas de Reguengos, integrado pelas confrarias presentes no Simpósio.

Visitamos ainda a adega cooperativa de Reguengos CARMIM, onde nos foi servido o almoço, depois da visita guiada às instalações.

Foi um ótimo fim-de-semana, não só pelo simpósio em si, mas também pelo facto de ter podido aprofundar o conhecimento que tinha sobre o meu companheiro de viagem Miguel Louro, do qual conhecia bem as suas qualidades como médico, também conhecia a sua veia artística como excelente fotógrafo, com várias exposições realizadas e vários livros publicados e que agora fiquei a conhecer como o companheiro de viagem ideal, que faz com nos sintamos sempre apoiados e confortáveis em todas as circunstâncias.

Mas a verdade é que, estando Monsaraz ali tão perto, não podíamos deixar de visitar aquela que foi, em 2007, uma das finalistas das 7 maravilhas de Portugal e que deixa todos aqueles que percorrem as suas ruas de xisto, estreitas e com as casas impecavelmente brancas, deslumbrados com a paisagem que se avista do seu castelo, com a água da albufeira de Alqueva a preencher uma grande percentagem daquela maravilhosa planície.

Miguel Louro 40 anos de fotografia

Exposições 2005 - 2015

Sente-se

20.ª Exposição individual
Platinótipias
2005

As viagens pelos vários cantos do mundo contribuíram para a criação da exposição. Fotografar assentos é um ponto de partida como é um ponto de chegada, pode ser um exercício de ilustração da semântica lexical envolvendo o artista na eventualidade dos objectos realizarem o significado «assento», ou lugar onde alguém se pode sentar.







Solar do Paço

22.^a Exposição individual

A cores e Preto e Branco

2007

O «Solar do Paço» foi objeto de uma sessão fotográfica, antecedida de estudo, reflexão e levantamento histórico do antigo convento e casa agrícola abastada.

Esta série de imagens está patente, para usufruto de todos os frequentadores deste lugar, no «Solar do Paço».







As Quatro Estações

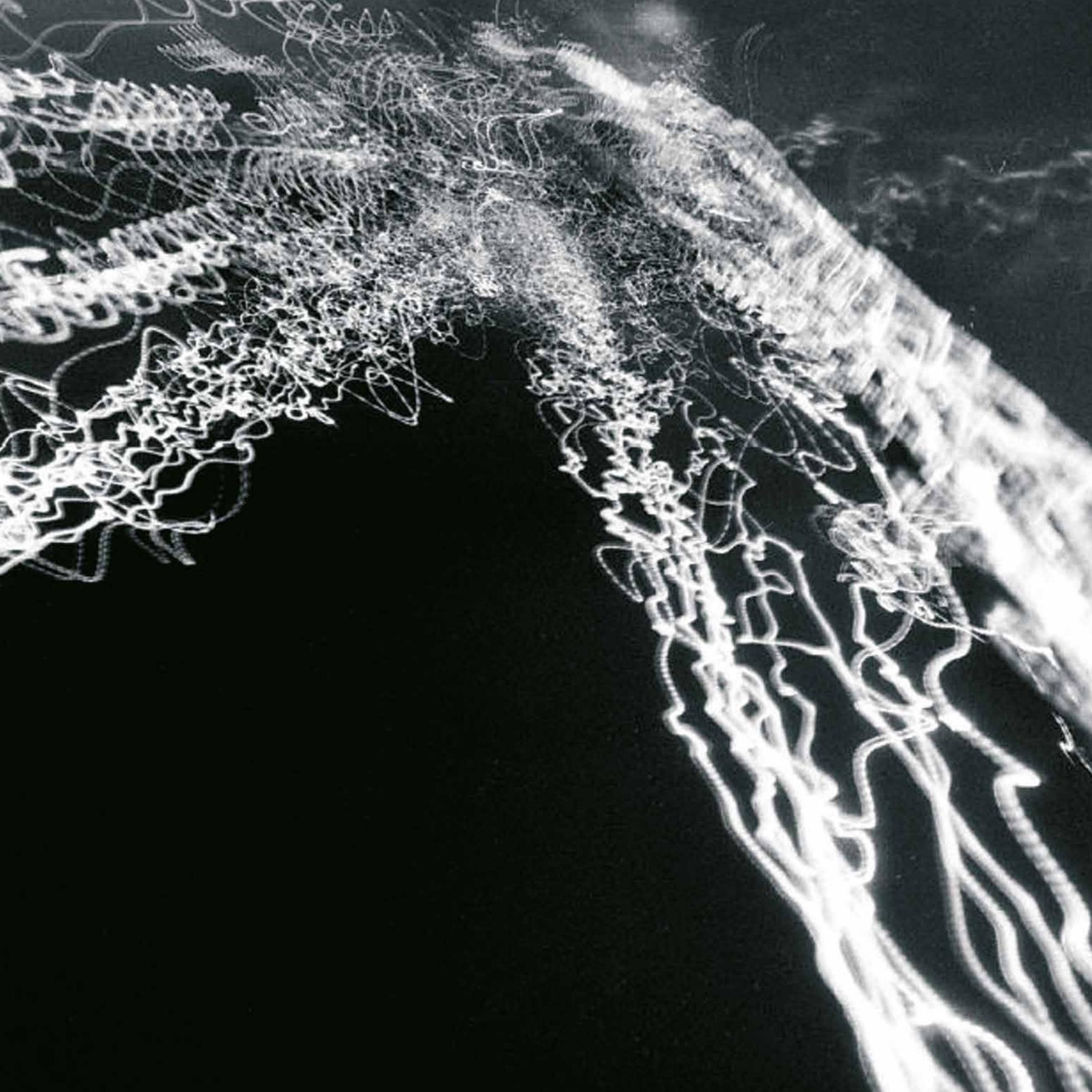
27.ª Exposição individual

Platinótipias

2006

A pequena exposição reflete para a posteridade as imagens em platinotipia do livro “As quatro Estações”.

As fotografias são muito belas em técnica de viragem, emuldas a quatro cores conforme as estações do ano e por base de imagem com folhas.





Viragem sanguínea



Viragem a sépia

A Luz Viva da Morte

28.ª Exposição individual

Telas a Preto e Branco

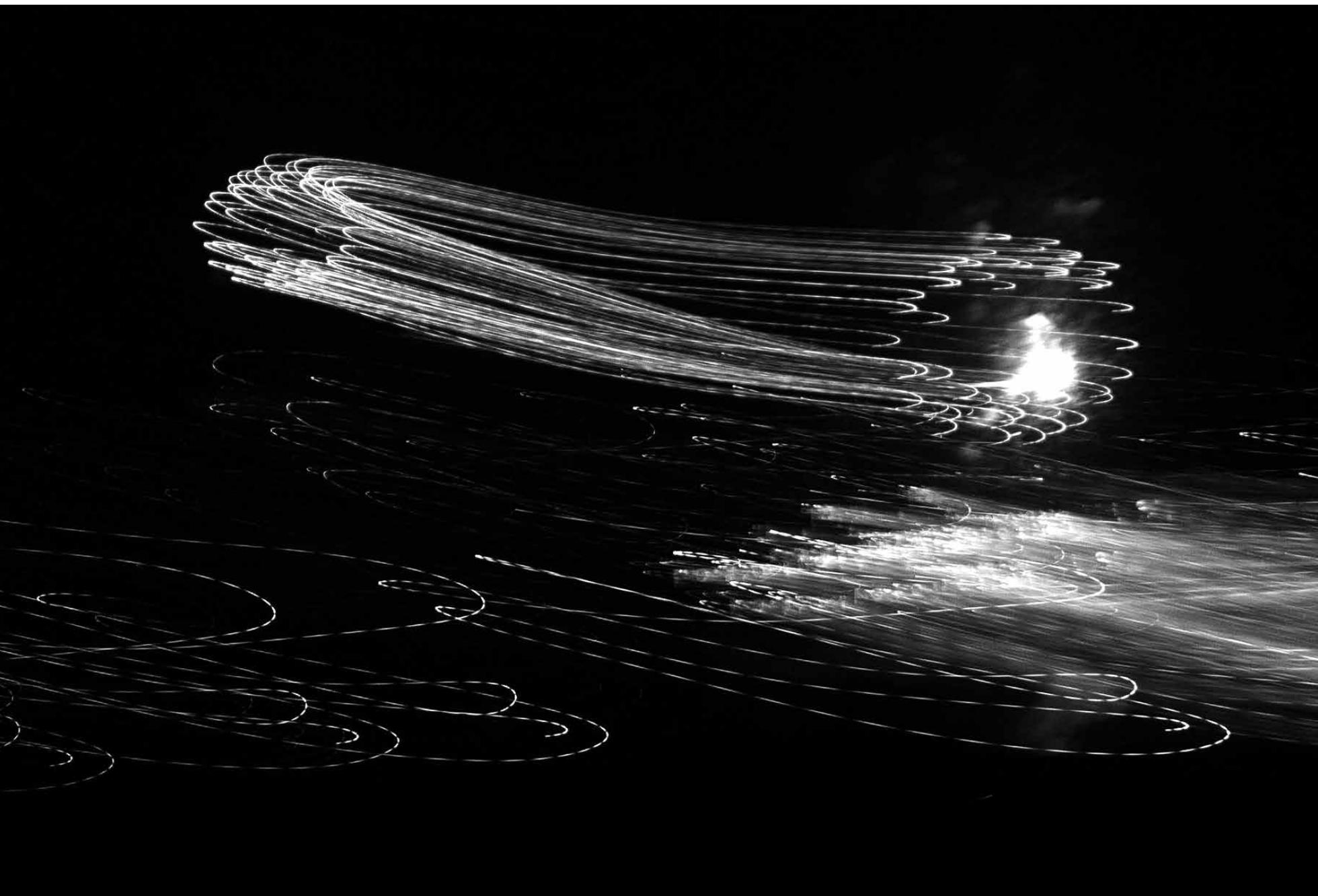
2007

A consciência da morte - que necessária e iniludível nos respeita - abala a pessoa até ao núcleo do seu ser. A morte repentina de alguém que nos é próximo ou de uma figura pública e, mais que todas, a morte de uma criança ou de um jovem põem-nos perante o mistério da morte, o enigma da vida.

**Maria da Conceição Azevedo,
in "A Luz Viva da Morte"**







Salto - Apelos do Torrão Natal

29.ª Exposição individual

Impressão em Telas a cor
2008

“Salto” tem uma história muito antiga anterior mesmo à fundação do Reino de Portugal.

“Salto” é um nome de origem latina, documentado desde o século VI, evoluindo da expressão Ad Saltum, denominação referenciada no parochiale Suévico ou “divisio Theodemiri” no ano de 569.

Esta exposição faz parte do livro do mesmo nome.





ANNO 1785

10



SUN/NUS

30.ª Exposição individual

Telas P/B e Sépia

2009

2009 - Inauguração da exposição das Telas na sala de eventos da Quinta do Pinheiro em Ferreiros-Braga no dia 5 Dezembro.

2009 - Exposição no Centro de Cultura e Congressos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos durante o mês de Fevereiro.

Os olhos já procuram interditos
Que a luz permite acesso a devaneios
Se os corpos reveláveis imprevistos
Guardarem o pudor de seus receios

Não sei de que olhar somos desejo
Que tão destemperado é no corpo
Daquele que vê outro mais exposto
Entrar pelo seu dentro insatisfeito

Dirão que o criador da sua imagem
Só quis dar luz à forma de um tecido
O corpo embrulhado na roupagem
De seu próprio encanto seduzido

Foi este corpo a criação do mundo
Nu em si mesmo se outro o não olhar
Mas de um poder que o nu torna fecundo
E justifica a luz que o consagrar

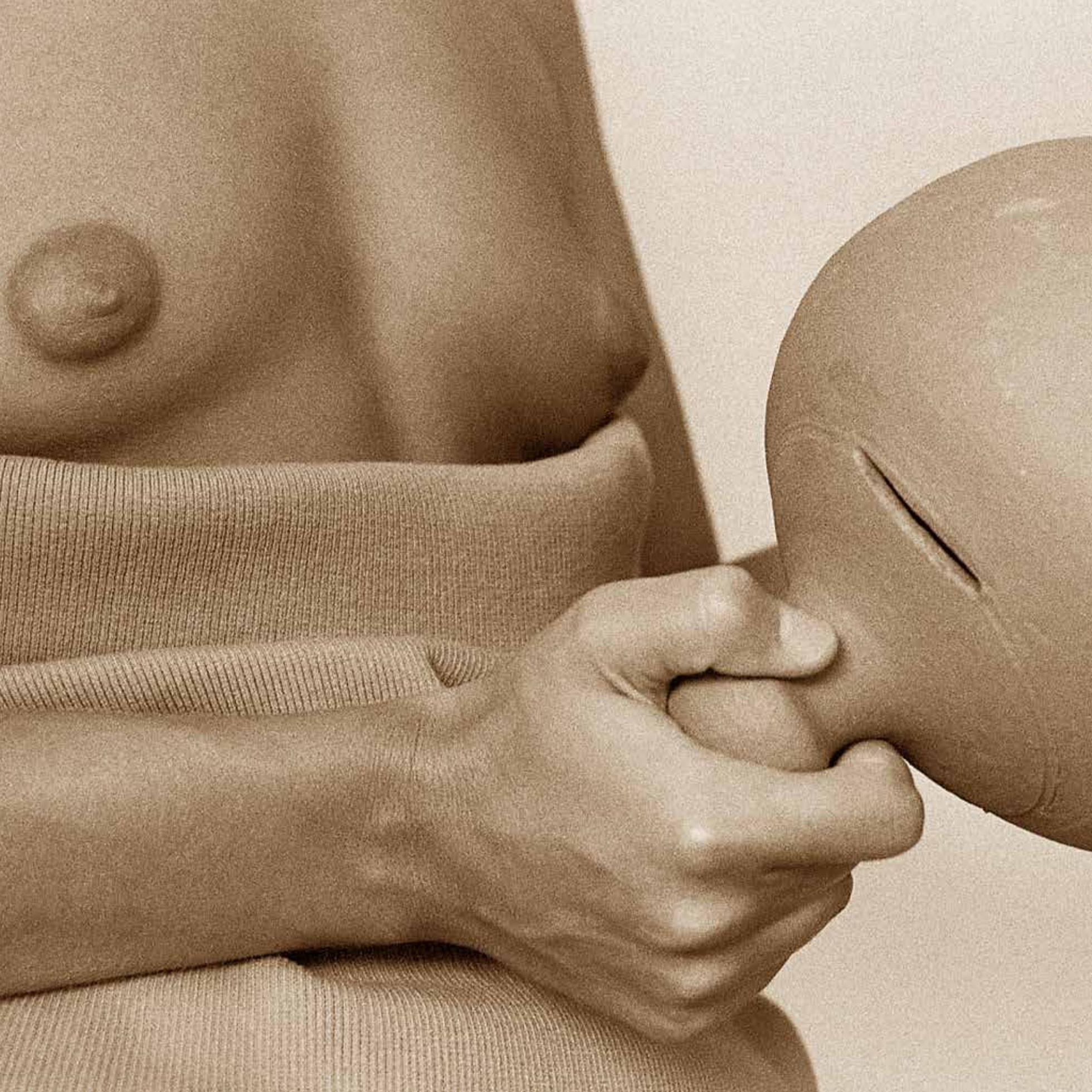
O grão é a palavra humedecida
A prova revelada do não dito
A voz suspensa a mão surpreendida
O corpo em lume brando reflectido

Talvez hoje a vulgar banalidade
De querer a olho nu toda a existência
Que se crê pele da pró pria liberdade
Tire à nudez a sua pertinência

Assim deve o artista prosseguir
A busca perspicaz da sedução
De um corpo outro corpo iludir
Num acto indiscreto de visão

José Machado

In: Cartaz da Exposição, SUN/NUS







A Dança da Luz Viva

31.ª exposição individual
Impressão em Telas a cor
2008

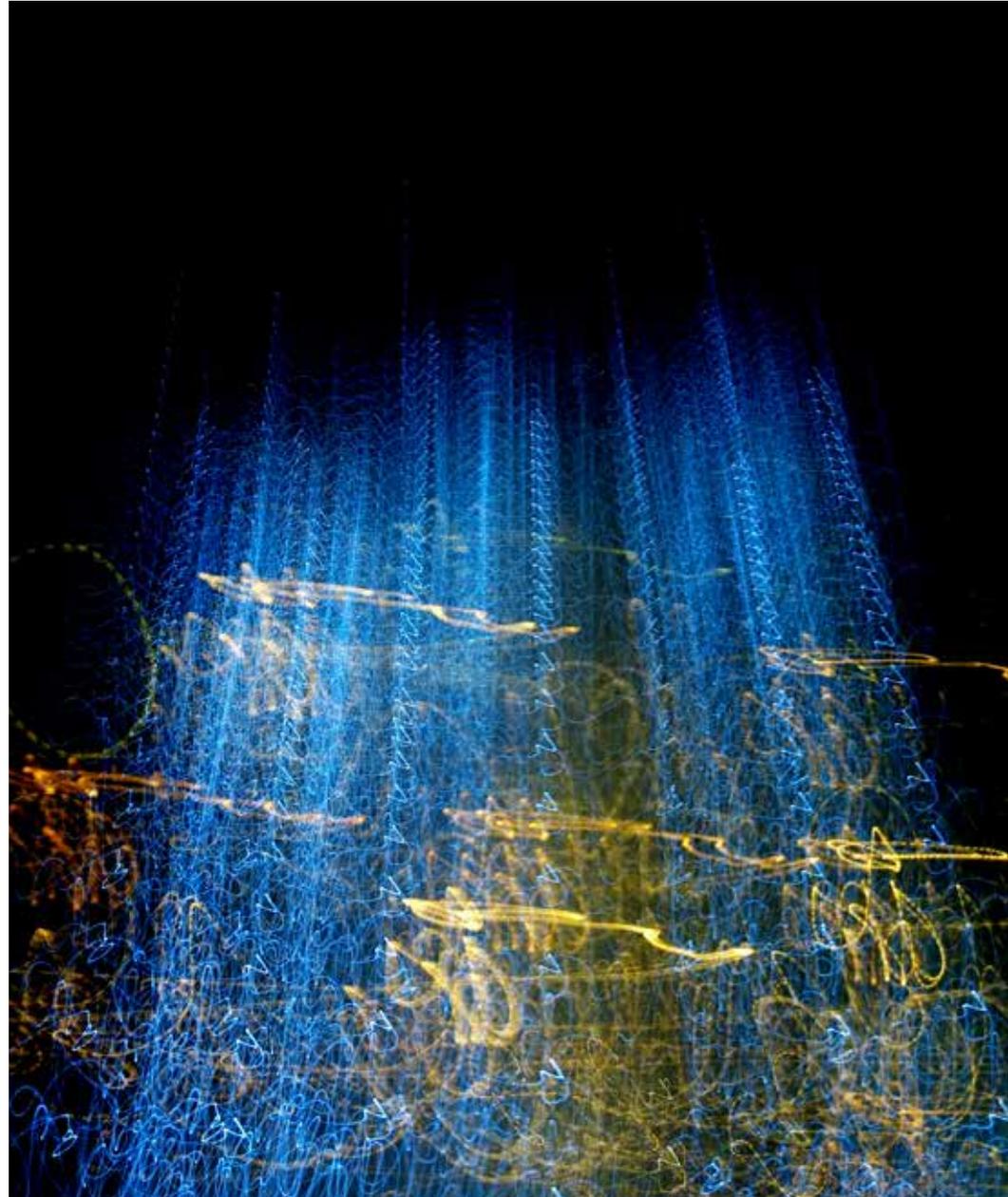
Na continuidade da obra “A luz viva da Morte” e com o advento da fotografia digital, onde a cor domina a imagem, coincidindo com a minha fase abstracta a P/B, comecei a usar a mesma técnica embora menos dispendiosa.

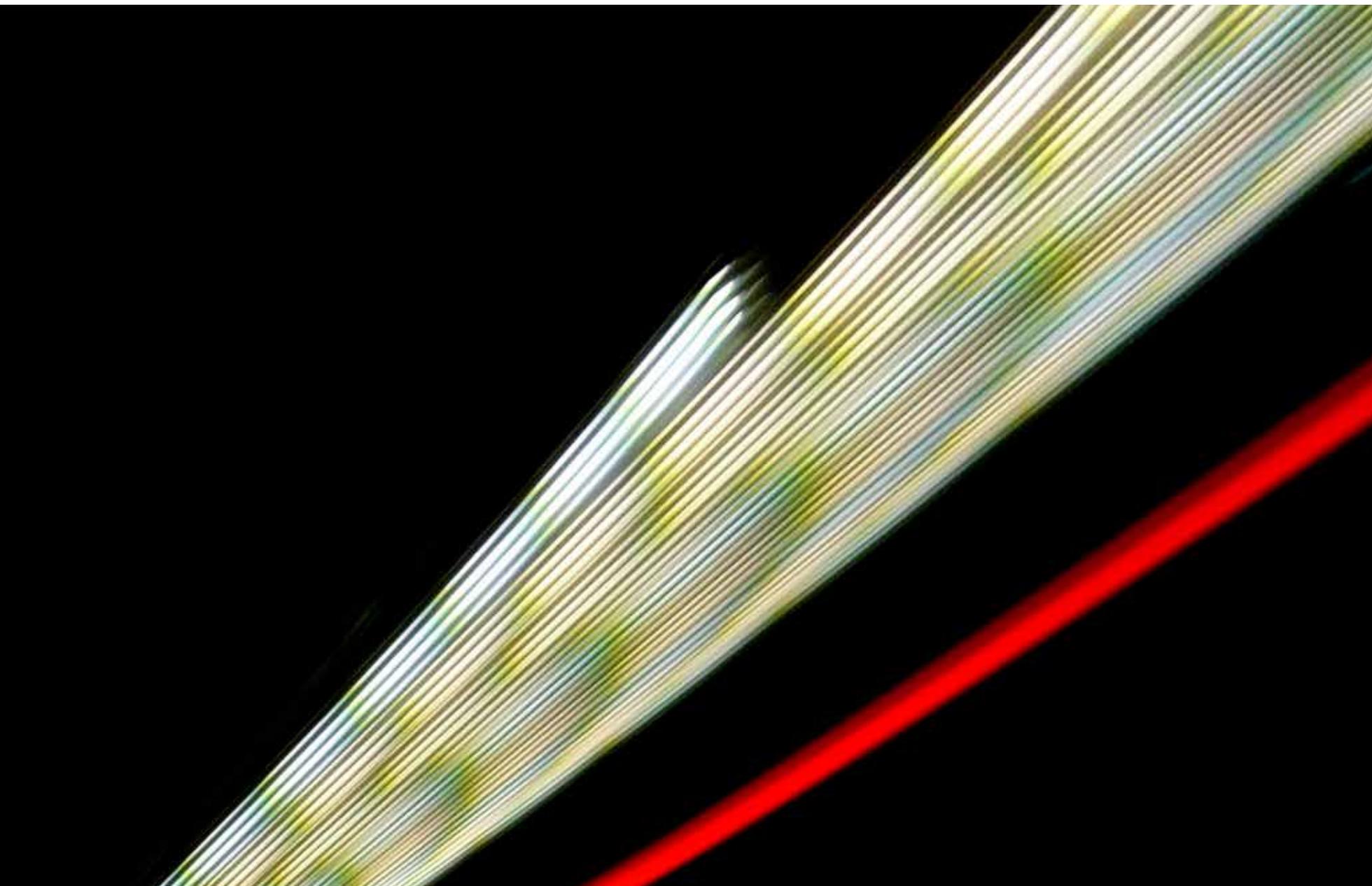
Fotografar a cor em movimento resultou nesta obra, que me agrada bastante e que representa a fase abstracta colorida.

Finalmente a cor. A luz que vive, a luz viva da vida, que deslumbra, que é o deslumbramento. Manhã, tarde, manhã, o cérebro em lume e o coração iluminado, aflito contentamento do que se repete, do que resiste, do que renasce, da sempre recomeçada ilusão. Manhã, tarde, manhã, o orgulho frágil que persiste em moldar a eternidade na corrente silenciosa do tempo que passa, a vida cantando a canção de viver, ininterrupta melodia que interliga os elos da cadeia fértil em que a vida se reproduz. Fogo de artifício incendiando as trevas, a cor é a matéria-prima da alegria. (...)

in “Dança da Luz Viva”, excerto do texto introdutório do Prof.º Dr.º José João Bianchi







3 Olhares de Arquitectura

32.ª Exposição individual

Telas de grande formato a P/B

2009

«Esta nova série de fotografias, agora reveladas ao público, sob o tema da arquitectura traz-nos o “olhar” do Dr. Miguel Louro sobre algumas arquitecturas, também elas de autor.

Para mim, não constituíram novidade, pois conheço a forma como este fotógrafo é atraído pelas formas do construído e delas faz a sua leitura, através de imagens, que se constituem esteticamente autónomas.

Algumas destas fotografias foram tiradas ao meu lado, em Praga, a edifícios de Frank Gehry e Jean Nouvel. De facto, tenho-a acompanhado, a ele a mim, nalgumas viagens, pelo que posso afirmar que a minha “febre” de ver arquitectura é sempre acompanhada pela sua vontade de a fixar através das lentes da sua “Leica”.

E o resultado é o que agora podemos apreciar e aplaudir.»

Mário Abreu, Arquitecto







Rosto

33.ª Exposição individual

Telas de grande formato a P/B
2009

Porto, 16 a 30 de Novembro de 2010, esteve patente, na Galeria da Ordem dos Médicos, uma exposição de fotografia de Miguel Louro. Intitulada "Rosto".

Póvoa de Varzim, de 1 a 16 de Outubro de 2011, esteve patente, no Diana Bar, uma exposição de fotografia de Miguel Louro. Intitulada "Rosto", a mostra retratou 35 anos de fotografia e 55 de idade do seu autor.

E é com orgulho que expôs na sua terra natal e, mais concretamente, no Diana Bar, um local que, como afirma, lhe traz "boas recordações, de quando lá ia tomar o café com a minha mãe".

Vieira do Minho, 6 Fevereiro a 28 de Março de 2011, esteve patente, no Centro Cultural Casa de Lamas, uma exposição de fotografia de Miguel Louro. Intitulada "Rosto".

2010/11 - "Miguel Louro celebra 35 anos de fotografia e autorretrata-se agora com esta série divertida de fotografias, compensando-se a si próprio de alguma limitação que a sorte lhe impôs aos olhos, através, precisamente, de um jogo de espelhos e de sombras, em situações singulares, tirando partido desse desejo secreto que o fotógrafo sempre teve, o de captar os caminhos inversos ao seu ofício de olhar em frente e se focar nos outros. Um fotógrafo é um realizador de histórias e estas são contadas por ilustração: aqui um pormenor, ali as personagens, acolá cenários, mais além motivações, depois pistas e indícios, um pouco por todo o lado sentimentos e emoções, sempre ao acaso esta ou aquela reflexão."

José Machado







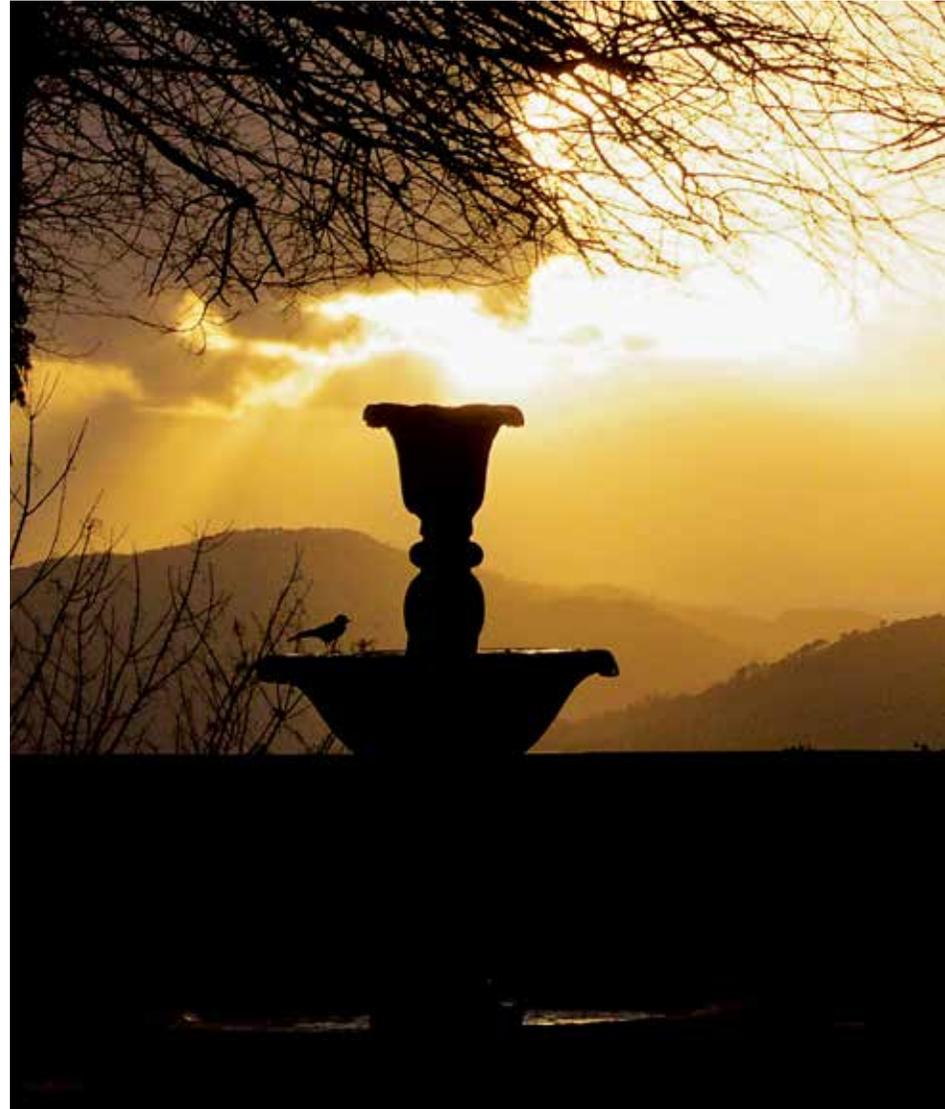


Bom Jesus do Monte - Festim dos Sentidos

34.ª Exposição individual

Telas de grande formato a cor
2011







Subir descer e ver a excelência do Barroco do Bom Jesus de Braga

35.ª Exposição individual

Telas de grande formato a cor
2013

“O Bom Jesus do Monte erigido na encosta ocidental do Monte Espinho, encastado num dos flancos da Serra do Carvalho, a leste da cidade de Braga, é uma maravilhosa arte da natureza e uma referência incontornável da arte barroca em Portugal. Apresenta-se revestido de originalidade, proporcionando um autêntico espetáculo visual. Mais que um estilo é um local de festa, um itinerário cenográfico, catequético, de sonho, encantamento, usando até aos limites os sentidos.

O conjunto monumental da estância, constituído pelo pórtico; a decoração e o espetáculo das formas do rococó no escadório dos Cinco Sentidos; o belo terreiro de Moisés, verdadeiro hino ao jardim barroco; a magnífica “gruta” rococó, escondida por entre as alamedas do parque, com a sua decoração exuberante e concheados

assimétricos; a ornamentação, as proporções, o enquadramento, o arranjo paisagístico, a imaginária, as capelas hexagonais e as quatro fontes do Terreiro dos Evangelistas; o esplendor, a perfeição das formas, o dramatismo temático, o aparato cénico com toda a sua teatralidade e exaltação barroca da estatuária; a quantidade e a diversidade de capelas e fontes fazem do Bom Jesus um museu, ao vivo, do Barroco.

O Bom Jesus do Monte transforma-se, então, num grande santuário de romagem e centro de peregrinação, um fenómeno turístico em Braga e um sítio ímpar, de reconhecimento universal, onde se encontram verdadeiros tesouros de antepassados ilustres.”

José Carlos G. Peixoto







Ascensor do Bom Jesus de Braga

36.ª Exposição individual

Telas de grande formato a cor
2013

2012 - “Com esta exposição, Miguel Louro acrescenta à realidade atual do Plano Funicular Gomes, designação sugerida pelo fundador do elevador, mais um elemento fundamental. a imagem, como um verdadeiro emblema que aposta na autenticidade, perpetuando este símbolo maior, esta herança impar do Bom Jesus, como a melhor forma de contribuir para a divulgação do património desta edénica estância.

O Médico Miguel Louro, através da fotografia, como uma forma de expressão visual, além de perenizar toda a realidade que cerca o elevador, garante um novo espaço de criatividade, dando aos olhos a precisão que, por vezes, falta à memória.

A fotografia de Miguel Louro, além de revelar imaginação criativa e sensibilidade humana, é o instrumento de uma memória social e cultural e um documento da realidade. Cada imagem mostra muito mais do que os olhos podem ver. Esta exposição é resultado do vivido, de um ato

de investimento de sentido, uma leitura e uma investigação sobre o meio de transporte que conheceu o seu advento nos finais do século XIX, registando a história numa linguagem de imagens.

Esteticamente, cada imagem ilustra e salienta um lugar escavado no planalto, romântico, verde, mas por outro lado indaga e interroga os homens que possibilitaram essa aventura, congelando a realidade, o que lá está ou que lá esteve, fruto de um momento irreconciliável do presente com o passado.

Quanto à análise do conteúdo da mensagem fotográfica, não podemos ficar indiferentes, ou nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim, ou nos imprimem, em nosso espírito, sentimentos contraditórios.”

José Carlos G. Peixoto









Mosteiro com Arte - Pintura e Fotografia

37.ª Exposição colectiva

Telas de grande formato a cor
2014







Insólito e o Ócio dos Monges de Tibães

38.ª Exposição individual

Telas de grande formato a cor e a P/B
2014

O MUNDO MÁGICO DE TIBÃES

Quem chega nunca acredita que, ao passar aquele portal, está entrando numa outra dimensão de um Mundo Mágico, mesmo que tenha similitudes com o nosso!...

Será por isso que seguindo o percurso das imagens de Miguel Louro somos capazes de penetrar no silêncio da Sábia Natureza ou na filosofia da imagem perfeita ou na beleza da estética do lugar ou finalmente na vontade anímica de compreender com os sentidos a história do património construído ou ainda miríade de histórias dos sítios escondidos na velha cerca gigante que rodeia aquele condomínio que foi, em tempos o centro do Mundo.

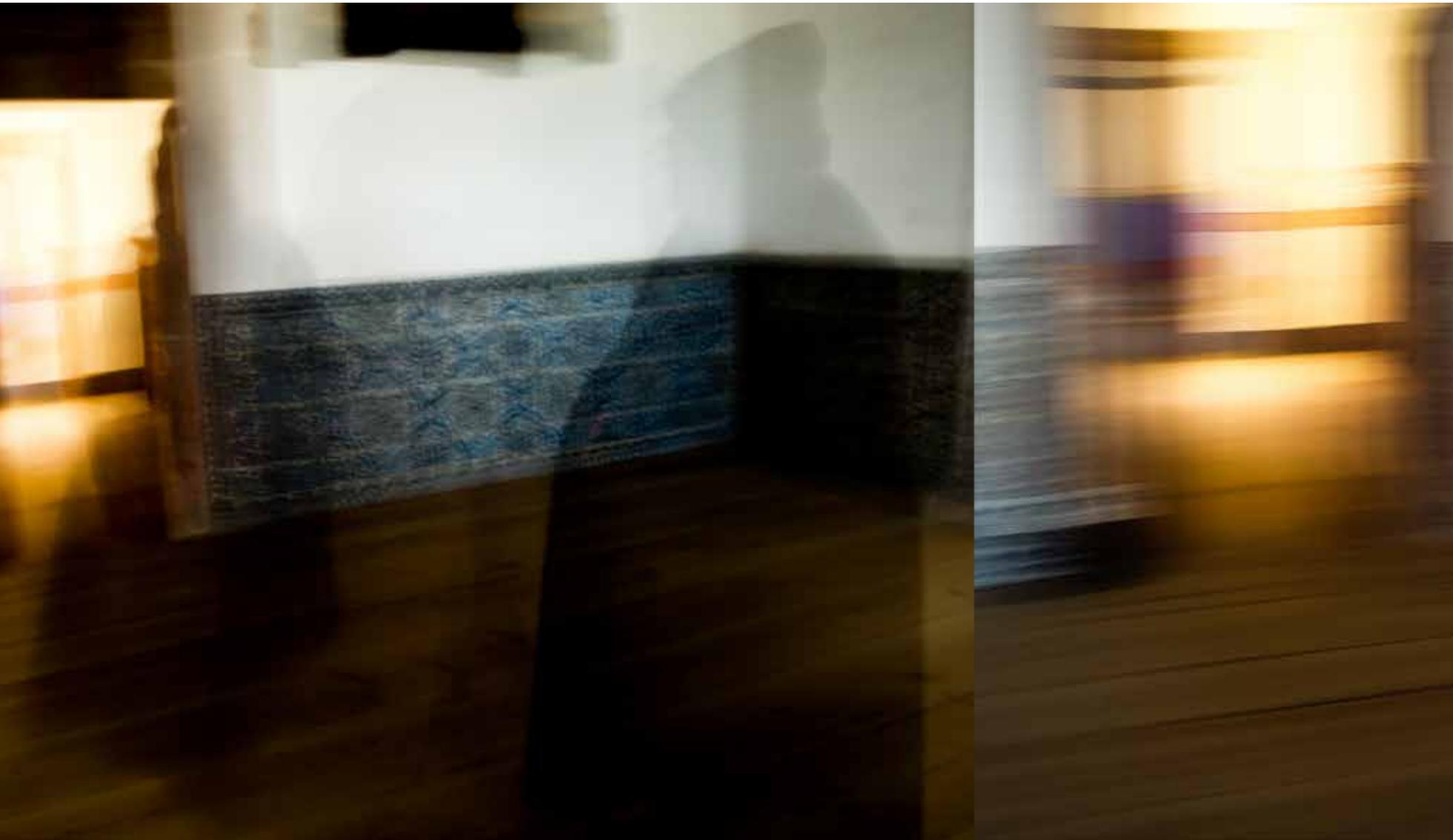
Era capital de um poder cultural, económico, político e religioso absoluto, doloroso, sacrificial. Todos estes adjectivos e sentimentos se estampam nas faces grotescas das imagens de carantonhas que o artista da imagem nos oferece como convite ou provocação – afinal condição, para o início de uma viagem, que nos leva pelos seus caminhos, a Tibães!...

E nós iniciamos a viagem e vamos!!! Subimos o caminho deserto até ao terreiro. Não avançamos mais. É impossível continuar!!!

Fernando Capela Miguel

In Tebaida 20 de Julho 2014







Ecos de uma Geração - O Homem e a Cidade

Museu Soares dos Reis
39.ª Exposição colectiva
Platinotípias
2015

Esta obra faz parte de um projecto de uma exposição colectiva de antigos fotografos amadores e profissionais, sócios da AFP- Associação Fotográfica do Porto.

A Exposição colectiva da qual elaborei um catálogo esteve presente no Museu Soares dos Reis (Porto).

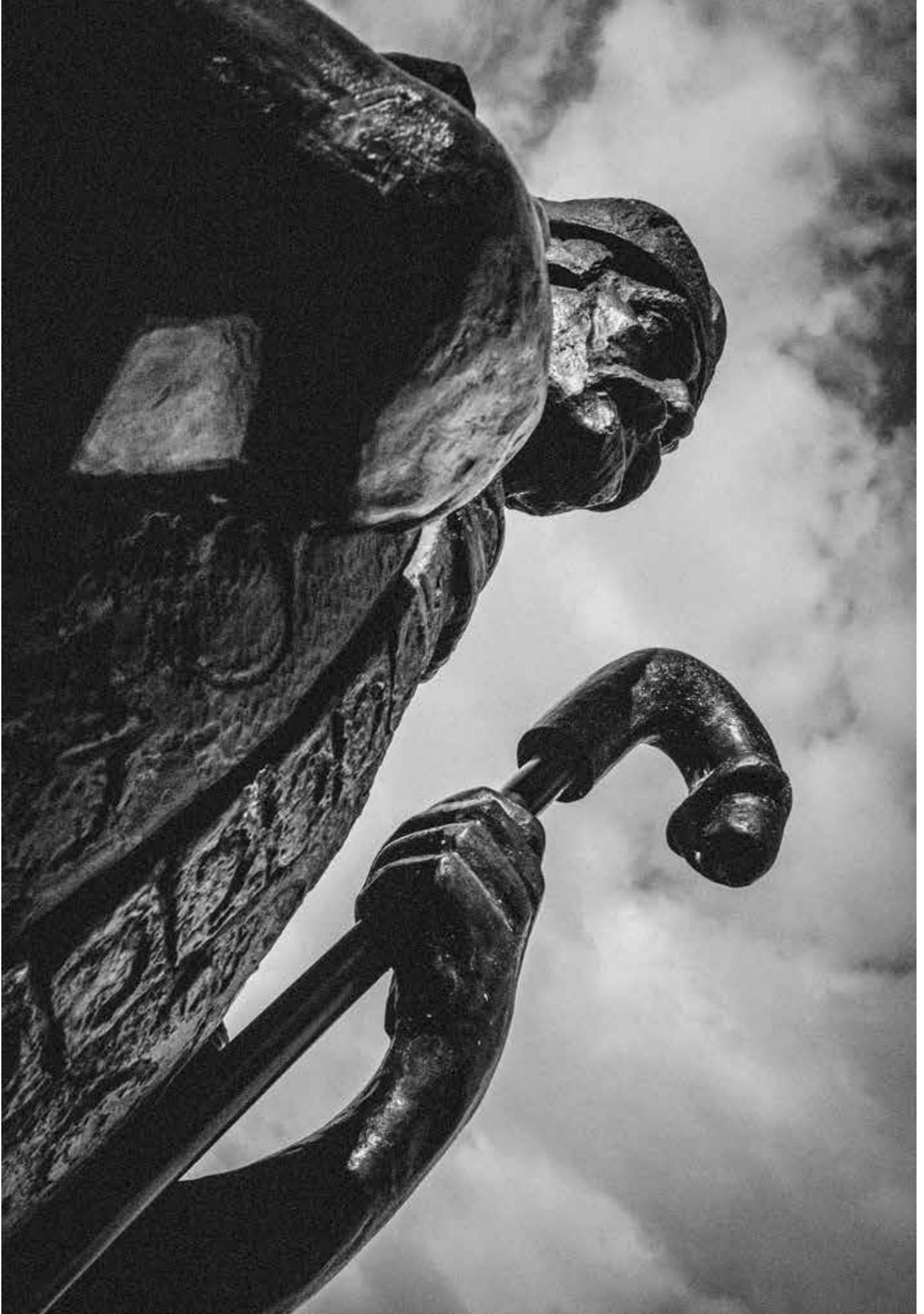
Esta exposição individual, seguiu para a pousada de S. Marinha, em Guimarães, onde está presente até ao dia 28 de Novembro de 2015.

Estará exposta no jardim da Casa Museu Noqueira da Silva integrada no projecto 30-40-60, a partir de 1 de Dezembro de 2015.

Platinotípias:

Imagens produzidas através de um processo fotográfico histórico denominado de Platinotípia é considerado por muitos como um dos mais nobres e belos métodos de impressão de sempre. O resultado de grande permanência e exclusividade, com uma inconfundível e encantadora atmosfera é formado unicamente por micropartículas metálicas de Platina e Paládio embebidas nas fibras do papel 100% algodão.







Amores, Fonte e Lágrimas

40.ª Exposição individual

Telas a P/B e sépia

2015

Volvidos mais de 600 anos de História, Inês e Pedro são devolvidos à luz do imaginário do povo, em plena Bracara Augusta, através da lente atenta do Dr. Miguel Louro.

Numa sequência de catorze fotografias, é-nos apresentada a Exposição “Amores, Fonte e Lágrimas”, em que estão representados dois casais apaixonados, transpirando amores, num local em que, hoje pleno século XXI, a fonte apenas brota torrentes de paixão e contentamento e as lágrimas, a não serem sinónimo de felicidade, secaram já na memória dos tempos. Nesta colecção é perceptível a alegria dos encontros, das expectativas, a alegria da troca do beijo – essa forma física da demonstração e exaltação do sentimento... Mas são os olhares e a troca deles, que demonstram as intimidades, as cumplicidades, as traquinices e o desejo... é o olhar, para além do beijo, que mostra tudo, não dizendo nada.

Exposição inaugural da galeria do espaço arte denominado “Formiga” na área da Sé de Braga contemplando o exercício fotográfico de 2 pares de namorados médicos, num dia de lazer pós exaustivo trabalho numa conferência médica na cidade de Coimbra.

O sitio, o repouso, o lacrimejar das águas e o cantar dos passaros inspirou-me na captação da luz destes amores na *Quinta da Lágrimas*.

FONTE DO
AMORES
1326

FONTE DA
LAGRIMAS
1580 ANOS





Fumo e Fogo da Luz ... Na Dança da Luz Viva

41.^a Exposição individual

Telas de grande formato a cor
2015

“Nas suas séries fotográficas, Miguel Louro combina os factos históricos com a actualidade, tratando a toma da imagem entre a paisagem e a arquitectura monumental, e visualizando as suas próprias imagens numa fusão de realidade e ficção, documentário e narrativa. Enquanto as suas composições incluem por vezes sequências fotográficas em que o próprio enredo parece desenvolver-se muito lentamente, as imagens das várias séries fotográficas parecem fotografias de clássicos do cinema, entre as quais parece desenvolver-se uma história. Nestas fotografias «FUMO E FOGO DA LUZ... NA DANÇA DA LUZ VIVA», de composição notavelmente sofisticada, o ele-

mento principal é sempre um espaço, cuja relação com os outros se mantém enigmática. Instantâneos focados, pormenores contextualizados inesperados e uma mudança entre um plano de fundo real e outro pintado fortalecem qualquer interpretação imaginária. A história mantém-se fragmentária mas, ao mesmo tempo, são estas imagens emocionalmente enfáticas que combinam a realidade e a ficção numa abordagem visual notável.”

Adriana Henriques



Vivências de Dom Frei Caetano Brandão por terras do Brasil

Museu Pio XII - Braga

43.ª Exposição individual

Fine Art Print a cor

Livro a editar com fotografias

actuais de Miguel Louro

2015/16

«Este projeto nasceu de uma parceria com José Carlos Gonçalves Peixoto e envolve a figura de um grande arcebispo de Braga, conhecido por Pai dos Pobres, que no norte do Brasil, desenvolveu uma notável ação sócio-educativa. Cativado pelo projeto, desde logo pensei em trilhar os caminhos percorridos por Frei Caeta-

no Brandão, nas visitas pastorais, por terras de Belém do Pará, Manaus, Amazonas, etc.

Nesta primeira viagem desloquei-me na companhia de um grande amigo José Carlos Pereira, onde tomamos contato com a realidade que o prelado encontrou».









As pedras sobre o Alto no Preto e Branco

Ecomuseu Casa do Capitão

44.ª Exposição individual

Fine Art Print a P/B

2015/16





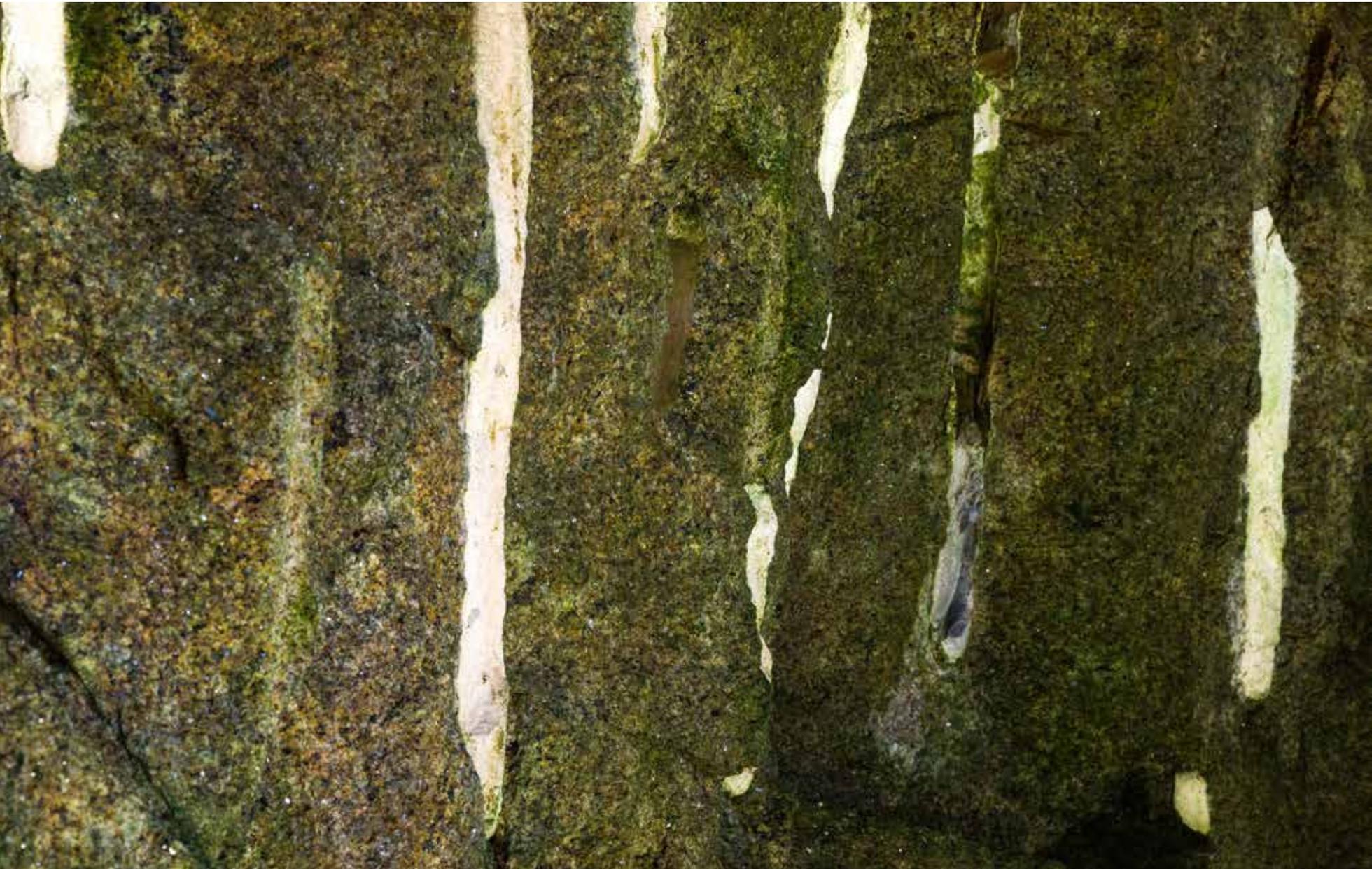




Azenha de Barcelos - Nos caminhos de Santiago

Casa da Azenha - Barcelos
45.ª Exposição individual
Telas grande formato
2015/16







Braga - Ecos de uma Geração

**Galeria de Exposições -
Museu Nogueira da Silva
47.ª Exposição individual
Platinótipias
2015/16**

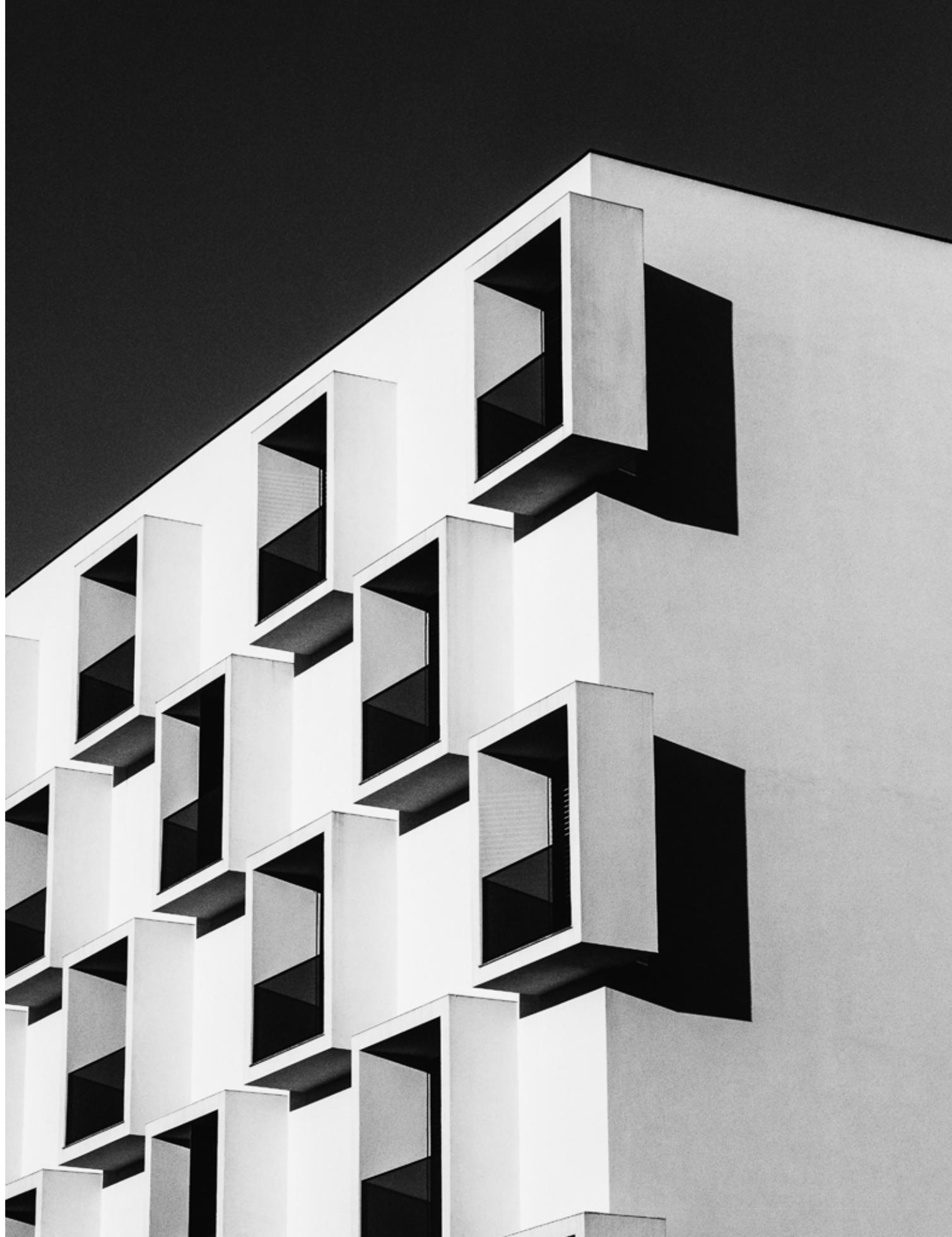
Após o desafio de um grupo de fotógrafos amigos do porto, alguns dos quais considero meus mestres.

Aqui lhes deixo vindo das suas mentes “os ecos de braga”, as platinótipias para sempre.

Esta exposição patente na galeria do museu nogueira da silva, onde por lá passei e conservei a fotografia de braga antiga.

Braga o que já foi, e sendo a cidade mais jovem da europa o que virá a ser.







Barcos do Mundo

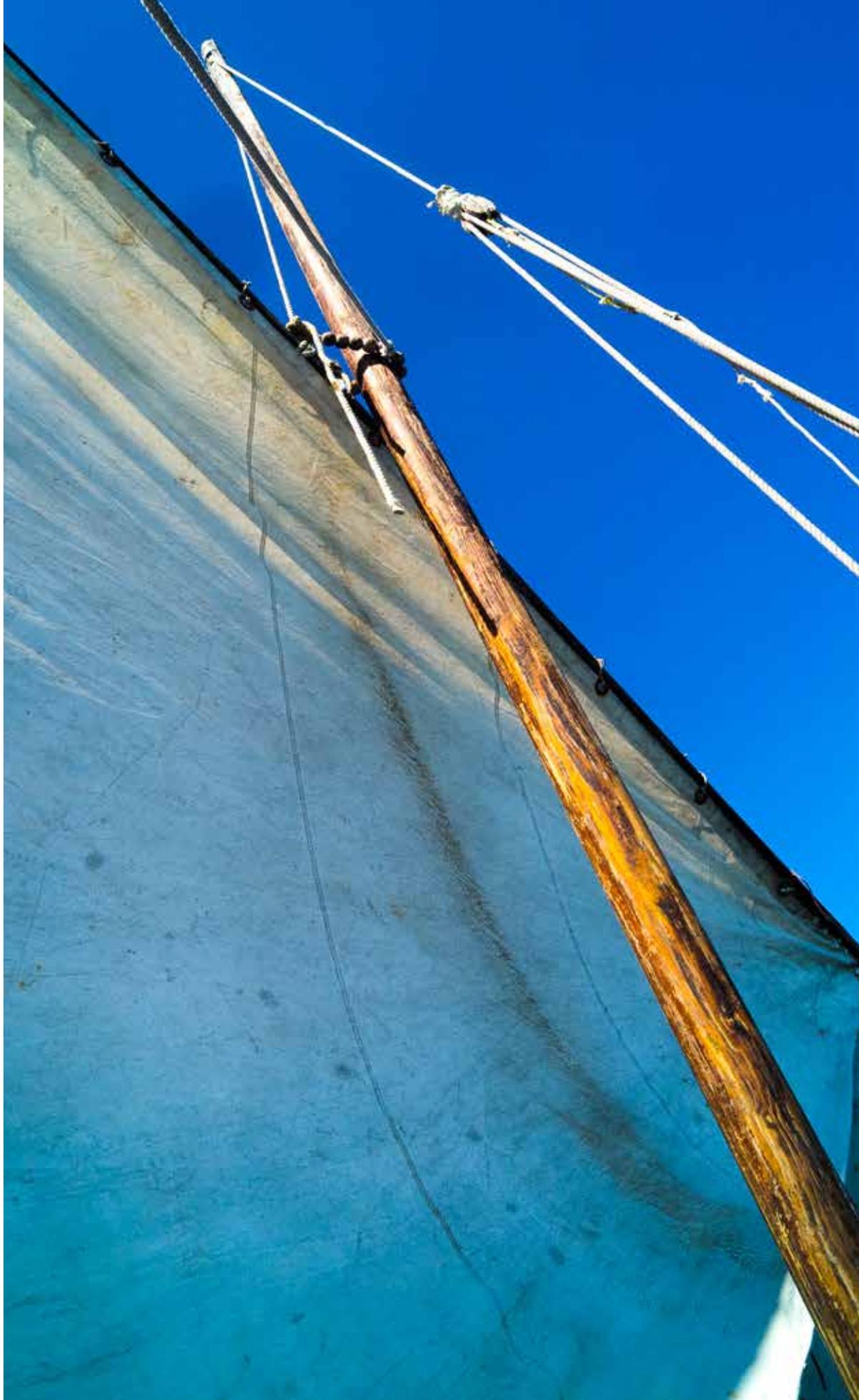
Clube Ténis de Braga

49.ª Exposição individual

Telas grande formato e

Fine Art Print

2015/16









Sentem-se

Museu D. Diogo de Sousa
50.ª Exposição individual
Platinótipias
2015/16

Sentem-se, a exposição fotográfica de platinótipias na comemoração dos meus 40 anos de fotografia, projecto desenvolvido na sequência da exposição sente-se, sentar-se e sentir-se num lugar de repouso onde tudo é válido, desde o olhar que capta a paisagem circundante, o cuchicho do pós-prandial de uma lauta refeição, o descanso depois de um exercício intenso, o sossego, o repouso de um casal de namorados. Sentem-se, passa a ser o sentarem-se e sentirem-se em comunidade e em introspecções filosóficas das pessoas em multidão. Exposição presente no Museu D. Diogo de Sou-

sa, Sala do Mosaico conjuntamente com as platinótipias da série SENTE-SE.

Todo o trabalho apresenta a evolução do banco como lugar de assento, para o banco comunitário.

Os trabalhos são apresentados em caixilhos de madeira em moldura de cunho pessoal à cor da bandeira nacional.







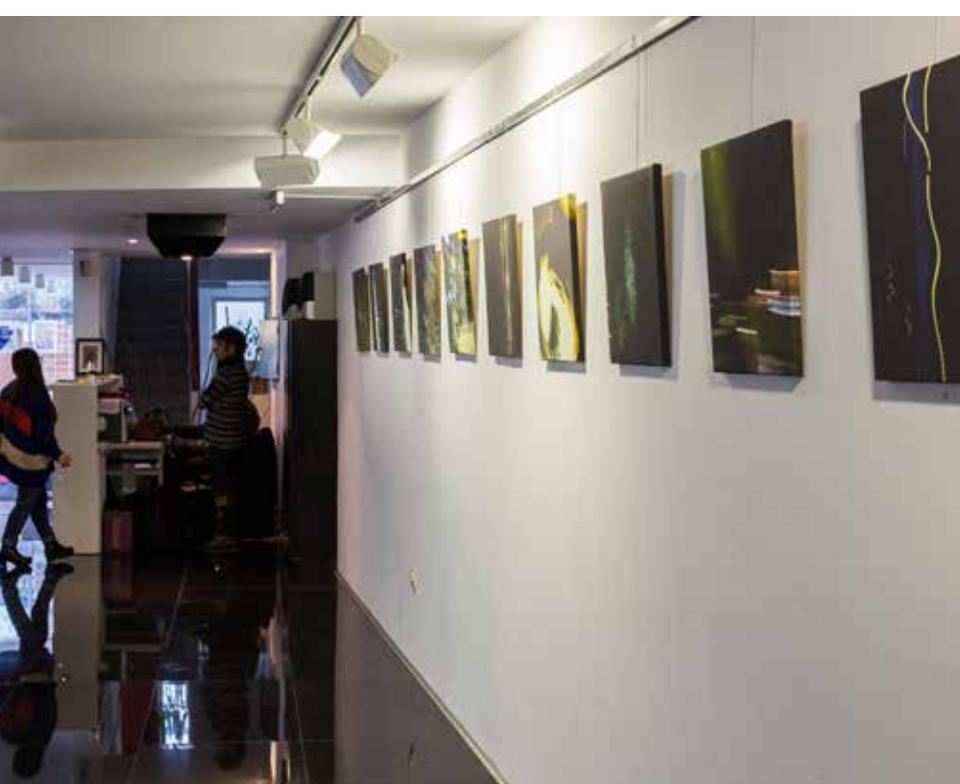
Miguel Louro 40 anos de fotografia

30 Exposições - 30 Inaugurações Retrospectiva
2015 - 2016







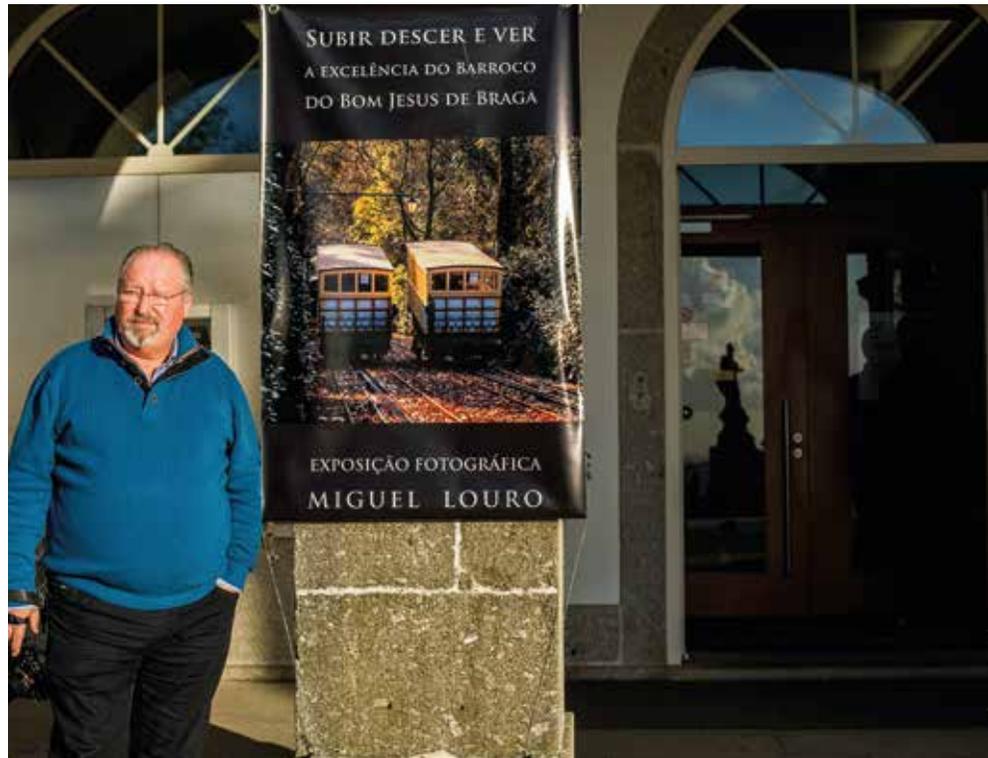
























MIGUEL LOURO
"30...40...60"
FOTOGRAFIA

"MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA FOTOGRÁFICA"

“Das suas várias fotografias, Miguel Louro escolheu as melhores e as mais importantes, tanto a nível de conteúdo quanto a nível de qualidade técnica e artística. Enquanto as suas composições incluem as mais modernas fotografias de um período recente, destacando-se as imagens das várias séries fotográficas, a maioria das imagens é de caráter documental, retratando a vida cotidiana em diferentes contextos. Nestas fotografias, “Memórias da Minha Infância Fotográfica”, se consegue observar a influência da cultura popular e o modo de vida da região com as outras se manifestam através de imagens fixadas, proporcionando uma visão crítica e histórica do mundo real e do modo de viver, trazendo qualquer informação necessária à compreensão da realidade, ao mesmo tempo, de uma maneira extremamente estética que confere a unidade à toda a obra fotográfica.”

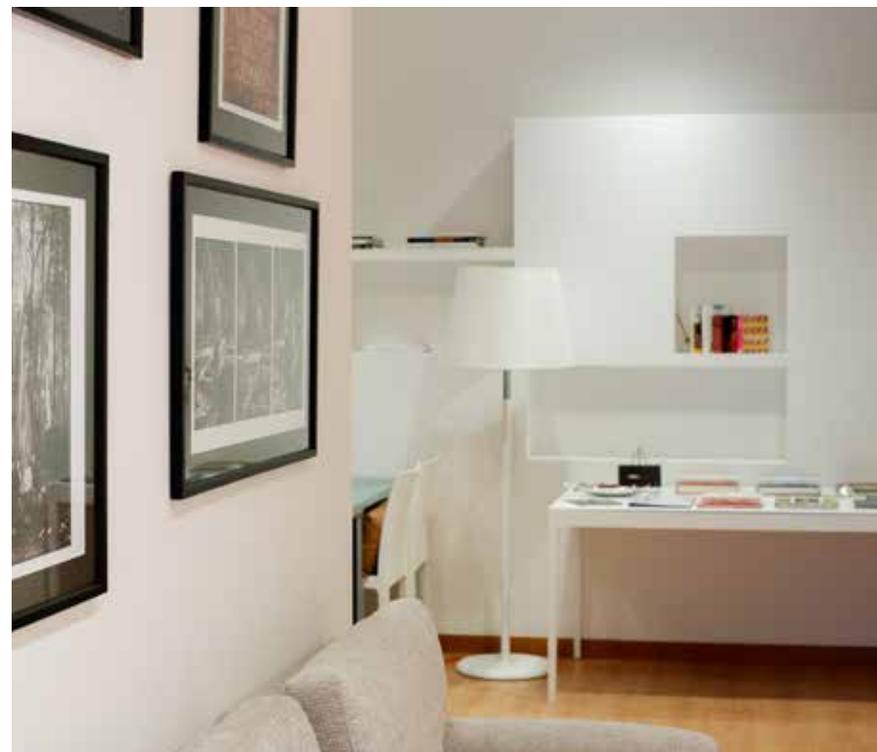
Miguel Louro nasceu na Póvoa do Varzim em 22 de Novembro de 1935. É filho de família, casado e pai de três filhos. Trabalha em uma empresa familiar - MGL - com a Casa da Cozinha. Está especializado em fotografia digital. Tem uma coleção de fotografias pessoais. É autor de várias exposições fotográficas locais e internacionais.

Exposições:
 1964 - 1965, Galeria 61 Braga; 1971 - Galeria de Arte 1970, Braga; 1978 - 1979, Galeria de Arte 1978, Braga; 1980 - 1981, Galeria de Arte 1980, Braga; 1982 - 1983, Galeria de Arte 1982, Braga; 1984 - 1985, Galeria de Arte 1984, Braga; 1986 - 1987, Galeria de Arte 1986, Braga; 1988 - 1989, Galeria de Arte 1988, Braga; 1990 - 1991, Galeria de Arte 1990, Braga; 1992 - 1993, Galeria de Arte 1992, Braga; 1994 - 1995, Galeria de Arte 1994, Braga; 1996 - 1997, Galeria de Arte 1996, Braga; 1998 - 1999, Galeria de Arte 1998, Braga; 2000 - 2001, Galeria de Arte 2000, Braga; 2002 - 2003, Galeria de Arte 2002, Braga; 2004 - 2005, Galeria de Arte 2004, Braga; 2006 - 2007, Galeria de Arte 2006, Braga; 2008 - 2009, Galeria de Arte 2008, Braga; 2010 - 2011, Galeria de Arte 2010, Braga; 2012 - 2013, Galeria de Arte 2012, Braga; 2014 - 2015, Galeria de Arte 2014, Braga; 2016 - 2017, Galeria de Arte 2016, Braga; 2018 - 2019, Galeria de Arte 2018, Braga; 2020 - 2021, Galeria de Arte 2020, Braga; 2022 - 2023, Galeria de Arte 2022, Braga; 2024 - 2025, Galeria de Arte 2024, Braga; 2026 - 2027, Galeria de Arte 2026, Braga; 2028 - 2029, Galeria de Arte 2028, Braga; 2030 - 2031, Galeria de Arte 2030, Braga; 2032 - 2033, Galeria de Arte 2032, Braga; 2034 - 2035, Galeria de Arte 2034, Braga; 2036 - 2037, Galeria de Arte 2036, Braga; 2038 - 2039, Galeria de Arte 2038, Braga; 2040 - 2041, Galeria de Arte 2040, Braga; 2042 - 2043, Galeria de Arte 2042, Braga; 2044 - 2045, Galeria de Arte 2044, Braga; 2046 - 2047, Galeria de Arte 2046, Braga; 2048 - 2049, Galeria de Arte 2048, Braga; 2050 - 2051, Galeria de Arte 2050, Braga; 2052 - 2053, Galeria de Arte 2052, Braga; 2054 - 2055, Galeria de Arte 2054, Braga; 2056 - 2057, Galeria de Arte 2056, Braga; 2058 - 2059, Galeria de Arte 2058, Braga; 2060 - 2061, Galeria de Arte 2060, Braga; 2062 - 2063, Galeria de Arte 2062, Braga; 2064 - 2065, Galeria de Arte 2064, Braga; 2066 - 2067, Galeria de Arte 2066, Braga; 2068 - 2069, Galeria de Arte 2068, Braga; 2070 - 2071, Galeria de Arte 2070, Braga; 2072 - 2073, Galeria de Arte 2072, Braga; 2074 - 2075, Galeria de Arte 2074, Braga; 2076 - 2077, Galeria de Arte 2076, Braga; 2078 - 2079, Galeria de Arte 2078, Braga; 2080 - 2081, Galeria de Arte 2080, Braga; 2082 - 2083, Galeria de Arte 2082, Braga; 2084 - 2085, Galeria de Arte 2084, Braga; 2086 - 2087, Galeria de Arte 2086, Braga; 2088 - 2089, Galeria de Arte 2088, Braga; 2090 - 2091, Galeria de Arte 2090, Braga; 2092 - 2093, Galeria de Arte 2092, Braga; 2094 - 2095, Galeria de Arte 2094, Braga; 2096 - 2097, Galeria de Arte 2096, Braga; 2098 - 2099, Galeria de Arte 2098, Braga; 2100 - 2101, Galeria de Arte 2100, Braga; 2102 - 2103, Galeria de Arte 2102, Braga; 2104 - 2105, Galeria de Arte 2104, Braga; 2106 - 2107, Galeria de Arte 2106, Braga; 2108 - 2109, Galeria de Arte 2108, Braga; 2110 - 2111, Galeria de Arte 2110, Braga; 2112 - 2113, Galeria de Arte 2112, Braga; 2114 - 2115, Galeria de Arte 2114, Braga; 2116 - 2117, Galeria de Arte 2116, Braga; 2118 - 2119, Galeria de Arte 2118, Braga; 2120 - 2121, Galeria de Arte 2120, Braga; 2122 - 2123, Galeria de Arte 2122, Braga; 2124 - 2125, Galeria de Arte 2124, Braga; 2126 - 2127, Galeria de Arte 2126, Braga; 2128 - 2129, Galeria de Arte 2128, Braga; 2130 - 2131, Galeria de Arte 2130, Braga; 2132 - 2133, Galeria de Arte 2132, Braga; 2134 - 2135, Galeria de Arte 2134, Braga; 2136 - 2137, Galeria de Arte 2136, Braga; 2138 - 2139, Galeria de Arte 2138, Braga; 2140 - 2141, Galeria de Arte 2140, Braga; 2142 - 2143, Galeria de Arte 2142, Braga; 2144 - 2145, Galeria de Arte 2144, Braga; 2146 - 2147, Galeria de Arte 2146, Braga; 2148 - 2149, Galeria de Arte 2148, Braga; 2150 - 2151, Galeria de Arte 2150, Braga; 2152 - 2153, Galeria de Arte 2152, Braga; 2154 - 2155, Galeria de Arte 2154, Braga; 2156 - 2157, Galeria de Arte 2156, Braga; 2158 - 2159, Galeria de Arte 2158, Braga; 2160 - 2161, Galeria de Arte 2160, Braga; 2162 - 2163, Galeria de Arte 2162, Braga; 2164 - 2165, Galeria de Arte 2164, Braga; 2166 - 2167, Galeria de Arte 2166, Braga; 2168 - 2169, Galeria de Arte 2168, Braga; 2170 - 2171, Galeria de Arte 2170, Braga; 2172 - 2173, Galeria de Arte 2172, Braga; 2174 - 2175, Galeria de Arte 2174, Braga; 2176 - 2177, Galeria de Arte 2176, Braga; 2178 - 2179, Galeria de Arte 2178, Braga; 2180 - 2181, Galeria de Arte 2180, Braga; 2182 - 2183, Galeria de Arte 2182, Braga; 2184 - 2185, Galeria de Arte 2184, Braga; 2186 - 2187, Galeria de Arte 2186, Braga; 2188 - 2189, Galeria de Arte 2188, Braga; 2190 - 2191, Galeria de Arte 2190, Braga; 2192 - 2193, Galeria de Arte 2192, Braga; 2194 - 2195, Galeria de Arte 2194, Braga; 2196 - 2197, Galeria de Arte 2196, Braga; 2198 - 2199, Galeria de Arte 2198, Braga; 2200 - 2201, Galeria de Arte 2200, Braga; 2202 - 2203, Galeria de Arte 2202, Braga; 2204 - 2205, Galeria de Arte 2204, Braga; 2206 - 2207, Galeria de Arte 2206, Braga; 2208 - 2209, Galeria de Arte 2208, Braga; 2210 - 2211, Galeria de Arte 2210, Braga; 2212 - 2213, Galeria de Arte 2212, Braga; 2214 - 2215, Galeria de Arte 2214, Braga; 2216 - 2217, Galeria de Arte 2216, Braga; 2218 - 2219, Galeria de Arte 2218, Braga; 2220 - 2221, Galeria de Arte 2220, Braga; 2222 - 2223, Galeria de Arte 2222, Braga; 2224 - 2225, Galeria de Arte 2224, Braga; 2226 - 2227, Galeria de Arte 2226, Braga; 2228 - 2229, Galeria de Arte 2228, Braga; 2230 - 2231, Galeria de Arte 2230, Braga; 2232 - 2233, Galeria de Arte 2232, Braga; 2234 - 2235, Galeria de Arte 2234, Braga; 2236 - 2237, Galeria de Arte 2236, Braga; 2238 - 2239, Galeria de Arte 2238, Braga; 2240 - 2241, Galeria de Arte 2240, Braga; 2242 - 2243, Galeria de Arte 2242, Braga; 2244 - 2245, Galeria de Arte 2244, Braga; 2246 - 2247, Galeria de Arte 2246, Braga; 2248 - 2249, Galeria de Arte 2248, Braga; 2250 - 2251, Galeria de Arte 2250, Braga; 2252 - 2253, Galeria de Arte 2252, Braga; 2254 - 2255, Galeria de Arte 2254, Braga; 2256 - 2257, Galeria de Arte 2256, Braga; 2258 - 2259, Galeria de Arte 2258, Braga; 2260 - 2261, Galeria de Arte 2260, Braga; 2262 - 2263, Galeria de Arte 2262, Braga; 2264 - 2265, Galeria de Arte 2264, Braga; 2266 - 2267, Galeria de Arte 2266, Braga; 2268 - 2269, Galeria de Arte 2268, Braga; 2270 - 2271, Galeria de Arte 2270, Braga; 2272 - 2273, Galeria de Arte 2272, Braga; 2274 - 2275, Galeria de Arte 2274, Braga; 2276 - 2277, Galeria de Arte 2276, Braga; 2278 - 2279, Galeria de Arte 2278, Braga; 2280 - 2281, Galeria de Arte 2280, Braga; 2282 - 2283, Galeria de Arte 2282, Braga; 2284 - 2285, Galeria de Arte 2284, Braga; 2286 - 2287, Galeria de Arte 2286, Braga; 2288 - 2289, Galeria de Arte 2288, Braga; 2290 - 2291, Galeria de Arte 2290, Braga; 2292 - 2293, Galeria de Arte 2292, Braga; 2294 - 2295, Galeria de Arte 2294, Braga; 2296 - 2297, Galeria de Arte 2296, Braga; 2298 - 2299, Galeria de Arte 2298, Braga; 2300 - 2301, Galeria de Arte 2300, Braga; 2302 - 2303, Galeria de Arte 2302, Braga; 2304 - 2305, Galeria de Arte 2304, Braga; 2306 - 2307, Galeria de Arte 2306, Braga; 2308 - 2309, Galeria de Arte 2308, Braga; 2310 - 2311, Galeria de Arte 2310, Braga; 2312 - 2313, Galeria de Arte 2312, Braga; 2314 - 2315, Galeria de Arte 2314, Braga; 2316 - 2317, Galeria de Arte 2316, Braga; 2318 - 2319, Galeria de Arte 2318, Braga; 2320 - 2321, Galeria de Arte 2320, Braga; 2322 - 2323, Galeria de Arte 2322, Braga; 2324 - 2325, Galeria de Arte 2324, Braga; 2326 - 2327, Galeria de Arte 2326, Braga; 2328 - 2329, Galeria de Arte 2328, Braga; 2330 - 2331, Galeria de Arte 2330, Braga; 2332 - 2333, Galeria de Arte 2332, Braga; 2334 - 2335, Galeria de Arte 2334, Braga; 2336 - 2337, Galeria de Arte 2336, Braga; 2338 - 2339, Galeria de Arte 2338, Braga; 2340 - 2341, Galeria de Arte 2340, Braga; 2342 - 2343, Galeria de Arte 2342, Braga; 2344 - 2345, Galeria de Arte 2344, Braga; 2346 - 2347, Galeria de Arte 2346, Braga; 2348 - 2349, Galeria de Arte 2348, Braga; 2350 - 2351, Galeria de Arte 2350, Braga; 2352 - 2353, Galeria de Arte 2352, Braga; 2354 - 2355, Galeria de Arte 2354, Braga; 2356 - 2357, Galeria de Arte 2356, Braga; 2358 - 2359, Galeria de Arte 2358, Braga; 2360 - 2361, Galeria de Arte 2360, Braga; 2362 - 2363, Galeria de Arte 2362, Braga; 2364 - 2365, Galeria de Arte 2364, Braga; 2366 - 2367, Galeria de Arte 2366, Braga; 2368 - 2369, Galeria de Arte 2368, Braga; 2370 - 2371, Galeria de Arte 2370, Braga; 2372 - 2373, Galeria de Arte 2372, Braga; 2374 - 2375, Galeria de Arte 2374, Braga; 2376 - 2377, Galeria de Arte 2376, Braga; 2378 - 2379, Galeria de Arte 2378, Braga; 2380 - 2381, Galeria de Arte 2380, Braga; 2382 - 2383, Galeria de Arte 2382, Braga; 2384 - 2385, Galeria de Arte 2384, Braga; 2386 - 2387, Galeria de Arte 2386, Braga; 2388 - 2389, Galeria de Arte 2388, Braga; 2390 - 2391, Galeria de Arte 2390, Braga; 2392 - 2393, Galeria de Arte 2392, Braga; 2394 - 2395, Galeria de Arte 2394, Braga; 2396 - 2397, Galeria de Arte 2396, Braga; 2398 - 2399, Galeria de Arte 2398, Braga; 2400 - 2401, Galeria de Arte 2400, Braga; 2402 - 2403, Galeria de Arte 2402, Braga; 2404 - 2405, Galeria de Arte 2404, Braga; 2406 - 2407, Galeria de Arte 2406, Braga; 2408 - 2409, Galeria de Arte 2408, Braga; 2410 - 2411, Galeria de Arte 2410, Braga; 2412 - 2413, Galeria de Arte 2412, Braga; 2414 - 2415, Galeria de Arte 2414, Braga; 2416 - 2417, Galeria de Arte 2416, Braga; 2418 - 2419, Galeria de Arte 2418, Braga; 2420 - 2421, Galeria de Arte 2420, Braga; 2422 - 2423, Galeria de Arte 2422, Braga; 2424 - 2425, Galeria de Arte 2424, Braga; 2426 - 2427, Galeria de Arte 2426, Braga; 2428 - 2429, Galeria de Arte 2428, Braga; 2430 - 2431, Galeria de Arte 2430, Braga; 2432 - 2433, Galeria de Arte 2432, Braga; 2434 - 2435, Galeria de Arte 2434, Braga; 2436 - 2437, Galeria de Arte 2436, Braga; 2438 - 2439, Galeria de Arte 2438, Braga; 2440 - 2441, Galeria de Arte 2440, Braga; 2442 - 2443, Galeria de Arte 2442, Braga; 2444 - 2445, Galeria de Arte 2444, Braga; 2446 - 2447, Galeria de Arte 2446, Braga; 2448 - 2449, Galeria de Arte 2448, Braga; 2450 - 2451, Galeria de Arte 2450, Braga; 2452 - 2453, Galeria de Arte 2452, Braga; 2454 - 2455, Galeria de Arte 2454, Braga; 2456 - 2457, Galeria de Arte 2456, Braga; 2458 - 2459, Galeria de Arte 2458, Braga; 2460 - 2461, Galeria de Arte 2460, Braga; 2462 - 2463, Galeria de Arte 2462, Braga; 2464 - 2465, Galeria de Arte 2464, Braga; 2466 - 2467, Galeria de Arte 2466, Braga; 2468 - 2469, Galeria de Arte 2468, Braga; 2470 - 2471, Galeria de Arte 2470, Braga; 2472 - 2473, Galeria de Arte 2472, Braga; 2474 - 2475, Galeria de Arte 2474, Braga; 2476 - 2477, Galeria de Arte 2476, Braga; 2478 - 2479, Galeria de Arte 2478, Braga; 2480 - 2481, Galeria de Arte 2480, Braga; 2482 - 2483, Galeria de Arte 2482, Braga; 2484 - 2485, Galeria de Arte 2484, Braga; 2486 - 2487, Galeria de Arte 2486, Braga; 2488 - 2489, Galeria de Arte 2488, Braga; 2490 - 2491, Galeria de Arte 2490, Braga; 2492 - 2493, Galeria de Arte 2492, Braga; 2494 - 2495, Galeria de Arte 2494, Braga; 2496 - 2497, Galeria de Arte 2496, Braga; 2498 - 2499, Galeria de Arte 2498, Braga; 2500 - 2501, Galeria de Arte 2500, Braga; 2502 - 2503, Galeria de Arte 2502, Braga; 2504 - 2505, Galeria de Arte 2504, Braga; 2506 - 2507, Galeria de Arte 2506, Braga; 2508 - 2509, Galeria de Arte 2508, Braga; 2510 - 2511, Galeria de Arte 2510, Braga; 2512 - 2513, Galeria de Arte 2512, Braga; 2514 - 2515, Galeria de Arte 2514, Braga; 2516 - 2517, Galeria de Arte 2516, Braga; 2518 - 2519, Galeria de Arte 2518, Braga; 2520 - 2521, Galeria de Arte 2520, Braga; 2522 - 2523, Galeria de Arte 2522, Braga; 2524 - 2525, Galeria de Arte 2524, Braga; 2526 - 2527, Galeria de Arte 2526, Braga; 2528 - 2529, Galeria de Arte 2528, Braga; 2530 - 2531, Galeria de Arte 2530, Braga; 2532 - 2533, Galeria de Arte 2532, Braga; 2534 - 2535, Galeria de Arte 2534, Braga; 2536 - 2537, Galeria de Arte 2536, Braga; 2538 - 2539, Galeria de Arte 2538, Braga; 2540 - 2541, Galeria de Arte 2540, Braga; 2542 - 2543, Galeria de Arte 2542, Braga; 2544 - 2545, Galeria de Arte 2544, Braga; 2546 - 2547, Galeria de Arte 2546, Braga; 2548 - 2549, Galeria de Arte 2548, Braga; 2550 - 2551, Galeria de Arte 2550, Braga; 2552 - 2553, Galeria de Arte 2552, Braga; 2554 - 2555, Galeria de Arte 2554, Braga; 2556 - 2557, Galeria de Arte 2556, Braga; 2558 - 2559, Galeria de Arte 2558, Braga; 2560 - 2561, Galeria de Arte 2560, Braga; 2562 - 2563, Galeria de Arte 2562, Braga; 2564 - 2565, Galeria de Arte 2564, Braga; 2566 - 2567, Galeria de Arte 2566, Braga; 2568 - 2569, Galeria de Arte 2568, Braga; 2570 - 2571, Galeria de Arte 2570, Braga; 2572 - 2573, Galeria de Arte 2572, Braga; 2574 - 2575, Galeria de Arte 2574, Braga; 2576 - 2577, Galeria de Arte 2576, Braga; 2578 - 2579, Galeria de Arte 2578, Braga; 2580 - 2581, Galeria de Arte 2580, Braga; 2582 - 2583, Galeria de Arte 2582, Braga; 2584 - 2585, Galeria de Arte 2584, Braga; 2586 - 2587, Galeria de Arte 2586, Braga; 2588 - 2589, Galeria de Arte 2588, Braga; 2590 - 2591, Galeria de Arte 2590, Braga; 2592 - 2593, Galeria de Arte 2592, Braga; 2594 - 2595, Galeria de Arte 2594, Braga; 2596 - 2597, Galeria de Arte 2596, Braga; 2598 - 2599, Galeria de Arte 2598, Braga; 2600 - 2601, Galeria de Arte 2600, Braga; 2602 - 2603, Galeria de Arte 2602, Braga; 2604 - 2605, Galeria de Arte 2604, Braga; 2606 - 2607, Galeria de Arte 2606, Braga; 2608 - 2609, Galeria de Arte 2608, Braga; 2610 - 2611, Galeria de Arte 2610, Braga; 2612 - 2613, Galeria de Arte 2612, Braga; 2614 - 2615, Galeria de Arte 2614, Braga; 2616 - 2617, Galeria de Arte 2616, Braga; 2618 - 2619, Galeria de Arte 2618, Braga; 2620 - 2621, Galeria de Arte 2620, Braga; 2622 - 2623, Galeria de Arte 2622, Braga; 2624 - 2625, Galeria de Arte 2624, Braga; 2626 - 2627, Galeria de Arte 2626, Braga; 2628 - 2629, Galeria de Arte 2628, Braga; 2630 - 2631, Galeria de Arte 2630, Braga; 2632 - 2633, Galeria de Arte 2632, Braga; 2634 - 2635, Galeria de Arte 2634, Braga; 2636 - 2637, Galeria de Arte 2636, Braga; 2638 - 2639, Galeria de Arte 2638, Braga; 2640 - 2641, Galeria de Arte 2640, Braga; 2642 - 2643, Galeria de Arte 2642, Braga; 2644 - 2645, Galeria de Arte 2644, Braga; 2646 - 2647, Galeria de Arte 2646, Braga; 2648 - 2649, Galeria de Arte 2648, Braga; 2650 - 2651, Galeria de Arte 2650, Braga; 2652 - 2653, Galeria de Arte 2652, Braga; 2654 - 2655, Galeria de Arte 2654, Braga; 2656 - 2657, Galeria de Arte 2656, Braga; 2658 - 2659, Galeria de Arte 2658, Braga; 2660 - 2661, Galeria de Arte 2660, Braga; 2662 - 2663, Galeria de Arte 2662, Braga; 2664 - 2665, Galeria de Arte 2664, Braga; 2666 - 2667, Galeria de Arte 2666, Braga; 2668 - 2669, Galeria de Arte 2668, Braga; 2670 - 2671, Galeria de Arte 2670, Braga; 2672 - 2673, Galeria de Arte 2672, Braga; 2674 - 2675, Galeria de Arte 2674, Braga; 2676 - 2677, Galeria de Arte 2676, Braga; 2678 - 2679, Galeria de Arte 2678, Braga; 2680 - 2681, Galeria de Arte 2680, Braga; 2682 - 2683, Galeria de Arte 2682, Braga; 2684 - 2685, Galeria de Arte 2684, Braga; 2686 - 2687, Galeria de Arte 2686, Braga; 2688 - 2689, Galeria de Arte 2688, Braga; 2690 - 2691, Galeria de Arte 2690, Braga; 2692 - 2693, Galeria de Arte 2692, Braga; 2694 - 2695, Galeria de Arte 2694, Braga; 2696 - 2697, Galeria de Arte 2696, Braga; 2698 - 2699, Galeria de Arte 2698, Braga; 2700 - 2701, Galeria de Arte 2700, Braga; 2702 - 2703, Galeria de Arte 2702, Braga; 2704 - 2705, Galeria de Arte 2704, Braga; 2706 - 2707, Galeria de Arte 2706, Braga; 2708 - 2709, Galeria de Arte 2708, Braga; 2710 - 2711, Galeria de Arte 2710, Braga; 2712 - 2713, Galeria de Arte 2712, Braga; 2714 - 2715, Galeria de Arte 2714, Braga; 2716 - 2717, Galeria de Arte 2716, Braga; 2718 - 2719, Galeria de Arte 2718, Braga; 2720 - 2721, Galeria de Arte 2720, Braga; 2722 - 2723, Galeria de Arte 2722, Braga; 2724 - 2725, Galeria de Arte 2724, Braga; 2726 - 2727, Galeria de Arte 2726, Braga; 2728 - 2729, Galeria de Arte 2728, Braga; 2730 - 2731, Galeria de Arte 2730, Braga; 2732 - 2733, Galeria de Arte 2732, Braga; 2734 - 2735, Galeria de Arte 2734, Braga; 2736 - 2737, Galeria de Arte 2736, Braga; 2738 - 2739, Galeria de Arte 2738, Braga; 2740 - 2741, Galeria de Arte 2740, Braga; 2742 - 2743, Galeria de Arte 2742, Braga; 2744 - 2745, Galeria de Arte 2744, Braga; 2746 - 2747, Galeria de Arte 2746, Braga; 2748 - 2749, Galeria de Arte 2748, Braga; 2750 - 2751, Galeria de Arte 2750, Braga; 2752 - 2753, Galeria de Arte 2752, Braga; 2754 - 2755, Galeria de Arte 2754, Braga; 2756 - 2757, Galeria de Arte 2756, Braga; 2758 - 2759, Galeria de Arte 2758, Braga; 2760 - 2761, Galeria de Arte 2760, Braga; 2762 - 2763, Galeria de Arte 2762, Braga; 2764 - 2765, Galeria de Arte 2764, Braga; 2766 - 2767, Galeria de Arte 2766, Braga; 2768 - 2769, Galeria de Arte 2768, Braga; 2770 - 2771, Galeria de Arte 2770, Braga; 2772 - 2773, Galeria de Arte 2772, Braga; 2774 - 2775, Galeria de Arte 2774, Braga; 2776 - 2777, Galeria de Arte 2776, Braga; 2778 - 2779, Galeria de Arte 2778, Braga; 2780 - 2781, Galeria de Arte 2780, Braga; 2782 - 2783, Galeria de Arte 2782, Braga; 2784 - 2785, Galeria de Arte 2784, Braga; 2786 - 2787, Galeria de Arte 2786, Braga; 2788 - 2789, Galeria de Arte 2788, Braga; 2790 - 2791, Galeria de Arte 2790, Braga; 2792 - 2793, Galeria de Arte 2792, Braga; 2794 - 2795, Galeria de Arte 2794, Braga; 2796 - 2797, Galeria de Arte 2796, Braga; 2798 - 2799, Galeria de Arte 2798, Braga; 2800 - 2801, Galeria de Arte 2800, Braga; 2802 - 2803, Galeria de Arte 2802, Braga; 2804 - 2805, Galeria de Arte 2804, Braga; 2806 - 2807, Galeria de Arte 2806, Braga; 2808 - 2809, Galeria de Arte 2808, Braga; 2810 - 2811, Galeria de Arte 2810, Braga; 2812 - 2813, Galeria de Arte 2812, Braga; 2814 - 2815, Galeria de Arte 2814, Braga; 2816 - 2817, Galeria de Arte 2816, Braga; 2818 - 2819, Galeria de Arte 2818, Braga; 2820 - 2821, Galeria de Arte 2820, Braga; 2822 - 2823, Galeria de Arte 2822, Braga; 2824 - 2825, Galeria de Arte 2824, Braga; 2826 - 2827, Galeria de Arte 2826, Braga; 2828 - 2829, Galeria de Arte 2828, Braga; 2830 - 2831, Galeria de Arte 2830, Braga; 2832 - 2833, Galeria de Arte 2832, Braga; 2834 - 2835, Galeria de Arte 2834, Braga; 2836 - 2837, Galeria de Arte 2836, Braga; 2838 - 2839, Galeria de Arte 2838, Braga; 2840 - 2841, Galeria de Arte 2840, Braga; 2842 - 2843, Galeria de Arte 2842, Braga; 2844 - 2845, Galeria de Arte 2844, Braga; 2846 - 2847, Galeria de Arte 2846, Braga; 2848 - 2849, Galeria de Arte 2848, Braga; 2850 - 2851, Galeria de Arte 2850, Braga; 2852 - 2853, Galeria de Arte 2852, Braga; 2854 - 2855, Galeria de Arte 2854, Braga; 2856 - 2857, Galeria de Arte 2856, Braga; 2858 - 2859, Galeria de Arte 2858, Braga; 2860 - 2861, Galeria de Arte 2860, Braga; 2862 - 2863, Galeria de Arte 2862, Braga; 2864 - 2865, Galeria de Arte 2864, Braga; 2866 - 2867, Galeria de Arte 2866, Braga; 2868 - 2869, Galeria de Arte 2868, Braga; 2870 - 2871, Galeria de Arte 2870, Braga; 2872 - 2873, Galeria de Arte 2872, Braga; 2874 - 2875, Galeria de Arte 2874, Braga; 2876 - 2877, Galeria de Arte 2876, Braga; 2878 - 2879, Galeria de Arte 2878, Braga; 2880 - 2881, Galeria de Arte 2880, Braga; 2882 - 2883, Galeria de Arte 2882, Braga; 2884 - 2885, Galeria de Arte 2884, Braga; 2886 - 2887, Galeria de Arte 2886, Braga; 2888 - 2889, Galeria de Arte 2888, Braga; 2890 - 2891, Galeria de Arte 2890, Braga; 2892 - 2893, Galeria de Arte 2892, Braga; 2894 - 2895, Galeria de Arte 2894, Braga; 2896 - 2897, Galeria de Arte 2896, Braga; 2898 - 2899, Galeria de Arte 2898, Braga; 2900 - 2901, Galeria de Arte 2900, Braga; 2902 - 2903, Galeria de Arte 2902, Braga; 2904 - 2905, Galeria de Arte 2904, Braga; 2906 - 2907, Galeria de Arte 2906, Braga; 2908 - 2909, Galeria de Arte 2908, Braga; 2910 - 2911, Galeria de Arte 2910, Braga; 2912 - 2913, Galeria de Arte 2912, Braga; 2914 - 2915, Galeria de Arte 2914, Braga; 2916 - 2917, Galeria de Arte 2916, Braga; 2918 - 2919, Galeria de Arte 2918, Braga; 2920 - 2921, Galeria de Arte 2920, Braga; 2922 - 2923, Galeria de Arte 2922, Braga; 2924 - 2925, Galeria de Arte 2924, Braga; 2926 - 2927, Galeria de Arte 2926, Braga; 2928 - 2929, Galeria de Arte 2928, Braga; 2930 - 2931, Galeria de Arte 2930, Braga; 2932 - 2933, Galeria de Arte 2932, Braga; 2934 - 2935, Galeria de Arte 2934, Braga; 2936 - 2937, Galeria de Arte 2936, Braga; 2938 - 2939, Galeria de Arte 2938, Braga; 2940 - 2941, Galeria de Arte 2940, Braga; 2942 - 2943, Galeria de Arte 2942, Braga; 2944 - 2945, Galeria de Arte 2944, Braga; 2946 - 2947, Galeria de Arte 2946, Braga; 2948 - 2949, Galeria de Arte 2948, Braga; 2950 - 2951, Galeria de Arte 2950, Braga; 2952 - 2953, Galeria de Arte 2952, Braga; 2954 - 2955, Galeria de Arte 2954, Braga; 2956 - 2957, Galeria de Arte 2956, Braga; 2958 - 2959, Galeria de Arte 2958, Braga; 2960 - 2961, Galeria de Arte 2960, Braga; 2962 - 2963, Galeria de Arte 2962, Braga; 2964 - 2965, Galeria de Arte 2964, Braga; 2966 - 2967, Galeria de Arte 2966, Braga; 2968 - 2969, Galeria de Arte 2968, Braga; 2970 - 2971, Galeria de Arte 2970, Braga; 2972 - 2973, Galeria de Arte 2972, Braga; 2974 - 2975, Galeria de Arte 2974, Braga; 2976 - 2977, Galeria de Arte 2976, Braga; 2978 - 2979, Galeria de Arte 2978, Braga; 2980 - 2981, Galeria de Arte 2980, Braga; 2982 - 2983, Galeria de Arte 2982, Braga; 2984 - 2985, Galeria de Arte 2984, Braga; 2986 - 2987, Galeria de Arte 2986, Braga; 2988 - 2989, Galeria de Arte 2988, Braga; 2990 - 2991, Galeria de Arte 2990, Braga; 2992 - 2993, Galeria de Arte 2992, Braga; 2994 - 2995, Galeria de Arte 2994, Braga; 2996 - 2997, Galeria de Arte 2996, Braga; 2998 - 2999, Galeria de Arte 2998, Braga; 3000 - 3001, Galeria de Arte 3000,















Miguel Louro 40 anos de fotografia

30 Exposições Onde?

30 Exposições Onde?

- 1 Pedras sobre o Alto no Preto e Branco** - Ecomuseu Casa do Capitão, Salto
- 2 Fumo e Fogo da Luz...Na Dança da Luz Viva** - Ecomuseu de Barroso, Montalegre
- 3 Rosto** - Arquivo Municipal, Fafe
- 4 A Dança da Luz Viva** - Espaço Filantrópica, Póvoa do Varzim
- 5 Insólito e o Ócio dos Monges de Tibães** - Paço dos Duques, Guimarães
- 6 Vivências do Dom Frei Caetano Brandão...em Manaus , Belém e Braga como Arcebispo** - Museu Pio XII, Braga
- 7 Sente-se** - Museu D. Diogo de Sousa, Braga
- 8 Sentem-se** - Museu D. Diogo de Sousa, Braga
- 9 Ascensor** - Galeria Cónego Cândido Pedrosa (Bom Jesus), Braga
- 10 Barcos do Mundo** - Clube de Ténis de Braga, Braga
- 11 Ecos de uma Geração I** - Museu Nogueira da Silva, Braga
- 12 Braga - Ecos de uma Geração** - Museu Nogueira da Silva, Braga
- 13 O Bom Jesus Romântico** - Palácio dos Congregados, Braga
- 14 Série Manipula** - Escola de Ciências da Saúde da UM , Braga
- 15 Sun/Nus** - Escola de Ciências da Saúde da UM , Braga
- 16 Rosto II** - Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, Braga
- 17 Memórias da minha infância fotográfica** - Escola Secundária Sá Miranda, Braga
- 18 Luz Viva da morte** - VIA XXVII Espaço Artístico de Adriana Henriques, Braga

- 19 **Miscelânea II Sente-se** - Histórico, Guimarães
- 20 **Texturas II** - Núcleo Museológico da Igreja Românica de S. Pedro de Rates, Póvoa de Varzim
- 21 **Cinco Sentidos** - Núcleo Museológico da Igreja Românica de S. Pedro de Rates, Póvoa de Varzim
- 22 **Crianças** - Fundação Jorge Antunes, Vizela
- 23 **4 Estações** - Espaço Cultural "A Formiga", Braga
- 24 **Favela da Rosinha Rio de Janeiro** - Pousada de S. Marinha, Guimarães
- 25 **Amores, Fonte e Lágrimas** - Espaço HECCOARTE, Esposende
- 26 **Azenha do Cávado no Caminho de Santiago** - Casa da Azenha, Barcelos
- 27 **O desfocar da Luz** - Clube de Golfe de Ponte de Lima
- 28 **Braga e os seus Ecos** - Ordem dos Médicos, Porto
- 29 **Luz Viva da morte II** - VIA XXVII Espaço Artístico de Adriana Henriques, Braga
- 30 **3 Olhares de Arquitectura** - Galeria do Palácio Raio, Braga

Miguel Louro 40 anos de fotografia

Exposições permanentes

Bom Jesus Hotel do Elevador

15.ª Exposição individual

Telas grande formato

1999

No âmbito de um evento fotográfico, promovido pelo Grupo de Hotéis do Bom Jesus, produzi uma série fotográfica alusiva ao espaço, à decoração, à implantação, e ao edifício histórico do Hotel do Elevador, também conhecido, no passado, por Grande Hotel do Bom Jesus, com vista à promoção e divulga-

ção desta unidade hoteleira no país e no estrangeiro.

Como responsável pelo evento, convidei outros fotógrafos consagrados, provenientes das cidades de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, cujo trabalho, a preto e branco, foi reunido numa inolvidável exposição.



Bom Jesus Hotel do Templo

15.ª Exposição individual

Preto e Branco

1999

No âmbito de um evento fotográfico, promovido pelo Grupo de Hotéis do Bom Jesus, produzi uma série fotográfica alusiva ao espaço, à decoração, à implantação, e ao edifício centenário do Hotel do Templo, também conhecido, no passado, por Hotel do Sul e, mais tarde, Hotel Sul-Americano, com vista à promoção e

divulgação desta unidade hoteleira no país e no estrangeiro.

Como responsável pelo evento, convidei outros fotógrafos consagrados, provenientes das cidades de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, cujo trabalho, a preto e branco, foi reunido numa inesquecível exposição.



Bom Jesus
Hotel do Lago
15.^a Exposição individual
Preto e Branco
1999

No âmbito de um evento fotográfico, promovido pelo Grupo de Hotéis do Bom Jesus, produzi uma série fotográfica alusiva ao espaço, à decoração, à implantação, e ao edifício singular do Hotel do Lago, com vista à promoção e divulgação desta unidade hoteleira no país e no estrangeiro.

Como responsável pelo evento, convidei outros fotógrafos consagrados, provenientes das cidades de Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, cujo trabalho, a preto e branco, foi reunido numa grande exposição.



Sameiro Albergaria do Sameiro

18.ª Exposição individual

Sépie

2005

Na continuidade de uma encomenda do patrono Cônego Eduardo Melo Peixoto, presidente da Confraria do Sameiro, que resultou na publicação da obra "Sameiro", tiveram lugar outras iniciativas: a apresentação e lançamento

do livro, bem como uma exposição fotográfica com as imagens do livro. Presentemente as fotografias encontram-se a decorar o Hotel "Albergaria do Sameiro".



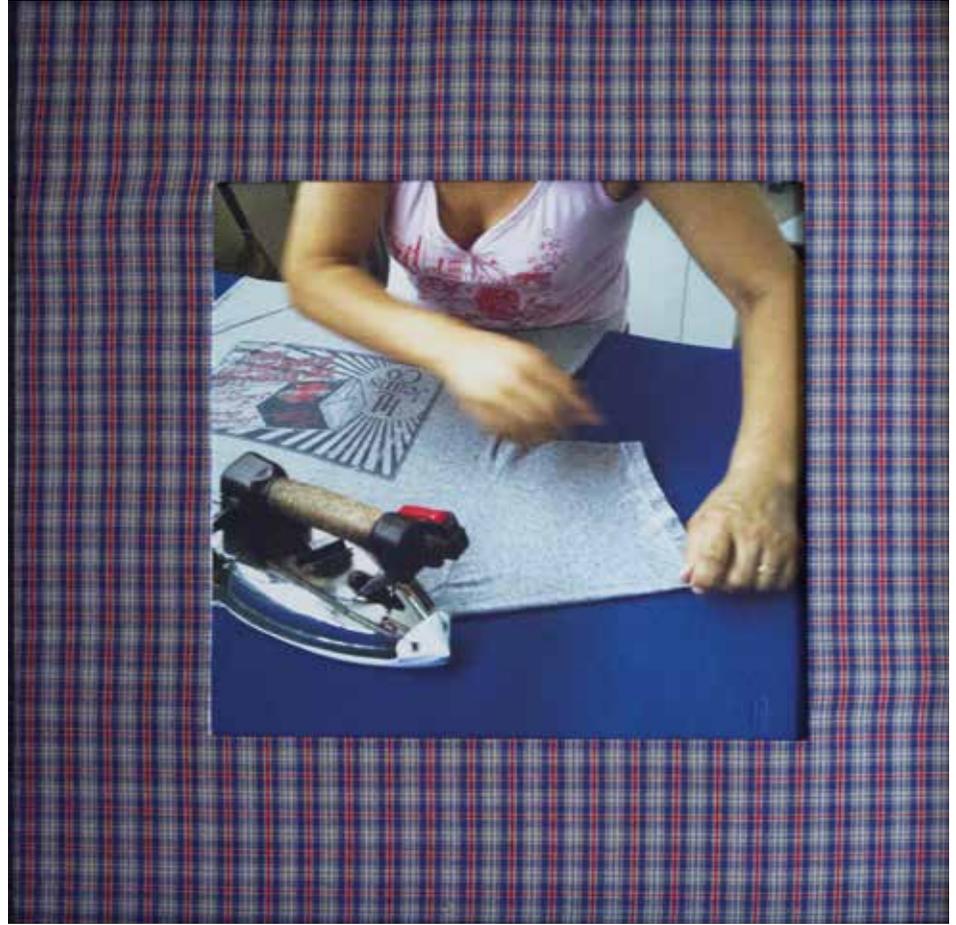
Texturas Texteis **Fergotex**

23.ª Exposição individual

Telas a cor

2009

Série de fotografias a cores dos tecidos trabalhados na fábrica FERGOTEX, como decoração das paredes na comemoração dos seus 25 anos de actividade, onde fui médico de trabalho.



Solar do Paço

22.ª Exposição individual

Telas a cor

2007

Exposição permanente decorativa nas paredes deste lugar de eventos, restaurante. As imagens a cores e preto e branco, são o levantamento das ruínas de um solar e convento.



Miguel Louro 40 anos de fotografia

Publicações - Livros

José Manuel Mendes Passagens

Percurso do olhar, direi. Sem reducionismo. Ciente de que privilegio uma das dimensões que, na obra de Miguel Louro, mais me percutiram. Desde sempre.

Olhar recolector, decerto. E, nunca à margem da emoção criativa, ávido de energias que repropõem a cidade, uma qualquer cidade, sítios, monumentos, paisagens, seres, objectos, ao invés do óbvio.

Olhar não esculpido pela indolência, portanto. Nem por heras de próximo tipo: cacofonia, redundância, linearidade nas abordagens ou pacto que prescindam, mesmo no instantâneo, de uma opção pessoal e das suas implicações. Daí que Tibães ou a talha dourada do Bom Jesus, dois exemplos, surjam, à luz de uma restituição estética, expungidos tanto do “alindamento” convencional como dos equívocos de certas experiências disruptoras.

Olhar que procura e descobre, capta e transmuta enquanto se traduz em lingua-

gem, presença, narrativa, construção à luz de um pensamento entre a crueza do evidente e a surpresa, o limbo e quanto molda em (ir) realidade as atmosferas do visível (não só ou sobretudo visto, ainda que num acervo plural de complementaridades). Assim, o homem na irradiação de todos os caminhos, explicitado no discorrer das imagens, não raro em véspera apenas, implicitude que um olhar outro, o nosso, preenche, justapõe, inventa. (Somos quem põe o sopro do humano no inabitado, rente ao altar, na imobilidade da estrada, cá em baixo, e com ela fazemos o rio. Arbitrariedade do receptor, réplica ao que se propõe aberto e dialógico.

Um olhar que capta, dissecam, estatui claridades e regiões de sombra, tocando nervuras do contraste, amiúde tenso, dos universos em relação: monotonalidade, policromia; nudez e tumulto; urbe, extensão erma, areal; lisura e o respirar das imperfeições; premo-

nição, inesperado; festa e drama; colagens, experiências, tradição compositiva; A matéria rugosa da (in)finitude; tempo-espaço e um sem número de binómios, bipolaridades, poligonias do possível na viagem do(s) sentido(s).

Os empreendimentos de Miguel Louro têm ingredientes, exaltados pela crítica, que, partindo do património dos saberes, da filosofia à técnica, por inteiro de buscam nos labirintos, jubilações e distopias do quotidiano, a par da pulsão memorial ou da descida às cercanias do ser em contingência.

Olhar solitário, direi. Solidário, estuante de gente, vozes, valores humano-sociais, lugares que excedem a exterioridade e as aparências para se fundirem no íntimo: essa passagem do físico ao imaterial, não somente a beleza e uma interpelação ao porvir, talvez doação exímia do fotógrafo, um narrador e poeta a quem abrimos a casa junto à água, junto ao pão.



PLAQUETTE

Seis Poemas com Destino

Mário Dias Ramos - Texto

RodriguesDesign - Paginação

Miguel Louro - Fotografia

*(Platinotipias da 24.ª Exposição da
série "Texturas")*

2006

Esta Plaquette foi a minha 1.ª experiência no início do meu trabalho de edição de livros.

É um mimo.

A junção dos poemas do meu amigo, Mário Dias Ramos, com as minhas fotografias do período abstracto, teve a ajuda preciosa do Heduíno Rodrigues na elaboração gráfica.

*Deita a cabeça no mais côncavo
da minha alma
nunca te deixarei só:
de todo o meu amor já comprometido.
sobram ainda gotas de mel
para adoçar tua boca*

**Mário Dias Ramos,
in "Seis Poemas com Destino"**

Assa curvilinea,
eta noite iras ter comigo
a outros margens!

LIVRO

O Logro

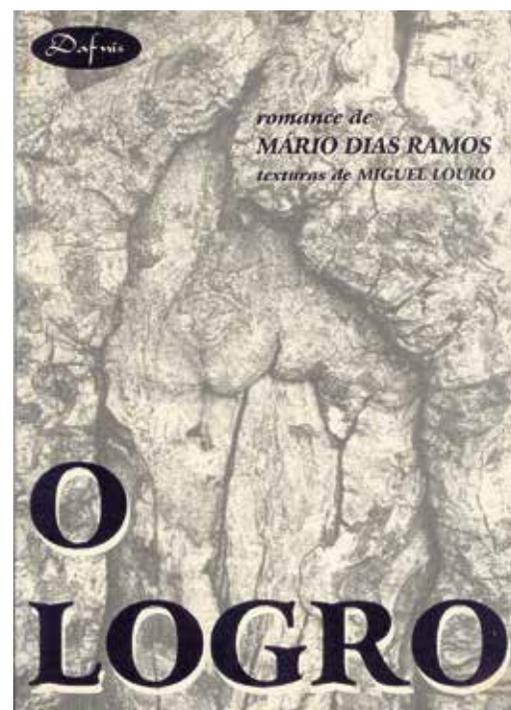
Mário Dias Ramos - Texto
Miguel Louro - Capa e Ilustração fotográfica

(Fotografias da 14.ª Exposição da série "Texturas")

1999

Com a apresentação do meu último trabalho "Texturas" e com o intuito de melhorar a apresentação plástica na reedição deste romance, escrito em Paris por Mário Dias Ramos, sugeri a capa e os separadores dos capítulos.

Nasce assim outra obra de Mário Dias Ramos com as minhas fotografias.



LIVRO

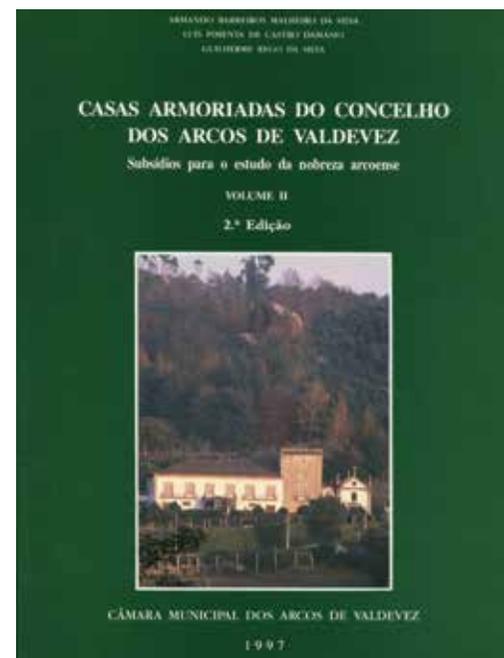
Casas Armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez

Armando Barreiros Malheiro da Silva,
Luís Pimenta de Castro Damásio e Guilherme
Rego da Silva - Textos
Miguel Louro - Fotografia
1997

A continuidade da participação do Miguel no projecto de investigação "Casas Armoriadas do Concelho dos Arcos de Valdevez", é oportuna sublinhar, a sua preciosa colaboração cúmplice ou a cumplicidade colaborado imprescindível em trabalhos desta natureza.

Não há dúvida que as fotografias da sua autoria incorporadas nas nossas obras, são fruto de uma grande qualidade de técnica e representam sempre uma mais valia.

Luís Pimenta Damásio



LIVRO

Tebosa - Nossa Terra, Minha Aldeia

Vários - Texto

Miguel Louro - Concepção e
Fotografia

(Fotografias da 26.ª Exposição)

2002

Um livro, uma viagem física e psicológica, pela terra onde habito, resultado de um trabalho cultural e de cidadania, na qualidade de Presidente da Assembleia Geral da freguesia. Além de toda a investigação, colaboram nesta publicação professores da escola local, a presidência da junta e a investigação.

Pretendemos fazer deste livro um marco histórico-cultural, uma referência para os habitantes desta



localidade, um legado que pode ser complementado pelos vindouros.

Uma oportunidade para saborear novas paisagens e conhecer outros modos e outros encantos.

Uma oportunidade para fotografar e viajar pela terra que me adotou, descobrindo identidades, origens, e memória.





LIVRO

Sameiro

Cónego Eduardo Melo

Peixoto - Texto

**Miguel Louro - Fotografia e
concepção**

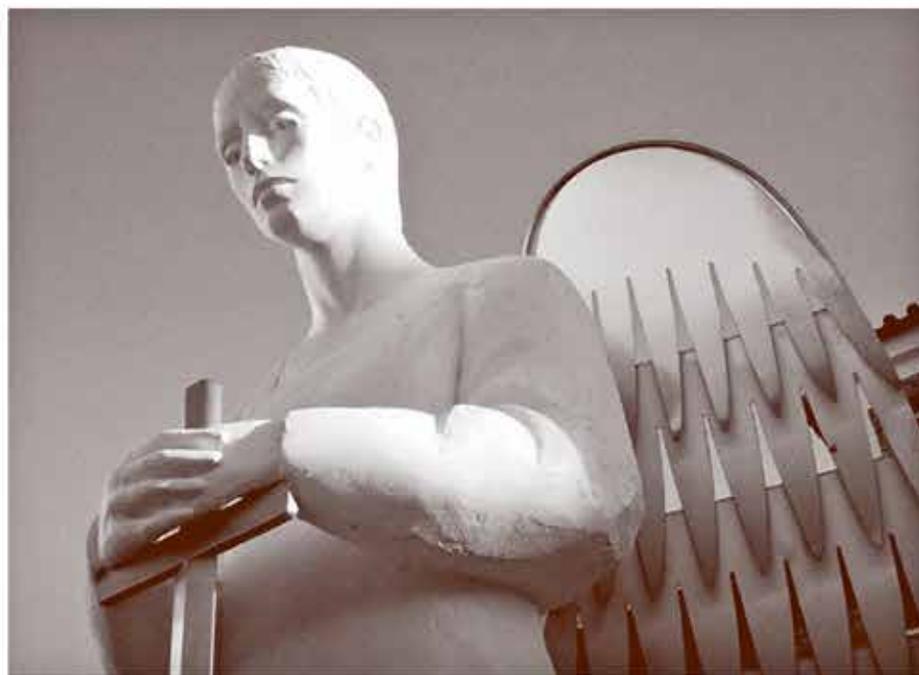
(Fotografias da 18.ª Exposição)
2004

O saudoso Sr. Cónego Eduardo de Melo Peixoto, para comemorar o centenário da Basílica do Sameiro consagrada à Imaculada Conceição, solicitou os meus contributos para perpetuar as reminiscências do tempo, em louvor da Mãe do Céu e para memória dos devotos.

Nesta época de crise de valores, de materialismo e de falta de espiritualismo, todos devemos propor novos ideais e novos comportamentos.

As fotografias formam um conjunto relativo ao espaço, à renovação da Basílica, à capela da Imaculada Conceição, e aos protótipos dos quatro arcanjos.

Pretende-se, através da fotografia, glorificar este Santuário Mariano, construído no cume da montanha, a partir de 1863, pelo Padre Martinho da Silva, fazendo dele um dos maiores centros de devoção mariana.





PLAQUETTE

Quatro Estações

Fotografia de Miguel Louro
com poemas de Mário Dias
Ramos e paginação de
Rodrigues Design
(Platinotipias da 27ª Exposição)
2006

Primavera

Nasce-me um filho
todos os anos
- no meu imaginário
primaveril!

Verão

O coração aberto
no deserto das palavras

Outono

Uma varanda de tédio
onde debruço
a minha tristeza...

Inverno

É noite e a morte chega.
Na escuridão do meu quarto.
Falo contigo de homem para homem.
Não preciso de grupos
para te orar:
bastam-me os nossos olhos...
e o bater frágil do meu coração

Mário Dias Ramos, in "4 Estações"



LIVRO

A Luz Viva da Morte

Maria da Conceição Azevedo - Texto

Miguel Louro - Conceção e Fotografia

(Fotografias da 28ª Exposição)
2006



Certo dia, a Doutora Maria Conceição Azevedo ofereceu-me a sua tese de doutoramento, marcada pelo falecimento do pai.

Tendo em conta que a morte não é um mito, é objeto de estudo de todas as religiões, que o homem através da consciência do tempo sabe que os seres desaparecem, isso nos leva a pensar numa existência futura, numa força sobrenatural que habita algum ser, para onde vamos após a morte.

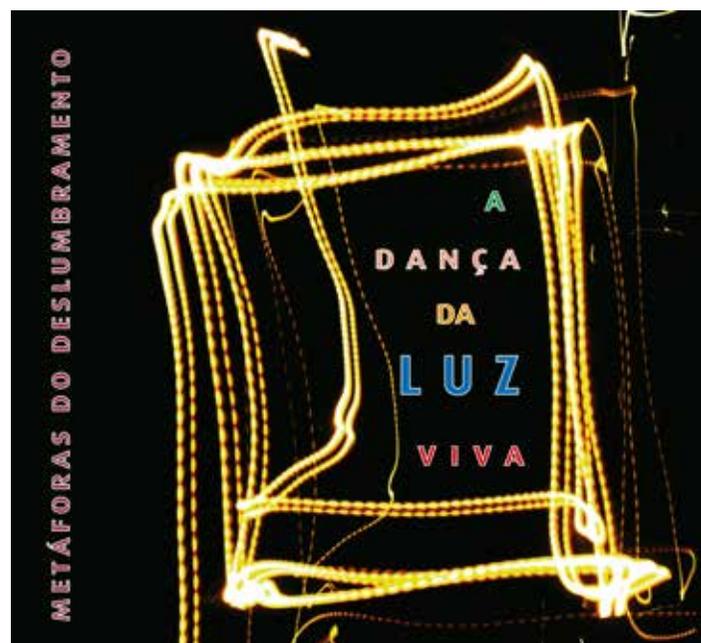
Decorrido algum tempo, em jeito de surpresa e de proposta, concebi a minha interpretação fotográfica sobre a morte, facto que me fez

reportar para momentos menos felizes da minha vida motivados por um acidente de viação, tendo permanecido em coma no Hospital de S. António no Porto.

O contraste branco e preto vs vida e morte resultou perfeitamente em fotografia analógica. Como diz Fernando Pessoa «se o mundo fosse uma fotografia a preto e branco, haveria quem a quisesse toda preta ou toda branca?».

Constituiu, igualmente, um regresso ao abstracionismo. Posteriormente, com o advento da máquina digital, apresentei o mesmo trabalho, agora a cores, no livro «A Dança da Luz Viva».





CATALÓGO

A Dança da Luz Viva

Prof.º Dr.º José João Bianchi - Textos

(Catálogo da 31.ª Exposição)
2007

Manhã, Tarde Manhã

Miguel Louro não é um fotógrafo qualquer. Graças ao ímpeto extraordinário da paixão que, há várias décadas o domina, treinando arduamente todas as perícias e todas as argúcias do ofício, e disciplinando tenazmente o olhar desses fotógrafos que inscreveram a fotografia no domínio da arte. (...)

A Luz, na crua simetria da presença e da ausência, exhibe, diagramaticamente, a fisionomia do que é. A preto e branco, as formas desnudadas, que a acromática oposição binária oferece à imaginação, fraturam o espaço perceptivo, desenhando linhas de clivagem que tornam as coisas reconhecíveis, no entrecruzar dos traços que as configuram. (...)

Não sei o que é que as fotografias de Miguel Louro significam. Provavelmente nada. Quem perguntará à música o que é que ela quer dizer?

A beleza não se declara. Mostra-se. Não se conhece. Reconhece-se na emoção que convoca. Sei apenas o que as fotografias de Miguel Louro me mostram e o que sinto diante daquilo que elas me mostram. Sei que, com elas, há no mundo um pouco mais de beleza. É tudo o que sei e é o bastante. Obrigado, Miguel.

in "Dança da Luz Viva", excerto do texto introdutório do Prof.º Dr.º José João Bianchi



LIVRO

Salto - Apelos do Torrão Natal

Maria da Conceição M.

Pacheco - Texto

**Miguel Louro - Concepção
e Fotografia**

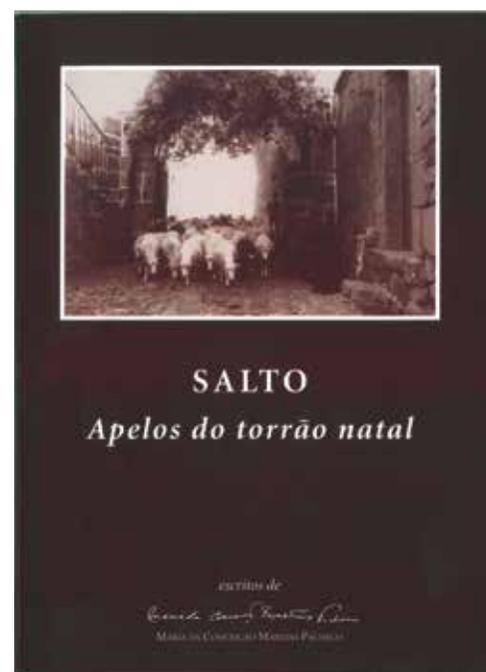
(Fotografias da 29.ª Exposição)

2008

Após ter dado provas na concepção de Obras/Livros nomeadamente “Tebosa Nossa Terra, Minha Aldeia”, foi-me pedido a colaboração na obra escrita de uma das amigas da minha mãe a Maria Conceição Pacheco, que na minha infância privei em sua casa com seus filhos, uma

professora um advogado e uma minha colega médica.

Assim com os seus preciosos textos da sua terra natal, concebi com as minhas fotografias esta bela Obra.





CATALÓGO

3 Olhares da Arquitectura

Mário Abreu - Textos

(Catálogo da 32.ª Exposição
Telas de grande formato a P/B)
2010

(...) Para Miguel, fotografar não é documentar ou ilustrar um conceito preconcebido, mas partir em busca da sua própria história, da aventura para se construir e se deixar surpreender, visitar os estereótipos, esquecer os clichés, para retirar um ponto de vista - o seu ponto de vista fotográfico - onde lhe será dada a oportunidade de compor com a sua estética, com a sua poética e com a sua política.

Com a sua estética, para nos dar o desejo de ver e aprender mais. Com a sua poética para sugerir e evocar em vez de documentar. Com



a sua política para nos devolver talvez a uma observação mais crítica das nossas cidades e da nossa condição, ou para nos forçar a relativizar.

É assim que a exposição "3 Olhares de Arquitectura no mundo" de Miguel Louro é a expressão de uma atitude e de uma sensibilidade que contribuirão certamente para o enriquecimento pessoal de cada um de nós.

**Arq.º Jean Pierre Porche,
in catálogo "3 Olhares da Arquitectura"**



CATALÓGO

Rosto

Jorge Velhote - Textos

*(Catálogo da 33.ª Exposição -
Telas de grande formato a P/B)
2010*

Na concretização de 35 anos e em que cada Exposição apresentei um Auto-Retrato, elaborei esta série de fotografias com o nome *Rosto* impresso em telas de fotografia de tamanho 50x50 e da qual produzi um catálogo com texto de Jorge Velhote.

Rosto: Um Retrato Interrompido

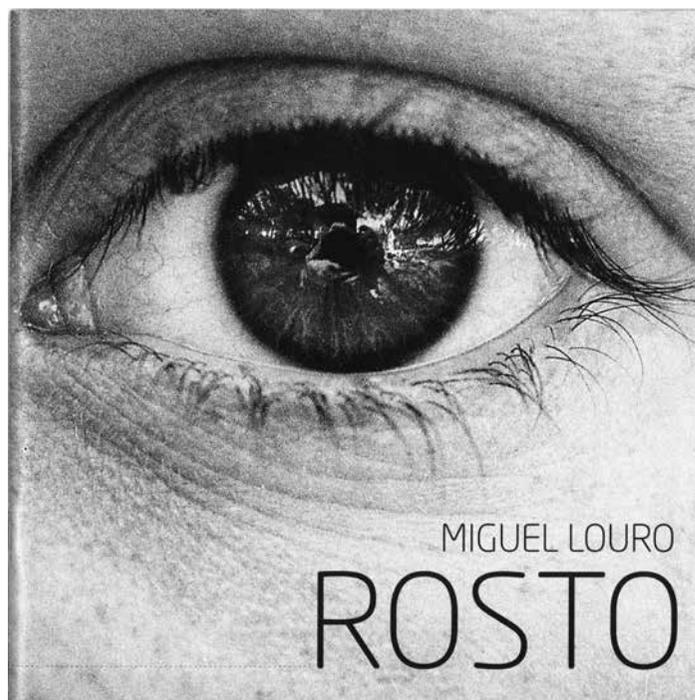
Um rosto avança na sua escuridão para em fragmentos regressar à superfície intencional de um olhar que o observa na sua delicadeza. Começa na penumbra de onde ambos se acentam um subtil jogo de sombras, uma teia tecendo as palavras mais instáveis ou uma meteorologia secreta e perversa.

Um rosto é no seu deambular fúnebre uma realidade em pousio.

Um momento vazio como uma janela ou o magma evidente do desastre como se um guia ambos unificasse.

Quem nesse rosto é parte de ti e se revela lentamente oblíquo na distância e avança? Que rosto é esse que narra na escuridão e na luz se apaga? Que dilacera o exterior como o vento as árvores ou o fogo que eterniza os códigos das casas. (...)

Jorge Velhote, in catálogo "Rosto"





CONVENTULLO DE LA BOCA

LIVRO

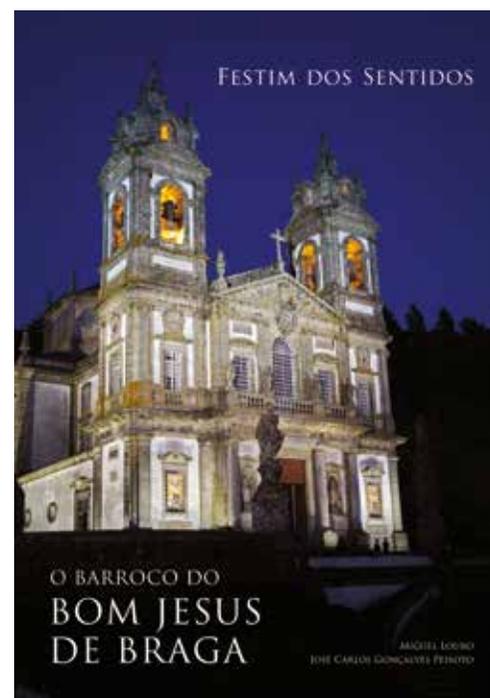
Festim dos Sentidos - O Barroco do Bom Jesus de Braga

José Carlos Peixoto - Textos
Miguel Louro - Concepção e Fotografia

(Fotografias da 34.ª Exposição)
2011

Começa com a produção deste livro, uma amizade e uma parceria entre o fotógrafo e o escritor, investigador histórico de personalidades e Santuários da igreja Bracarense.

Desafiado pelo Engenheiro Varandas, Presidente da Confraria do Bom Jesus e acompanhado por um eloquente texto das escadarias dos cinco sentidos do Bom Jesus do Monte.



Nasce o que penso ser a minha obra prima. Este livro foi integrado como oferta no congresso mundial do Barroco que se efectuou no Bom Jesus.



LIVRO

Apresentação da Confraria do Abade

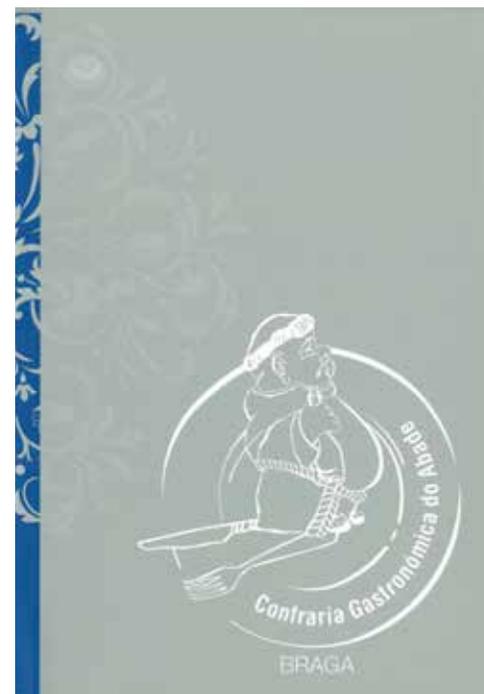
Vários - Textos

Miguel Louro - Concepção

Bratecnica - Design

2007

No intuito de promover a história e a cultura da confraria que idealizei e ajudei a criar e de quem neste momento sou Gran Mestre, concebi e elaborei o primeiro livro de uma série.



Por iniciativa do Miguel Louro, a Direcção da Confraria, da qual fez parte, decidiu editar e publicar o livro alusivo ao I Capítulo e Entronização, com a Coordenação geral da sua responsabilidade. Neste livro, encontram-se testemunhos e vivências da Confraria e uma alusão profunda ao Manoel Joaquim Machado Rebelo, mais conhecido por Abade de Priscos, Patrono da Confraria. Em boa hora iniciamos a publicação da vida da Confraria Gastronómica do Abade.

Agostinho Peixoto

LIVRO

V Capítulo Entronização

Vários - Textos

Miguel Louro - Concepção

Bratecnica - Design

2012

Num espírito empreendedor, agora na qualidade de Presidente da Assembleia Geral (Grão Mestre) da Confraria Gastronómica do Abade, volta a propor à Direcção a reedição do livro alusivo ao V Capítulo e Entronização, com claras melhorias ao nível da diversidade de conteúdos e imagens.



A Confraria e o Abade de Priscos continuam a ser a matéria central do livro, já com novos órgãos sociais e novos confrades.

LIVRO

Ascensor do Bom Jesus de Braga

José Carlos G. Peixoto - Textos
Miguel Louro - Concepção e Fotografia

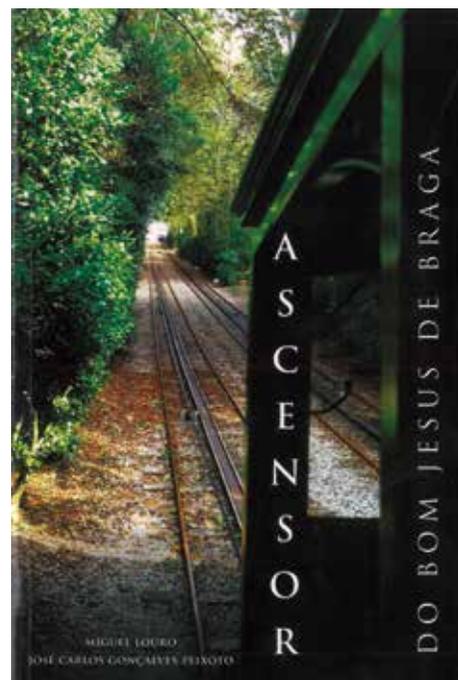
(Fotografias da 36ª Exposição)
2012

Esta publicação insere-se nas comemorações do 130.º aniversário do «Ascensor do Bom Jesus de Braga», verdadeiro museu industrial, em funcionamento, o mais antigo do mundo quanto ao modo de funcionamento ecológico, pois é movido a água.

Com a investigação e o texto de José Carlos Gonçalves Peixoto e as fotografias de Miguel Louro, a cidade de Braga e o Bom Jesus do Monte podem orgulhar-se desta obra arrojada e útil

aos forasteiros que aos milhares visitam esta estância turística.

Compete-nos, agora, reconhecer o papel dos nossos antepassados, sobretudo do fundador do elevador Manuel Joaquim Gomes, empreendedor e pioneiro, e assumir a salvaguarda e promoção de valores que pertencem ao nosso património coletivo, que constituem a nossa memória e a cultura da região.



ASCENSOR

LIVRO

História e Genealogia Familiar

Miguel Louro - Fotografias

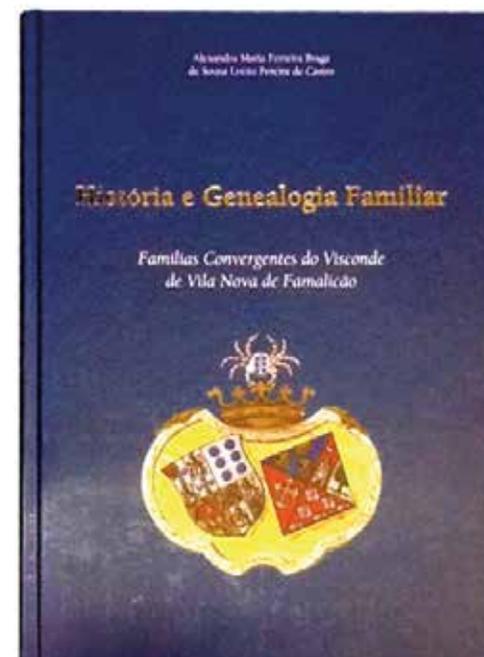
Alexandra Sousa Louro - Texto

2012

Este livro é uma viagem iniciada por um jovem nascido numa aldeia de Vila Nova de Famalicão, que se fez homem de grande riqueza, de excelentes valores e regressou com honras e títulos nobiliárquicos.

As sucessivas ligações por via uxórica, aparentaram-no com famílias de relevância social, de passado e história mais velha do que o próprio reino.

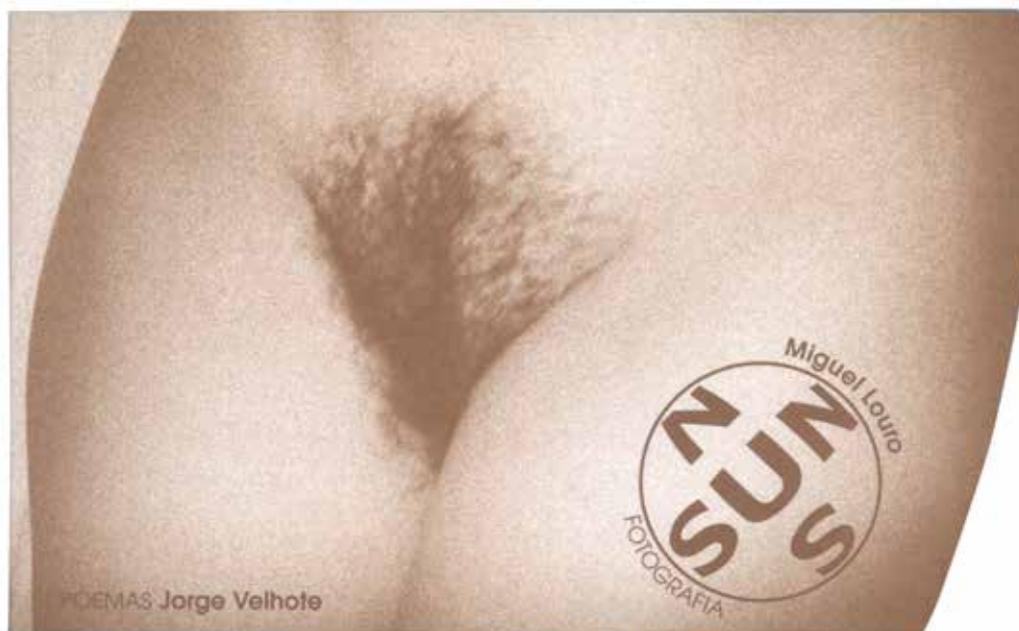
Seria, pois, uma perda que a gesta deste homem, de quem somos descendentes diretos, não fosse descrita num livro, que, para além do



genearca também descreve as famílias convergentes que se uniram no decurso dos tempos. Mas, sendo a genealogia fria e insípida, procuramos historiá-la juntamente com as recordações fotográficas, quer dos familiares, quer de bens e valores estimáveis, que ainda perduram.

O Miguel Louro enriqueceu o nosso trabalho com alguma colaboração fotográfica, a inteligência da captação do instante e o rigor da técnica, Valeu a pena trabalharmos para a memória futura.





LIVRO

SUN/NUS

Escritor Jorge Velhote - Textos
Miguel Louro - Concepção e
Fotografia

*(Fotografias da 30.ª Exposição -
Telas de grande formato a P/B)*
2013

Depois de ter produzido a exposição «SUN/NUS», a luz dos nus e os nus com luz especial, pedi ao meu Amigo Jorge Velhote alguns poemas inéditos, inspirados nas imagens. Desta colaboração, resultou uma obra, muito delicada, a que demos o título SUN /NUS. Sendo o «nu artístico» amplamente aceite pela sociedade, desde a Grécia antiga que o «nu» preenche as temáticas dos pintores, escultores e, mais recentemente, os fotógrafos.

As imagens do corpo nu, desvendado, necessariamente traíram o seu mistério. Talvez por isso mesmo a imagem desta série de Miguel Louro mais emotivamente erótica é a única em que a mulher está vestida e que, num movimento eficaz nos sugere, a clareza do adivinhar. E aí mesmo se identifica e contraria o título de glória de nus-sun. No processo alquímico que a fotografia também é, o corpo humano é a medida para todas as ascensões na direcção da luz, do conhecimento. E então, esta aparente inversão da palavra ganha todo o sentido.

Maria do Carmo Serén, *in Sun/nus*



LIVRO

VII Capítulo Entronização X Aniversário

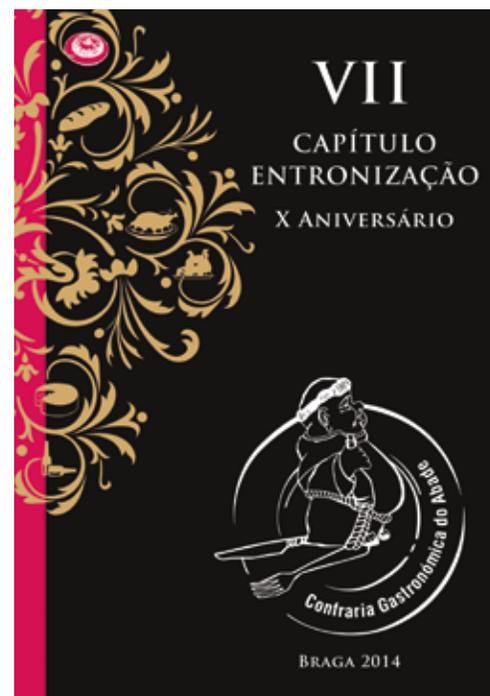
Vários - Textos

Miguel Louro - Concepção

Bratecnica - Design

2014

Tendo em conta os nobres objetivos da Confraria Gastronómica do Abade, nomeadamente, a preservação e promoção da Gastronomia Bracarense e Minhota, e, ainda, na qualidade de Presidente da Assembleia Geral (Grão Mestre) da mesma confraria, a Direção, sob a coordenação geral de Miguel Louro, volta a publicar o livro da Confraria Gastronómica do Abade, onde se pode tomar contato e verificar tudo o



que a confraria desenvolveu até ao VII Capítulo e Entronização, realçando os feitos mais relevantes e toda a dinamização encetada pelos seus membros e respetivos Órgãos Sociais. É considerada uma das melhores publicações do género no mundo das Confrarias Portuguesas que abundam pelo país e estrangeiro.



LIVRO

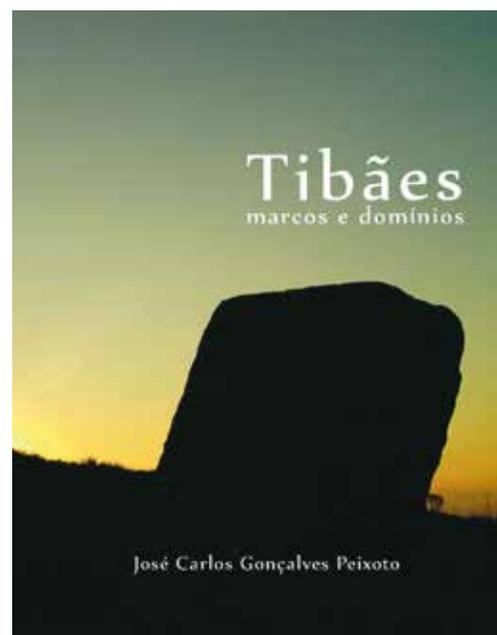
Tibães - Marcos e Domínios

Miguel Louro - Fotografia
José Carlos G. Peixoto - Textos
2014

Habituei-me, desde longa data, a percorrer os trilhos dos monges de Tibães. Ainda estão bem presentes as primeiras fotografias aéreas ao mosteiro de Tibães. A sua monumentalidade e a sua beleza sempre me fascinaram.

O meu amigo José Carlos G. Peixoto com a obra Tibães, Marcos e Domínios procedeu a uma demarcação da freguesia e do couto de Tibães.

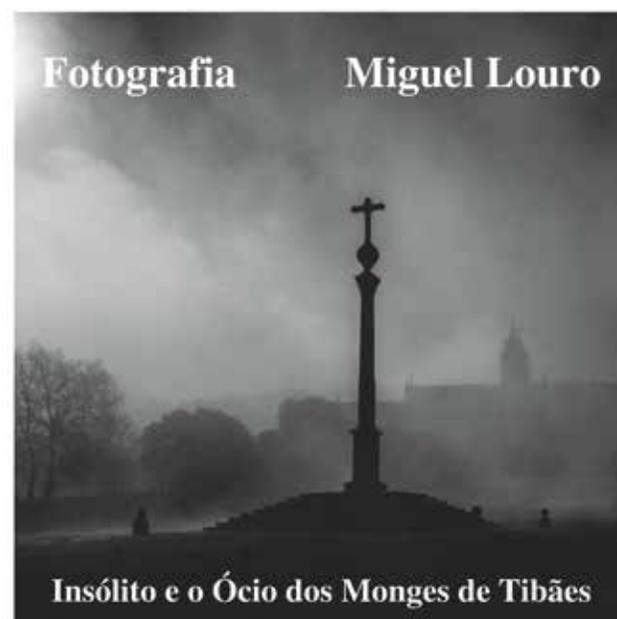
Além de lhe ceder algumas fotografias, desloquei-me a esta terra e senti na pele a dificuldade em desbravar o denso matagal dos montes



para conseguir penetrar em certas zonas para tirar fotografias aos marcos que limitam a respetiva fronteira.

Lembro-me de ser invadido por diferentes estados de alma, quando os olhos se dilatavam de estarrecido assombro ao ir de encontro a mais um marco (monumento em granito), fosse ele da freguesia de S. Martinho, de Santa Maria de Mire, do Couto de Tibães, da Casa de Bragança, ou da Comenda da Ordem de Cristo.





CATALÓGO

Insólito e o Ócio dos Monges de Tibães

Miguel Louro - Fotografia
Fernando C. Miguel - Textos

*(Catálogo da 38ª Exposição -
Telas a P/B e cor de grande formato)*
2014

Das conversas fiadas com meu Amigo de longa data Capela Miguel e na conversa sobre Tibães e o seu fantasma, concebi uma exposição “Insólito e os Monges de Tibães”.

Aproveitei-o como modelo para esta minha exposição, o resultado são fotografias insólitas neste convento, documentadas neste catálogo.





CATALÓGO

Ecos de uma Geração - O Homem e a Cidade

Teresa Séren - Textos

Vários - Fotografia

*(Catálogo da 39ª Exposição colectiva -
Platinótipias)*

2015

Ao ser o mais novo fotógrafo amador, incluído num grupo de 12 fotógrafos amadores e profissionais que conheci na extinta AFP (associação fotográfica do Porto), apresentei em Platinótipias dez imagens sobre Braga, terra onde habito.

Desta exposição inaugurada no Museu Soares dos Reis, foi feito este catálogo.

As imagens da cidade são momentos que fixam realidades e transportam imaginários. Revelam espaços, construções, pessoas e metabolismos, num jogo de luz e de sombra que induz leituras muito próprias por quem as vê. Provocam as emoções da estética, a retrospectiva da história e a perspectiva do futuro, fazendo emergir tudo o que ali não está.

António M. Cunha, in catálogo "Ecos de uma Geração - o homem e a cidade"



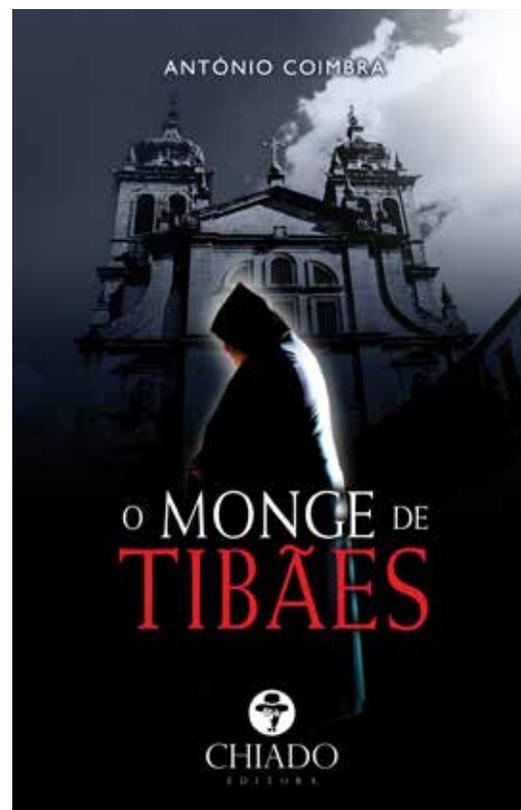
LIVRO

O Monge de Tibães

António Coimbra - Texto

Miguel Louro - Fotografia de Capa

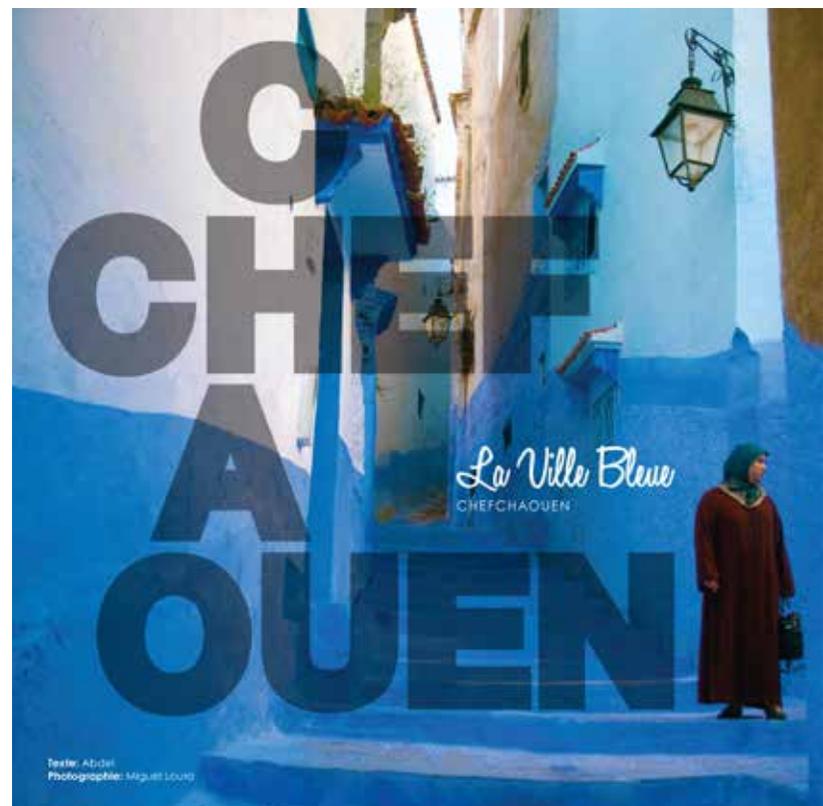
2015/16



LIVRO

Chefchaouen Marrocos

Abdel Moudden - Texto
Miguel Louro - Fotografias
2015/16



FORUM,
Universidade do Minho



**MOSTEIRO
DE TIBÃES**



O SORRISO DO ANJO
de Maria Adelaide Valente
1996



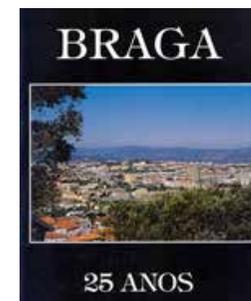
**O EDIFÍCIO DO CONVENTO
DO SALVADOR**
Do Mosteiro das Freiras
ao Largo Conde Agrolongo



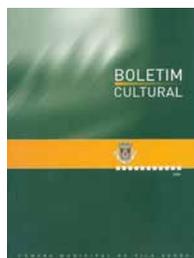
**25 ANOS - UMA CAIXINHA
PENDURADA AO PESCOÇO**
Vários - 2000



BRAGA - 25 ANOS
2000



BOLETIM CULTURAL
C.M. VILA VERDE
2005

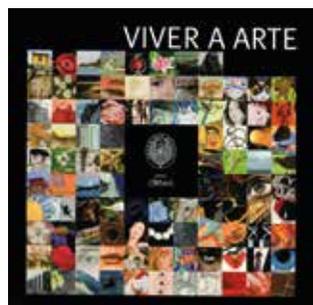


ENCONTRO COM A ARTE
Catálogo da II Exposição
Arte Médica
Jun de 2004



VIVER A ARTE

Catálogo da V Exposição
Arte Médica
Jun /Jul de 2007



COM A ARTE

Catálogo da IV Exposição
Arte Médica
Jun de 2006



NORTEMÉDICO

Revista da S.N da OM
Jan/Mar 2008



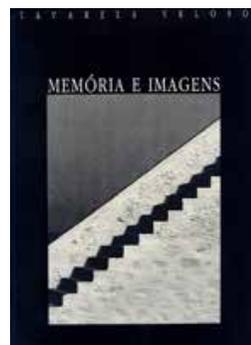
BRAGA

Revista da S.N da OM
Jan/Mar 2009



MEMÓRIAS E IMAGENS

de Taveira Veloso
Fototeca do Museu
Nogueira da Silva
2005



SENTE-SE

Miguel Louro -
30 Anos de Fotografia
2005



BOM JESUS DO MONTE

de José Carlos Peixoto
2011



**SUBIR E DESCER E VER
A EXCELÊNCIA DO BARROCO DO
BOM JESUS DE BRAGA**

Catálogo da Exposição
2013



Miguel Louro 40 anos de fotografia

Adriana Henriques Abordagem visual da realidade e da ficção

Abordagem visual da realidade e da ficção

O presente livro Miguel Louro, *40 anos de fotografia, uma Leica pendurada ao pescoço*, procura traçar não só aquilo que constitui o percurso artístico, até ao presente, mas também, de alguma forma, a comemoração dos 30 anos de clínica, os 40 fotografia e os 60 de idade.

Nas três partes distintas do livro, procuramos dar a conhecer episódios, protagonistas, a organização e a própria estrutura visual.

Este livro assume-se como um contributo e uma viagem. Além da narrativa, há outra história, ainda, por escrever.

Nesta viagem observam-se imagens únicas do autor, capta-se toda a sua sensibilidade, desenham-se ideias.

Por ele percorrem vários momentos de leitura, optando-se por deixar os olhos percor-

rerem as páginas num exercício de memória, para quem com ele viveu esta aventura, ou, através delas, exercitarem novas leituras, descobrirem novos caminhos, buscarem novos projetos.

A questão da verdade em arte, pedra de toque na abordagem da obra de Miguel Louro, é, pode dizer-se, uma longa história, parecendo ressurgir sempre que um maior pendor intelectual, ou formal, ameaça com estigma da esteticização, normalmente o sintoma mais visível da dificuldade em continuar a criar dentro de um determinado horizonte estético. A reivindicação da autonomia da arte, um dos axiomas da modernidade, tem vindo a ser posta em causa por todo um conjunto de práticas artísticas em que as intenções, modos de estar ou de ser, atitudes, para utilizar o título de uma exposição emblemática, se tornam

forma. Desloca-se, assim, o centro de produção de significações do objeto artístico para a esfera do próprio artista, mesmo quando despojado dos atributos convencionais de autor. Assumindo o amor como o lugar de intersecção entre vida e arte.

Os textos de Miguel Louro têm normalmente um interesse que ultrapassa a mera função de contextualizar a origem das suas fotografias, que, por natureza, prescindem de qualquer trama semântica, ou de fornecer os elementos para uma estrutura narrativa que possa garantir as suas condições de veracidade o que, por si só, não passaria de redundante efeito retórico. Nas exposições: "SENTE-SE" e "ROSTO", conta como nessas viagens, se apaixonou por locais onde as pessoas «sentadas» passam e vivem o seu mundo e, desse modo, pudesse fotografá-

-las, numa espécie de culto, inventando a inusitada beleza. Em frases curtas e secas, sem qualquer pretensão de fazer literatura, descreve um desses momentos quase míticos em que a vida se impõe como um destino, o encontro com o amor e a evidência da arte como a única forma de o viver inteiramente.

Nas suas séries fotográficas, Miguel Louro combina os factos históricos com a atualidade, tratando a toma da imagem entre a paisagem e a arquitetura monumental, e visualizando as suas próprias imagens numa fusão de realidade e ficção, documentário e narrativa. Enquanto as suas composições incluem por vezes sequências fotográficas em que o próprio enredo parece desenvolver-se muito lentamente, as imagens das várias séries fotográficas parecem fotografias de clássicos do cinema, entre as quais parece desenvolver-

-se uma história. Nestas fotografias do livro *Uma Leica pendurada ao pescoço*, de composição notavelmente sofisticada, o elemento principal é sempre um espaço, cuja relação com os outros se mantém enigmática. Instantâneos focados, pormenores contextualizados inesperados e uma mudança entre um plano de fundo real e outro pintado fortalecem qualquer interpretação imaginária. A história mantém-se fragmentária mas, ao mesmo tempo, são estas imagens emocionalmente enfáticas que combinam a realidade e a ficção numa abordagem visual notável. Uma arte impregnada de vida, como aquela a que Miguel Louro dá ao corpo. Quase 10 anos depois do seu livro *Sente-se*, o artista apresenta, agora, uma grande coleção de platinotipias, *Sentem-se* (onde se sente o sentir do sentimento num lugar comunitário de assento) com apresentação pública do maior

e mais importante Projeto «30...40...60», no Museu D. Diogo de Sousa. Ecos de uma Geração II (incentivo à concretização de mais um projeto coletivo) no Museu Soares dos Reis, em 2016.

A máquina fotográfica é considerada por Miguel Louro a continuação do seu próprio braço significando uma continuidade entre a sua própria vida e o seu projeto artístico de fotografar a relação que mantém com os seus amigos e familiares.

A curiosidade talvez seja o traço que caracteriza todo o fotógrafo e não é seguramente, por acaso que esta palavra é utilizada para referir um objeto raro - uma curiosidade - capaz de despertar a atenção e o interesse.

Se é a curiosidade que alimenta o espírito e que faz mover o Miguel Louro, não há dúvida que aquilo que é fotografado, que é escolhido como objeto da vontade e da paixão de

quem fotografa, não pode ser divorciado das expectativas de uma determinada época, ou do que outros esperam de nós. De certa forma, o Miguel Louro procura e reúne as obras que outros gostariam também de encontrar, de reunir, de rever. Sem dar conta, Miguel Louro converte, de facto, os sonhos dos outros em realidade. É esta a relação entre o sonho do indivíduo e o sonho dos outros que traça o destino de qualquer fotógrafo e que lhe assegura um lugar na comunidade.

Nos últimos 5 anos, tenho vindo a trabalhar como artista plástica e curadora com o Miguel Louro na organização das suas exposições e juntos, nos últimos quatro anos, temos tentado reunir uma coleção capaz de revelar a complexidade da arte contemporânea. Sinto-me agradecida pelo seu empenho e reconhecimento a inteligência e sensibilidade com que tem orientado este trabalho.

Tomamos como ponto de partida, para esta coleção, o ano de 2005. Quisemos fazer destas imagens um exercício de abertura de espírito, forçando-nos a apresentar obras que ilustram, pela sua qualidade, a imaginação criativa sem aceitarmos limitações em termos de movimentos e técnicas. Procuramos, com esta coleção, uma grande abertura dado o seu horizonte ser o futuro, que fosse revelada às pessoas a quem, em última instância, é dedicada, em espaços que permitam o diálogo entre as obras e o público.

Os museus, no século XX, são frequentemente comparados às igrejas e ao papel que estas desempenharam nos séculos passados. Desejo que a apresentação desta coleção, em espaços públicos, inspire, cative e nos enleve pela beleza das obras criadas pelo amor-dos-homens aos seus Deuses.

Este livro não é um catálogo de todas as obras atualmente existentes nesta coleção. Dado ser uma coleção aberta, tal como catálogo não faria sentido. O livro que apresentamos é apenas uma ilustração do espólio, um compasso que ajuda a percorrer o conjunto, um livro que permitirá às pessoas, e a mim própria, recordar, constante e facilmente, a condição humana na sua forma mais livre: a da criação artística.

Formulo votos que esta coleção sirva de estímulo para outros artistas criarem e divulguem outras coleções, de modo que, no futuro, as gerações vindouras possam reviver, através da arte, os nossos dias, as nossas preocupações, as nossas esperanças e as nossas ansiedades.

A curadora.

Miguel Louro 40 anos de fotografia

Agradecimentos

Agradecimentos

José Carlos Peixoto, Prefácio; **Maria do Carmo Serén**, Palavras de Abertura; **António Machado Cunha**, Texto de Introdução; **Fernando Capela Miguel e José Machado**, Vida e Obra; **José Manuel Mendes**, Passagens; **Adriana Henriques**, Curadora; **António Cunha**, Reitor da Universidade do Minho; **Aida Alves**, Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva; **Helena Trindade**, Casa Museu Nogueira da Silva; **Isabel Silva**, Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa; **Vigário Conégo José Paulo Abreu**, Museu Pio XII; **Isabel Fernandes**, Paço dos Duques de Bragança-Guimarães; **Paulo Sá Machado**, Museu de Rates; **Orlando Alves**, Presidente da Câmara de Montalegre; **David Teixeira**, Vice-Presidente da Câmara de Montalegre; **João Azenha**, Director da Casa do Capitão de Salto; **Nuno Rodrigues**, Director do EcoMuseu de Barroso; **Aldára Braga**, A Formiga; **Adriana Henriques**, Via XVII; **Raul Jorge Fernandes da Cunha**, Presidente da Câmara Municipal de Fafe; **Pompeu Miguel Noval da Rocha Martins**, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Fafe; **Sérgio Sousa**, Responsável pela Casa da Cultura de Fafe; **Pedro Morgado**, Escola Médica da Universidade do Minho; Escola de Música dos Congregados (UM); **Nuno Pêra Fernandes**, Escola Secundária de Sá de Miranda; Clube Filantrópico da Póvoa de Varzim; **Márcia Castro**, Fundação Jorge Antunes; **Helena Coutinho**, Hecoarte; António José Soares Pereira, **Clube de Ténis de Braga**; Restaurante Histórico; Restaurante Bem-me-quer; Pousada Sta. Marinha da Costa - Guimarães; **Alexandra Osório**; **João Paulo Sotto Mayor**; **José Hermínio Machado**; **Joaquim Silva**; **Maria Elisa Braga**; **Mário Brandão**; **Paulo Louro Castro**; **Pedro Louro Castro**; **José Filipe Sepúlveda da Fonseca**;



GOVERNO DE PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

CULTURA NORTE

D. DIAGO DE SOUSA
MUSEU DE ARQUEOLOGIA



museu nogueira da silva
UNIVERSIDADE DO MINHO

hecoarte
Galeria de arte Contemporânea



MEMÓRIAS DA MISERICÓRDIA DE BRAGA
CENTRO INTERPRETATIVO

VIA XVII
ESPAÇO ARTÍSTICO DE ADRIANA HENRIQUES



Universidade do Minho



alumni medicina
UNIVERSIDADE DO MINHO



f.a.f.e.
município



CONSULTÓRIOS MÉDICOS Miguel Louro



SILÊNCIO



Jarro Dourado



BEM-ME-QUER
Restaurant



THE Cheesecake STORY



MEDICINA DO TRABALHO Miguel Louro, Lda.

Índice

Prefácio - José Carlos Gonçalves Peixoto	7
Palavras de abertura - Maria do Carmo Serén	13
Celebrando a arte da luz - António M. Cunha	19
Estudo e recolha biográfica 1975 - 2000 - José Machado	25
Estudo e recolha biográfica 2000 - 2015 - Fernando Capela Miguel	65
Testemunhos	75
Exposições 2005 - 2015	133
30 Exposições/30 Inaugurações 2015 - 2016 - Retrospectiva	225
Exposições permanentes	241
Publicações - Livros	255
Passagens - José Manuel Mendes	256
Abordagem visual da realidade e da ficção - Adriana Henriques	305
Agradecimentos	311

© Mário Brandão





Ficha Técnica

Título Miguel Louro 40 anos de fotografia uma Leica pendurada ao pescoço **Textos** José Carlos Peixoto, Maria do Carmo Serén, António M. Cunha, José Machado, Fernando C. Miguel e José Manuel Mendes
Fotografia Miguel Louro **Registo fotográfico** Mário Brandão **Curadoria do Projecto** Adriana Henriques **Concepção Gráfica** Francisco M. Providência **Execução Gráfica** Ana Brandão **Impressão e Acabamento** Tipografia Tadinense, Lda. **Tiragem** 1000 Exemplares **Depósito Legal** 402077/15 **ISBN** 978-972-99998-2-6

4

anos

MIGUEL LOURO



